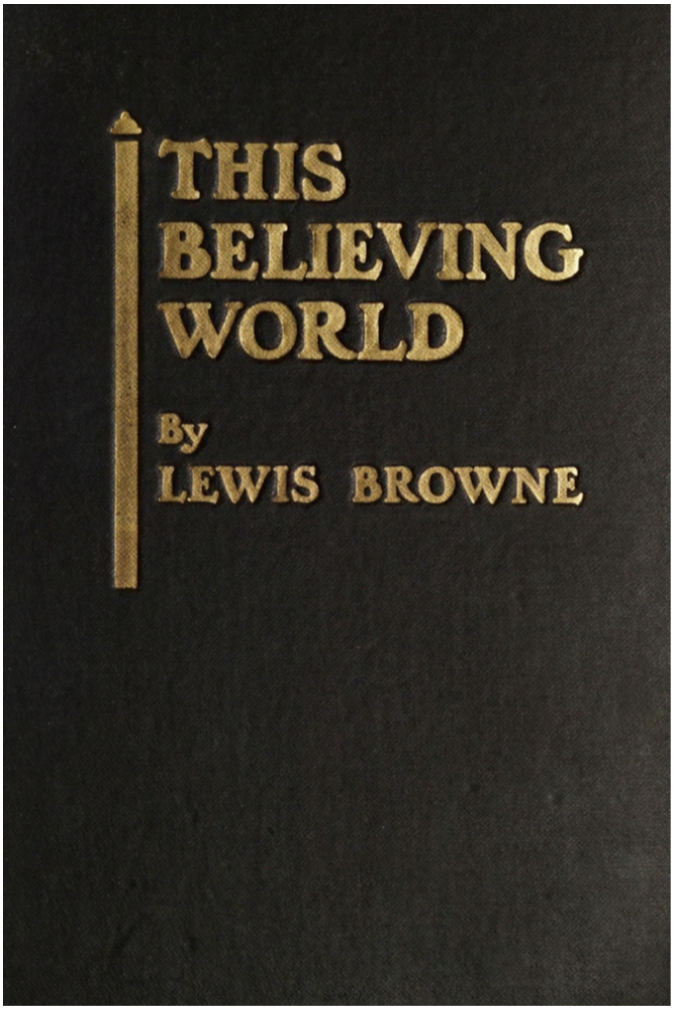
Tradução integral, 99% com o tradutor Google + Fotos do início dos capítulos ("Livros").



Excluídos os índices, mas o sistema EPUB e o Google Drive fornecem acesso guiado, à direita do texto.

ESTE
MUNDO CRENTE

UM RELATO SIMPLES DAS GRANDES
RELIGIÕES DA HUMANIDADE

Por
LEWIS BROWNE

Autor de
"STRANGER THAN FICTION:
A SHORT HISTORY OF THE JEWS"

Nova Iorque
THE MACMILLAN COMPANY
1926

AGRADECIMENTOS

A gratidão do autor é devida aos acadêmicos mencionados abaixo por seu exame meticuloso e crítica dos vários capítulos deste livro que tratam de seus próprios campos de pesquisa especializada:

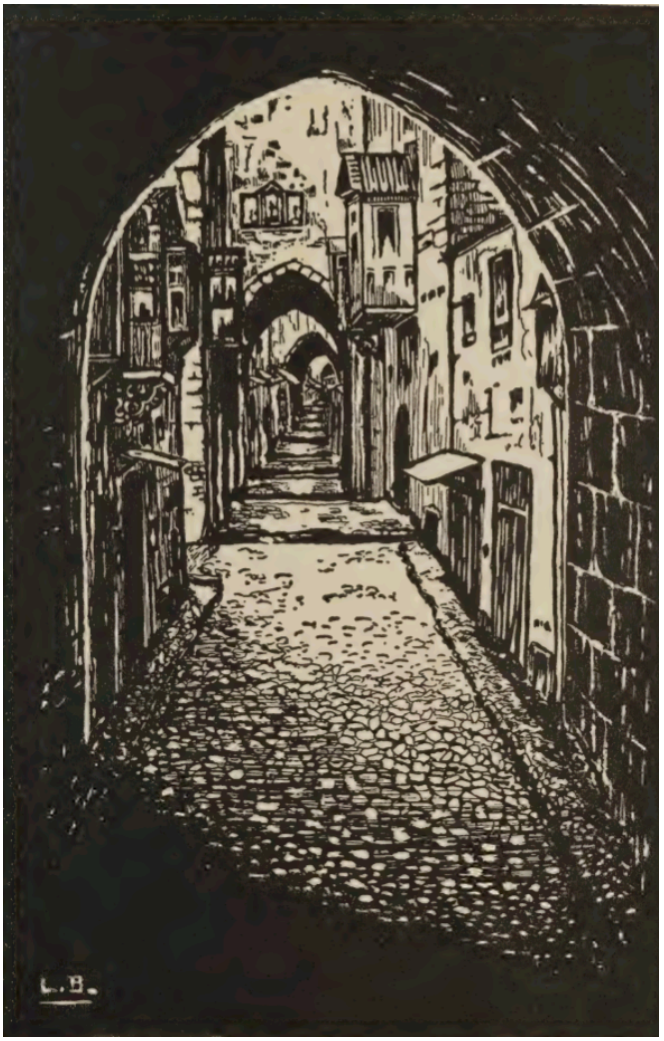
Professor F. J. Foakes Jackson, autor de A History of the Christian Church, Introduction to Church History, etc.

Professor Robert Ernest Hume, autor de The Thirteen Principal Upanishads, The World's Living Religions, etc.

Professor Charles P. Fagnani, autor de A Primer of Hebrew, The Beginnings of History According to the Jews, etc.

Professor Joshua Bloch, Chefe da Divisão de Semítica, Biblioteca Pública de Nova York.

O autor também é grato ao Dr. Leo Mayer, do Departamento de Antiguidades da Palestina, ao Dr. W. F. Albright, Diretor da Escola Americana de Pesquisa Oriental, e ao Dr. Herbert Danby, Cônego da Igreja Catedral de São Jorge em Jerusalém, pela gentil assistência na coleta de material sobre a história das três religiões que têm santuários em Jerusalém; a Anna W. Anspach, de South Orange, por sua leitura cuidadosa das provas e preparação do índice; e especialmente ao Rev. W. H. Murray, de Nova York, cujo interesse incansável neste livro desde o início tem sido uma fonte de vasto encorajamento e ajuda.



ESTE MUNDO CRENTE

PRÓLOGO:

Jerusalém Dorme

De longe, do outro lado das colinas — de outro mundo, ao que parece — ouve-se o tilintar dos sinos dos camelos. Fracamente ouve-se o som, muito fracamente: um gotejamento frio e hesitante de música caindo na noite... Exceto por isso, há silêncio, um vasto silêncio que preenche cada beco da cidade antiga, que se aprofunda em cada buraco e fenda, que se eleva bem no topo da muralha da cidade. Pois Jerusalém dorme... A noite está quase acabando e, no leste, o azul dos céus se transformou naquele vívido verde-acinzentado que pressagia o amanhecer... Mas, ainda assim, Jerusalém dorme... e há silêncio – exceto pelo baixo gotejamento da música e dos distantes sinos dos camelos...

E então, de repente, ouve-se um grito — um grito árabe, tenso e sinistro. Como

um punhal lançado com força, sua primeira nota vem voando pelo ar, perfurando o tímpano e tremendo ali. De algum lugar acima das casas de telhado plano, do minarete no alto de alguma mesquita invisível, vem: um chamado longo, arrastado e intermitente, emitido pelos pulmões tensos a ponto de explodir:

"Allahu Akbar! Allahu Akbar! Então vem, voando pelos céus:
Alá é maior! Allah é maior! Testifico que não há Deus senão Alá! Testifico que Maomé é o profeta de Alá! Venha para a oração! Venha para a salvação! Orar é melhor que dormir! Orar é melhor que dormir!
Allahu Akbar! Allah é maior!
Allahu Akbar! Allah é maior!
Não há outro Deus senão Alá!"

E então… se foi... Isso cessa! Tão repentinamente quanto o choro começou, acabou. Mas Jerusalém não dorme mais. O primeiro raio laranja furioso do dia acaba de se espalhar pelo topo das colinas do Jordão; e na cidade começa uma confusão crescente. Dos buracos nas paredes, das portas estreitas dos casebres, negros e frios como cavernas, rastejam homens e meninos fantasmagóricos. Desgrenhados, eles emergem de fendas em arcos escuros, de escadas escondidas e que parecem catacumbas. E escorregadios, escorregadios, seus pés mal calçados arrastam-se pelas ruas de paralelepípedos... Lá vai um homem, magro e moreno, com um xale preto com borlas, um manto árabe marrom e sandálias de couro de camelo desgastado. Lá vai outro, barbudo, pálido e curvado, com um largo shtreimel de pele, kaftan de veludo cor de ameixa e botas feitas para neve russa. Lá vai um terceiro, gordo e de olhos astutos, em um elegante terno europeu vermelho e sapatos americanos novos e barulhentos... Aí vem um monge carmelita, todo moreno e ursino, com um barretinho marrom sobre a tonsura; lá vai um padre grego, todo preto e bovino, com os cabelos oleados presos em um topete. Um pequeno missionário anglicano, com o colarinho abotoado nas costas, grande o suficiente para engolir a cabeça, desce apressadamente os degraus de algum hospício. Um judeu iemenita, encolhido, amarelo e ainda molhado da "água dos pregos", avança como se fugisse de um fantasma. Um mendigo árabe imundo, com os olhos doloridos já cheios de moscas, bate com a bengala enquanto arrasta os pés descalços sobre as pedras... E assim vão, escorregando, escorregando... cada vez mais deles... escorregando, escorregando... uma procissão louca de fantasmas apressados na meia-luz do amanhecer...

Para aquele muezzin, que fez o chamado à oração do alto minarete, eles pareceriam formigas, caso pudesse vê-los. Pareceriam formigas multicoloridas ao saírem enxameando de buracos e sob arcos. Mas ele não pode vê-los, pois é cego – como convém a um muezim. (Um homem que vê, se fosse feito muezim, poderia ver muito do seu elevado minarete: por exemplo, mulheres na privacidade dos seus pátios com os rostos descobertos!) Se ele pudesse vê-las da sua altura, esses homens olhariam como os insetos que correm em meio aos escombros...

Mas quem não olha de nenhuma dessas torres, quem anda pela terra para

observar essas criaturas, pode ver que elas não são insetos. Pois há luzes em seus olhos, brilhos intensos, dos quais nenhum inseto em toda a criação poderia se orgulhar. Há luzes de ódio naqueles olhos, luzes de ódio, pavor ou suspeita. Parece que eles se sentem inimigos uns dos outros, essas centenas de criaturas que pululam nesta cidade antiga. (Será que meras formigas podem sentir tanto?)... Aquele árabe em seu manto olha com ódio para o armênio em seu traje de saco; e ambos olham com desdém para o judeu em shtreimel e cafetã. O monge carmelita olha com raiva para o missionário anglicano; e ambos olham com desprezo para o padre grego. O ódio parece estar ao nosso redor: quase um vapor nocivo que se pode ver, um verdadeiro fedor que se pode sentir. Essas criaturas parecem incapazes de suportar a visão umas das outras. Na verdade, eles parecem prontos para matar!

Eles mataram nesta cidade antiga, mataram até que todos os becos estivessem inundados de sangue. Não apenas uma só parede em todo esse labirinto de paredes, mas, sim, em tudo ressoam os gemidos dos moribundos. Crânios incontáveis foram quebrados nessas bandeiras; inúmeras gargantas foram cortadas nestas portas escuras. Eles assassinaram, saquearam e estupraram nesta velha cidade sagrada, até agora, fazendo dela um Gólgota, uma maldita Colina de Caveiras... E se você quiser saber porquê, basta olhar nos olhos daqueles fantasmas apressados. Prontamente eles lhe dirão, explicitamente! Homens massacraram e violentaram em Jerusalém porque tinham... religião! Os homens arrancaram os olhos e rasgaram a barriga porque… acreditaram! ... Acreditaram em quê? Em Deus?... Dificilmente... Não, eles acreditaram apenas em meros vocábulos – Yahveh, Cristo ou Alá: aqueles vocábulos que são os dedos com os quais os homens tentam apontar para Deus

Potência estranha, essa coisa que chamamos de Religião! Fez com que os homens cometessem barbaridades, muito além do alcance da credibilidade. Por isso os homens cometeram imundícies inferiores às cometidas até pelos animais. No entanto, para isso também os homens praticaram benevolências que transcendem as benevolências dos anjos. Se os homens mataram e morreram pela religião, os homens também viveram para ela. Não vivi apenas para isso, mas por isso... Aquele judeu iemenita encolhido, esgueirando-se à sombra dos arcos, livra-se de seu terror e se torna rei quando ele entra em sua sinagoga. Seus ombros curvados se endireitam, seus joelhos caídos tornam-se firmes e a bem-aventurança da paz ilumina seus olhos... Aquele mendigo árabe cego, uma mera estrutura de ossos coberta de trapos fedorentos, torna-se um sultão quando ora em sua mesquita. Ele está curado de suas doenças; ele se torna um homem mudado com uma visão que alcança o Paraíso através de seu mundo... Aquela jovem síria de olhos escuros, pobre trull cujos lábios acariciaram a carne de vinte raças, fica limpa mais uma vez quando se ajoelha aos pés da virgem. A força inunda seus ossos torturados, a cura chega à sua carne. A vida, por tanto tempo um inferno de luxúria e luxúria, torna-se agora maravilhosamente limpa e digna. Ela se sente salva – salva!

Potência estranha, essa coisa que chamamos de Religião! Ela entrou no

mundo do homem há séculos atrás e ainda está no mundo do homem hoje. Ela ainda está lá, profunda e tremenda: um gole poderoso para uma sede ainda maior, uma riqueza imensa para satisfazer uma necessidade ainda maior. Não importa para onde nos voltamos no tempo ou no espaço, lá está ela inescapavelmente. Onde quer que haja um homem, parece haver também um espírito ou um deus; onde quer que haja vida humana, também há Patt Deets. É de se perguntar. O que é isso, essa coisa que chamamos de Religião? De onde veio? como?... O que foi ontem? E porque? E o que é hoje? —— E o que será amanhã?...

M'LON LAZARUS, JERUSALÉM,
TERRA DE ISRAEL,
2 de julho de 1925
Carmelite

Livro Um **COMO TUDO COMEÇOU**

MÁGICA

No começo houve medo; e o medo estava no coração do homem; e o medo controlava o homem. A cada passo ele o dominava, não lhe deixando nenhum momento de tranquilidade. Com o murmúrio selvagem do vento, ele o varreu; com o estrondo do trovão e o rosnado das feras à espreita. Todos os dias do homem foram cinzentos de medo, porque todo o seu universo parecia carregado de perigo. A terra, o mar e o céu estavam contra ele; com inimizade implacável, com ódio inexplicável, eles estavam empenhados em sua destruição. Pelo menos, assim concluiu o homem primitivo... Foi uma conclusão inevitável dadas as circunstâncias, pois todas as coisas pareciam estar sempre indo contra o homem. Pedregulhos tombaram e quebraram seus ossos; as doenças comeram sua carne; a morte parecia sempre pronta para derrubá-lo. E ele, o pobre meio-macaco, tagarela, cuidando de seu ferimento em alguma caverna fria, só conseguia tremer de medo. Ele não conseguia criar coragem estóica pensando que grande parte do mal que ocorreu poderia ter sido acidental. Ele não conseguia sequer conceber o acidente. Não, até onde sua pobre cabeça chata pôde, todas as coisas que ocorreram foram cheias de significado, foram intencionais... A pedra que caiu e esmagou seu ombro queria cair e esmagá-lo. Claro! A lança de fogo celestial que transformara sua índia em cinzas tentara conscientemente fazer exatamente isso. Obviamente!

Para o selvagem não havia nada de absurdo na ideia de que tudo ao seu redor lhe trazia malícia, pois ele ainda não havia descoberto que algumas coisas eram inanimadas. No mundo que ele via ao seu redor, todos os objetos eram animados: paus, pedras, tempestades e tudo mais. Ele se esquivou de cada um deles, desconfiado, assim como um cavalo se esquiva, desconfiado, de pedaços de papel branco à beira da estrada. E não apenas coisas animadas para o selvagem, mas também fervilhavam de emoções. As coisas poderiam ficar com raiva e eles poderiam ficar satisfeitos; eles poderiam destruí-lo se quisessem, ou poderiam deixá-lo em paz.

Talvez, como o Professor George Foot Moore astutamente nos lembra, até mesmo pessoas civilizadas, instintivamente se apegam a essa noção primitiva. Crianças chutam furiosamente as mesas contra as quais batem suas cabeças, como se essas mesas fossem humanas. Homens adultos murmuram xingamentos para os tapetes nos quais tropeçam, para todo o mundo, como se esses tapetes tivessem intencionalmente tentado fazê-los tropeçar. E pode ser que jovens e velhos ainda façam essas coisas irracionais apenas porque, mesmo hoje, ainda persiste na mente do homem a noção selvagem de que todos os objetos são animados. Quando pego de surpresa, o homem ainda é traído a tentar punir, seja com um golpe ou com a remessa ao fogo do inferno, os objetos inanimados que por acaso lhe causam dor.

Afinal, as pessoas civilizadas, no fundo, estão perigosamente próximas dos selvagens. Instintivamente, ele também queria espancar tudo o que parecia lhe trazer mal. Só ele estava com medo. Por experiência ele sabia que lutar era inútil, que os objetos inimigos, as pedras que caíam e o mutilaram, e as enchentes que destruíram sua cabana, eram, de alguma forma, estranhas, à prova de suas lanças e flechas. Foi por isso que ele foi finalmente forçado a recorrer a métodos de ataque mais sutis. Como os golpes não conseguiam subjugar as rochas ou riachos hostis, nosso ancestral tentou subjugá-los com magia. Ele achava que as palavras poderiam ser úteis: sílabas estranhas pronunciadas em gemidos ou gritos sem sentido acompanhados de tambores. Ou ele tentou danças selvagens. Ou amuletos da sorte. Se esses feitiços falhassem, então ele inventava outros;

se estes, por sua vez, falhassem, então ele inventava ainda outros. De uma coisa ele parecia teimosamente convencido: que algum feitiço funcionaria. Ele acreditava que de alguma forma as coisas hostis ao seu redor poderiam ser apaziguadas ou controladas: de alguma forma a morte poderia ser evitada. Por que ele deveria ter tanta certeza, ninguém sabe dizer. Deve ter sido a sua adaptação instintiva às condições de um mundo que era demais para ele. A autopreservação deve tê-lo forçado a ter essa certeza, pois sem essa confiança, a autopreservação teria sido impossível. O homem tinha que ter fé em si mesmo, ou morreria – mas, não, ele não morreria. Então ele teve fé — e desenvolveu a religião.

2

A religião não é toda fé, mas apenas uma parte dela. Pela palavra fé queremos dizer aquela ilusão indispensável — e portanto imperecível — no coração do homem de que, embora ele possa parecer um mero verme na terra, ele pode, no entanto, tornar-se o senhor do universo. Pela palavra religião, entretanto, queremos dizer uma técnica especializada pela qual o homem procura realizar essa ilusão. Não foi de forma alguma a primeira técnica desse tipo a ser inventada pelo homem; e também pode não ser a última. Muito antes de o homem pensar em religião, ele tentou controlar os “poderes” do universo através da magia. Quando o “homem do amanhecer” ficou suficientemente desperto para ter consciência da vida e dos inúmeros perigos que a ameaçavam, ele não parou primeiro para examinar esses perigos; não, em vez disso, ele primeiro decidiu evitá-los. Ele via em todos os lados os poderes cruéis e desconcertantes e, ilógicamente (mas naturalmente), sua primeira preocupação não era como eles funcionavam, mas como poderiam ser evitados. Se ele especulou sobre eles, provavelmente decidiu que os próprios objetos que viu tinham uma animosidade contra ele — as verdadeiras tempestades, riachos e feras predadoras. Só mais tarde, muito mais tarde, ele avançou o suficiente para ser capaz de pensar nesses “poderes” não como os próprios objetos, mas como espíritos invisíveis que os habitam. O homem primitivo era totalmente incapaz de traçar distinções sutis entre alma e corpo, entre espírito e matéria. Ele apenas conhecia árvores que o esmagavam, cavernas que o sufocavam, montanhas que rugiam e expeliam a lava que o destruía. Isso foi o máximo que sua mente insignificante conseguiu levá-lo.

Mas finalmente chegou o dia em que, como a subida furtiva de um amanhecer lento, aquela ideia do espírito penetrou na cabeça do homem. Ocorreu-lhe quase inevitavelmente. De manhã, ele acordou, olhou perplexo para as rochas familiares de sua caverna e engasgou: “Olá, isso é estranho!” — ou sons nesse sentido. Ah, lá estava ele, exatamente onde estivera quando se deitara e adormecera na noite anterior — e ainda assim sabia que se afastara muito daquele lugar durante esse ínterim. Ele tinha certeza disso! Ele se lembrava muito vividamente de lutar contra feras enormes durante a noite, ou de cair em ravinas, ou de devorar mastodontes inteiros, ou de voar. . . E, no entanto, lá estava ele, ainda deitado em sua caverna fedorenta, como se nunca tivesse saído dela nem por um momento. . .

É claro que nós, pessoas civilizadas, explicaríamos o mistério simplesmente dizendo que o sujeito teve um sonho. (O que talvez não seja exatamente uma explicação.) Mas ele, pobre selvagem, não poderia nem remotamente adivinhar tal explicação. A ideia de um sonho era tão estranha à sua mente quanto a ideia de um monóculo ou de um baú. Não, a única explicação aceitável que ele poderia oferecer a si mesmo era a óbvia de que ele era dual: que possuía não apenas um corpo, mas também um espírito, e que embora seu corpo tivesse permanecido decentemente em casa naquela noite, seu espírito havia saído a vagar

por aí. . . . Por que não?

Houve outras experiências que essa resposta parecia explicar. Houve, por exemplo, a morte. Aqui estava um corpo ereto e vibrante num momento, e prostrado, inerte, no seguinte. O que aconteceu com isso? . . . Obviamente a mesma resposta cabia: sua alma havia fugido.

Precisamente o que era a alma e o que era o corpo, o selvagem não tinha certeza. Ele pensou que a alma poderia ser a respiração, já que ela sempre fugia na morte. (E é por isso que a palavra japonesa para alma costumava ser "bola de vento", e a palavra para morte, "respiração-partida". Da mesma forma, é por isso que a palavra hindu para alma ainda é atman, pai do alemão palavra "Ahtem", que significa "respiração", e da palavra inglesa "atmosfera".) Mas o selvagem tinha que imaginar que a alma também poderia ser algo diferente da respiração, pois ele também via almas em coisas que não respiravam. Na verdade, ele viu almas em todas as coisas que encontrou. Seu mundo inteiro estava repleto de almas. Os historiadores hoje em dia chamam esse estágio no desenvolvimento da religião de "animista", do latim anima, que significa "espírito". Ainda hoje existem milhões de selvagens no mundo que ainda permanecem atolados naquele estágio animista da religião. Eles moram na Índia, na África e em outros lugares distantes, apegando-se a uma fé primitiva que outrora deve ter sido a fé de todos os seres humanos.

3

Mesmo no alvorecer da fase animista, pouco poderia haver no coração do homem, exceto o medo – e o ódio nascido do medo. Apenas dois tipos de espíritos o selvagem parecia conhecer: aqueles que eram neutros e, portanto, não exigiam atenção, e aqueles que eram hostis e, portanto, deviam ser afastados ou contornados. Por exemplo, em quase todos os lugares os fantasmas dos mortos eram considerados hostis. Como se pensava que tais fantasmas pairavam como fantasmas sobre os corpos que ocupavam uma vez, os cadáveres eram sempre guardados com o mais temível e meticuloso cuidado. E depois do enterro os sobreviventes geralmente tentavam disfarçar-se ou esconder-se para escapar dos fantasmas. Eles se pintariam de branco (se fossem pretos) ou de preto (se fossem brancos); e eles trancavam as portas de suas cabanas ou se escondiam em cavernas. (É por isso que ainda entramos em luto quando um parente morre, vestindo roupas pretas e baixando as persianas das janelas.) . . .

Parece que não faz muito tempo que o homem deixou de assumir que os "poderes" activos eram todos inalteravelmente hostis e, portanto, deviam ser afastados. Só depois que muitos séculos se passaram é que lhe ocorreu que alguns espíritos poderiam realmente ser amigáveis, ou que mesmo espíritos hostis poderiam de alguma forma ser conquistados e tornados amigos. Mas, uma vez que essa mudança ocorreu, seguiu-se uma revolução completa na prática da religião. Em vez de gastar todo o seu tempo inventando maneiras de simplesmente afastar os espíritos, o homem começou então a tentar se aproximar de alguns deles. E, com isso, uma nova era se abriu na história da raça humana. Os primeiros sinais de confiança começaram a aquecer o sangue do homem e, lentamente, suas costas encolhidas começaram a se endireitar. O medo sofreu o seu primeiro revés decisivo e a promessa de civilização respirou pela primeira vez. Pois então, finalmente, o homem ousou pensar que poderia realmente explorar os espíritos! . . .

Ora, havia duas maneiras principais pelas quais o homem tentava explorar o poder de um espírito. Uma delas era transformá-lo em algum indivíduo, um curandeiro ou, como era chamado na Sibéria primitiva, um xamã. Originalmente, o xamã era provavelmente um

epiléptico, uma pessoa propensa a ataques que só podiam ser explicados com base na "possessão". O xamã era considerado "possuído" por um espírito estranho, um espírito formidável e talvez violento, que podia fazer coisas tanto impróprias quanto justas. Assim, se um homem tivesse febre, ele ia ao seu xamã tribal, e este tentava expulsá-la, opondo seu próprio "espírito familiar" ao espírito febril do paciente. Se falhasse na primeira tentativa, tentava novamente, usando um ritual mais elaborado na segunda vez. Talvez ele tenha obrigado o paciente a se untar com excrementos ou a fazer algo igualmente extraordinário. Então ele, o xamã, tinha um ataque em que dançava loucamente, gritava horrivelmente, batia ferozmente em um tam-tom ou agitava um chocalho de som horrível. Talvez ele continuasse assim durante uma noite inteira, delirando, dançando e fazendo caretas, tudo para expulsar o mau espírito do paciente. E quanto mais elaborada a performance ele fazia, mais maravilhoso e poderoso ele aparecia aos olhos do paciente. O fracasso parecia totalmente impossível depois de tais esforços — e muitas vezes era.

Mas o xamã não era empregado apenas para expulsar os maus espíritos. Mais frequentemente, talvez, ele foi contratado para levá-los às pessoas. Por causa do espírito que deveria estar à sua disposição, pensava-se que o xamã era capaz de fazer o bem e o mal, enviar doenças, derrota e morte aos inimigos, bem como trazer alívio e vida aos seus amigos. Foi por isso que o xamã geralmente se tornou o líder tribal. Os bravos precisavam dele constantemente, pois sem o seu "remédio", sem os seus feitiços e maldições, eles se acreditavam perdidos na guerra e também na paz. Ele parecia o único instrumento eficaz com o qual poderiam atacar os "poderes" reunidos contra eles, o único meio válido pelo qual poderiam dominar o universo. Então eles se agarraram a ele com toda a força e força, prestando-lhe temerosamente homenagem por causa do poder mágico que ele deveria possuir.

É claro que, no momento em que a falsidade das pretensões de um determinado xamã foi definitivamente estabelecida, o pobre sujeito nunca foi perdoado. Os selvagens se voltaram contra ele impiedosamente e o mataram, talvez com as mais fantásticas torturas. Eles não precisavam de curandeiros cujos remédios não funcionavam. . . . Por essa razão, foram apenas os charlatões conscientes entre os xamãs que tiveram mais sucesso e sobreviveram por mais tempo. O resto, os inocentes, que eram tolos o suficiente para acreditar que podiam comandar os espíritos, foram facilmente expostos e logo extintos. Eles não eram suficientemente perspicazes para ver a falsidade essencial das suas próprias afirmações e, portanto, eram totalmente incapazes de impedir que outros a percebessem. E, por incrível que pareça, essa situação provou ser de grande benefício para a humanidade. Como observa Sir James G. Frazer, em sua grande obra, The Golden Bough, os tolos honestos devem ter causado muito mais danos na sociedade primitiva do que os patifes espertos. Somente o indivíduo suficientemente superior aos seus semelhantes ao ponto de ser capaz de pensar em enganá-los, foi capaz, ao mesmo tempo, de ajudá-los. Sem qualquer desejo consciente da sua parte, o bem resultante da sagacidade de tal indivíduo superou quase inevitavelmente o mal causado pela sua astúcia. A emergência, do lodo da estupidez primitiva, de uma classe de xamãs astutos foi, portanto, uma vantagem genuína para a civilização. Tirou a direção dos assuntos tribais das mãos dos velhos (cuja única distinção era a idade) e dos fortes (cuja única distinção era a força muscular) e colocou-a nas mãos dos astutos e clarividentes. Na verdade, a ascensão do xamanismo foi talvez o factor mais fundamental em todo o desenvolvimento dos primeiros governantes.

4

Mas o xamanismo era apenas o menos comum dos dois modos pelos quais o homem primitivo tentava explorar os espíritos. O outro, o fetichismo, era muito mais difundido porque era muito mais fácil de lidar. A palavra “fetichismo” vem do português feitiço, significando um medalhão ou relíquia de um santo usado como amuleto de boa sorte. É agora o termo técnico para a crença de que um espírito ativo reside em algum objeto específico e que a mera posse do objeto traz consigo o poder de controlar o seu espírito. Os primeiros fetiches eram provavelmente pedras com marcas que atraíam a atenção do selvagem por causa de sua cor ou formato extraordinário. (Milhões de pessoas nas terras mais civilizadas ainda acreditam nessas “pedras da sorte”.) Mais tarde, porém, foram fabricados fetiches. Frequentemente eram pequenas bolsas contendo objetos com propriedades supostamente mágicas. O cabelo de um leão foi colocado para dar coragem, um pouco de cérebro humano para astúcia, um globo ocular para visão aguçada, uma garra de tigre para ferocidade, e assim por diante. O selvagem reunia uma coleção inteira desses fetiches em um cordão e os pendurava no pescoço ou os prendia na porta de sua cabana. (Alguns estudiosos dizem que o uso de cruzes ao redor do pescoço, ou a fixação de ferraduras e mezuzoth na porta, é apenas uma sobrevivência desse fetichismo selvagem.) Com aqueles amuletos em sua pessoa, o selvagem não sentia mais tanto medo. Ele se sentiu mais capaz de lutar contra os perigos da vida e se imaginou mais à altura do universo. Quando necessitado, ele simplesmente pedia ajuda a um de seus fetiches; e se a ajuda não chegasse logo, ele repreendia furiosamente a coisa por sua preguiça. Se ainda permanecesse obstinado, ele simplesmente jogava-o fora e comprava outro.

É claro que demorou apenas um pouco para que a fabricação de fetiches se tornasse uma profissão sagrada. Por uma razão ou outra, certos indivíduos passaram a ser vistos como criadores dos fetiches mais potentes. Eles os fizeram não apenas para os membros individuais, mas também para a tribo como um todo. E assim aconteceu que mesmo em terras onde o xamanismo era desconhecido, o homem santo profissional, o sacerdote, fez o seu advento. Ele era inevitável. . . .

5

Os fetiches tribais, assim como os privados, eram originalmente objetos naturais: por exemplo, pedras de uma cor peculiar ou árvores de formato estranho. A Pedra Kaaba, ainda adorada pelos muçulmanos em Meca, era originalmente um desses fetiches tribais. Mais tarde, porém, até mesmo esses fetiches tribais também foram fabricados. A pedra ou tronco de árvore foi esculpido de alguma maneira significativa pelo criador do fetiche e se tornou — um ídolo. É impossível dizer exatamente onde termina o fetichismo e onde começa a idolatria. Um se transforma no outro à medida que a criança cresce até se tornar jovem. . .

Provavelmente o ídolo foi usado no início apenas como uma espécie de espantalho para afastar os maus espíritos. Mais tarde, porém, foi tão esculpido que teve uma aparência menos assustadora e foi usado para outros fins. Ainda mais do que para espantar os maus espíritos, agora era usado para aproximar os bons espíritos. O ídolo foi untado com sangue ou óleo, na esperança de que algum bom espírito pudesse vir e lamber a isca cheirosa — e talvez permanecer. E então, periodicamente, a mancha era renovada para manter firme o bom espírito. Repetidamente foi renovado, até que com o tempo a prática se tornou um rito fixo. Depois disso, em vez de uma mera mancha de sangue, carcaças inteiras eram oferecidas ao bom espírito alojado no ídolo. E assim o sacrifício

começou.

Traziam-se alimentos, os mais raros e ricos que se podiam obter, e o sacerdote oferecia-os cerimoniosamente ao espírito residente no ídolo. Quanto a um terrível chefe, era oferecido com muitas reverências, raspagens e canções cerimoniais. E com muitas palavras de louvor também, pois o espírito era considerado vaidoso e também faminto. E assim nasceu a oração.

Com o tempo, um abrigo foi considerado necessário para o ídolo: primeiro uma fenda em uma rocha ou uma árvore frondosa e, mais tarde, uma cabana rústica. E assim foi construída a primeira igreja. . . .

Foi tudo um processo muito natural de desenvolvimento. Depois que o homem colocou na cabeça que para viver ele deveria dominar seu universo, então o animismo, o fetichismo, a idolatria, o sacerdócio, o sacrifício, a oração e a igreja — tudo isso foi quase inevitável. O homem primitivo, afogando-se no medo, agarrou-se desesperadamente aos espíritos, como um homem que se afoga num riacho se agarra aos juncos junto à margem. É claro que, um após o outro, os espíritos falharam com ele – assim como os juncos quebram nas mãos de um homem que está se afogando. o selvagem continuou a agarrar os espíritos. quase instintivo com ele. Mas ainda assim, ele não pôde evitar....

6

Mas o selvagem nunca imaginou que fosse seguro agarrar-se a cada junco ao lado do seu lago de medo. Pelo contrário, ele considerava a maioria deles altamente perigosos e tentava, com cuidado quase em pânico, evitá-los. Esses espíritos nocivos eram o que os selvagens do arquipélago malaio ainda chamam de tabu, “marcados”. Supunha-se que havia neles uma espécie de eletricidade diabólica, de modo que, se alguém os tocasse, eles os mutilavam ou até matavam.

Todos os tipos de objetos e ações eram considerados tabu: alguns porque eram muito sagrados e outros porque eram muito demoníacos. Geralmente o nome do deus era tabu e, portanto, não ousava ser pronunciado, exceto em certos momentos sagrados, por homens oficialmente santos. (Essa superstição primitiva ainda está nos lábios do homem, impedindo-o de falar o nome de Deus em conversas comuns.) A carne de certos animais sagrados ou de certos animais particularmente profanos era considerada tabu e, portanto, não podia ser comida. (Essa superstição primitiva é responsável pela aversão à carne de porco que marcava os antigos egípcios, e ainda marca os judeus e os muçulmanos.) Casamento com um parente próximo, tocar num cadáver, matar um membro da tribo, usar roupas de mistura de lã e algodão, roubar a esposa de um companheiro de tribo, acender uma fogueira num dia santo, amaldiçoar o próprio pai, descobrir a cabeça diante de um ídolo — todos esses atos e miríades de outros, alguns deles socialmente criminosos, a maioria deles sem sentido social — eram em uma religião ou outra considerados tabu. Ou seus opostos eram ocasionalmente considerados tabu.

Certos tabus eram temporários, como por exemplo aquele que marcava uma mulher como contaminada durante o período menstrual. Outros eram permanentes, como por exemplo aquele que proibia um homem culpado de matar acidentalmente um companheiro de tribo. Em alguns casos, as próprias tribos eram obrigadas a cumprir a punição do transgressor; em outros, a punição deveria ser aplicada de alguma forma mágica diretamente pelos espíritos violados. A transgressão de certos tabus acarretava desastre para todos os membros da tribo à qual pertencia o transgressor; em outros casos, a punição limitava-se apenas ao transgressor. As vezes a punição poderia ser evitada por

meio de elaboradas penitências e purificações por parte do transgressor; em outros casos, a morte imediata era inevitável. As variantes eram inúmeras.

Ainda hoje a maioria das pessoas é inibida por tabus. Supersticiosamente temem fazer todo tipo de pequenas coisas sem sentido. Recusam-se a sentar treze numa mesa, a passar por baixo de uma escada ou a acender três cigarros com um só fósforo. Eles entram em pânico se um espelho quebrar em sua casa ou se um gato preto cruzar seu caminho; e têm medo de contar sobre a sua boa saúde sem "bater na madeira" ou murmurar "Unbeschrieen". Mesmo pessoas que em alguns assuntos são bastante inteligentes ficarão por vezes aterrorizadas por um ou outro destes tabus estúpidos. Não é de admirar, portanto, que o selvagem tenha se deixado dominar por tabus. Pobre criança que era, toda a sua vida se transformou numa luta incessante e frenética para se afastar de tudo o que estava "marcado".

RELIGIÃO

Anos, séculos, milênios se passaram e o homem e seu pensamento avançaram hesitantemente. O selvagem mudou seu modo de vida de um caçador selvagem vagando sozinho pelas selvas, para o de um pastor pertencente a uma tribo. E seus riscos mudaram de acordo. Ele tinha que se preocupar agora não apenas consigo mesmo: além disso, ele tinha que pensar em seus companheiros de tribo e nos rebanhos dos quais ele e seus companheiros de tribo viviam. Isso significou um interesse crescente em poços onde os rebanhos pudessem ser regados e no sol, na lua e no céu que pareciam controlar a chuva. Assim, iniciou-se um processo de seleção e eliminação entre os espíritos que ele adorava. Alguns deles (por exemplo: os espíritos do sol e do céu e as fontes do deserto) ascenderam a um lugar de suprema importância, enquanto outros (como os espíritos da flecha e do tigre selvagens) caíram no esquecimento e foram até esquecidos com o tempo.

É claro que esse processo foi muito acelerado quando o homem fez a sua próxima grande mudança – de pastor a agricultor. Isso tornou completa sua dependência dos elementos, e os espíritos que habitavam os elementos tornaram-se forçosamente suas divindades supremas. Como pastor, ele ainda era um pouco independente, pois conseguia movimentar seus rebanhos para pegar a chuva. Porém, ele dificilmente poderia fazer isso agora, pois tinha campos e não mais rebanhos. Então ele teve que sentar e esperar pacientemente que a chuva o pegasse. Ou então ele teria que tentar forçar a chuva a pegá-lo.

No começo ele literalmente tentou forçar a chuva a chegar até ele e seus campos. Com a ajuda de seu xamã ou de seus fetiches, ele recorreu a todo tipo de práticas mágicas. Mais tarde, porém, quando enfiou na cabeça que nem mesmo com seu xamã ou fetiches conseguiria coagir infalivelmente a chuva, ele tentou, em vez disso, convencê-la a cair. E só quando isso aconteceu é que a religião realmente começou. Enquanto o homem ainda era ingênuo o suficiente para acreditar que pela posse de algum fetiche ou pela pronunciação de algum feitiço ele poderia forçar os espíritos a fazerem sua vontade, o homem ainda não havia avançado além da fé incondicional na magia. Só depois que os duros golpes dos repetidos fracassos o tornaram um homem mais manso e mais sábio é que ele começou a depositar sua fé no que pode ser estritamente chamado de religião. Só depois de ter crescido o suficiente para suspeitar que algumas tentativas de coagir os

espíritos estavam inevitavelmente fadadas ao fracasso, é que ele começou a tentar persuadi-los.

É claro que a religião nunca substituiu totalmente a magia. O homem nunca conseguiu renunciar a toda a sua fé na velha técnica, e até hoje nenhuma religião histórica na Terra está isenta de adulterações de magia. Em todos eles sobrevivem pelo menos as relíquias de antigos ritos coercivos; e em todas elas existem orações originalmente persuasivas que desde então assumiram o caráter de feitiços coercitivos. A crença, por exemplo, de que toda a substância de um pedaço de pão e de um copo de vinho deve transformar-se no corpo e no sangue de Cristo — essa crença é flagrantemente a relíquia de um antigo rito mágico. Ou a crença de que qualquer oração só é eficaz se for proferida num determinado lugar, num determinado momento, numa determinada língua, por uma determinada pessoa, ou é particularmente eficaz se for concluída com as palavras "Pedimos em nome de Jesus" ou alguma fórmula semelhante — tal crença revela obviamente a degeneração de uma petição religiosa única em um mero feitiço mágico.

Mas embora a técnica da religião nunca tenha conseguido substituir inteiramente a técnica da magia, conseguiu torná-la de importância secundária. À medida que a sabedoria do homem aumentava, o seu excesso de segurança o abandonou, e ele recorreu cada vez mais à persuasão nos seus esforços para conseguir que os espíritos fizessem o que ele desejava. Em tempos de seca, ele oferecia sacrifícios de comida e salmos de louvor ao sol, à lua e ao céu, ou a quaisquer outros espíritos que lhe parecessem capazes de exercer controle sobre a água de que necessitava. (No Egipto, por exemplo, os sacrifícios eram oferecidos ao espírito do Nilo, pois era da cheia anual daquele rio que o povo dependia inteiramente para regar as suas terras.) Mas o homem oferecia-os humildemente – foi-se embora o tom ingenuamente imperativo. O homem cresceu e aprendeu que não poderia ir longe com a magia. . . .

No geral, o homem parecia se dar muito bem com a ajuda que supostamente viria como resultado do sacrifício. É claro que, em climas desfavoráveis, mesmo os sacrifícios se revelaram inúteis, e ali, o homem foi necessariamente compelido a permanecer nômade. Mas onde quer que o clima não fosse muito severo e com regularidade razoável, os sacrifícios pareciam ser admiravelmente potentes. Em nenhum lugar, porém, o clima era tão ameno e o solo tão generoso que o homem se sentisse capaz de dispensar inteiramente os sacrifícios. Ocasionalmente ocorreram secas e as colheitas fracassaram, mesmo nas regiões mais favoráveis. Como resultado, o homem nunca perdeu totalmente o pavor dos espíritos tirânicos, ou a convicção de que eles tinham de ser cortejados perenemente. Sua confiança na amizade deles estava sempre associada a um medo vivo de sua inconstância. Na verdade, a sua fé neles não era mais segura do que a do batedor de carteiras no polícial que acabou de subornar. O lavrador primitivo não fez nenhum movimento sem antes lançar um olhar furtivo para ver se os "poderes" ainda estavam bem dispostos em relação a ele. Ele nunca chegou a sentir que seu trabalho árduo por si só fosse suficiente para fazer a terra produzir suas riquezas. Não, ele imaginou que os espíritos infalivelmente participavam do negócio e não fez nenhum movimento para cultivar o solo sem antes parar para cultivá-lo. A agricultura para ele era mais uma questão de religião do que de ciência.

2

Agora, era bastante natural que o homem, o agricultor, se preocupasse particularmente com as bebidas espirituosas em determinadas estações do ano. Primavera, quando a semente foi lançada; verão, quando foram colhidos os primeiros

frutos; e outono, quando as colheitas foram colhidas; estes foram períodos de extraordinária importância religiosa. Foi então que o agricultor primitivo sentiu que deveria fazer os seus maiores esforços para persuadir os “poderes” a serem bons para ele. E assim surgiram as festas sazonais.

O ritual nesses festivais era, a princípio, quase indecentemente obsceno. O selvagem imaginava que os espíritos produziam as colheitas da mesma forma que ele próprio gerava filhos. E com medo de que os espíritos tivessem esquecido o processo de reprodução, ou fossem muito tímidos para iniciá-lo, ele próprio saiu para o campo e mostrou o caminho. A licença sexual era, portanto, uma virtude religiosa na maioria dos festivais sazonais. Ou todos os homens e mulheres saíam para fora e deitavam-se juntos sob os céus, ou em comunidades mais avançadas o sacerdote e uma ou mais virgens entravam no templo e deitavam-se juntos diante dos ídolos.

Mas o ritual destas festas não consistia apenas em orgias sexuais. Geralmente incluía também ofertas de sacrifício, sejam humanas, animais ou cereais. No início, essas ofertas eram bastante grosseiras e diretas. Os sacrifícios ao deus da água eram simplesmente jogados nos riachos, aqueles ao deus da terra eram enterrados no solo, enquanto aqueles ao deus do céu eram queimados em altares para que a fumaça pudesse subir e fazer cócegas nas narinas do celestial. Mas, com o passar do tempo, descobriu-se que tais práticas simples falhavam ocasionalmente, e, para remediar isso, foram inventadas complicações. Este tendão, digamos, foi removido da carcaça sacrificial, ou aquele órgão foi exposto; o sangue foi drenado e aspergido neste ou naquele lado do altar; orações eram recitadas nesta ou naquela fase da cerimônia. Na verdade, a etiqueta a ser usada na abordagem aos deuses tornou-se tão intrincada que, com o tempo, tornou-se impossível para o homem comum dominá-la. Ele teve que recorrer a um especialista no código ritual, um sacrificador profissional, para fazer oferendas por ele. Tal como os homens tinham sido anteriormente forçados a contratar um xamã ou um criador de fetiche para realizar os seus ritos mágicos, agora tinham de contratar um sacerdote para cumprir os seus deveres religiosos. E assim o sacerdócio atingiu seu poder máximo.

Praticamente a mesma lógica que levou a festivais sazonais durante o ano levou também a cerimônias periódicas durante a vida do indivíduo. Sentia-se que, ao nascer, algo precisava ser feito para conquistar para o recém-chegado o favor da divindade e, para esse fim, geralmente era oferecido um sacrifício de um tipo ou de outro. (É possível que a circuncisão, comum na África, na Austrália, na Polinésia, bem como nas terras semíticas, tenha sido originalmente um sacrifício desse tipo.) Depois, na puberdade, quando as tendências sexuais se tornaram evidentes pela primeira vez, sentiu-se que algo mais precisava ser feito para garantir o favor dos espíritos. Elaboradas cerimônias de iniciação eram realizadas, e os jovens eram geralmente submetidos a provações horríveis para provar que eram dignos tanto de serem membros da tribo quanto de serem protegidos pelos deuses tribais. (A confirmação entre os cristãos e o Bar Mitzvah entre os judeus são, na verdade, remanescentes dessas antigas iniciações.) Então, no casamento, foi considerado bom invocar a bênção dos espíritos. Afinal de contas, o casamento tinha como propósito principal a geração de filhos, e acreditava-se que, para começar, a menos que os espíritos fossem devidamente aplacados, esse propósito principal poderia ser derrotado. (É por isso que algumas pessoas ainda consideram a vida conjugal imprópria, a menos que seja consagrada ritualmente por um ministro ou padre.) . . . E, finalmente, na morte, acreditava-se terrivelmente perigoso ofender os espíritos. Em muitos lugares, os ritos funerários tornaram-se incrivelmente elaborados, dando origem — por exemplo, no Egito e na China — a todo o sistema religioso.

E assim originaram os sacramentos.

3

Finalmente chegamos à criação dos grandes deuses. Assim como o chefe tribal com o tempo se tornou rei, o fetiche tribal, com o tempo, tornou-se um deus. Foi uma evolução natural. O espírito selvagem que antes se pensava habitar em uma árvore ou colina foi primeiro conjurado em um fetiche portátil, para que os membros da tribo errante pudessem desfrutar de sua proteção onde quer que se movessem. (Os leitores da Bíblia lembrar-se-ão de como o espírito de Jeová — ou mais propriamente, de Yahveh — que habitava no Monte Sinai, foi transferido para uma "arca" portátil que os hebreus primitivos carregavam consigo nas suas peregrinações.) Mais tarde, quando esses pastores errantes se estabeleceram e se tornaram agricultores, seu espírito nômade às vezes se estabeleceu com eles. (A velha "arca" dos hebreus beduínos finalmente recebeu um local de descanso no templo de Jerusalém.) Isso nem sempre ocorreu, entretanto, pois a taxa de mortalidade entre as divindades era extremamente alta durante o período de transição da vida pastoril para a vida agrícola. E mesmo os espíritos que conseguiram sobreviver tiveram seu caráter completamente alterado. Suas funções a partir de então eram novas, e muitas vezes seus nomes também eram novos. Restavam apenas pequenos atavismos reveladores no ritual para trair sua origem nômade.

Mas o histórico das divindades que sobreviveram a essa grande transição permaneceu precário. Na verdade, a taxa de "mortalidade" entre entre as divindades aumentou. Pois, ocorreram mudanças maiores do que jamais ocorreram entre os homens e, consequentemente, mudanças maiores tiveram que ocorrer entre os deuses. Tribos fundidas. A tarefa de resistir à invasão, ou de construir barragens de irrigação, obrigou muitos clãs a fundirem-se, e os seus costumes, mitos e deuses tiveram de se fundir também. Apareceram em cena deuses que eram obviamente compostos, com nomes compostos e rituais compostos. E à medida que a população aumentou, e certas aldeias cresceram para se tornarem cidades, cidades-estado, nações e, finalmente, impérios, a jurisdição destes deuses compostos também cresceu. Eles começaram a devorar os pequenos deuses das terras tributárias e, com o tempo, tornaram-se os senhores quase indiscutíveis de milhões de adoradores.

Muitos séculos ainda teriam de passar antes que alguém pudesse imaginar uma divindade que fosse o Deus Único do Universo. Os homens ainda continuaram a ser politeístas, acreditando em muitos deuses. Eles poderiam prestar homenagem apenas a um, o deus de sua tribo específica. Eles poderiam considerá-lo o deus mais poderoso de todos e imaginá-lo, como faziam os hindus em seus ídolos grotescos, como tendo braços que alcançavam todos os lugares e olhos que viam tudo. Mas eles nunca negaram a existência de outros deuses que mantinham relações semelhantes com outras tribos.

Significativamente, porém, mesmo o deus mais poderoso não poderia causar tanto terror no coração do homem civilizado como o ídolo mais rude causou no coração do selvagem. O tempo lidou duramente com o medo. O homem ainda estava longe de ser capaz de controlar o seu universo, mas pelo menos dava sinais de começar a enfrentá-lo. E como resultado os "poderes" do universo tornaram-se menos aterrorizantes. O homem começou a dizer que eles eram seus aliados e parceiros, e se os exaltava de forma extravagante, fazia-o em grande parte para se exaltar. Os deuses das nações tornaram-se simplesmente os líderes divinos das nações, os reis celestiais.

4

A Ideia de que os deuses eram reis celestiais tinha pelo menos uma implicação de tremenda importância. Esperava-se naturalmente que os reis terrestres cuidassem da aplicação das leis da nação. Era sua tarefa garantir que o crime fosse detectado e que os criminosos fossem punidos. Mas sempre ocorriam certos crimes que não podiam ser detectados, assim como sempre alguns criminosos escapavam sem punição. Isto acontecia especialmente nas cidades recentemente inchadas, onde o policiamento sob a forma de intromissão entre vizinhos já não era possível. Nessas novas capitais, com as suas populações aglomeradas, aglomeradas e turbulentas, a moralidade parecia não ter qualquer hipótese. Os tabus que haviam sido rigorosamente mantidos, no pequeno e compacto clã, passaram a ser transgredidos nas cidades quase impunemente. Por um tempo, o colapso da sociedade parecia inevitável.

Mas a ideia de que os deuses eram reis celestiais salvou o dia. Pela lógica da analogia, raciocinou-se que, assim como os reis terrenos puniam o crime que era detectável, os reis celestiais puniam o que era indetectável. Portanto, não havia realmente nenhuma chance de evitar a justiça em última instância. Nem a força nem a astúcia eram de alguma utilidade, pois, mesmo que alguém escapasse ao julgamento do rei terreno, havia outro, o inevitável, o inexorável julgamento do deus ainda a enfrentar. O deus no céu viu tudo e sabia de tudo. Não existia um tabu ou uma lei, mas ele estava preocupado com a sua aplicação. (Na verdade, ele era o verdadeiro autor de todos os tabus e leis — pelo menos foi o que logo se disse.) Portanto, não havia chance para o transgressor — ele nunca poderia escapar.

E assim nasceu a ideia do pecado. O crime, que na verdade era uma ofensa contra a sociedade, passou a ser pensado principalmente como um pecado contra Deus. E porque muitas vezes ninguém conseguia identificar o castigo imposto ao ofensor pelo deus, surgiu a ideia da consciência. Acreditou-se que o deus punia os ímpios de maneira secreta, enviando espíritos malignos para dentro deles para corroer suas almas e não lhes dar descanso. E quando se viu que muitos dos ímpios pareciam bastante imperturbados por más consciências, bastante imperturbados por punições secretas, então a ideia de sofrimento futuro foi avançada. Afirmava-se que, embora alguns dos ímpios ficassem impunes neste mundo, no próximo eles não seriam tão afortunados. Não, de fato! Após a morte, receberiam ainda mais do que mereciam, torrando em chamas — segundo os habitantes de terras tórridas — ou congelando em blocos de gelo — segundo os habitantes das regiões árticas.

O verdadeiro curso de desenvolvimento a partir do qual evoluíram essas idéias de pecado, consciência e retribuição post-mortem, não foi, com certeza, tão simples como é apresentado aqui. Durante séculos, o homem se esforçou para se apegar a essas idéias, cometendo os erros mais patéticos e voltando atrás apenas com a dor mais terrível. Mas finalmente a grande tarefa foi cumprida e a moralidade, ao custo de ser religiosa, foi preservada.

Não foi um preço pequeno a pagar. Com o tempo, a religião provou ser um preservativo bastante eficaz, só que extensiva e indiscriminadamente, mantendo protegida demais, não apenas a moral necessária à vida da sociedade, mas também fragmentos de rituais antigos e tabus selvagens. A religião desenvolveu uma tendência a agarrar-se a tudo com igual tenacidade, não permitindo nenhuma diferença entre o menor rito e a lei mais grave. Ou, se admitisse alguma diferença, o seu veredicto era geralmente a favor do rito. Os professores sacerdotais tendiam a dizer ao povo que o ritual — o tratamento adequado

a ser concedido aos deuses — era decididamente mais importante do que a ética, o tratamento adequado a ser concedido a meros mortais. O que era mais prejudicial é que muitas vezes ensinavam que todas as ofensas, tanto contra o rito como contra o direito, só poderiam ser expiadas de uma maneira: pelo sacrifício. A Justiça sempre poderia ser temperada, declaravam eles, e os culpados talvez até seriam liberados se carneiros e animais cevados suficientes forem oferecidos ao juiz celestial.

Esse ensinamento, naturalmente, revelou-se com o tempo um obstáculo gigantesco no caminho da civilização. Na verdade, toda a carreira religiosa entre os povos civilizados é, em certa medida, a história da luta para remover esse obstáculo. Em essência, é a história do profeta guerreando contra o sacerdote; daquele que moralizaria a religião lutando com aquele que ritualizara a moral. . . .

5

Mas embora a religião possa ter cobrado um preço alto pela salvação da moralidade, ainda assim — ela a salvou. Isso é algo que muitas pessoas tendem a esquecer. Eles estão acostumados a insistir apenas nos males, nas frustrações e nos contratempos que certas formas de religião trouxeram à civilização em tempos posteriores. Mas é bom lembrar que, se não fosse a religião e a sua fé subjacente de que o universo e os seus "poderes" caídos poderiam ser controlados, não teria havido qualquer civilização para frustrar. Civilização é apenas outro nome para a crescente vitória do homem sobre o medo – e as primeiras fases dessa vitória foram alcançadas quase exclusivamente através da religião. A religião foi o sapato pelo qual o homem saiu da selvageria. Ou, voltando a uma metáfora que já utilizámos, era o banco de juncos ao qual o homem se agarrava sempre que as águas escuras do medo ameaçavam inundá-lo. Num sentido muito real, foi a sua salvação.

Foi também a salvação da sociedade. A religião não apenas tornou possível que um homem vivesse sozinho, mas ainda mais tornou possível que dois homens vivessem juntos. Mesmo os primórdios da sociedade teriam sido impossíveis devido ao medo inato do homem simplesmente pelos mortos - e muito menos pelos vivos — se a religião não tivesse alcançado uma posição elevada no mundo. Ao ver a morte, a reação natural do selvagem foi a fuga. Instintivamente ele quis queimar toda a aldeia onde estava o cadáver e fugir! E no início provavelmente ele seguiu esse instinto, e durante séculos nenhum acampamento durou mais do que algumas semanas ou meses. . .

Mas então nasceu a ideia de ritos funerários para aplacar os espíritos dos mortos, ritos religiosos que ligar firmemente os sobreviventes ao local onde os mortos eram enterrados. A religião encontrou uma maneira de roubar da morte um pouco de seu medo. As aldeias passaram a ser criadas em torno de sepulturas, em vez de serem incendiadas sobre elas. O homem, outrora tão aterrorizado pelos fantasmas, que fugia à menor suspeita da sua presença, agora ousou ir até eles e implorar a sua ajuda. Surgiu a adoração aos ancestrais. As tribos muitas vezes dependiam, para a sua solidariedade, do único vínculo de suposta descendência de um ancestral comum. Caso contrário, o laço que servia para mantê-los unidos era um ritual comum. Cerimônias de nascimento, puberdade, casamento e morte eram as coisas que uniam esses membros do clã em um grupo compacto. o mesmo acontecia com os festivais anuais. E assim, através e com a religião, a convivência dos homens tornou-se possível.

Mais do que isso: através e com a religião, a convivência dos homens tornou-se não apenas possível, mas também desejável. A religião vestiu e adornou a nudez fria da

existência primitiva com fragmentos e manchas de beleza. Toda aquela graça e cor que transmuta a mera existência em Vida – numa palavra, toda a Arte – pode verdadeiramente ser considerada como tendo surgido da religião. A escultura teve sua origem na fabricação de ídolos, a arquitetura na construção de templos, a poesia na escrita de orações, a música no canto de salmos, o drama na narração de lendas e a dança na adoração sazonal dos deuses. . .

Pode nos parecer incrivelmente rude esse conglomerado de terrores e esperanças, de agarramentos e tateios, de estupidez e anseios, que por falta de um nome melhor chamamos de Religião Primitiva. Mas apesar de tudo, era sagrado – pois salvou a humanidade.

Livro Dois COMO A RELIGIÃO SE DESENVOLVEU NO MUNDO ANTIGO

OS CELTAS

1. Os deuses primitivos — druidas — o culto do visco.

2. Os festivais — os grandes holocaustos — Beltane — Lugnasad — Samhain — adoração a fantasmas.

OS BABILÔNIOS

1. As deusas semíticas — como os deuses babilônicos surgiram — trindades.
2. Ishtar e os ritos sexuais — prostituição sagrada — astrologia.
3. O sacerdócio — seus vícios — e virtudes.
4. Os defeitos da religião — polidemonismo — uma moralidade ritualizada — Shabatum e mitologia — contrastam com as versões hebraicas de vergonha — medo.

OS EGÍPCIOS

1. Adoração original aos animais — o crescimento dos deuses — os sacerdotes.
2. A ideia do monoteísmo emerge.
3. A reforma sob Ikhnaton — reação
4. A religião das massas — Osíris — a vida futura — por que as pirâmides foram construídas.
5. Os mortos — o Dia do Julgamento — o recurso à magia.

OS GREGOS

1. A religião minoica — como os deuses gregos surgiram — o culto olímpico.
2. O culto olímpico falha — os eruditos adotam a filosofia.
3. As massas adotam a magia — e os "mistérios" — a ideia do deus salvador — como os homens tentaram se tornar divinos.
4. O desejo por uma vida futura — e como os mistérios o satisfizeram.

OS ROMANOS

1. Adoração original dos espíritos domésticos — a religião do estado surge — e é intensificada.
2. Por que a religião do estado falhou — a vinda dos mistérios — Cibele — Átis — os outros cultos estrangeiros.
3. Augusto restaura a religião do estado — o deus-imperador — a reação — os cínicos.
4. Por que a Roma decadente adotou os mistérios — Mitra — seu significado.
5. Conclusão — Por que esses cultos antigos não podem ser chamados de ‘‘mortos’’ — o significado de seu apelo sobrenatural.

A história de como a religião começou, foi feita inescrupulosamente curta e simples, no

livro que acabou de ser fechado. Elementos fundamentais foram tratados da maneira mais superficial, e muitos elementos significativos mal foram tocados. Mas em um livro tão pequeno era impossível fazer o contrário. Para entrar na religião primitiva com qualquer minúcia, para dar, mesmo em esboço, as miríades de variantes entre as raças de cada crença e prática, exigiria, não uma vintena de páginas, mas uma prateleira inteira de tomos pesados. Tudo o que era possível aqui era um esboço do enredo central, um esboço apressado da principal linha de marcha seguida pela religião à medida que avançava pelos séculos pré-históricos.

Infelizmente, este esboço parece ter sido dado com total segurança. Apesar de todos os "talvez" e "provavelmentes" espalhados pela história, ainda parece que o escritor sabia com certeza o que tinha acontecido. Na verdade, ele não sabe nada disso. Tudo o que ele sabe é o que muitos antropólogos eruditos, após muita pesquisa meticulosa, presumiram ser a verdade. Claro que eles podem ter presumido muito mal. A teoria subjacente pode estar completamente errada, e a religião, em vez de ter sido originalmente criada para iludir ou vencer o medo, pode ter surgido de forma bastante independente dele. A religião pode ser um instinto completamente primitivo na raça humana — algo tão antigo, fundamental e inato quanto o próprio medo. Quem sabe? . . .

Entrar nessa questão, no entanto, serviria apenas para adicionar confusão ao que já é uma história muito confusa. Muitos conjuntos de suposições foram feitos sobre como a religião começou, mas neste pequeno livro havia espaço para apenas uma delas — aquela que parece (para o escritor) a mais razoável. E tendo isso sido dado, devemos nos apressar.

Felizmente para nós, o desenvolvimento da religião não é tão velado em névoas de dúvida quanto seu início. Existem relatos bastante detalhados de muitos cultos antigos, e a partir deles podemos traçar uma linha de progressão quase clara. Celtas, começando com o animismo dos bárbaros e continuando até os Mistérios dos últimos romanos, podemos seguir quase passo a passo a lenta marcha da religião primitiva.

OS CELTAS

Não há nenhuma razão específica para começar nosso estudo da religião antiga com os celtas, exceto que os registros de seus ritos e crenças chegaram até nós com relativa plenitude. Dois mil anos atrás, os celtas eram apenas um de uma horda de povos arianos que acabaram de sair da noite da selvageria para aquele amanhecer irregular que chamamos de barbárie. Sua religião, portanto, ainda não era mais do que um gesto patético que oscilava entre o bravo, mas tolo, arranhar do selvagem, e o humilde, mas esperançoso alcance do homem civilizado. Não era totalmente uma dependência de ritos mágicos, pois os celtas já haviam descoberto que a magia por si só não era suficiente. Eles já estavam suficientemente avançados para ter aprendido que os "poderes" que controlavam o universo, os espíritos que supostamente habitavam árvores, pedras e outros objetos naturais, muitas vezes podiam ser movidos de forma muito mais eficaz por petição do que por coerção. No entanto, eles também não apostaram toda a sua fé na petição. Seus sacerdotes ainda eram secretamente xamãs, e seus sacrifícios eram, pelo menos implicitamente, feitiços meio coercitivos. Talvez a palavra "bajulação" descreva melhor a técnica com a qual os celtas buscavam conquistar suas divindades.

Eles tinham muitas divindades para conquistar, pois cada objeto natural de qualquer imponência parecia conter um espírito para ser conjurado. E alguns desses espíritos já haviam sido suficientemente separados de seus corpos físicos para serem considerados deuses e deusas remotos. Nomes foram dados a eles — Ogmius, Maponus, Bridget e semelhantes — e mitologias inteiras foram criadas em torno deles. Um ritual de sacrifício havia crescido, e uma classe sacerdotal havia sido estabelecida. Parece que não havia edifícios de templos, no entanto, mas apenas círculos sem teto de pilares de pedra — Stonehenge na Inglaterra são as ruínas de um desses círculos — e bosques de árvores sagradas. Dentro desses círculos e bosques, os sacerdotes (que eram chamados de druidas, "sábios") ofereciam sacrifícios e lançavam feitiços em horários regulares, e as sacerdotisas — das quais parece ter havido muitas — realizavam ritos de respeitabilidade decididamente duvidosa.

A idolatria não havia avançado muito entre os celtas, e suas imagens dos deuses eram troncos rudemente esculpidos ou, simplesmente, armas de um tipo ou de outro. Seu principal objeto cerimonial era o visco, aquela trepadeira de frutos brancos que capturou a imaginação de povos primitivos em todo o mundo. Sir James G. Frazer, naquele livro mais fascinante de toda a literatura de religiões comparadas, The Golden Bough, tentou dar a razão para a veneração peculiar atribuída a esta planta. Ele afirma que é porque o visco não tem raízes na terra poluída, mas parece crescer magicamente entre o céu e a terra. Por esse triste apego a conclusões que é tudo o que o homem primitivo tem de lógica, esta planta, pendurada no céu, é, portanto, considerada dotada de propriedades mágicas. Onde quer que os druidas a descobrissem crescendo em um carvalho, eles se aproximavam com grande admiração e pompa cerimonial e a cortavam com uma foice de ouro. Eles teriam muito cuidado para pegá-lo antes que caísse na terra e, então, o usariam para fazer uma poção para fertilizar mulheres estéreis e gado, e para curar epilepsia, úlceras, envenenamento e quase todas as outras doenças humanas.

2

Festivais regulares eram realizados três vezes por ano, e com especial elaboração uma vez a cada cinco anos. Eles eram em grande parte festivais de fogo, e tinham a intenção direta de fazer os espíritos fertilizarem o solo. Júlio César nos legou nossa primeira descrição daqueles horríveis festivais quinquenais, quando dezenas de criminosos — isto é, pessoas que transgrediram tabus — e prisioneiros de guerra, e animais, eram reunidos em imagens colossais de vime, e então, cerimoniosamente queimados até a morte. Imaginava-se que quanto maior o número de vítimas, maior seria a fertilidade da terra, e antigamente todo o norte da Europa fedia com o cheiro de tais holocaustos. Originalmente, os festivais anuais comuns também eram cenas sangrentas de sacrifício humano; mas em tempos históricos eles haviam se livrado desse fator selvagem. Mas o fogo ainda desempenhava um grande papel na condução desses festivais, e seu propósito óbvio ainda era a frutificação mágica da terra. Na véspera do primeiro de maio, quando os celtas realizavam seu festival de Beltane, fogueiras de madeira de carvalho eram acesas sob árvores ou postes sagrados. Um "rei" e uma "rainha" eram escolhidos para liderar as procissões nos campos, e então, por horas, havia um brilho louco de tochas arrancadas das fogueiras, e um redemoinho selvagem e dança em folia orgiástica. Homens e mulheres deitavam-se juntos nos campos e se comportavam como todos os outros povos primitivos em seus festivais religiosos. Eles eram simples bárbaros, e faziam o que faziam de boa fé para que isso sugerisse ao sol e aos outros deuses o que eles, por sua vez, deveriam fazer:

fazer as coisas crescerem. Só quando a ideia cristã de moralidade lhes foi trazida é que os celtas se conscientizaram de qualquer maldade em seus antigos ritos. E mesmo assim, eles não os abandonaram de uma vez. De fato, até hoje seus descendentes não os abandonaram completamente. Eles apenas as podaram, refinaram e cristianizaram nas eminentemente respeitáveis — mas, reminiscentemente, muito travessas — danças do mastro de maio dos tempos modernos. . . .

Os outros dois festivais celtas do ano eram Lugnasad, realizado no primeiro dia de agosto, e Samhain, realizado no último dia de outubro. Ambos eram marcados por ritos semelhantes aos de Beltane, e ambos persistiram até nossos dias, um como Noite de Verão e Dia de São João e o outro como Halloween e Dia de Todos os Santos. Samhain era o mais importante dos dois, pois, assim como no calendário cristão, era considerado o dia em que as almas dos mortos se reuniam com os vivos. A comida era disposta nas cabanas dos celtas e fogueiras alegres eram acesas nas lareiras, para que as sombras famintas e trêmulas dos mortos pudessem se preparar para os meses de inverno que estavam chegando ao mundo.

Os celtas eram excessivamente interessados nos mortos. Eles sabiam pouco sobre outro mundo, exceto que havia em algum lugar no Mar Ocidental uma ilha doce e abençoada reservada para heróis e semideuses; mas, no entanto, eles nutriam uma fé duradoura na vida após a morte, mesmo para o mais humilde membro da tribo. Nervosamente, eles imaginavam que os mortos eram sombras que pairavam no crepúsculo, espectros intangíveis que ainda podiam causar grande dano ou gentileza. Talvez seus grandes festivais de fogo, aqueles holocaustos medonhos de homens e animais, fossem apenas esforços desesperados para afastar as sombras mais malévolas. Pois aqueles pobres celtas, eternamente atormentados por tempestades, secas e pestes, tinham se levado a acreditar que os mortos eram, pelo menos em parte, os causadores de todos os males. Os mortos e os espíritos da natureza juntos pareciam os mestres supremos do universo, e toda a vida para os vivos parecia depender de seu misterioso favor. Era por isso que os ritos religiosos desempenhavam um papel tão grande no pensamento e na conduta celta. Eram ritos primitivos, grosseiros, desajeitados, quase absurdamente ingênuos — mas tinham que ser mantidos. Mesmo que um homem doente, embora possa rejeitar um remédio após o outro, nunca consegue rejeitar os médicos completamente, assim os antigos gauleses e bretões frequentemente abandonavam um feitiço por outro, mas nunca ousavam abandonar os druidas. Eles tinham medo... medo…

OS BABILÔNIOS

Para traçar o avanço posterior da religião, devemos agora mudar a cena para uma terra muito distante das florestas primitivas dos celtas. Devemos ir para a antiga Mesopotâmia, aquela região verdejante entre os grandes rios do Oriente Próximo, onde o amanhecer já havia rompido o que a noite ainda reinava no Ocidente. A religião da Babilônia, embora muito mais antiga do que a dos celtas, era em quase todos os aspectos muito mais avançada. Desde muito antes do início da história registrada, a religião parece ter sido mais avançada no Oriente do que no Ocidente. Por razões que não podemos entender, os orientais, especialmente os semitas, parecem ter tido um gênio peculiar para a religião. Eles eram beduínos, aqueles semitas: uma raça magra, faminta e atormentada, vagando para sempre pelas vastidões desérticas da Arábia em busca de outro lugar e outra hora para

morrer. E foram eles, muito provavelmente, que lançaram as bases da religião da Babilônia. Milhares de anos atrás, quando alguns deles lutaram para sair do deserto árido e obtiveram uma posição nos prados verdejantes da Mesopotâmia, eles trouxeram consigo sua antiga religião do deserto. Era então pouco mais do que um animismo grosseiro, com Ishtar, "Auto-regadora", o espírito do oásis, como a divindade principal. Ishtar, que era uma deusa, provavelmente tinha os espíritos do vento, do sol e da lua como maridos: e certamente ela tinha Tamuz, o espírito da tamareira, como seu amante. Não podemos ter certeza, mas parece bastante provável que a maioria das outras divindades importantes naquela época também fossem deusas. Isso deve ter ocorrido porque os semitas primitivos ainda estavam no estágio matriarcal da pré-civilização. Onde quer que os chefes de suas famílias e clãs fossem as mães, não os pais, naturalmente os espíritos principais eram imaginados como deusas, não deuses. Mas uma vez que os invasores do deserto passaram a se sentir em casa na verdejante Mesopotâmia, e começaram a se misturar mais ou menos livremente com os nativos não-semitas, sua religião assumiu um aspecto bastante alterado. A forma matriarcal da sociedade deu lugar à patriarcal, e como consequência natural as deusas foram transformadas em deuses. As principais divindades escolhidas para as cidades recém-criadas eram geralmente masculinas. Às vezes, elas ainda mantinham os nomes femininos pelos quais eram conhecidas em dias anteriores, como é visto no caso de Ningirsu, literalmente "Senhora de Girsu", que era o deus muito masculino da cidade de Lagash. Ou, se as divindades conseguissem persistir na nova ordem social como mulheres de fato, além do nome, elas assumiam funções completamente novas. Uma população que não vivia mais no deserto, por exemplo, não tinha mais nenhuma razão para adorar o espírito do oásis do deserto — então uma estrela em vez de um oásis foi dada a Ishtar como um Bomewec. . . .

Mas os babilônios não se contentaram em apenas remodelar os deuses antigos. Eles fabricaram novos também — centenas deles. Até mesmo listar os principais deles — Ningirsu, Bel, Shamash, Nabu, Marduk, Anu, Ea, Sin e o resto — seria bastante cansativo. A idéia de um grande deus com domínio universal parece dificilmente ter ocorrido ao povo. Repetidamente, à medida que uma cidade após a outra se tornava dominante no império, um deus após o outro se tornava chefe no panteão. Por exemplo, enquanto a Babilônia era a capital do império, Bel-Marduk, o deus da Babilônia, era considerado a divindade superior. Mas nunca mais do que superior – nunca Um sozinho, e além do desafio. Ocasionalmente, não um único deus, mas um grupo de três juntos era adorado como superior: Anu (céu), Bel (terra) e Ea (mar); ou Shamash (sol), Sin (lua) e Ishtar (a estrela Vênus). . . . Era após era, novas trindades desse tipo surgiram.

2

Mas do começo ao fim, uma divindade permaneceu supremamente popular, pelo menos entre as pessoas comuns da Mesopotâmia. Essa divindade era Ishtar, a grande mãe dos deuses, o espírito do sexo e da fertilidade, o próprio princípio da vida. Muitos outros povos primitivos adoravam alguma deusa-mãe, pois o poder de reprodução entre plantas, animais e homens permanecia incansavelmente como o poder mais vital e envolvente de todos. Ser capaz de controlá-lo significava viver; falhar significava morrer. Não é de se admirar, portanto, que em todo lugar do mundo, no México e no Congo, na Irlanda e nas ilhas malaias, encontremos pessoas rastejando aos pés de algum espírito que lida com sexo e cria vida. Na Babilônia e em todo o Levante, o povo parece ter se curvado a ela desmesuradamente, e os ritos sexuais em homenagem a Ishtar — ou Astarte, Astarote, Ísis,

Cibele, Vênus e Afrodite, como a deusa era conhecida nas várias terras — eram considerados de importância primária. Na própria Babilônia, era exigido que toda mulher, rica ou pobre, se submetesse pelo menos uma vez na vida aos abraços de um estranho. Ela tinha que esperar nos pátios de um templo de Ishtar até que algum homem a comprasse por uma hora, e então ela tinha que dedicar à deusa o salário ganho por sua prostituição. Sem realizar esse rito, uma mulher era considerada incapaz de ter filhos e, portanto, era inadequada para se casar. Como resultado, os pátios do templo estavam simplesmente sufocados com virgens desesperadas; e os sacerdotes do culto de Ishtar, que muitas vezes eram pagos para desempenhar o papel de estranho bem-vindo, ficaram enormemente ricos. . .

A diferença entre este culto babilônico de Ishtar e o culto celta primitivo de Bridget era inteiramente de grau, não de tipo. Ambos eram inspirados pelo medo do mesmo mal, a esterilidade; e ambos buscavam atingir um fim, a fecundidade. Mas um, o babilônico, era muito menos primitivo que o outro — muito menos selvagemente promíscuo e bestial — Os ritos babilônicos eram conduzidos dentro dos limites de templos de pedra, não nos sulcos dos campos iluminados por tochas; e eram cercados por mil regras e vigiados por uma miríade de sacerdotes. Entre esses sacerdotes e os druidas celtas, havia novamente uma diferença apenas de grau. Os homens santos babilônicos eram meramente xamãs de um tipo mais avançado. Eles ainda eram pouco mais que mágicos e curandeiros; mas eles tinham desenvolvido uma técnica altamente intrincada e uma pseudociência grotesca para apoiá-la. Eles de alguma forma chegaram à ideia de que as constantes mudanças nos céus têm alguma relação sutil com os acontecimentos aqui na Terra. Não apenas com os vastos acontecimentos geográficos na Terra (isso seria cientificamente bastante válido), mas ainda mais com as pequenas fortunas de todas as criaturas que a povoam. Acreditava-se que todas as almas humanas estavam atreladas para o bem ou para o mal às estrelas, e a principal preocupação dos sacerdotes era, portanto, a observação das estrelas. Esse triste engano chamado astrologia, que ainda atrai os mais fracos de espírito entre os homens, teve seu primeiro desenvolvimento lá na Babilônia, há quase quatro mil anos.

3

Mas o sacerdócio babilônico não limitava seus interesses às estrelas nos céus. Pelo contrário, ele também se estendia e tentava controlar as coisas mais mundanas da Terra. Ele se deixava levar pelas presunções dos ricos e se aproveitava dos terrores dos pobres. Ele possuía templos de tijolos magníficos e caros que se erguiam até os céus em terraços ornamentados — verdadeiras Torres de Babel — e regularmente sacrificava aos ídolos que estavam neles. Havia muitas divisões no sacerdócio, cada uma com sua função particular. Certos clérigos acordavam os deuses pela manhã, lavavam-nos e vestiam-nos, e ofereciam os sacrifícios elaborados; outros cantavam os hinos e entoavam os feitiços; a outros era atribuída a tarefa de frutificar as mulheres estéreis que esperavam nos pátios do templo; outros ainda liam horóscopos e diziam fortunas. Que muitos dos sacerdotes eram tolos e mais ainda eram patifes, é de se tomar como certo. Que muitos exploravam as viúvas e esqueciam os órfãos, é de se esperar. Afinal, a religião para os babilônios não era uma questão de sentimento nobre, mas uma espécie de negócio de seguros complicado; e seus solicitadores e agentes sacerdotais estavam, como diriam os americanos, querendo obter "tudo o que havia para eles". Suas extorsões, especialmente para adivinhação, às vezes se tornavam tão flagrantes que os reis tinham de aprovar leis para controlá-las. As inscrições nos dizem que já antes de 2800 a.C. o rei Urkagina teve de legislar contra o lucro

sacerdotal! . . . . Mas não se deve imaginar por um momento que o grande sacerdócio da Babilônia era irrevogavelmente lascivo e baixo. Não se pode ler seus hinos antigos sem perceber que pelo menos alguns entre seu bando eram homens do que vagamente chamamos de “espiritualidade” e “visão religiosa”. A maioria desses hinos são meros medleys de frases mágicas, mas outros são poemas de beleza surpreendente. De fato, alguns deles ressoam com tons que lembram notavelmente os Salmos hebraicos. Por exemplo:

O pecado que cometi eu não conhecia;
Meu Deus me visitou em ira.
Busquei ajuda, mas ninguém segurou minha mão;
Eu chorei, mas ninguém deu ouvidos.
Ao meu Deus, o Deus misericordioso, eu me volto e oro;
Até quando, ó Senhor?...
Ó Deus, não rejeite teu servo,
Mas transforme meu pecado em uma bênção.
Que o vento leve minhas transgressões.
Sete vezes sete são eles —
Perdoa-os!...

Agora, isso não é um pedaço comum de liturgia primitiva. Ele revela uma reverência pela divindade, uma humildade no adorador e, acima de tudo, uma liberdade de fórmula mágica que nos levaria a pensar que tudo era uma falsificação se não tivéssemos a própria pedra na qual os sacerdotes babilônicos a gravaram. Essas linhas podem não ser nem remotamente típicas, mas são autênticas. E porque são autênticas, e elas e outras linhas de qualidade semelhante foram escritas nas cortes de Bel-Marduk, o culto da Babilônia deve ser visto como uma marca de um avanço distinto na evolução da religião.

4

Mas não devemos exagerar a extensão desse avanço. O culto da Babilônia era distinto pela complexidade de sua organização sacerdotal, pela ornamentação de seu ritual de templo e, mais especialmente, pela elaboração de sua astrologia. Em outras palavras, era distinto por suas características legais, estéticas e pseudocientíficas. Mas nas mais altas preocupações da religião, na teologia e na ética, ainda era lamentavelmente primitivo. De alguma forma, nunca progrediu além do politeísmo; nunca realmente muito além do polidemonismo. Os babilônios imaginavam que toda a terra era povoada de demônios — com gênios malignos que perseguiam e afligiam os homens com inundações, pragas e escuridão. Os próprios deuses eram frequentemente considerados pelos sacerdotes como meros miseráveis chorões, sempre famintos por restos dos altares do templo. (Isso era natural, pois nenhum deus pode ser um herói para seu criado.) Em uma das escrituras babilônicas, os deuses são realmente comparados às moscas que zumbem ao redor das carcaças sacrificiais. Em outro lugar, onde a história do Dilúvio é recontada, eles são chamados de cães:

Os deuses ficaram assustados com o dilúvio;
Eles fugiram, subiram ao céu mais alto.
Os deuses se agacharam como cães;
Eles se encolheram perto das paredes! ...

E eticamente os babilônios eram igualmente primitivos. O escrúpulo ritual parecia-lhes muito mais importante do que a retidão humana; omissões sacrificiais pareciam-lhes muito mais hediondas do que ofensas morais. Tabus perseguiam cada passo na vida, e a "má sorte" os ameaçava a cada passo. Cada sétimo dia era considerado de alguma forma "mau", e nele sacrifícios especiais eram oferecidos com medo e todos os tipos de tabus especiais eram observados. Por exemplo, os príncipes eram proibidos de sair em jornadas naquele dia, ou de comer carne cozida no fogo. Cada quarto desses “sétimos dias malignos” era particularmente temido, pois marcava o início do declínio do poder da lua. Nele, esforços desesperados eram feitos para aplacar os demônios e, assim, evitar o azar que, de outra forma, certamente viria com o dia. Significativamente, os babilônios o chamavam de Shabatum, um nome notavelmente parecido com o dado pelos hebreus ao seu dia sagrado, o sábado. É altamente provável que os hebreus realmente tenham obtido seu sábado do Shabatum babilônico, pois sabemos que eles deram pouca atenção à sua observância até depois de terem vivido no exílio na Babilônia de 586 a.C. a 536 a.C. Mas observe como os hebreus consideravam o dia de forma diferente. Para eles, era sagrado, não maligno. Os hebreus diziam a si mesmos que o sábado era um “dia de descanso” divinamente designado e, embora observassem nele muitos dos antigos tabus do Shabatum, não o faziam por medo dos gênios, mas por respeito ao seu Deus. O festival da Lua Nova era uma ocasião para regozijo, não para tremor e pavor adicionais.

O contraste não é pequeno. Ele revela flagrantemente a inferioridade, a primitividade essencial, da qual o pensamento religioso na Babilônia nunca se livrou completamente. Os babilônios desenvolveram uma vasta mitologia, mas não a agraciaram com nenhum significado ético. Eles contaram muitas histórias sobre seus deuses, sobre a criação do mundo, o primeiro homem, o grande dilúvio e assim por diante. Mas essas histórias eram quase irrevogavelmente selvagens, grosseiras, até mesmo sujas. Quando encontramos essas histórias novamente no Antigo Testamento — pois aquelas como os tabus do Shabatum, parecem ter sido assumidas dos babilônios pelos exilados hebreus — as encontramos mudadas, quase além do reconhecimento. Na Bíblia, elas não são mais meros romances obscenos contados pela mera alegria de contá-los, mas sermões apaixonados recitados para trazer para casa certos ideais morais. Eticamente, os babilônios eram pouco mais do que crianças crescidas, escravos. O medo ainda os dominava e os mantinha. Embora fossem ricos e poderosos, embora fossem os senhores da terra verde e se considerassem os mestres dos céus estrelados, ainda assim eles permaneciam covardes em seus corações. Por baixo de toda a sua fanfarronice, eles estavam tímidos e preocupados. Eles estavam com medo. . . . com medo. . . .

OS EGÍPCIOS

Para traçar o desenvolvimento posterior da religião, devemos ir agora da Babilônia ao antigo Egito. Claro, em tempos muito antigos os egípcios, como o resto dos povos primitivos da Terra, eram simples animistas. Todas as coisas ao redor deles pareciam ser animadas por certos espíritos obstinados; e a esses espíritos os egípcios prestavam homenagem aterrorizada. Acreditava-se que apenas alguns espíritos habitavam fenômenos naturais como o sol, a lua e o grande rio Nilo. Imaginava-se que a maioria tinha sua habitação em

várias espécies de animais e pássaros. Cada tribo — parece ter havido quarenta e duas delas no Egito, há cerca de sete mil anos — adorava o espírito que habitava alguma espécie particular de criatura viva e buscava proteção nele. Um adorava o carneiro, outro o touro, um terceiro o leão; outros adoravam a serpente, o gato, a cabra, o jumento, o falcão, o hipopótamo, o porco e o abutre. Evidentemente, a religião mais antiga do Egito deve ter sido um totemismo semelhante ao dos índios americanos, com cada tribo recebendo o nome do animal que considerava sagrado e que pode ter sido considerado seu ancestral espiritual.

Mas, à medida que a civilização avançava entre os egípcios, o primitivismo de seu totemismo começou a desaparecer. Os "poderes" começaram a ser pensados não mais como meros animais, mas sim como deuses simbolizados por animais. Os ídolos, que originalmente podem ter sido simples imagens de bestas, agora eram esculpidos para representar corpos cujas cabeças eram apenas as de bestas. Ou ocasionalmente — como no caso da esfinge — o corpo ainda era de um animal, mas a cabeça era humana. E quando, depois de muita peregrinação, as tribos se estabeleceram finalmente no que se tornaram suas províncias fixas, esses deuses meio-animais se tornaram localizados. Por exemplo, Amon, que era simbolizado por um carneiro, tornou-se o deus da vila de Tebas; Ptah, o deus-touro, tornou-se a divindade de Memphis; Set, o deus-asno, Ombos. tornou-se o protetor da vila de Em cada cidade, o templo de pedra do deus local elevava-se sobre os casebres de lama do povo. Era literalmente a "casa do deus", e os sacerdotes nela eram chamados de servos do deus. De manhã, ao meio-dia e à noite, eles esperavam no ídolo que brilhava na penumbra aterrorizante do santuário interno. Eles o lavavam e vestiam pela manhã, davam-lhe comida e o bajulavam com hinos. À noite, eles removiam suas vestes e o colocavam figurativamente na cama. Por mais pétreo e imóvel que fosse, o ídolo parecia-lhes, no entanto, a morada da força mais terrivelmente potente do mundo. Talvez os mais astutos dos sacerdotes, aqueles que serviram por mais tempo e lucraram mais com o culto, soubessem melhor. Mas certamente o povo não sabia. O povo – miríades de servos suados e camponeses famintos — eles acreditavam. Inalteravelmente, eles acreditavam que alojado no ídolo havia um espírito que poderia lhes trazer vida ou morte. Provavelmente a maioria dos sacerdotes acreditava da mesma forma, pois o provérbio "como o povo, assim o sacerdote" afirma uma verdade que vale para todas as raças, não apenas para os hebreus. Raros de fato, portanto — e silenciosos como a noite — devem ter sido os céticos naqueles dias de fé desenfreada. . . .

2

Mas o que aconteceu mais tarde em muitas outras terras, aconteceu, é claro, no Egito também. Embora o medo de espíritos terríveis nunca tenha deixado de ser uma realidade gritante e ameaçadora, a identidade exata desses espíritos vacilou, e mudou continuamente. A fusão das tribos egípcias trouxe consigo uma fusão das divindades tribais. Os templos se tornaram as casas não de deuses únicos, mas de famílias inteiras. Normalmente, o espírito original do templo recebia uma deusa vizinha como esposa e um deus menor como filho. Ou às vezes ele recebia duas deusas como esposas. E essa tendência, iniciada em uma escala tão pequena, foi levada adiante até que finalmente um deus foi exaltado sobre todos os outros, no Egito. Séculos antes de os hebreus saírem da noite da selvageria do deserto, encontramos os egípcios já tateando seu caminho em direção à ideia de um monoteísmo, um Deus Único. Foram considerações políticas, e não filosóficas, que impeliram os egípcios em tal direção. Assim que algum chefe tribal

conseguiu lutar para chegar ao trono da terra, logo ele tentou colocar seu deus tribal no trono dos céus. E para dar permanência ao arranjo, ele naturalmente foi levado a tentar a destruição de todos os deuses derrotados, mas ainda ameaçadores. Normalmente, ele tentava eliminá-los declarando que eram apenas tantas manifestações errantes de sua própria divindade. Ou então seus sacerdotes inventaram mitologias elaboradas para provar que seu deus tinha sido o primeiro no universo, e tinha realmente criado todas as outras divindades. Século após século, tais estratagemas foram recorridos. Cada rei acalentava a mesma esperança fútil de estabelecer sua dinastia para sempre, e por essa razão cada rei tentava provar que seu deus era o único digno de adoração.

3

Mas nenhuma das tentativas teve sucesso. Até mesmo a tentativa valente do famoso Rei Ikhnaton não deu em nada. Este Ikhnaton, que reinou no Egito de cerca de 1375 a 1350 a.C., não foi injustamente chamado de o primeiro indivíduo na história humana. Com incrível clareza de visão e singularidade de propósito, ele se propôs a tarefa de tornar a religião do Egito um monoteísmo absoluto. Ele rompeu completamente com o passado politeísta, negando todos os deuses antigos favoritos e suprimindo seus cultos. Somente Aton, o Deus-Sol, foi reconhecido, e a Ele todo joelho humano foi feito para se dobrar, e toda língua para prestar homenagem. O rei desistiu do nome, Amonhotep, pelo qual ele tinha sido conhecido durante toda a sua vida, simplesmente porque continha o nome do antigo deus, Amon. Em vez disso, ele se autodenominou Ikhnaton, que significava "Espírito de Aton". Como sua antiga capital era o centro do culto a Amon, o rei também desistiu disso. Ele construiu uma cidade inteiramente nova, chamando-a de Akhetaton, que significa "Horizonte de Aton". Ele tentou revolucionar cada fase da vida egípcia, rejeitando todas as antigas convenções e criando, por meio de flats, até mesmo uma nova arte e literatura! . . . .

Teu amanhecer, ó Aton Vivo, é belo no horizonte. . . .
Ó, Início da Vida, Tu és tudo, e Teus raios abrangem tudo.
Múltiplas são Tuas obras, Único Deus, Cujo poder nenhum outro possui;
Tu criaste toda a terra de acordo com Teu próprio entendimento.
Quando Tu estavas sozinho, Tu criaste o homem e a besta, grandes e pequenos;
tudo o que anda sobre seus pés, tudo o que voa com asas;
sim, e todas as terras estrangeiras, até mesmo a Síria e Kush além desta terra do Egito.
Tu colocas tudo em seu lugar, e supres a todos com suas necessidades. . [embora] diversas sejam suas línguas, formas, suas peles.
Ó quão bons são Teus desígnios,
Ó Senhor: que há um Nilo no céu para os estrangeiros e para o gado de todas as terras. . . . Tu és Aquele que estás em minha alma;
Tu és a vida da vida; através de Ti os homens vivem!

Claro, os sacerdotes dos deuses caídos lutaram contra ele amargamente, pois ele havia tirado o pão — e o mel — de suas bocas. Mas eles pouco podiam fazer, pois o poder de Ikhnaton era absoluto em todo o seu império. Ele enviou pedreiros por todo o Egito para apagar os nomes dos antigos deuses dos templos e pirâmides. Ele fez com que até o nome de seu próprio pai fosse obliterado porque continha o nome de Amon! E em sua nova capital ele construiu um esplêndido templo ao seu Deus Único, Aton, adorando-o com sacrifícios suntuosos e com hinos de beleza incomparável.

Tutenkha-ton de volta a Tutenkha-men. Mais uma vez Tebas foi feita a capital, e seu sacerdócio engordou com poder. Dois por cento de toda a população (um em cada cinquenta egípcios!) tornaram-se escravos reais nos templos; e um sétimo de todo o solo arável no reino tornou-se propriedade do templo. Os sumos sacerdotes tornaram-se mais poderosos ano após ano, e, no final, um deles realmente tomou a coroa! . . . E assim todo o trabalho daquele herege real, Ikhnaton, foi feito para dar em nada. No entanto, um vestígio dessa reforma impetuosa perdurou. A ideia de um monoteísmo, de um único Deus em todo o universo, nunca foi totalmente apagada desde os dias de Ikhnaton em diante. De alguma forma, a ideia permaneceu na terra, afetando persistentemente pelo menos a linguagem, se não a vida dos sacerdotes. Mais e mais os deuses antigos foram fundidos; até mesmo seus nomes foram hifenizados. Amon e Re foram falados como um a partir de então — Amon-Re. E o que era mais importante, esse deus composto era agora pensado não como um espírito animando meramente um disco dourado nos céus, mas como um espírito flamejante nos corações dos homens. Não meramente nos corações dos reis, mas nos corações dos homens — todos os homens! . . . Então o herege impaciente, o reformador tirano, Ikhnaton, embora tenha falhado, ainda assim teve sucesso. Um pouco, talvez a ninharia daquilo que ele havia pregado enquanto ainda estava vivo, permaneceu após sua morte. Mas foi uma ninharia duradoura.

4

A inclinação para o monoteísmo não era, no entanto, a principal distinção da religião do antigo Egito. É preciso perceber que a tendência nessa direção era marcada apenas nos níveis superiores do pensamento religioso no Egito. Surgiu em parte do raciocínio filosófico e em grande parte da necessidade política e, portanto, tocou até mesmo a vida das pessoas comuns na terra. No que diz respeito às massas egípcias, nenhuma tendência ao monoteísmo existia. As massas que trabalhavam nas margens do Nilo, como as massas em todos os outros lugares, não eram muito dadas à teologização abstrata. Acossados e perseguidos por uma miríade de terrores, eles não podiam fazer mais do que buscar ajuda no azul e então confiar na sorte de que a haviam se agarrado à direção certa. As massas não tinham tempo nem cérebro para especular sobre a natureza dos espíritos que davam a ajuda, ou a maneira como a davam. Questões dessa natureza tinham que ser entregues por eles aos sacerdotes e homens eruditos para serem resolvidas. Não era papel do camponês raciocinar como; dele se esperava apenas temer e se curvar. . . .

Do começo ao fim, portanto, as massas do Egito continuaram a adorar seus inúmeros deuses meio-animais, não prestando atenção nem aos decretos dos reis nem às diligências dos sacerdotes. Claro, a multidão tinha seus deuses favoritos, diferindo em vários momentos e em várias localidades; pois com a inconstância vacilante, característica das multidões, ela abandonava seus favoritos tão rápido quanto os acolhia. Apenas um deus, Osíris, conseguiu manter seu lugar nas afeições do povo ao longo da longa história do Egito. Originalmente, este Osíris parece ter sido o espírito que fazia as plantações crescerem, o deus da vegetação comparável a Tamuz dos babilônios. Como tal, ele foi de grande importância quase desde o início, pois os egípcios eram um povo agrícola que dependia das plantações para sua própria vida. Com o passar do tempo, portanto, Osíris assumiu um lugar de importância cada vez maior na mente das pessoas, até que finalmente elas passaram a vê-lo como o Senhor Divino do Nilo.

Terras, o Deus da Justiça, do Amor e da Luz nutridora. Em grande parte, sua exaltação a esse nível se deveu à disseminação de um mito significativo entre o povo. A história foi

contada como, uma vez, Osíris, esse deus da Luz Nutridora e do Bem, foi traiçoeiramente morto por Set, o deus da Escuridão e do Mal Fulminantes. Quando Ísis, a esposa amorosa de Osíris, soube do assassinato, ela subiu e desceu a terra para encontrar o corpo de seu senhor, lamentando-se profundamente enquanto caminhava, e chorando, até que o Nilo realmente transbordou suas margens. Ísis encontrou o corpo finalmente e o enterrou; mas não com muito cuidado. Como resultado, enquanto ela estava fora cuidando de seu filho órfão, Hórus, o cadáver foi roubado de seu túmulo. O perverso Set tomou posse dele, desmembrou-o completamente e então escondeu cada fragmento em um lugar diferente. Então Ísis teve que atravessar a terra uma segunda vez, buscando os pedaços do corpo, e enterrando-os com mais segurança, dessa vez, em um túmulo selado. E então Osíris voltou à vida! Ele foi milagrosamente ressuscitado da morte e levado para o céu; e lá no céu, assim declarava o mito, ele viveu eternamente! Obviamente, esse mito teve sua origem em uma tentativa de explicar a morte e o renascimento anual da vegetação. Todo outono parecia testemunhar o assassinato imundo de tudo o que era bom para o homem, e toda primavera parecia marcar sua ressurreição. E os egípcios, como a maioria das outras raças, passaram a encarar esse resgate recorrente da terra da desolação, do frio e da fome, como o milagre mais maravilhoso do universo. Mesmo os servos mais obtusos não podiam deixar de ficar perplexos com isso; mesmo as mentes mais tolas não podiam deixar de estar ansiosas por alguma história que o explicasse. E tendo concordado com tal história, aqueles fellahin (camponêses) se sentiram impelidos por algum motivo a dramatizá-la e encená-la ano após ano. Todas as primaveras, em Abidos, o drama de Osíris era encenado pelos egípcios numa emocionante peça de paixão, tal como os camponeses de Oberammergau encenam o drama de Jesus ainda hoje. . . . Há poucos motivos para nos perguntarmos por quê, com o tempo, este drama popular, enraizado como estava no maior mistério da Terra, tornou-se o cerne da religião egípcia.

De alguma forma, seu enredo parecia dar a chave para todo o enigma da vida e da morte. Os egípcios raciocinaram que se era o destino do deus Osíris ressuscitar após a morte, então uma maneira poderia ser encontrada para torná-lo o destino do homem também. Claro! Tudo o que era preciso fazer era ser enterrado adequadamente. Se apenas a alma de um homem fosse entregue com segurança nas mãos de Osíris, e seu corpo embalsamado e preservado em uma tumba, então algum dia com certeza os dois se juntariam novamente, e o homem andaria na terra como antigamente. Pelo menos, assim se acreditava no Egito há quatro mil anos. No início, no entanto, acreditava-se que apenas os reis tinham chance de ressurreição, pois somente eles tinham alma. Era por isso que naqueles dias apenas os reis eram embalsamados e mumificados. Enormes pirâmides foram construídas para abrigar seus corpos reais contra o dia de sua ressurreição, enormes estruturas de tijolos e pedras que ainda estão de pé hoje, e sem dúvida ainda estarão de pé séculos depois. Mas finalmente o dia dos construtores despóticos de pirâmides chegou ao fim, e um espírito de democracia se infiltrou na terra. A bem-aventurança da imortalidade que antes era reservada apenas para reis foi então prometida a todos os homens. Chegou a ser admitido que todo homem tinha uma alma que vivia durante o inverno da morte; e por essa razão o corpo de cada homem tinha que ser preservado na esperança da ressurreição final. Até mesmo os corpos daqueles animais que eram considerados sagrados para os vários deuses, os touros, carneiros, gatos e crocodilos, eram preservados nessa esperança. Em Beni Hasan, tantos gatos mumificados foram colocados fora que hoje em dia o cemitério é usado como pedreira para fertilizante!

5

Acreditava-se que os mortos levavam uma curiosa vida dupla, uma na terra e outra no céu ao mesmo tempo. A existência terrena era levada adiante pela múmia no túmulo, e sua conservação exigia que a comida fosse levada para fora para sua nutrição em intervalos regulares, o medo mais horrível no coração do egípcio moribundo era que seus herdeiros negligenciassem a execução desse serviço, e frequentemente contratos eram feitos com completos estranhos, com cuidadores profissionais de túmulos ou padres vizinhos, para manter a despensa da múmia reabastecida. E por medo de que até mesmo esses contratos solenes pudessem ser quebrados, os túmulos eram esculpidos com versos piedosos implorando ao passante para oferecer, se não uma refeição, pelo menos uma pequena oração — "que custa apenas o sopro da boca" — pelos mortos negligenciados. . . . A existência celestial dos mortos era levada adiante no reino de Osíris, e era descrita em detalhes consideráveis pelos teólogos egípcios. Acreditava-se que, na morte, a alma de um homem partia imediatamente para chegar a um Salão do Julgamento no alto. Espíritos malignos tentavam emboscá-la na jornada, mas qualquer alma adequadamente provida de fórmulas mágicas poderia evitá-los. Com esses feitiços, os espíritos malignos podiam ser evitados ou combatidos até que finalmente a alma alcançasse o Salão do Julgamento e ficasse diante do trono celestial de Osíris, o Juiz. Lá, ela prestava contas de si mesma a Osíris e seus quarenta e dois deuses associados. Qualquer alma que pudesse verdadeiramente dizer: Eu venho diante de vocês sem pecado e fiz aquilo com que os deuses estão satisfeitos. Eu não matei, nem roubei, nem provoquei conflitos, nem menti, nem perdi a paciência, nem cometi adultério, nem roubei comida do templo. . . Eu dei pão aos famintos, roupas aos nus, uma balsa para aquele que não tinha barco — se com sinceridade pudesse dizer tudo isso, então a alma foi imediatamente reunida no rebanho de Osíris. Mas se não pudesse, se fosse considerado insuficiente quando pesado nas balanças celestiais, então era lançado no inferno, para ser despedaçado pela "Devoradora". Pois somente as almas justas, somente as inocentes, eram consideradas merecedoras da vida eterna! . . .

Era um conjunto extraordinário de crenças e revelava uma percepção moral por parte dos egípcios que deve ter sido inigualável no mundo de quatro mil anos atrás. Nenhum outro povo naquela época parece ter sido capaz de conceber um Salão do Julgamento onde uma vida de inocência moral, e não meramente de propriedade ritual, decidisse o destino da alma após a morte. Claro, certos elementos na concepção eram distintamente primitivos; por exemplo, a ideia de que nenhuma alma, por mais justa que fosse, poderia chegar ao Salão do Julgamento a menos que estivesse bem armada com fórmulas mágicas para protegê-la no caminho. Tal falha não poderia deixar de deixar uma abertura para a introdução de todos os tipos de práticas supersticiosas. Para estar do lado seguro, os caixões eram literalmente forrados com essas fórmulas mágicas, ou eram embalados firmemente com rolos de pergaminho nos quais feitiços místicos eram escritos. A prática foi implacavelmente combatida pelo Rei Ikhnaton, o herege, e durante seu reinado raramente ou nunca foi observada. Mas uma vez que ele morreu, ela retornou e floresceu mais intensamente do que nunca. Os antigos egípcios ainda não estavam tão livres do medo primitivo, ou de medidas primitivas de defesa contra ele, que ousaram confiar apenas em sua inculpabilidade moral para ganhar o paraíso. Eles ainda se apegavam à noção de que havia muitos espíritos malignos no universo que não podiam ser combatidos pela virtude, mas apenas pela magia. Eles até mesmo entretinham a noção de que os bons espíritos também poderiam ser controlados pela magia. Alguns de seus feitiços foram projetados

com o propósito expresso de ajudar almas pecadoras a se esquivar do veredito dos Juízes Celestiais e se esgueirar para o Paraíso, apesar de sua tentativa de curar.

Não é improvável que os sacerdotes fizessem vista grossa para essas relíquias de uma era passada, mesmo que apenas porque sua moda tendia a dar-lhes grande poder. Pois somente os sacerdotes sabiam como escrever as fórmulas mágicas e, portanto, eles controlavam as chaves do céu. Em diferentes momentos, eles reuniram muitas dessas fórmulas e fizeram delas tomos sagrados que mais tarde passaram a ser conhecidos como o — “Livro dos Mortos”, o “Livro do Outro Mundo” e o “Livro dos Portões”. Neles estavam escritas, não apenas frases mágicas, mas também mapas e instruções de viagem para os mortos. Eles eram, por assim dizer, Bae-deckers para o Próximo Mundo. . . .

Então este capítulo sobre a religião do Egito deve terminar muito como o da Babilônia. A religião avançou no vale do Nilo a alturas sem precedentes. Lá, mais cedo do que em qualquer outro lugar do mundo — pelo menos até onde sabemos — a ideia de Um Deus governando todo esse Universo foi concebida. Lá também foi contada pela primeira vez a lenda de um Senhor da Luz que morreu nas mãos das Trevas, apenas para voltar à vida e subir ao Céu para receber todos os justos em seu abraço. Essas não eram alturas desprezíveis para um povo antigo atingir. . . . Mas a pena era que, embora essas alturas fossem alcançadas, elas não foram mantidas. Talvez esse declínio tenha ocorrido porque os egípcios afundaram completamente na escravidão dos sacerdotes. (Exceto por Ikhnaton, o Egito em todos os seus cinco mil anos de história não produziu um único espírito profético. E espíritos proféticos sozinhos podem manter um povo nas alturas.) Mas, mais fundamentalmente, os egípcios devem ter falhado porque ainda estavam muito próximos do primitivo. O medo bruto ainda tinha um domínio muito forte sobre eles. Com seriedade patética, eles tentaram depositar sua confiança somente na bondade dos espíritos; mas sempre permaneceram um pouco incertos, guardando um feitiço em sua pessoa ou em seus túmulos em caso de necessidade. Eles tentaram arduamente acreditar que a virtude sozinha ganharia o favor dos deuses; mas inevitavelmente eles adicionaram um pequeno encantamento, apenas para estarem "do lado seguro". Eles nunca conseguiram evitar escorregar para o pântano da magia. Não importa o quanto tentassem, eles nunca conseguiram se manter nas alturas por muito tempo. Pois mesmo eles ainda não estavam em casa no universo — mesmo eles ainda estavam com medo... Com medo…

OS GREGOS

E agora chegamos à Grécia, aquela pequena terra de vales quebrados e penhascos varridos pelo mar onde a civilização antiga escalou e escalou até atingir seu apogeu. No início, sua religião era naturalmente uma adoração terrível aos espíritos que supostamente habitavam pedras e árvores — exatamente uma adoração obtida em todos os outros lugares em tempos selvagens. Os habitantes da terra eram então pessoas que os estudiosos modernos chamam de Minoicos, uma raça cuja escrita ainda não foi decifrada e cuja história e religião são consequentemente pouco conhecidas. A julgar pelos restos descobertos em Creta e nas Ilhas Egeias, a principal divindade dos Minoicos parece ter sido uma deusa que, como Ishtar dos babilônios, era uma personificação do princípio da fertilidade ou maternidade. Mas os Minoicos tinham inúmeras outras divindades além dela, algumas delas deuses e a maioria delas deusas. Somente com a chegada dos gregos indo-europeus a religião da península se tornou mais conhecida entre nós. Esses invasores

eram da mesma estirpe dos hindus e dos outros arianos, e quando eles se espalharam para o sul da Europa Central em algum momento antes de 1200 a.C., eles trouxeram com eles seu deus-céu, Zeus Pater, e todas as suas outras antigas divindades arianas. Mas uma vez estabelecidos em seu novo lar, eles rapidamente fundiram sua religião com a que já existia na terra. Eles adotaram as divindades dos Minoicos nativos, chamando-as de todas as relações de seu próprio deus-céu, Zeus Pater. A grande deusa da fertilidade dos Minoicos era chamada de Reia e chamada de mãe de Zeus; outra deusa, Hera, foi feita sua esposa; uma terceira, Atena, era chamada de sua filha. Dois dos deuses nativos eram chamados de Poseidon e Hades, e foram dados a Zeus como irmãos; outro, Apolo, pelo nome, foi declarado seu filho. Até mesmo os ídolos grosseiros dos Minoicos, símbolos sexuais óbvios sagrados para a deusa da fertilidade, foram assumidos pelos recém-chegados. E assim uma nova religião surgiu. Em parte, era um culto cheio de medo e de magia enraizado na meia civilização dos Minoicos; e em parte era o culto superficial, despreocupado e criador de mitos dos gregos bárbaros.

Por muitos séculos, o segundo elemento permaneceu dominante. Quando os menestréis da Grécia clássica cantavam os deuses, eles cantavam sobre homens glorificados: heróis alegres, lascivos e briguentos, que se divertiam no Monte Olimpo sem dar a menor atenção à moralidade ou à propriedade. E parece não ter havido nenhum pensamento sobre qualquer vínculo convincente entre o povo e os deuses. Mesmo séculos depois, o filósofo Aristóteles escreveu solenemente: "amar a Deus seria impróprio".

Mas se os primeiros gregos não amavam suas divindades, também não as temiam muito. Os contos que são chamados de homéricos revelam quase nenhum traço de qualquer terror dos deuses. O povo parece ter considerado Zeus e sua família divina com uma medida de carinho, talvez até com uma medida de admiração — mas nada mais. Talvez isso tenha ocorrido porque o sacerdócio nunca atingiu nenhum grande poder na Grécia antiga. Uma casta sacerdotal bem organizada inevitavelmente consegue martelar o "medo dos deuses" profundamente — geralmente profundamente demais — nos corações do povo. Mas nenhuma casta desse tipo jamais existiu entre os gregos. Os sacerdotes na terra eram apenas oficiais estatais menores que diferiam muito pouco dos leigos, exceto nas raras ocasiões em que sacrifícios tinham que ser formalmente oferecidos aos deuses. As imagens dos deuses eram esculpidas por artistas que pensavam apenas na beleza, não em homens santos curvados em terror ou reverência. O culto era solene e digno, mas longe de ser intensamente comovente. A ornamentada etiqueta sacrificial que marcava as religiões da Babilônia e do Egito era amplamente desconhecida na Grécia antiga.

2

Mas embora esse culto superficial e despreocupado tenha conseguido persistir por um tempo, no final das contas não teve outra alternativa senão desaparecer e ser esquecido. Porque lhe faltava calor e fervor. Tinha muito pouco daquele terror e esperança misturados, muito pouco daquele medo explosivo e anseio febril, que é o material de que são feitas as crenças duradouras. Essencialmente, o culto não tinha sentido, não tinha muito valor ou utilidade no negócio de se manter vivo. Não estendia nem uma mão reconfortante nem mesmo um punho ameaçador ao homem. E, portanto, não poderia se manter vivo. Se tivesse possuído um ritual elaborado e um sacerdócio politicamente poderoso, sem dúvida poderia ter subsistido muito mais tempo do que subsistiu. (Sistemas eclesiásticos bem arraigados prolongaram a vida de muitas religiões desgastadas.) Mas o culto olímpico, como já vimos, nunca foi capaz de desenvolver tal preservativo para si mesmo. Por um

tempo, ele ficou maduro no galho do pensamento grego, e então o povo permitiu que ele caísse no chão e apodrecesse ali. Tanto o sábio quanto o rústico, o aristocrata e o escravo, se afastaram dele em desespero. Nenhum deles achou que fosse o alimento indispensável que sustenta a vida e a faz valer a pena. Para nenhum deles, ele poderia trazer salvação. Então ele morreu. . . .

Mas ele não morreu de repente. Já no século VI a.C. a vaidade do culto olímpico era sentida pelas mentes mais aguçadas em Atenas e nas outras cidades-estado da Grécia. Mas só no século IV ele realmente desistiu. E durante todos aqueles anos de sua lenta desintegração, novas abordagens para a salvação estavam sendo descobertas pelos gregos. Os eruditos adotaram a filosofia, pois eram muito avançados em mentalidade e totalmente capazes de extrair satisfação de tal disciplina. Se o medo primitivo tivesse girado mais alto ao redor deles, é claro que eles nunca teriam sido capazes de serem sustentados pela filosofia. Eles teriam recorrido, em vez disso, a feitiços mágicos para obter ajuda e teriam se agarrado, perplexos, a espíritos míticos. Mas a onda de medo havia diminuído, e restava apenas um pântano de desânimo. Não foi tanto terror, portanto, tanto quanto a inquietação, que estimulou o povo culto de Hellas a buscar a salvação. O avanço da raça para fora dos perigos da floresta primitiva já havia tornado a vida possível — mas ainda não havia tornado a vida razoável. Como resultado, os sábios gregos estavam interessados não tanto na autopreservação, mas na autorrealização. . . .E foi por isso que eles se voltaram das vaidades infantis do culto olímpico para os rigores da filosofia. Por meio da filosofia — aquela disciplina desafiadora da mente que infatigavelmente tateia e arranha seu caminho na esperança de que finalmente possa descobrir o porquê de todas as coisas — por meio da filosofia, os eruditos da Grécia buscaram atingir aquele senso de segurança que chamamos de salvação. Uma galáxia inteira de sábios empenhou suas forças no reino do espírito, cada um deles dedicado a encontrar um meio, não de proteção material, mas de satisfação espiritual, cada um deles buscando não tanto por Um modo de vida, mas por O modo de Vida. Somos tentados a sair aqui pela tangente e falar longamente dos grandes filósofos que a Grécia antiga produziu. Houve primeiro Tales, que viveu há quase dois mil e seiscentos anos; depois houve Pitágoras, Xenófanes, Heráclito e Empédocles; houve Sócrates, Platão e Aristóteles. Cada um deles, à sua maneira e de acordo com suas próprias luzes, foi tateando, buscando, por aquela sensação de segurança sem a qual a vida é terror ou vaidade. Na maioria das vezes, eles nem se preocupavam em discutir a velha religião e os velhos deuses. Eles simplesmente deram de ombros à menção deles e os ignoraram. Ocasionalmente, um dramaturgo, como Eurípides, parava para dar umas tacadas neles; mas os filósofos, em geral, os deixavam em paz. Eles partiram por caminhos que levavam a novos deuses, ou melhor, a uma nova ideia de deus, do Deus Único, a quem sua lógica recém-descoberta lhes dizia que deveria ser a fonte suprema de poder em todo o universo. Quase sem exceção, os sábios parecem ter consciência de algum Deus Unificador. Tales o chamou de “a Inteligência do mundo”. Os estóicos o descreveram como ‘‘a Ajuda do homem pelo homem.’’ Platão o chamou de “a Ideia do Bem.’’ E assim, a maioria dos outros filósofos. . . .

3

Mas o povo simples, as massas, não conseguiam seguir os caminhos íngremes e estreitos da razão pura que os filósofos escavavam para encontrar. De fato, às vezes apresentavam a temeridade desses filósofos e os arrastavam violentamente para baixo. Exilaram Anaxágoras e Protágoras e mataram o grande Sócrates. Não conseguiam

entender o que esses filósofos buscavam. O povo simples da Grécia era, afinal, ainda bastante primitivo. Ainda não eram capazes de se perguntar sobre a razão última da vida; ainda queriam saber como se manter vivos. Com eles, o problema vital não era a autorrealização, mas ainda a autopreservação. Pois ainda não estavam em casa no universo. Ainda estavam com medo! . . . .

Naturalmente, portanto, o povo simples recorreu à magia. O antigo elemento Minoico, aquele murmúrio sombrio de feitiços entre dentes batendo, voltou a varrer a terra em uma onda crescente de histeria. Mesmo nos dias alegres e ensolarados da adoração olímpica, sempre houve entre as pessoas comuns uma adoração covarde de fantasmas. Sempre persistiu uma crença enraizada no poder de certos espíritos malignos de mutilar, adoecer e matar; e sempre houve o desejo de aplacar esses espíritos com sacrifícios, ou afastá-los com feitiços ou uma boa surra. Mas agora essa adoração demoníaca primitiva não espreitava mais em bosques abatidos ou becos de favelas. Ela rastejou para fora e começou a se exibir a céu aberto. E não havia mais ninguém em toda a Hélade para afastá-la. Como uma repugnante besta noturna saindo da selva, ela mostrou suas presas e foi arrebatando mundo afora.

E lado a lado com essa adoração demoníaca surgiu um segundo monstro da fé: uma adoração salvadora, extática e bêbada. Na origem, parece ter sido estranha à Grécia, uma coisa exótica do interior e do oriente; mas, apesar de tudo, não lhe faltavam presas. O corno e a escória de uma população estrangeira agregada foram arrastados em correntes para Atenas e outras cidades gregas. Hordas de servos e escravos apodreciam em favelas lotadas, escravizados em minas, campos e florestas. E ansiosamente, freneticamente, essas hordas se lançaram no caminho dessa estranha besta. Cultos secretos de salvação mística surgiram em todos os cantos da terra, pequenas irmandades pregando uma religião de esperança extática e prática orgiástica. Eles eram chamados de "Mistérios" e quase sem exceção eles circulavam em torno da ideia de um deus que morria e ressuscitava. Como já vimos, essa ideia foi obviamente inspirada pela visão da morte anual e renascimento das colheitas. A ideia era conhecida e deu origem a cultos não apenas no Egito, mas em quase todas as outras terras do Mediterrâneo. De fato, em todo o mundo descobrem-se os sinais da prevalência dessa reminiscência. E essa disseminação dispersa, dificilmente se deveu ao empréstimo generalizado de uma única fonte; em vez disso, foi o resultado de uma ampla aderência em uma única direção. Não importa o quão longe as raças do homem possam estar espalhadas pela face da terra, todas elas são perseguidas por perigos semelhantes e amaldiçoadas com medos semelhantes. Como consequência, todas elas foram forçadas a usar meios de defesa mais ou menos semelhantes. A humanidade em todos os lugares, no México e na Islândia, na Zululândia e na China, faz mais ou menos os mesmos palpites selvagens em seu esforço convulsivo para resolver o enigma da existência. E é por isso que encontramos essa ideia complexa de deuses mortos e ressuscitados, comum em muitas partes do mundo. Foi um desses palpites, um desses arrebatamentos cegamente esperançosos em busca de segurança, que uma raça se afogando em insegurança, instintivamente se sentiu forçada a fazer, não importa onde morasse.

Em tempos muito antigos, essa ideia floresceu não apenas entre os babilônios e egípcios, mas também entre as tribos bárbaras na Grécia e arredores. Entre estas últimas, deu origem a uma grande mistura de mitos contando como um deus — Dionísio, Zagreus, Zabazius ou Orfeu — uma vez saiu loucamente correndo pela floresta, foi despedaçado e destruído, e então foi magicamente restaurado à vida novamente. E como um corolário desses mitos, surgiu a crença companheira de que, por magia imitativa, todo ser humano

poderia repetir essa experiência divina. Todo mortal poderia assumir a imortalidade simplesmente fazendo o que o deus havia feito. Um homem só tinha que comer a carne e beber o sangue do animal sagrado para seu deus salvador girar em torno de uma paixão orgiástica, cortar sua própria carne em loucura, e gritar, berrar, uivar para os céus, então, em um momento de frenesi — um "entusiasmo" era chamado em grego — ele foi subitamente dominado pela convicção de que ele realmente era o deus! Ele teve que experimentar um orgasmo místico que enviou tempestades sensoriais e prateadas varrendo sua carne, aquela seta diapasão de nervos tremendo em seu corpo rígido, que o levantou para cima, para cima, para cima, até que com um soluço de êxtase insuportável ele sentiu todo o mal literalmente jorrar de seu ser. e então ele se soube finalmente — divino! . . . .

4

Tal era a chama selvagem que queimava na maioria dos mistérios; e não é de se espantar que miríades na Grécia tenham voltado a eles em bandos quando o sol do Culto Olímpico não conseguia mais aquecer seu sangue. Deu-lhes esperança e alegria; conquistou-lhes o Paraíso. Deu-lhes vida — vida em algum outro mundo melhor — vida imortal e eternamente abençoada. E essa era, afinal, a necessidade máxima das massas submersas na Grécia. Elas tinham desistido deste mundo como sem esperança, como completamente estéril de qualquer chance de alegria para elas. Aqueles miseráveis hilotas, moídos na poeira sob o calcanhar das classes altas, não podiam ver nenhuma esperança restante de paz para elas neste vale de lágrimas. Mas sendo ainda humanos, ainda carregados com aquela Vontade insensata de Viver que é a centelha primordial da vida no homem, elas não podiam ficar sentadas e deixar a morte tomá-las. Não, elas ainda tinham que desejar a vida, uma vida tranquila, abençoada e duradoura. Só que elas tinham que necessariamente desejar isso em algum outro mundo. . . .

Agora o antigo culto Olímpico não tinha feito nada para satisfazer essa necessidade. Somente os heróis meio divinos — e nem todos eles — tinham a garantia de uma vida nos Campos Elísios quando a morte os levou desta terra. Homens comuns, não importa quão justos e dignos, eram todos consignados ao Hades após a morte. Lá, em reinos subterrâneos úmidos, suas formas espectrais, desprovidas de ossos e tendões, varriam "como sombras" e tagarelavam sem som como tantos morcegos. Eles não conheciam a bem-aventurança, o descanso, a paz — apenas a tristeza e a miséria ininterruptas. Não é de se admirar que Aquiles tenha gritado: Não, não me fale confortavelmente sobre a morte, ó grande Odisseu. Prefiro viver na terra como mercenário de outro, com um homem sem terra que é ele próprio destituído, do que ter domínio sobre todos os mortos que partiram! . . . . Mas a nova adoração, esses mistérios vindos da Trácia ou do outro lado do mar do Egito e da Ásia Menor, contam uma história bem diferente. Eles declararam que para cada homem, não importa quão pobre ou cruel, haveria um lugar no céu. Tudo o que se tinha que fazer era ser "iniciado" nos segredos do culto, purificando-se pelo batismo em sangue ou água, dançando as danças sagradas, participando da oferta sagrada e, finalmente, contemplando certos objetos de culto muito sagrados e misteriosos. Uma vez que um homem realizasse esses ritos, a salvação era assegurada a ele, e nenhum excesso de vício e torpeza moral poderia fechar os portões do paraíso em seu rosto. Ele estava salvo para sempre! . . .

Talvez já em 1000 a.C. os gregos praticassem o que eram chamados de mistérios de Elêusis; mas estes eram de um caráter relativamente sóbrio e formal. Somente no século VI a.C. ouvimos falar de mistérios mais violentos e primitivos na Grécia, e então eles são

associados ao nome de Orfeu. Eles foram importados em grande parte da Trácia, onde há muito tempo eram consumidos por tribos bárbaras; e os gregos famintos por fé os adotaram com avidez. Por um lado, havia o elemento de terrível segredo sobre esses estranhos mistérios — e o segredo sempre foi enormemente atraente para mentes inferiores. Somente aqueles que eram solenemente iniciados no culto podiam ter algum conhecimento de seus segredos, ou desfrutar da bem-aventurança imortal que esse conhecimento deveria conferir. Todos os outros eram condenados a se contorcer para sempre em um inferno imundo e repugnante. . . .

Esses mistérios órficos, portanto, floresceram luxuriantemente, assim como os muitos outros mistérios que mais tarde invadiram a Grécia. Quando os cultos do egípcio Osíris e do frígio Átis foram introduzidos, eles também ganharam iniciados aos milhares. Era inevitável que eles fizessem isso, pois a atração que eles ofereciam era irresistível para o povo. Diante dos olhos de uma multidão de camponeses de casta baixa e escravos moradores de favelas, eles balançavam uma grande promessa, uma esperança brilhante. Eles ofereciam divindade, imortalidade, paraíso e tudo ao preço de orgias que pareciam em si mesmas um deleite delirante. Como então eles poderiam ser resistidos? . . . .

E a moda desses mistérios irresistíveis trouxe a antiga religião da Grécia antiga ao fim. Apenas os mistérios sobreviveram, aumentando em complexidade geração após geração e se espalhando por todas as terras que fazem fronteira com o Mediterrâneo. Mesmo depois que o cristianismo chegou, eles ainda floresceram. Na verdade, eles quase fizeram do próprio cristianismo outro mistério. Mas essa é outra história. . . .

OS ROMANOS

A história religiosa de Roma foi em muitos aspectos surpreendentemente semelhante à da Grécia. Começou, é claro, na crença primitiva universal de que todos os objetos são animados por espíritos residentes ou errantes. Mas o chefe desses espíritos era de um tipo peculiar em Roma, não sendo divindades tribais, mas familiares. Isso porque os primeiros romanos eram um povo agrícola dividido não em grandes unidades como tribos, mas em pequenas famílias. Naturalmente, o objetivo primordial da religião era a perpetuação dessas pequenas famílias; e os principais espíritos, portanto, eram aqueles que guardavam o lar. Acreditava-se que cada homem tinha o que era chamado de Gênio, um espírito que personificava sua virilidade; e cada mulher tinha o que era chamado de Juno, um espírito que personificava seu poder de conceber. (Os primeiros romanos, como a maioria dos outros povos primitivos, foram levados por sua luta constante contra a extinção, a considerar o poder da reprodução uma coisa milagrosa e altamente divina.) O limiar de cada casa tinha seu espírito guardião chamado Janus, assim como a lareira tinha sua Vesta, o depósito tinha seus Penates e a fazenda tinha seus Lares.

O favor desses espíritos era cortejado com cerimônias simples em dias santos fixos, cada família tendo seu próprio altar em sua própria terra e seu próprio sacerdote na pessoa do pater familias, o pai da família. Alguns dos espíritos também eram adorados com ritos menores observados na vida cotidiana, por exemplo, após cada refeição do meio-dia, uma espécie de "graça" era oferecida a Vesta jogando um bolo de sal no fogo da lareira.

Mas esse culto familiar simples teve que dar lugar com o tempo a uma forma menos primitiva de religião. Acossados por ataques contínuos de tribos inimigas, os pequenos grupos familiares foram forçados a se consolidar na cidade-estado de Roma; e então surgiu

uma religião de estado. Ela se centrava principalmente em torno de um deus da guerra que era chamado Marte (era típico dos romanos fazer de um deus da guerra sua divindade principal), e incluía a adoração também de outros deuses, especialmente um deus do céu, Júpiter, a versão romana do Zeus-pater grego. O rei da cidade-estado era o sumo sacerdote dessa nova religião romana, e vários sacerdotes menores o ajudavam nos altares do estado. Mas não havia grande fervor no culto, pois era muito mais uma instituição política do que religiosa. Era um assunto formal e cívico, e embora muitos festivais fossem listados em seu calendário elaborado, nenhuma exigência era feita ao povo para participar apaixonadamente deles. A maioria desses festivais deve ter sido anterior à religião do estado, pois eram marcados por ritos mágicos de evidente primitividade. Havia, por exemplo, a Lupercalia, um festival no qual os adoradores se untavam com sangue sacrificial de um cão ou cabra, esfregavam-se com bolas de lã embebidas em leite, vestiam-se com peles de cabra e depois dançavam pelas ruas da cidade, batendo nas mulheres que encontravam com pedaços de pele para torná-las férteis. . . pedaços de pele para torná-los férteis. . . . Então havia a Saturnália, celebrada no dia 25 de dezembro, o sinal para mais danças selvagens, e especialmente para dar presentes e acender muitas velas. . . .

Mas a antiga religião familiar ainda persistia, apesar da instituição deste culto estatal. A adoração dos espíritos da lareira ainda continuava, e ainda havia uma grande preocupação com fantasmas malignos e demônios. Para proteção, marcas de fogo costumavam ser amarradas nas caudas de raposas, que eram então soltas nos campos para espantar os demônios devoradores de colheitas. Para maior proteção, homens e gado eram passados pelo fogo para que pudessem ser magicamente purificados. Tabus de mil variedades para afastar tantos tipos de perigo eram escrupulosamente observados em todas as casas da cidade em crescimento. A religião da cidade-estado de Roma deveria ser apenas o novo culto estatal; na verdade, o povo ainda se apegava ao culto familiar dos primeiros dias. . . .

Uma mudança distinta ocorreu, no entanto, por volta do século VI a.C. Ela veio como um efeito posterior da invasão dos etruscos, uma raça com capacidades aparentemente maiores para a civilização do que os romanos originais. Eles assumiram a religião do estado e a tornaram algo de muito maior importância do que nunca. Novos deuses foram introduzidos: Minerva, Diana e outros. Um colégio de sacerdotes foi fundado, e o sacerdócio foi organizado sob um chefe que era chamado Pontifex Maximus. Pela primeira vez na história de Roma, templos foram construídos, e imagens dos deuses foram colocadas neles e adoradas.

Mas mesmo assim a religião do estado permaneceu em grande parte um assunto formal. Ela tinha muito pouco impulso emocional, uma relação muito leve com medo e esperança, para ser capaz de entrar profundamente na vida do povo. Os sacerdotes eram mais ou menos funcionários cívicos que eram deixados para atender aos deuses, assim como nas monarquias constitucionais os camareiros são deixados para atender aos reis. Os deuses exigiam que os votos que o povo fazia a eles fossem observados com o máximo de escrúpulos; mas eles insistiam em muito pouco mais. Eles não eram imorais ou venais, como os deuses da religião olímpica, mas também não eram puritanicamente morais ou tiranicamente rigorosos, como, por exemplo, o Deus dos hebreus. Eles pareciam estar bastante contentes com a obediência puramente formal. . . .

2

Claro, tal religião, limpa, mas não muito emocionante, adequada, mas não muito convincente, não poderia persistir por muito tempo. Entre 500 e 200 a.C., ela se deteriorou

e afundou em quase completa falência. Toda a estrutura apodreceu devido à corrupção e finalmente caiu no chão. E com ela caiu a religião da família. Roma naquela época havia se tornado um vasto império: rico, poderoso e não pouco dissoluto. Cidadãos romanos tinham partido como soldados ou comerciantes para os confins mais distantes do mundo conhecido e voltaram estragados. A velha família romana, que havia sido um fator tão importante de saúde social na vida inicial do povo, entrou em decadência; e com ela os velhos deuses da família foram para o limbo. Os padres se tornaram políticos corruptos e suas escolas de treinamento, meros clubes políticos. E então a velha ordem acabou.

Mas tão rápido quanto os velhos deuses caíram, novos deuses surgiram. Na maior parte, eles eram os deuses salvadores do Oriente, aquelas relíquias luxuriosas do passado selvagem que eram imortais em mais do que mito. As legiões romanas saíram para conquistar o mundo todo, apenas para voltar conquistadas por todos os seus deuses. Os mistérios que se espalharam como uma praga por toda a Grécia nos dias de sua decadência agora encontraram solo semelhante para florescer em Roma. Já em 200 a.C. o culto de Cibele, “a Grande Mãe dos Deuses”, foi trazido para a cidade. Importado da Ásia Menor, onde pode ter se desenvolvido a partir do antigo culto babilônico de Ishtar, esse mistério encontrou seu principal santuário na colina do Vaticano — quase no local preciso onde a basílica de São Pedro agora está. Lá, e em qualquer outro lugar do império onde o culto tivesse seguidores, festivais de primavera de bestialidade quase inacreditável eram realizados. As pessoas se reuniam em torno de altares erguidos sob árvores sagradas e, em meio ao estrondo dos tambores, ao som agudo das flautas e ao choque dos címbalos, buscavam desesperadamente a salvação de sua deusa. Primeiro, os sacerdotes inferiores, excitados pela música bárbara, começavam a girar convulsivamente. Com olhos enlouquecidos e cabelos esvoaçantes, eles giravam até que, arrebatados em um frenesi, e, insensíveis à dor, começavam a cortar sua própria carne — cortar e cortar seus próprios corpos até que tanto o altar quanto a árvore estivessem vermelhos com seu sangue jorrando. E então os espectadores, apanhados e varridos de suas mentes pelo tumulto, de repente, se juntavam à dança. Uma luz louca saltava em seus olhos ao ver o sangue e o som da música pulsante; mandíbulas se abriam amplamente em suas cabeças balançando; e membros balançavam como mangual ao ritmo dos tambores e címbalos. E então, primeiro um, depois outro, de repente, arrancava todas as suas roupas e, com um grito maníaco, pegava uma espada da pilha pronta à mão. Uivando de êxtase, ele se cortava até que, exausto, por fim, caía e sangrava em uma vala.

É claro que tal automutilação não era o ato comum de devoção no culto de Cibele. Somente aqueles da fé mais extrema, aqueles que desejavam se tornar verdadeiros sacerdotes da deusa, chegavam a tais excessos. Mas mesmo os seguidores comuns, os iniciados comuns de primeiro grau, passavam por ritos que eram mais do que adequadamente horríveis. Havia, por exemplo, o rito chamado Tauroboleum. O candidato era colocado em um poço e então lavado no sangue de um touro abatido sobre sua cabeça. Ele tinha que se lavar no sangue quente que pingava pelas fendas entre as tábuas que cobriam o poço; ele tinha que se esticar avidamente e recebê-lo em seu rosto, em seus ouvidos, seus olhos e até mesmo em sua boca — assim ele foi iniciado no mistério. . . . Loucura? Não, apenas lógica descontrolada porque baseada em uma hipótese descontrolada. O primeiro axioma da magia primitiva sustentava que qualquer qualidade poderia ser adquirida meramente consumindo a parte apropriada de uma criatura que já possuía essa qualidade. Por exemplo, um homem poderia assumir a força de seu inimigo meramente comendo o fígado de seu inimigo; ele poderia adquirir a astúcia de seu pai simplesmente consumindo os olhos de seu pai. Então, para adquirir a imortalidade de seu

deus, parecia necessário apenas sorver o sangue daquele deus — um feito nada impossível porque o deus era geralmente imaginado encarnado em algum ser humano sagrado ou animal. Tal era a lógica, falsa mas plausível, que levava a bebedeiras de sangue como aquelas no culto de Cibele. Tal era o raciocínio, rachado mas intensamente humano, que levava os homens em Roma a buscar a salvação através do Tauroboleum.

Intimamente associado a essa adoração orgiástica de Cibele, havia também a adoração de seu amante, Átis. Acreditava-se que esse deus Átis havia sido concebido imaculadamente no ventre de uma virgem, e teria morrido de autoimolação na base de uma árvore. Átis era, é claro, apenas outra versão de Tamuz, Adônis, Dionísio, Orfeu e Osíris, um deus da vegetação que morria e renascia todo ano. Sua "paixão" era encenada toda primavera em Roma, assim como a "paixão" de Osíris era encenada anualmente no Egito. O festival começava com um "dia de sangue" — a Black Friday pagã — comemorando a morte do jovem deus; e depois de três dias atingiu o clímax no "dia da alegria", comemorando a ressurreição do deus. . . . Mas Átis não foi de forma alguma o único dos deuses salvadores a ser importado para Roma. O grego Dionísio, renomeado Baco pelos latinos, também tinha suas miríades de seguidores, assim como o egípcio Osíris. Nem era Cibele a única deusa-mãe, pois muitos dos romanos preferiam adorar Ísis, ou Ma, ou Belona, ou algum outro daqueles espíritos de fertilidade prostituídos comuns em todo o Oriente. De fato, é completamente impossível dar um relato definitivo de todos os deuses e deusas misteriosos cujos cultos foram autorizados a florescer na Roma imperial.

3

É claro que nenhum desses mistérios poderia fazer qualquer grande apelo aos eruditos entre os romanos. As classes mais altas da república foram forçadas a vagar sem qualquer fé. A antiga religião do estado havia perdido há muito tempo seu poder de mantê-los, e eles olhavam para os antigos deuses de Roma como fraudes patentes ou meras figuras de linguagem. Entre as classes mais altas, tanto quanto entre as mais baixas, a antiga religião do estado parecia tão morta quanto uma carcaça de três dias. . . . Mas não foi. Uma centelha de vida ainda permanecia nela, e com o tempo surgiu um homem com a vontade e o poder de soprar a chama novamente. Esse homem era Augusto, uma das figuras mais notáveis da história romana. No ano 31 a.C., ele tomou posse de uma república em um estado de corrupção avançada e, por intriga e astúcia, converteu-a em um império sólido e florescente. Foi somente para tornar esse império firme que ele se propôs a tarefa de reviver a antiga religião. Ele não poderia usar os mistérios alienígenas para atingir esse fim, pois esses mistérios eram, em sua própria natureza, uma força divisória e não coesiva. Eles se dirigiam principalmente ao indivíduo, não ao grupo; prometiam salvação individual, não social. Além disso, tinham pouca preocupação com este mundo e seus impérios emergentes. Eles estavam preocupados apenas com o outro mundo e suas alegrias eternas. Então Augusto não viu razão para favorecer os mistérios. Pelo contrário, ele procurou expulsá-los da existência emprestando todo seu poder e prestígio à religião moribunda do estado. Ele construiu grandes templos em todos os lugares, equipando-os com belos ídolos dos deuses antigos. Ele reorganizou completamente o sacerdócio, tornando-se seu chefe. Então ele foi mais longe — um longo, longo caminho mais longe. Ele percebeu que, embora já houvesse muitos deuses, cada um com seus próprios seguidores no império, não havia um Deus imperial a quem todos pudessem prestar homenagem. Então, para suprir a necessidade, ele se nomeou! Por um decreto próprio como Imperador, ele se tornou a Divindade Suprema! Ele ordenou que o espírito guardião de sua própria

pessoa, seu "Gênio", fosse adorado em todas as cidades do império; e poetas e escritores foram contratados para inventar lendas contando como ele, Augusto, havia sido originalmente criado no céu e milagrosamente trazido ao mundo para salvá-lo. E enquanto ele viveu, essa religião que ele construiu em torno de si floresceu em todos os lugares do império — em todos os lugares, exceto, é claro, na Palestina, onde moravam os judeus. Mas mesmo o renascimento sob Augusto não conseguiu impedir o desastre da antiga religião. Pelo contrário, talvez o tenha apressado. Isso só abriu caminho para mais um elemento corrosivo: os deuses humanos. Os imperadores sucessores imitaram Augusto, deificando a si mesmos, e às vezes também, suas esposas, suas amantes, e, até mesmo, seus lascivos companheiros rapazes. Com o tempo, havia quase quarenta nomes na lista desses deuses monstruosos! . . . E enquanto isso, mais e mais deuses do Oriente vinham chegando à cidade imperial. . . .

Parecia haver apenas um elemento saudável restante: os Cínicos. A palavra cínico — com um pequeno “c”— agora conota um indivíduo desiludido, zombeteiro e sem esperança; mas, nos dias em que sua letra inicial era maiúscula, a palavra conotava um tipo de homem completamente diferente. Os cínicos daquela época eram filósofos pregadores, almas exaltadas que se sentiam chamadas a arrastar o povo para fora dos buracos da superstição em que se afundavam. Esses cínicos ficavam nas esquinas do mercado, ou nos degraus do templo, e arengavam para que as pessoas abjurassem as existências selvagens que estavam levando e voltassem para a vida simples e natural. Eles lhes asseguravam que havia apenas um caminho para a Salvação: o bom senso. Eles convocavam as pessoas a serem corajosas e sábias; a serem virtuosas; acima de tudo, a serem calmas e a exercerem bom senso! . . . .

4

Mas, apesar de toda a sua devoção e entusiasmo, era impossível para aqueles cínicos operar qualquer mudança profunda em seus semelhantes. As pessoas não podiam se satisfazer com as pequenas alegrias proporcionadas pelo senso comum. Eles estavam cansados, exaustos. Seus antepassados tinham vagado por todos os confins da terra, atravessando mares, montanhas, desertos e pântanos, invadindo, sitiando, despojando e devastando. Por séculos a fio, eles estavam correndo de um lado para o outro pela face do globo. E agora o estoque estava esgotado. Sua descendência decadente não estava com disposição para o senso comum calmo; eles não tinham apetite por virtudes sérias. Eles queriam paixão, excitação! . . . E então agora, ainda mais do que antes, eles se entregaram aos mistérios. É verdade que os cultos de Cibele, Ísis e Baco começaram a diminuir um pouco em sua popularidade; mas isso foi apenas porque um novo culto veio para tomar seus lugares. Era o culto de Mitra, importado da Pérsia, que surgiu daqueles elementos primitivos que o profeta Zoroastro não conseguiu eliminar. Ele se espalhou desde então de uma terra para outra, da Pérsia para a Babilônia, da Babilônia para as Ilhas Jônicas e das Ilhas Jônicas finalmente para Roma. Ele entrou lá por volta do primeiro século a.C., e os romanos estavam tão prontos para recebê-lo que logo se tornou quase dominante no império.

A raiz do mistério era uma antiga lenda persa que falava de um herói divino chamado Mitra, cujo nascimento milagroso foi testemunhado apenas por alguns pastores vindos de longe com presentes para adorar a criança-maravilha. Mitra cresceu para se tornar o campeão mais árduo do deus-sol em sua guerra contra o deus das trevas, e o clímax de sua carreira foi uma luta de vida ou morte com um touro sagrado mítico. Ao matar,

finalmente, esse touro, e deixar seu sangue inundar a terra, Mitra deu vida ao solo e ganhou a imortalidade para si mesmo. Imediatamente ele foi exaltado à morada dos Imortais, e lá ele habitou como o protetor divino de todos os fiéis na terra. . . .

Muito antes do advento do cristianismo, encontramos uma religião significativa e um ritual elaborado se cristalizando em torno daquela lenda de Mitra. Até hoje existem ao longo do Danúbio e no norte da África certas cavernas subterrâneas nas quais há estátuas e esculturas representando cenas do conto. Essas cavernas eram as igrejas secretas dos mitraístas, e nelas todos os tipos de ritos mágicos eram realizados. Três vezes ao dia, com especial elaboração no domingo e no dia 25 de dezembro, os sacerdotes de Mitra ofereciam cultos nas cavernas: Libações eram derramadas, sinos eram tocados, hinos eram cantados e muitas velas eram queimadas. Acima de tudo, sacramentos sagrados eram administrados aos iniciados. A carne de um animal sacrificial era comida, e seu sangue era bebido, e assim os celebrantes eram considerados como assumindo a divindade e a imortalidade de seu abençoado senhor, Mitra. Por um processo primitivo de raciocínio que já descrevemos em conexão com o culto de Cibele, os mitraístas galoparam para a conclusão reconfortante de que o mero consumo da suposta carne e sangue do deus lhes assegurava a vida eterna. Quando morriam nesta terra, esperavam ascender ao Céu através de sete portões, destrancados por sete chaves que os sacerdotes de Mitra possuíam, e no Céu esperavam habitar com Mitra até o Dia do Julgamento final. Todos os não batizados, vivos e mortos, seriam totalmente aniquilados naquele Dia do Julgamento. Somente os redimidos seriam salvos, e Mitra, vindo à terra uma segunda e última vez, administraria a cada um deles um último sacramento, e então os faria herdar o mundo em paz e bem-aventurança para sempre. . .

Tal era, em resumo, a teologia e o ritual do mitraísmo. Era, em todos os aspectos, um mistério mais puro do que aqueles que o precederam. Tinha um conteúdo ético distinto e mostrava pouca tendência a encorajar práticas tumultuadas e orgiásticas. Como resultado, mostrou promessa de persistir por muito mais tempo do que os outros cultos. Embora igualmente fervoroso, era menos histérico do que seus rivais; embora tão certo de sua validade, era muito menos dado ao excesso emocional. No primeiro século d.C., surgiu como a religião mais importante do Império; no segundo século, parecia destinado a se tornar a religião duradoura de todo o mundo ocidental. E talvez tivesse realmente cumprido esse destino — se não fosse pelo cristianismo. . . . Mas, novamente, essa é outra história. . . .

5

E com o mitraísmo em Roma fechamos este livro das religiões do mundo antigo. Houve outras religiões que tiveram seus primórdios naquele mundo antigo; mas teremos que falar delas mais tarde, pois, diferentemente das já descritas, elas continuaram existindo. Nem a decadência das civilizações nem o desastre dos impérios conseguiram destruir essas outras religiões. Repetidamente elas foram rasgadas e quebradas; repetidas vezes elas foram quase extintas. Século após século elas foram mudadas quase além do reconhecimento. Mas, ainda assim, elas continuaram existindo. E é por isso que temos que deixar suas histórias para serem contadas separadamente e com mais detalhes. . . .

Quanto a essas religiões das quais já falamos — elas morreram. Elas não desapareceram completamente, é claro. Não! Fragmentos delas sobreviveram. Ritos isolados, dias festivos, noções teológicas, até mesmo alguns de seus nomes divinos, persistiram. Eles se estabeleceram — ainda que furtivamente, clandestinamente — nas

religiões que perduraram. E lá eles persistem até hoje. . . . Por essa razão, não se pode bem se referir a esses cultos da Babilônia, Egito e o resto como as “religiões mortas”. Na verdade, eles não estão mortos, pois o eco de seu antigo trovão ainda pode ser ouvido reverberando em quase todas as formas de fé existentes hoje. Eles estão mortos apenas no nome. . . .

Mas essa não é sua única, nem sua mais urgente, reivindicação à nossa atenção. Esses cultos antigos mereceriam ser estudados mesmo que nenhum de seus ritos ou mitos ainda sobrevivesse no mundo. Pois o desenvolvimento desses cultos marcou o desenvolvimento de uma ideia inteiramente nova na religião. Até o advento do Osiriano e dos outros mistérios, todo o objetivo da religião era a luta por favores terrestres dos deuses. O homem primitivo proferia feitiços e oferecia oblações somente porque desejava tornar sua vida aqui na Terra menos assustadora e insegura. Mas quando o homem avançou além do primitivo e, pela primeira vez, parou para considerar quais chances ele realmente tinha de satisfazer seu desejo, ele lentamente começou a perceber o quão ingênuo e tolo ele tinha sido. E então o desespero o dominou. Como um menino sonhador subitamente confrontado com as duras, agudas e exigentes realidades da vida, seu coração afundou e ele se preparou para desistir da luta. Não havia esperança, ele disse a si mesmo. Este mundo era irredimível e esta vida completamente vã. Não havia chance, nem a menor, de alcançar paz e segurança aqui na Terra. Todos os feitiços, orações e sacrifícios imagináveis não teriam valor neste vale de lágrimas. . . .

Mas ainda assim ele não podia se render completamente. A fome de autopreservação ainda era poderosa nos ossos do homem, e ele não podia deitar-se e deixar-se aniquilar. Não, em vez disso, ele foi forçado a voar de volta para suas velhas ilusões, assegurando-se de que, apesar de todas as realidades, ele ainda poderia alcançar paz e alegria. Só agora o homem começou a procurar essas bênçãos não nesta vida, mas em alguma outra. Curvando-se ao que pareciam ser as tiranias insuperáveis que governavam o mundo natural, ele agora se confortava com a história de que seu triunfo deveria vir em um mundo sobrenatural. Com aquela inescapável luxúria pela vida, que é, ao mesmo tempo, o vício mais lamentável e a virtude mais poderosa da humanidade, nosso ancestral transferiu incontinentemente todas as suas esperanças de uma terra tangível para um céu hipotético! . . . .

O efeito social dessa grande mudança religiosa dificilmente pode ser superestimado. Por um lado, tornou possível que poucos explorassem a muitos com facilidade e impunidade sem precedentes. Enquanto as massas crédulas se contentavam em olhar para algum outro mundo para seu triunfo, os poucos astutos estavam seguros para desfrutar de seu triunfo neste. Enquanto os mansos estavam preocupados apenas com seus tesouros no céu, os fortes eram deixados livres para roubar todos os tesouros da terra. E em um grau tão flagrante essa esperança de outro mundo engordou os astutos às custas dos simples durante esses últimos dois mil anos, que hoje em dia há alguns que sustentam que foi desde o início simplesmente um estratagema inventado pelos astutos para atingir esse mesmo fim. Claro, tal teoria não pode ser levada a sério. É obviamente puro romance imaginar uma esperança tão humana ter sido deliberadamente imposta à humanidade por um punhado de sacerdotes ou por príncipes gananciosos. Sem dúvida, esses homens tiraram todas as vantagens possíveis da esperança — uma vez que ela surgiu. Mas isso foi tudo. Eles não criaram essa crença em outro mundo mais do que criaram a crença em fantasmas ou deuses. O sonho do pobre homem sobre o céu era apenas mais uma daquelas garras selvagens por segurança que compõem toda a história espiritual da raça. E era tão impremeditado, tão completamente natural e inevitável, quanto a visão de uma

miragem pelo beduíno sedento. . . .

Mas tudo isso é uma questão de importância secundária. Nossa principal preocupação é a natureza, não a origem ou mesmo o efeito dessa esperança de outro mundo. Claramente, ela diferia em tipo, não apenas em grau, da esperança mais primitiva confinada a este mundo. Talvez fosse até devido a um impulso diferente. O celta foi levado à religião pelo medo; mas o grego e o romano “civilizados” foram movidos pelo desespero. O primeiro queria saber apenas como se manter vivo na terra; mas o último desejava saber a resposta para a pergunta por quê. Até mesmo a plebe explorada suando nas favelas de Roma era avançada o suficiente para se perguntar do que se tratava. Por que ele estava aqui na terra? Para onde ele estava indo? O que tudo isso significava, afinal? . . .

E aí está o único avanço verdadeiramente fundamental que marcou o desenvolvimento da religião no mundo antigo. Todo o impulso para acreditar assumiu um caráter alterado. Os homens não eram mais levados aos deuses pela fome animal comum por autopreservação; eles eram movidos, em vez disso, pelo alto anseio humano por autopacificação. E esse não foi um avanço insignificante. . . .

Livro Três ACONTECEU NA ÍNDIA

BRAHMANISMO

1. Os deuses arianos primitivos — os Vedas
2. Os arianos se mudam para o Ganges — casta — os brâmanes.
3. Os Upanishads — a Superalma — transmigração — Nirvana — o crescimento do ascetismo.

JAINISMO

1. Mahavira — seu evangelho.
2. Como o evangelho de Mahavira foi corrompido — o jainismo hoje.

BUDISMO

1. A história de Gautama.
2. Seu evangelho — suas implicações — A Lei do Karma.
3. Como Gautama espalhou seu evangelho.
4. História inicial do budismo — deificação de Buda — Asoka — o novo budismo na China — Tibete — Japão — Índia — Ceilão.

HINDUISMO

1. A religião dominante na Índia hoje — casta — a trindade — a divisão no hinduísmo.
2. Vishnu — os avatares — o Bhagavad-Gita — Krishna — teologia no Vishnuísmo.
3. Shiva — sua popularidade — o Tantra — sexo na religião.
4. Filosofia hindu — yoga — o êxtase místico.
5. A religião das classes mais baixas.

BRAHMANISMO

Ninguém pode dizer com certeza, mas parece provável que antes do primeiro homem

branco entrar na Índia, a terra era povoada inteiramente por um povo de pele negra e nariz arrebitado. Por quais meios esses selvagens negros tentaram lidar com o universo, por quais ilusões eles tentaram tornar sua vida habitável, ninguém sabe. Nem ninguém sabe, exceto muito vagamente, a natureza da religião da Índia, mesmo durante os primeiros séculos após a chegada do homem branco. Os primeiros invasores brancos da Índia pertenciam ao que é vagamente denominado de raça ariana: o estoque que também produziu os persas, os gregos, os romanos, os celtas e a maioria dos outros povos da Europa. Cerca de quatro ou cinco mil anos atrás, eles romperam as passagens das montanhas Hindu Kush e então se estabeleceram no vale fértil do Indo. Eles eram guerreiros e pastores, um povo rude e simples que parecia ser apenas um pouco menos incivilizado do que os homens negros que eles expulsaram antes deles. Sua religião era um baixo temor de muitos espíritos, entre eles estavam os "trinta e três deuses" que eram adorados com oblações de cerveja — soma, como era chamado — em uma palha. Era, portanto, uma forma avançada de animismo, uma adoração à natureza na qual os espíritos mais importantes não eram mais considerados como animadores de meros gravetos ou pedras, mas sim vastos fenômenos como o sol e o céu.

O mais importante desses espíritos era um chamado Indra, geralmente retratado como um brigão bêbado, glutão e ostentador controlando o vento e a chuva. Além dele, havia várias outras divindades que tinham que ser seriamente consideradas: Dyaush Pitar (relacionado a Zeus Pater e Júpiter), que era o deus do céu; Asura, o "Espírito Sábio do Céu"; Agni, o deus do fogo (o nome sânscrito é relacionado à palavra inglesa "agnite"); Mitra, um deus-sol (o ancestral remoto, é claro, do deus-mistério romano Mitra); Soma, o princípio da intoxicação que se torna um deus; e vários outros.

Alguns desses deuses, os invasores arianos devem ter trazido com eles da terra-berço, desconhecida, de onde vieram; outros claramente devem ter sido desenvolvidos no novo lar. A maioria deles, no entanto, deve ter sido adorada apenas por tribos individuais, pois assim que as tribos começaram a se fundir, muitos desses deuses desapareceram. Desde os primeiros tempos, parece ter havido uma tendência constante na Índia ariana em direção a uma síntese, uma amálgama dos deuses.

No início, os meios pelos quais os arianos cortejavam o favor desses deuses eram extremamente simples. O pai de cada família era o sacerdote, e a mãe era a sacerdotisa. Não havia templos e, na verdade, nenhum lugar sagrado permanente de qualquer tipo. . . . Mas o que aconteceu no resto do mundo, logo aconteceu também na Índia. Na esperança de persuadir os deuses de forma mais eficaz, o ritual foi gradualmente elaborado. Então, surgiram sacrificadores profissionais — sacerdotes cujos serviços no altar eram imaginados como sendo de alguma forma mais eficazes do que os serviços de homens comuns. E por esses sacerdotes o ritual foi elaborado e complicado ainda mais. Eles criaram uma vasta literatura de salmos e feitiços mágicos para recitar nos altares a fim de obter um controle mais firme sobre os deuses — uma literatura ainda preservada no que é chamado de Vedas. A palavra veda está relacionada à palavra inglesa "wit" e à palavra alemã "wissen". Interpretada amplamente, significa "conhecimento", mas se refere especificamente ao tipo de conhecimento que ajudará um homem a ganhar a proteção dos deuses. Existem mais de cem livros que são chamados de Vedas, mas muitos deles são pouco conhecidos até mesmo pelos estudiosos mais eruditos hoje. De todos eles, o mais antigo e importante é chamado de Rig Veda, uma coleção de mais de mil hinos que datam talvez de 2000 a.C.

2

Esta literatura védica — ou grande parte dela, pelo menos — foi desenvolvida enquanto a população ariana ainda estava confinada ao vale do Indo. Muitos anos se passaram naquela região fértil antes que a superlotação obrigasse os homens brancos a penetrar mais profundamente na terra; mas então uma migração pesada começou para o sul em direção ao vale do Ganges. Lá ela parou por um tempo, e lá uma nova civilização surgiu. A vida do ariano assumiu um caráter inteiramente novo neste ambiente alterado. Por um lado, as distinções entre as várias classes de seres humanos tiveram que ser enfatizadas como nunca antes. Os invasores brancos ficaram aterrorizados com a possibilidade de que com o tempo a identidade de sua linhagem pudesse se perder na confusão da população negra muito maior. Era a antiga fome de autopreservação se manifestando mais uma vez, a velha, velha fome pela vida contínua da raça, bem como do indivíduo. E para satisfazer essa fome, os arianos recorreram ao expediente mais desesperado imaginável. Eles ergueram uma barreira religiosa e social imponente de casta para se protegerem dos negros. (Em sânscrito, a palavra varnu significa casta e cor.) E através dessa barreira eles proibiram não apenas o casamento misto, mas também toda forma de intercurso social e religioso. Branco era branco e preto era preto, e nunca os dois deveriam se encontrar. . . .

Claro, o expediente falhou em cumprir seu propósito, como podemos ver pelo fato de que todos os hindus hoje, de casta alta e baixa, são negros. Mas embora tenha falhado completamente nessa direção, provou ser muito bem-sucedido em outra. Embora não pudesse manter os brancos fisicamente separados dos negros, logo foi muito eficaz em manter os brancos socialmente separados uns dos outros. Pois uma vez que a ideia de casta criou raízes na terra, ela começou a se espalhar como uma verdadeira praga. Logo começou a distinguir não apenas entre brancos e negros, mas também entre sacerdotes brancos e chefes brancos, e então entre chefes brancos e fazendeiros brancos, e finalmente entre fazendeiros brancos e servos brancos. Era natural, é claro, para os sacerdotes — os brâmanes, como eram chamados — emergirem no topo desse monstruoso sistema social. Enquanto eles sozinhos fossem considerados capazes de apaziguar e bajular os deuses, eles sozinhos seriam capazes de comandar o mais alto respeito dos homens. Até mesmo os rajás, os príncipes, tinham que se classificar abaixo deles. . . .

Com grande poder, veio naturalmente a oportunidade de adquirir grande riqueza. Riquezas literalmente inundaram os cofres dos brâmanes. De cada sacrifício aos deuses, os sacerdotes tinham permissão de tomar nenhuma porção insignificante para si; e, além disso, eles não hesitavam em acompanhar até mesmo suas orações mais poéticas e adorações mais elevadas com lances abertos por “bakhsheesh” extra. . . . E com grande riqueza veio a oportunidade de adquirir poder ainda maior. Com o tempo, os sacerdotes, não contentes com sua supremacia sobre os homens, começaram a cobiçar a supremacia sobre os próprios deuses. E eles realmente conseguiram alcançá-la também! Eles começaram exaltando a importância do ritual, dizendo: O mundo inteiro foi criado pelo rito de sacrifício; do rito de sacrifício os próprios deuses surgiram. . . . Certamente o sol não nasceria se o sacerdote não fizesse sacrifício. E a partir disso eles passaram a se exaltar, dizendo: O universo inteiro está sujeito aos deuses, os deuses aos feitiços e os feitiços aos brâmanes; portanto, os brâmanes são nossos deuses! Eles passaram a olhar para os deuses quase com desdém e os trataram como tantos vagabundos famintos. “Assim como o boi muge pela chuva”, eles presunçosamente declararam em sua Escritura sagrada “assim anseia Indra pelo soma”. . . . Foi um desenvolvimento que havia subido tão

escandalosamente alto que havia tombado para o absurdo.

Claro, tal religião não poderia prevalecer para sempre. As massas, achando a proteção oferecida pelos deuses brâmanes proibitivamente custosa, começaram a barganhar, em vez disso, pela proteção muito mais barata de demônios não ortodoxos. Das profundezas de sua antiga herança selvagem, ou do lodo do animismo nativo negro ao redor deles, eles arrastaram dezenas de espíritos cruéis para temer ou se apegar. . . . E com o tempo os sacerdotes também começaram a questionar a sinceridade de sua religião excessivamente ritualizada. Nos mesmos brâmanes, os "sacerdotes", nos quais os clérigos ousaram afirmar suas reivindicações como senhores da religião, eles também tiveram que trair suas dúvidas ocultas quanto à validade de toda a religião em si. Claro, eles não ousaram confessar essas dúvidas abertamente, pois isso teria cortado o chão sob seus próprios pés. Teria acabado com seu poder desordenado destruindo todo o sistema que o deu a eles. Então, como sempre acontece quando os homens não acreditam mais, mas não podem se dar ao luxo de desacreditar abertamente, os brâmanes tentaram aliviar suas consciências desenvolvendo uma teologia apologética. Com ansiedade suspeita, eles tentaram despir as cerimônias rituais de seu absurdo óbvio, interpretando-as como belos símbolos e alegorias. A teologia, muito frequentemente, não passa de um esforço para prolongar a vida de ideias moribundas, reinterpretando palavras que não significam mais o que costumavam dizer — e quando a teologia é isso, é invariavelmente uma confissão de desconfiança e ceticismo secretos. Obviamente, seções inteiras dos Brahmanas pretendiam ser cordas robustas de racionalismo engenhoso, pelas quais os sacerdotes poderiam se salvar de se afogarem na dúvida.

Mas, apesar da robustez dessas cordas e da habilidade com que eram trançadas, elas, no entanto, falharam em ser de grande utilidade. Os sacerdotes afundaram. Desceram, desceram nas águas escuras e lamacentas da dúvida e do desânimo. Com dedos congelados, eles ainda seguravam as cordas, puxando-as repetidamente, em vão esforço para impedir que afundassem. Mas eles continuaram descendo, descendo, descendo, até que finalmente seus pés tocaram o fundo, na lama do mais negro pessimismo. . . .

3

Talvez as condições físicas de vida na época tenham tido uma parcela nesse afogamento da esperança védica. As coisas haviam mudado profundamente desde os velhos tempos no vale dos hindus, quando os Vedas foram criados. Os arianos agora haviam se tornado hindus. Apesar de toda a espessura do muro de castas, o sangue negro dos aborígenes havia se infiltrado nas veias dos homens brancos. E sincronizadamente com essa coloração da pele, o clima maligno do Vale do Ganges havia induzido um escurecimento da alma. Um novo espírito, um espírito sepulcral de desesperança, tomou posse dos antigos homens brancos. Ele encontrou sua expressão em uma nova literatura, uma vasta coleção de tratados filosóficos chamada Upanishads, as “Sessões”. É difícil dizer exatamente quando os Upanishads foram escritos, mas de acordo com as melhores autoridades, foi provavelmente durante os dois séculos que se estendem de cerca de 800 a.C. a cerca de 600 a.C. Seu fardo era uma compreensão inteiramente nova da chance do homem de algum dia atingir o descanso no universo. Em primeiro lugar, eles jogaram todos os deuses e ritos antigos ao mar, confessando francamente que eles eram totalmente desprovidos de realidade essencial. Apenas uma coisa, eles insistiam, era real: o Brahma, o "Eu", o Único Absoluto, Infinito, Impessoal, Indescritível "Isso". E todos os atos e palavras, todas as criaturas, até mesmo todos os deuses, eram apenas manifestações fugazes deste

"Isso". Como consequência lógica, portanto, existia apenas uma maneira pela qual o homem poderia atingir a paz suprema. Obviamente, ele tinha que se perder no "Isso". Ele tinha que deixar de ser apenas uma mera manifestação e se tornar finalmente uma parte integrante de Brahma.

Agora, tudo isso não era de forma alguma único. Muitos povos além dos hindus, em um momento ou outro, se refugiaram no pensamento de que este mundo é apenas uma ilusão, e que a salvação pode ser obtida apenas em algum outro plano de existência. Mas nenhum outro povo levou esse pensamento a um comprimento tão rigoroso quanto os hindus. A maioria das outras pessoas parou com a esperança de que a morte abriria imediatamente a porta para a salvação. Eles disseram a si mesmos que, embora a vida neste mundo fosse indizivelmente vã, a morte estava se aproximando, e com ela a garantia da vida real em algum outro mundo mais glorioso. Mas os hindus não podiam acalentar uma esperança tão fácil. A morte parecia-lhes tudo menos uma saída. No terrível vale do Ganges, onde a existência significava luta perpétua sob um sol que queimava a carne e em um ar que estrangulava a coragem, mesmo a morte não oferecia nenhuma promessa imediata de paz. A ideia cruel de transmigração, de uma cansativa rodada de vida sem fim, havia se apoderado dos hindus. A morte parecia-lhes apenas o começo de mais desse mesmo velho tormento que é a vida terrena. As almas dos mortos podiam escapar por um tempo para a lua; mas assim que a influência de suas boas ações se esgotava, elas voltavam para a terra como tantos balões vazios. E então renasciam como pessoas ou animais ou até mesmo plantas. Se sua vida anterior tivesse sido extraordinariamente boa, em seu retorno elas se tornavam talvez tanto quanto príncipes ou mesmo brâmanes; mas se tivessem feito o mal, então voltavam a viver como cães ou porcos ou mesmo ervas daninhas viscosas na beira de pântanos.

Parecia haver apenas uma maneira eficaz de escapar daquele terrível ciclo de vida sem fim, e essa era pela absorção no "Isso". Se ao menos um homem pudesse aniquilar seu eu individual, pudesse destruir completamente seu pequeno "isso", então finalmente ele poderia se libertar da vida e atingir a libertação chamada Nirvana. O Nirvana não era um lugar, mas um estado de espírito e, portanto, só poderia ser alcançado por meio da mente. Meros atos, bons ou maus, não poderiam ajudar em nada; nem mesmo os próprios deuses poderiam ajudar. Como os Upanishads declaram explicitamente: "Quem assim sabe 'Eu sou o Brahma!', torna-se o Brahma". Nem mesmo os deuses têm poder para impedir que tal homem se torne assim, pois ele se torna sua própria Alma". Portanto, o mero esforço pela perfeição moral ou mesmo pela propriedade ritual nunca poderia ganhar para o homem a bem-aventurança do Nirvana; não, apenas a abolição total do esforço em si poderia fazê-lo. Pois o esforço, o desejo — essa era a própria fonte de toda a vida ilusória. Desejar, querer, acalentar até mesmo o menor lampejo de um desejo mesquinho — essa era a substância viciosa da qual o eu, sempre reencarnante, era feito. Sem desejo, o “isso” individual seria perdido, e somente o Brahma, a Superalma, o Único “Isso” Universal seria deixado. Então, logicamente, havia apenas um propósito sensato restante na vida: cessar de desejar! . . .

Alguém se pergunta se essa filosofia niilista dos Upanishads influenciou muito a vida das massas na Índia há dois mil e seiscentos anos. Provavelmente não, pois deve ter estado muito além da compreensão dessas massas. Mas que afetou profundamente os eruditos, está bem além de qualquer dúvida. O desejo de acabar com o desejo, simplesmente arrebatou as classes mais altas naquele dia. O ascetismo, a matança voluntária do apetite em todas as suas formas, tornou-se abundante em todos os templos e cortes principescas. Os homens fugiram para as montanhas e para as profundezas das selvas, para viverem como anacoretas e estrangularem cada último vestígio de desejo

normal. Em incrível miséria, eles arrastaram seus dias, famintos, mas, por uma coisa — a extinção da fome. E então vieram as heresias. . . .

JAINISMO

Era inevitável que heresias surgissem, uma vez que o ascetismo começou a se espalhar na velha Índia. Pode ser estabelecido como um axioma que, um homem que não vive a vida da multidão também não pensará os pensamentos dela. Ele não pode deixar de se tornar heterodoxo em espírito e conduta, olhando para a vida de um ângulo próprio e tirando suas próprias conclusões. Portanto, era natural que o advento do ascetismo na Índia fosse acompanhado pelo advento da heterodoxia. No século VI a.C., a Índia literalmente fervilhava de heresias. Seitas surgiam em uma noite e pereciam na outra; profetas eram saudados e esquecidos entre as fases da lua. De fato, apenas dois de todos os movimentos iniciados naquele século duraram o suficiente para que seus nomes fossem lembrados. Mas esses dois duraram — e muito! O menos importante desses dois foi a seita agora conhecida como jainismo. Seu fundador foi um jovem príncipe chamado Mahavira — um homem que viveu até os trinta anos a vida desenfreada de um rajá indiano, e então, de repente, se tornou um asceta. “Eu negligenciarei meu corpo por doze anos”, ele jurou; e, jogando fora suas roupas finas, arrancando seus cabelos em cinco punhados, ele foi para as selvas. E depois que aqueles doze anos de abnegação se passaram, ele alcançou o Nirvana. Daí em diante ele foi chamado de Jina, o “Conquistador”, pois de todos os homens ele parecia o mais completamente conquistador de cada última forma de desejo humano. E abandonando sua solidão dali em diante, ele começou a subir e descer o Vale do Ganges para contar a seus semelhantes como ele havia alcançado a salvação.

Agora Mahavira tinha certeza de que havia se tornado o Jina, o "Conquistador", sem a ajuda dos deuses ou dos brâmanes. Ele não acreditava nos deuses e zombava da própria ideia de oração. "Homem! Tu és teu próprio amigo!", ele gritou. "Por que ansiarias por um amigo além de ti mesmo?" Ele ridicularizou os Vedas e condenou todo o sistema de castas. Tudo em que ele acreditava era na aniquilação voluntária do eu, na destruição rigorosa e implacável de todo desejo, exceto o desejo de não-desejo. Ele exigia de seus discípulos que não fizessem mal a nenhum ser vivo, que permanecessem sempre pobres e sempre mansos. Água de lavar louça, mingau de cevada, mingau frio e azedo, água na qual a cevada foi lavada: tal alimento repugnante, os mendigos nunca deveriam desprezar. Ele proibiu seus seguidores de odiar e também os proibiu de amar, pois Mahavira considerava um tão vinculativo à terra quanto o outro. E especialmente ele os advertiu contra mostrar qualquer favor às mulheres. É uma pena que saibamos tão pouco que seja autêntico sobre a vida de Mahavira, ou poderíamos descobrir exatamente o que o tornou um misógino tão amargo. A luxúria deve ter sido naturalmente um espinho terrível em sua carne principesca mimada, e talvez tenha sido por isso que ele tão injustamente marcou a mulher como a causa de todos os atos pecaminosos. Ele ordenou ao verdadeiro seguidor "não falar de mulheres, nem olhar para elas, nem conversar com elas, nem reivindicá-las como suas, nem fazer seu trabalho".

Mas acima de tudo ele proibiu seus monges de matar. "Isto", disse Mahavira, "é a quintessência da sabedoria: não matar nada!" E de todas as proibições, esta foi a mais

escrupulosamente observada. A solicitude contra a destruição da vida — e acreditava-se que a vida não estava apenas no homem, mas também em animais, plantas e até mesmo grãos de pó — levou os seguidores de Mahavira aos mais grotescos excessos. Alguns deles ficaram imóveis por anos, recusando-se a mover um membro ou mesmo respirar profundamente, para que não destruíssem nada daqueles pequenos insetos com os quais o ar da Índia fervilha. Eles se recusaram a lavar os dentes, ou limpar suas roupas, ou coçar seus corpos quando os vermes os beliscavam. Até hoje eles mantêm hospitais para animais, cuidando até mesmo de cobras e ratos doentes e até mesmo piolhos! . . . Apenas uma forma de destruição era permitida: autodestruição. À medida que a morte se aproximava, o sagrado Jain poderia fazer seu último esforço para romper a cadeia de transmigração, esmagando bravamente todo desejo de sustento e morrendo de fome! Então finalmente ele estava livre... .

2

Mahavira, o fundador do jainismo, nasceu em 599 a.C. e morreu em 529. De acordo com a tradição, ele pregou incansavelmente durante todos os últimos trinta anos de sua vida e, quando morreu, deixou muitos discípulos para continuar seu trabalho. Mas esses discípulos eram homens menores que os Jina, e em suas mãos seu evangelho sofreu uma perversão profunda e lamentável. Em primeiro lugar, a personalidade dos Jina foi exaltada até que ele foi feito quase um deus. Lendas surgiram em torno de seu nome, histórias fantásticas contando os milagres que acompanharam seu nascimento e morte. E antes que muitas gerações se passassem, ele realmente foi declarado um verdadeiro deus! Aquele gentil e quieto anacoreta que havia dedicado mais da metade de sua vida a pregar a inutilidade dos deuses e a futilidade das orações foi ele próprio deificado e orado. Por volta do ano 400, os jainistas já estavam erguendo ídolos de Mahavira e construindo belos templos nos quais queimavam oferendas regulares de flores e incenso. Então, não satisfeitos com um deus, os jainistas criaram vinte e quatro outros Jinas para adorar. Eles disseram que Mahavira era apenas o último e maior de uma longa linhagem de divinos ‘‘Conquistadores’’, e cercaram sua imagem com imagens de todos os outros vinte e quatro. Mesmo assim, eles não ficaram satisfeitos, pois mais tarde adicionaram muitas divindades femininas ao panteão. Século após século, o povo adotou novos deuses e espíritos para adorar e se apegar, até que finalmente o jainismo se tornou quase tão grosseiramente politeísta quanto a antiga religião védica que ele havia se proposto a reformar. O bravo espírito ateísta no qual o jainismo havia sido concebido vazou completamente dele, e a mais alta heresia pregada por Mahavira foi a mais flagrantemente traída.

Claro, isso era quase inevitável. Uma vez que o jainismo começou a se espalhar entre as pessoas comuns, seus primeiros princípios simplesmente não tiveram chance de sobreviver. Mahavira pregou um evangelho completamente além da compreensão dos homens comuns. Ele próprio foi uma dessas almas poderosas para quem a consciência de viver a vida correta era suficiente. Ele não precisava de deuses para se agarrar. Fé Correta, Conhecimento Correto e Vida Correta — chamados por ele de “Três Joias” — foram suficientes para lhe render a salvação. . . . Mas aqueles que vieram depois dele eram homens mais fracos. Aos seus olhos cegos, as Três Jóias pareciam inúteis sem um cenário em uma placa de ouropel de teologia. Esses seguidores não eram corajosos o suficiente para apostar tudo em sua própria força de vontade. Eles simplesmente tinham que ter deuses para ajudá-los. . . .

Mas essa não foi a única questão no evangelho de Mahavira que seus seguidores

abandonaram. Mahavira se revoltou contra todo o sistema de castas, declarando que todos os homens, tanto de casta baixa quanto de alta, eram iguais quando entravam na Sangha, a "Congregação". Mas assim que ele morreu, essa heresia também morreu, e em pouco tempo até os próprios deuses foram divididos em classes sociais distintas. Apenas o mandamento contra matar não foi abertamente traído; mas, como já vimos, sua observância foi levada aos extremos mais absurdos. Exceto por isso, o jainismo tornou-se dificilmente distinguível do hinduísmo ortodoxo. A religião tomou para si deuses, ídolos, templos, sacerdotes, sacrifícios — cada um dos antigos meios de salvação que Mahavira havia rejeitado com mais desprezo. . . . Mas o que mais era de se esperar? Afinal, o povo comum na Índia — como o povo comum em todos os outros lugares do mundo — ainda era (e é) muito fraco para olhar para si mesmo em busca de salvação. Eles precisavam de juncos para se agarrar, deuses em que acreditar. Pois eles estavam (e estão) com medo. . . . medo. . . .

BUDISMO

Mas o jainismo era apenas a menos importante das duas grandes religiões heréticas que surgiram na Índia no século VI a.C. Quando Mahavira já tinha quase quarenta anos de idade, nasceu na Índia um menino destinado a fundar a religião muito maior do budismo. O nome dessa criança era Siddharta Gautama, e seu pai era um rajá rico no vale do Ganges. Gautama em seu nascimento era, portanto, notavelmente parecido com o homem que fundou a heresia anterior; e, como veremos, em sua vida ele era ainda mais parecido com ele. Em tenra idade, Gautama também se casou com uma linda princesa; e até quase os trinta anos ele também se revelou desenfreado no luxo principesco.

Mas então, de repente, algo tomou conta dele. Exatamente como aconteceu com Mahavira, uma repulsa contra o prazer tomou conta deste jovem príncipe, de modo que ele não pôde mais suportar as luxúrias da carne. Seus olhos se abriram de repente para a miséria indizível de toda a vida, e a visão queimou tanto seu caminho em sua alma que ele nunca mais pôde ficar à vontade em seu palácio. Uma noite, ele se levantou e, na ponta dos pés, entrou no quarto onde estava sua esposa adormecida com seu filho recém-nascido nos braços, deu uma última olhada carinhosa para os dois e fugiu. Ele correu para a noite, com seu cocheiro de confiança ao seu lado. Ele cavalgou muito longe, não parando até que o nascer do sol mostrasse que ele já havia ido muito além das terras de seu clã. Então ele desmontou, cortou seus cachos esvoaçantes, arrancou as joias e ornamentos de suas roupas e, entregando-os junto com seu cavalo e espada ao cocheiro, ordenou que fossem devolvidos à sua esposa. O próprio Gautama não voltou, mas virando o rosto em direção às colinas, ele foi sozinho a pé. Mas mesmo assim ele não se sentiu livre. Somente quando trocou de roupa com um mendigo que encontrou na estrada ele se sentiu finalmente liberto de todos os apegos ao mundo da vaidade. Só quando ele estava ali naquela estrada empoeirada, um vagabundo esfarrapado sem posses na terra, ele se sentiu capaz de finalmente sair sem distrações em busca da salvação.

Ao sul, Gautama seguiu seu caminho para uma cadeia de colinas onde moravam certos eremitas em cavernas. Ele conhecia esses eremitas há muito tempo, pois sua fama se espalhou por todo o interior. Eles não eram ascetas comuns que passavam fome freneticamente, mas filósofos devotados tentando enriquecer suas mentes. A maior parte do tempo era gasta na busca do conhecimento — não conhecimento sobre os fatos da vida, e,

sim, sobre os destinos da alma. Eles não vasculhavam laboratórios como fazem nossos investigadores modernos; em vez disso, sentavam-se sob as árvores e conversavam. Conversavam longa e seriamente sobre aquelas coisas metafísicas que nosso mundo material não conhece. A grande preocupação deles era como se perder no Brahma, na Superalma universal que era a única realidade que conheciam. Eles estavam cansados dessa existência fútil, finita e torturada chamada vida. Eles queriam se afastar dela, se afastar completamente do eu individual e atingir um senso de finalidade e segurança por meio da absorção no Todo universal. Eles ansiavam pela libertação do ciclo vicioso da vida transmigratória; eles ansiavam pela extinção eterna. As pálpebras são pesadas nos trópicos escaldantes, onde o calor úmido da selva gera vida muito rançosa; e esses eremitas infelizes queriam dormir — dormir para sempre. E porque Gautama também queria dormir para sempre, ele se juntou à companhia deles. E Gautama veio e participou da conversa deles.

Mas o príncipe errante não se demorou com eles por muito tempo. Sua mente estava afiada, e levou pouco tempo para ele descobrir quão vazia era a raciocínio daqueles eremitas falantes. Eles tentaram arrastar suas almas mesquinhas para Brahma por meio de uma série de palavras — mas Brahma, ele descobriu, também era uma mera coisa de palavras. Ele viu através de todos os argumentos — não importa o quão suave e plausivelmente eram colocados — e percebeu que Brahma, o grande “isso”, essencialmente não era mais real do que o homem, o pequeno “isso”. Então, levando cinco eremitas com ele, ele foi para as selvas para tentar outro caminho para a salvação. Com todo o seu ser, ele agora se entregava a anos de automortificação, esforçando-se, como Mahavira fizera antes dele, para alcançar o Nirvana através da dor. Por seis anos -— pelo menos, nos dizem -— ele praticou austeridades como nunca antes haviam sido vistas na terra, vivendo com um grão de arroz por dia, ou com uma única semente de sesamum. Mas, ao contrário de Mahavira, nenhum sucesso atendeu aos seus esforços. Apesar de todas as austeridades de Gautama, esses seis anos foram “como um tempo gasto se esforçando para amarrar o ar em nós”. Então, finalmente, ele desistiu da luta vã. Ele teve que confessar para si mesmo, finalmente, aquela auto-aflição irracional, sem sentido e irracional não era suficiente. Em desespero, ele teve que admitir que o caminho sombrio da mera negação nunca poderia ser para, ele, o caminho para a paz. E assim, mais uma vez, Gautama partiu sozinho, muito mais infeliz do que nunca. Ele havia tentado a vida comum do príncipe, e deixou um gosto de cinzas em sua boca. Ele havia tentado a vida do filósofo, e isso também não lhe trouxe paz. E então ele tentou a vida do asceta, apenas para descobrir que mesmo assim não poderia haver liberação. Então agora ele estava perdido, totalmente, no mar em uma noite que parecia não ter um brilho mais fraco de luz, nenhuma promessa de amanhecer. E então, de repente, a luz se abria sobre ele. Ele estava sentado um dia debaixo de uma figueira, seu espírito em sua vazante, quando todos sem aviso a salvação lhe ocorreram. Em um instante, seu espírito saltou em êxtase; Todo o seu ser se encheu de alegria. Ele finalmente se sentiu solto, libertado da vida e do medo da vida. Ele finalmente se sentiu livre, livre e seguro. . . . Por um dia e uma noite, assim declara a tradição, ele continuou debaixo daquela árvore, sentando ali e ponderando sobre a coisa maravilhosa que lhe havia acontecido. Então ele se levantou e foi contar aos homens o que aprendera.

2

Em essência, o que Gautama havia aprendido era a loucura de todo excesso. Ocorreu a ele naquele momento de iluminação de que era tão estúpido enlouquecer de dor quanto

ficar bêbado de prazer. De repente, ele percebeu que o ascetismo inevitavelmente ultrapassava seu alvo, que ele errava exatamente o que buscava, porque ia atrás dele de forma muito selvagem. Ele havia descoberto que o excesso frenético com o qual os ascetas se esforçavam para conter o desejo significava apenas que eles estavam deixando o desejo fugir com eles. . . . Então Gautama apresentou um novo evangelho que ele chamou de Quatro Verdades. Elas eram estas: Primeiro, tanto o nascimento quanto a morte trazem sofrimento, e a vida é totalmente vã. “As águas dos quatro grandes oceanos”, ele declarou, “não são nada, comparadas às lágrimas dos homens enquanto trilham o caminho da vida”. Em segundo lugar, a vaidade da vida é causada completamente pela indulgência do desejo. Portanto, em terceiro lugar, a vaidade só pode acabar com o fim de todo desejo. Mas em quarto lugar — e aqui reside toda a originalidade do evangelho — todo desejo pode ser encerrado não por ascetismo excessivo, mas por decência sã e inteligente! O caminho para a salvação, de acordo com Gautama, não era, portanto, a trilha tortuosa da autodestruição corporal, mas sim o “Caminho do Meio” do autocontrole espiritual. Era o Nobre Caminho Óctuplo da “Crença Correta, Resolução Correta, Fala Correta, Ação Correta, Meio de Vida Correto, Esforço Correto, Pensamento Correto e Meditação Correta”. O Nirvana não era, afinal, uma condição física, mas um estado de espírito e, portanto, não poderia ser alcançado por meio de tormento físico, mas de disciplina mental. A bem-aventurança da liberdade, da paz eterna e sem paixão, do Nirvana, só poderia ser alcançada destruindo os três pecados capitais: sensualidade, má vontade e estupidez.

Agora, as implicações de tal evangelho eram graves e revolucionárias além das palavras. Em primeiro lugar, elas não deixavam espaço algum para deuses, sacerdotes ou orações. “Quem já viu Brahma face a face?”, gritou Gautama com desdém. Ou com relação à oração, “Poderia a margem mais distante do rio Akirvati vir para este lado, não importa o quanto um homem orasse para que isso acontecesse?” Assim, ele explorou todo o sistema de sacrifício dos brâmanes. Condenou abertamente aquela ritualização descarada da moralidade que os sacerdotes haviam introduzido com seus brâmanes. De fato, condenou não apenas o ritual, mas a própria religião — isto é, em sua conotação mais restrita. O evangelho de Gautama não tolerava nenhum desses instrumentos comuns — deuses, sacrifícios, sacerdotes ou orações — com os quais a técnica religiosa é sempre praticada. . . . Mas na conotação mais ampla do termo, o evangelho, era em si uma religião. Ele tentava desesperadamente encontrar uma maneira de escapar das inseguranças da vida e, nessa medida, era generosamente uma religião. Ele tentou seriamente livrar o homem do medo, fazê-lo sentir-se em casa no universo — e por essa razão merece seu capítulo na história deste mundo crente. . . .

Mas a oposição aos deuses não foi a única implicação radical do evangelho de Gautama. Uma segunda e talvez tão radical implicação foi sua oposição a todas as divisões de casta. De acordo com Gautama, não havia distinções válidas entre bem-nascidos e mal-nascidos, pois os homens só podiam ser julgados de acordo com suas ações. Muito explicitamente, ele declarou: “Um homem não se torna um brâmane por sua família ou por nascimento. Em quem há verdade e retidão — ele é abençoado, ele é um brâmane”. “Ó tolo, se dentro de ti há voracidade, como podes tornar o exterior puro?” Gautama, que pertencera à casta principesca, percebeu muito bem quão vazias eram todas as distinções de nascimento. Embora nascido e criado em um palácio, a vida para ele não tinha sido menos fútil e problemática do que a vida do servo mais baixo em sua cabana de pau-a-pique. Então, como ele poderia respeitar as distinções sociais precárias dos brâmanes?

Mas a revolta contra os deuses e a revolta contra as castas não era nenhuma delas

exclusiva do evangelho de Gautama. Mahavira os havia instado com a mesma ênfase quando Gautama ainda era uma criança de colo. O que era original na heresia mais jovem era a ênfase que Gautama dava à ética social. Mahavira insistira que cada homem poderia alcançar a salvação por si mesmo indo sozinho e afligindo seu próprio corpo. Mas o profeta mais jovem declarou que todo individualismo era pecaminoso e que a própria salvação de alguém só poderia ser encontrada no esforço de levar a salvação a todos os outros. “Ide agora”, ele ordenou a seus seguidores, “por compaixão pelo mundo e pelo bem-estar dos deuses e dos homens... e pregai a doutrina que é gloriosa.” E assim ele cortou a própria raiz do egoísmo. “A própria paz de alguém, ele declarou, só poderia ser encontrada na busca pela paz para todos os homens.

Agora Gautama chegou a essa conclusão a partir de uma premissa bastante surpreendente e original. Ao contrário de todos os outros pensadores hindus de sua época, ele não acreditava na alma individual. Assim como alguns psicólogos modernos afirmam que a alma não é mais do que o nome para uma certa classe de reações musculares sutis, Gautama afirmou que ela não é mais do que um nome para a totalidade dos desejos humanos. Como ele mesmo disse: a carruagem é feita de rodas, eixo, carroça e mastro de bandeira, e não tem existência real quando estes são removidos; e assim a alma é feita de desejos e tendências psíquicas, e desaparece no momento em que estes são retirados. Portanto, argumentou Gautama, toda essa confusão sobre a transmigração das almas era pura loucura. Somente as ações, não os praticantes, viviam de geração em geração. Então, não importa o quão ansiosamente um homem cuidasse do que ele chamava de sua alma, nada de bom poderia resultar disso. Somente se um homem observasse diligentemente suas ações ele poderia alcançar a salvação. Pois havia uma Lei do Karma inexorável, uma "lei da ação" inescapável, no universo. Os efeitos de todas as ações viviam perpetuamente, o bem gerando o bem, e o mal gerando o mal. E esses efeitos nunca poderiam ser evitados. “Nem no céu, nem no meio do mar, nem nas fendas das montanhas, é conhecido um lugar onde um homem pode ser libertado de um ato maligno.” Então o destino de cada homem não dependia do que ele era, mas do que ele fazia. Somente se ele fizesse o que era justo aos olhos dos homens, somente então ele poderia se livrar da bola e da corrente da consequência maligna e atingir a libertação abençoada do Nirvana.

3

Tal foi, em resumo, o evangelho de Gautama depois que a revelação chegou a ele sob a figueira-de-bengala. Ele procurou comunicá-lo primeiro aos cinco discípulos que havia deixado para trás quando abandonou o ascetismo. Mas esses homens o viam como um apóstata e nem mesmo o receberiam em seu retorno. Somente após muita persistência Gautama conseguiu fazê-los dar ouvidos à sua doutrina, e então ele teve que discutir com eles por cinco dias. Mas no final ele os conquistou. Com um acordo, esses cinco homens então o saudaram como o Buda, o "Iluminado", pois eles se convenceram de que ele não poderia deixar de ser outra daquelas almas escolhidas, os Budas (no jainismo, eles eram chamados de Jinas), que de tempos em tempos deveriam descer ao mundo para falar a verdade celestial. E então uma pequena irmandade foi criada em torno deste novo Buda.

A Índia estava então fervilhando de almas inquietas em busca de uma fé que pudesse confortá-las; muitos deles vieram e encontraram nas palavras de Gautama. Eles se reuniram na Floresta dos Veados perto de Benares, e construíram pequenas cabanas ao redor da morada do Buda. E quando eles eram cerca de sessenta em número, seu mestre

ordenou que eles saíssem durante os meses secos do ano e levassem sua mensagem reconfortante ao povo. Ele disse a eles para levarem ao exterior as boas novas de que a salvação era gratuita, e que todos os homens, altos e baixos, eruditos e ignorantes, certamente poderiam alcançá-la se apenas praticassem a justiça e a retidão.

O próprio Buda foi para o interior com aquele evangelho. Por vinte anos ele vagou por toda parte, ganhando discípulos onde quer que se mudasse. No início de seu ministério, ele voltou para sua própria casa, e lá converteu sua esposa e filho há muito abandonados a esta nova fé. (Seu filho até se tornou um de seus monges pregadores, e sua esposa se juntou a uma ordem de freiras budistas que logo foi organizada.) E assim, o centro de um movimento cada vez maior, Siddharta Gautama, o Buda, viveu seus dias na Terra. Até o fim, ele continuou a instruir os discípulos que se reuniam durante cada estação chuvosa na Floresta dos Veados perto de Benares. De fato, as últimas palavras que ele proferiu foram dirigidas a "Trabalhem sua própria salvação!", ele disse a eles com seu último suspiro. E então ele morreu. . . .

Mais de dois mil e quatrocentos anos se passaram desde que Siddharta Gautama faleceu, e não é fácil para nós apreciar o quão revolucionária sua doutrina deve ter sido quando ele a proferiu pela primeira vez. Nunca antes havia sido dito na Índia que a salvação era obtida de qualquer maneira, exceto por meio de sacrifícios escrupulosos, ou filosofia profunda, ou ascetismo extravagante. Em outras palavras, nunca antes havia sido afirmado que aqueles que eram pobres demais para oferecer sacrifícios, estúpidos demais para se entregar à filosofia, ou humanos demais para se estabelecerem como anacoretas, poderiam ser salvos. Somente quando Gautama, o Buda, entrou em campo, essa afirmação foi feita. Até então, a salvação, e até mesmo a fome pela salvação, eram consideradas privilégios abertos apenas a poucos. Mas com a vinda de Gautama, eles foram estendidos a muitos — a todos. Segundo ele, mesmo os mais humildes da terra poderiam atingir o Nirvana, se apenas seguissem o Nobre Caminho Óctuplo. . . . E embora esse evangelho tenha sido posteriormente distorcido, corrompido e alterado de toda a semelhança com o que tinha sido quando saiu fresco dos lábios do Buda, no entanto ele perdurou e se espalhou até que sua luz fosse conhecida por todo o Oriente.

4

Mas seu evangelho não se espalhou de uma vez. Por anos, o budismo permaneceu uma seita obscura e sem importância, considerada como, provavelmente, apenas um dos muitos movimentos heréticos fermentando na Índia conturbada daqueles séculos. Por um tempo, não passou de uma mera ordem ascética semelhante ao jainismo. O próprio egoísmo que Gautama havia atacado mais amargamente tomou conta de seus professos seguidores, e eles se tornaram muito mais preocupados com a paz de suas próprias pequenas almas do que com a paz de toda a humanidade. Mas por volta do terceiro século a.C. houve um renascimento do espírito salvador do mundo de Buda, e os monges mais uma vez saíram para pregar um evangelho em seu nome.

Só que agora não era mais o simples evangelho ético de Gautama. A teologia havia se infiltrado e se tornado uma religião no sentido mais restrito da palavra. O tempo havia lidado duramente com a memória de Gautama, e no terceiro século ele não era mais imaginado como um homem, mas um deus. Uma nova escola de pensamento budista chamada Mahayana, o “Veículo Maior”, surgiu, e de acordo com seus ensinamentos, Buda tinha sido desde o início um ser divino. A escola anterior, a Hinayana ou “Veículo Menor”, tinha se contentado em retratar Gautama como uma criatura completamente humana. Ela havia

contado francamente em seus escritos como o mestre ocasionalmente sofria de gases no estômago, e como uma vez quando ele comeu uma refeição preparada por um ferreiro ele foi atacado por disenteria e quase morreu. Mas a nova escola era totalmente incapaz de tal realismo. Ela contava em vez disso como o Abençoado tinha sido concebido sobrenaturalmente e tinha nascido sem dor. Ela o descreveu como um ser sem pecado que tinha sido enviado do céu como o salvador de deuses e homens. Ela declarou ainda que seu espírito divino continuou regularmente a retornar à terra, encarnando-se geração após geração em certos homens excepcionalmente santos chamados Bodhisattvas, "Budas Vivos". E assim abriu caminho para a incursão de uma tropa inteira de deuses extras. E finalmente permitiu que ídolos de Buda fossem erguidos em templos esplêndidos, e até mesmo encorajou a oferta de sacrifícios de flores a esses ídolos. Exatamente os mesmos elementos da antiga religião bramânica contra os quais Buda havia se rebelado mais diretamente vieram se esgueirando para a fé protestante, e através do Mahayana tomaram posse dela.

E agora, enfeitado com ídolos e colorido com mitos, o budismo começou a se espalhar finalmente. Poder e riquezas começaram a fluir para a seita, e em pouco tempo as pequenas cabanas nas quais os pregadores costumavam se abrigar durante a estação chuvosa foram substituídas por monastérios imponentes e caros. Os rajás da Índia estavam lutando para arrancar a supremacia para si das mãos da casta sacerdotal há muito dominante; e esses rajás começaram a ver o valor para sua causa desse movimento viril destruidor de castas. Especialmente um deles, um certo aventureiro de casta baixa chamado Chandraguptra, viu sua utilidade. Por meio de guerras e intrigas, ele conseguiu esculpir para si um vasto império no norte da Índia e, como a doutrina anticasta do budismo prometia ajudá-lo a manter seu poder, ele dotou seus monastérios com vastas propriedades e enormes riquezas. E seu neto, o famoso rei Asoka, que se tornou imperador da Índia em 264 a.C. dedicou grande parte de sua energia durante todo o seu reinado à disseminação da religião budista.

Asoka é estimado por muitos estudiosos como o monarca mais nobre da história; e se o critério é o número de almas que ainda reverenciam sua memória, então, certamente ele foi uma figura muito maior do que qualquer outra no catálogo de reis do mundo inteiro. Ao adquirir um estado após o outro, ele construiu um império que incluía uma grande parte do Oriente; e cada centímetro dele ele ganhou pela fé e não pela espada. Asoka enviou missionários budistas para o Ceilão, para a Caxemira e para os confins da terra que ele conhecia. Por vinte e oito anos ele continuou seu extenso trabalho missionário e, antes de morrer, conseguiu fazer do budismo a religião dominante em sua metade do mundo.

Mas é claro que não foi o simples evangelho ético de Gautama que foi levado a essas terras estranhas. Em vez disso, foi um dogma teológico intrincado que traduziu Buda em um Deus. Gautama pregou uma religião de moralidade; mas esses missionários bem-sucedidos pregaram uma religião que fez uma moralidade do ritual. A mera reverência ao deus Buda era considerada suficiente para salvar a alma de alguém. O Nirvana, que para Gautama havia sido inteiramente um estado de paz espiritual alcançado seguindo o Nobre Caminho Óctuplo, agora era interpretado como um paraíso físico pós-morte conquistado por muitos beijos no dedo do pé de um ícone. E essas corrupções foram marcadas não apenas na escola Mahayana do budismo que se espalhou para a China e o Japão, mas, mais tarde, também na escola Hinayana que prosperou especialmente no Ceilão. Quanto mais longe o budismo viajava, mais ele mudava. Na fronteira noroeste da Índia, onde os mundos helênico e hindu se tocavam, os ídolos budistas passaram a se parecer exatamente com os ídolos do Ocidente. Hariti, uma deusa da pestilência que Buda supostamente converteu, foi

esculpida para se parecer muito com Ísis, a deusa-mãe do Egito. Ela foi até retratada segurando o bebê Buda em seu peito, exatamente como Ísis segurou o bebê Hórus e — muito mais tarde — Maria segurou o Menino Jesus.

Na China, o budismo assumiu muito do caráter do taoísmo, e, no Japão, foi muito influenciado pela religião nacional chamada xintoísmo. Então, o contato com o cristianismo começou a ter seu efeito, primeiro por meio dos esforços dos primeiros pregadores nestorianos, e muito mais tarde, por meio das atividades dos missionários protestantes. O budismo no Tibete assumiu muito cedo uma coloração cristã distinta, aceitando em seu ritual símbolos e instrumentos cristãos como a cruz, a mitra, a dalmatica, o incensário, o terço e a fonte de água benta. A religião budista no Tibete desenvolveu um sistema hierárquico muito elaborado, com um papa, o Dalai Lama, governando toda a terra de seu palácio em Lhassa, auxiliado por bispos e padres oficiando em vastas catedrais abarrotadas de imagens e pinturas, e por miríades de monges girando ativamente rodas de oração em mosteiros de muros altos. E também no Japão o budismo assumiu mais recentemente uma coloração cristã, embora aqui de um tom protestante. Os budistas japoneses modernos são relatados por terem adoração congregacional e canto de hinos, escolas dominicais para seus filhos, uma Associação Budista de Jovens Homens para seus homens e sociedades de temperança budista para suas mulheres! . . .

Na própria Índia, o budismo simplesmente murchou e morreu. Mil anos após a morte de Gautama, ele havia se tornado amplamente bramanizado. O povo simples clamava com medo aos ídolos por ajuda, e os líderes discutiam seriamente sobre o tamanho e o corte adequados de suas vestes cerimoniais.

Quando, portanto, uma nova religião, o islamismo, invadiu a terra, ela varreu tudo diante de si. Embora haja talvez cento e cinquenta milhões de budistas na Ásia, não mais do que dois mil deles permanecem em toda a Índia.

O budismo ainda é a religião da Birmânia, Sião e Ceilão, mas nessas terras ele caiu quase ao puro animismo. Em todo lugar no Ceilão, pode-se ouvir o carregador ao pôr do sol chamando o povo moreno nu com cabelo preto brilhante para o serviço no templo. Eles trazem velas — se puderem pagar — e flores para o padre vestido de amarelo; e este último, solenemente lhes oferece algum fetiche, talvez um suposto dente de Buda, aninhado em um santuário mais interno. Então há muita oração — oração a deuses, demônios, anjos, demônios, santos e todos os tipos de outros espíritos. . . . E durante todo esse tempo, há dentro daquela terra uma árvore poderosa cuja semente veio da própria figueira-de-bengala sob a qual Gautama recebeu a revelação. Lá no Ceilão, ela ainda está de pé, a árvore mais antiga conhecida pela história. Durante quase dois mil e duzentos anos, ela foi ternamente observada e regada; seus galhos foram firmemente apoiados, e seu solo foi aterrado para dar espaço para as raízes gigantescas crescerem. E lá ela prospera ainda hoje, um monumento implacavelmente irônico à lamentável estupidez do homem. Pois aquela árvore, uma mera coisa na natureza, foi cuidadosamente preservada e nutrida, enquanto a fé que sozinha lhe dava significado, há muito, muito tempo, foi deixada perecer. . . .

HINDUÍSMO

Mas, apesar da ascensão do jainismo e do budismo na Índia, a antiga religião

sacerdotal enraizada nos Vedas nunca foi completamente destituída. Embora por um tempo tenha perdido o favor dos governantes, nunca perdeu sua atratividade para os governados. Claro, internamente mudou de século para século, assumindo novos deuses e esquecendo os antigos, adquirindo ritos estranhos e negligenciando os nativos; mas pelo menos em sua estrutura de casta e caráter sacerdotal, a antiga religião dos hindus nunca vacilou do início ao fim. Atualmente, bem mais de duzentos milhões de almas na Índia — mais do que o número Jai de cristãos protestantes em todo o mundo — ainda se autodenominam hinduístas!

Definir o hinduísmo é quase impossível. Na verdade, não é tanto uma religião (no sentido mais restrito da palavra) quanto um sistema religioso-social. Embora o hinduísmo contenha uma grande miscelânea de teologias, filosofias e sistemas de sacrifício, sua nota dominante é a casta. Um elaborado tecido de antigas leis religiosas e sociais endureceu até que, agora, parece completamente indestrutível. Esse tecido foi construído primeiro por uma série de códigos de leis, mais proeminentemente o Código de Manu, que foram compilados na época em que a heresia budista estava no auge. Esses códigos se propuseram a fazer pelo hinduísmo o que o Talmude fez mais tarde pelo judaísmo. Eles tentaram construir um muro de leis ao redor da fé para que ninguém pudesse se desviar dela. Claro, os mais fortes contrafortes do muro hindu eram naturalmente as distinções de casta, e estas, portanto, recebiam a mais cuidadosa atenção dos legisladores. A superioridade dos brâmanes e a inferioridade dos trabalhadores foram declaradas como ordenadas no céu de acordo com um plano divino “para a prosperidade do mundo”. A casta de um homem, como sua respiração, estava com ele incessantemente do nascimento à morte; de fato, diferentemente de sua respiração, ela deveria segui-lo até o túmulo.

Mas, exceto por essas leis que regulam a casta, não há outro elemento unificador em todo o hinduísmo. Existem duas seitas principais na religião e pelo menos cinquenta e sete sub-seitas, cada uma buscando alcançar a salvação com a ajuda de seus próprios deuses e cerimônias. O cristianismo, que é ainda mais intensamente dividido, é pelo menos unido por seu reconhecimento unânime da singularidade de Jesus. O hinduísmo não tem essa doutrina comum. É verdade que por volta de 300 d.C. foi feita uma tentativa de criar tal doutrina combinando os três principais deuses hindus em uma trindade universalmente aceitável; mas a tentativa falhou miseravelmente. Brahma, o deus principal dessa trindade, nunca se tornou popular, exceto entre os sacerdotes e filósofos. Ele não era nem de longe uma divindade concreta o suficiente para que o povo comum entendesse e acreditasse, e agora há apenas dois templos em toda a Índia que são dedicados à sua adoração. E Vishnu e Shiva, os outros dois deuses da trindade, sempre permaneceram distintos e separados, continuando a atrair seguidores distintos e separados. . . . Mas embora o hinduísmo nunca tenha sido unido em nenhum credo ou rito, sua divisão raramente, ou nunca, levou ao derramamento de sangue. Ao contrário dos cristãos, que repetidamente recorreram até mesmo ao massacre em massa para extirpar toda heresia, os hindus raramente perseguiram a divergência de fé. Eles foram sábios o suficiente para ver que cada homem tem o direito de adorar como ele próprio achar adequado, e que nenhum homem está justificado em tentar forçar sua doutrina sobre seu vizinho. Portanto, os adoradores de Vishnu e os de Shiva viveram lado a lado por séculos sem amargura, e inúmeras subseitas surgiram e desapareceram na Índia com muito pouca violência ou acrimônia. Não importa quantos males podem ser atribuídos ao hinduísmo, pelo menos esta virtude deve ser listada em seu crédito: ele é tolerante.

2

Um dos dois deuses mais populares na Índia hoje é Vishnu. Originalmente um deus-sol, védico menor; ele desde então ascendeu a uma importância superlativa, em grande parte porque lhe foi creditado o poder de encarnar-se, ocasionalmente, em forma humana. Pode-se entender facilmente por que essa propensão deveria ter tornado Vishnu atraente para o povo. Por meio dessas encarnações periódicas — esses "avatares", como são chamados — Vishnu se tornou real, tangível, quase humano para todos os tipos de pessoas hindus. O problema com um deus como Brahma, por exemplo, é que ele era impessoal, não era mais do que uma dedução fria e filosófica — um vazio. Mas não havia tal impessoalidade fria sobre Vishnu. Pelo contrário, acreditava-se que ele compartilhava de todas as alegrias e tristezas de seus seguidores, e sua angústia e pecado eram supostamente suas preocupações incessantes. Dizia-se, de fato, que sempre que as pessoas se tornavam rebeldes, Vishnu era tão solícito que ele realmente descia à terra em forma humana e ele próprio liderava o caminho para a reforma. Muitos épicos foram escritos para contar como o deus havia se encarnado como um homem e operado grandes maravilhas. De fato, dois desses épicos, o Mahabharata e o Ramayana, formam o capítulo final e mais popular de toda a literatura sagrada hindu.

O Mahabharata conta as aventuras de Vishnu encarnado no corpo de um grande herói chamado Krishna, e nele se encontra aquele famoso tratado chamado Bhagavad-Gita, a "Canção do Adorável". Este pequeno tratado, que muitas vezes foi chamado de Novo Testamento do Hinduísmo, foi traduzido e distribuído por sociedades com o mesmo zelo missionário com que as associações de tratados distribuem a Bíblia. Na verdade, o Bhagavad-Gita é uma pequena obra extremamente confusa e repetitiva, e muito marcada por inconsistências desconcertantes. Talvez seja por isso que tenha sido popular, pois em seus frequentes trechos de imprecisão e confusão, pode-se encontrar confirmação de quase qualquer crença na Terra. Pode-se dizer sobre isso como os rabinos disseram sobre a Bíblia: “Vire-a repetidamente, pois nela está tudo”. Mas, apesar de tudo isso, o Bhagavad-Gita é uma obra de rara grandeza. Em tom espiritual e exaltada importância ética, dificilmente é inferior a qualquer outra escritura no mundo. Em nenhum lugar há uma nota mais nobre do que esta que ressoa na “Canção do Adorável”: “Aquele que faz todo o seu trabalho por minha causa (Vishnu), que é totalmente devotado a mim, que me ama, que é livre do apego às coisas terrenas e sem ódio a qualquer ser, ele entra em mim. . . .

Krishna, o deus-homem, cujas aventuras são celebradas no Mahabharata e cuja sabedoria está registrada no Bhagavad-Gita, é considerado o mais importante dos avatares de Vishnu. De fato, nos corações de milhões de hindus hoje, ele realmente veio a ocupar o lugar do próprio Vishnu. Assim como muitos cristãos se voltam para Cristo com muito mais frequência do que para Deus, muitos hindus se curvam a Krishna em vez de Vishnu. E foi sugerido que Krishna — cujo em alguns dialetos do norte é pronunciado Krishto — pode ter alguma relação significativa com Cristo. Essa teoria, no entanto, não pode ser substanciada por fatos. Com toda a probabilidade, Krishna e Cristo são semelhantes apenas na medida em que ambos surgiram de uma paixão semelhante da raça humana: a paixão que sublima seu herói até torná-lo mais do que mortal e exaltá-lo aos céus. Pode ser que originalmente Krishna fosse um amado chefe tribal e reformador religioso que durante sua vida ensinou seu povo a adorar um deus chamado Bhagavata, "Adorável". Tão maravilhoso personagem ele pode ter sido que depois que ele morreu seus seguidores não foram capazes de resistir a pensar que ele tinha sido realmente o próprio deus. Com isso surgiu o culto de Krishna, o deus-homem; e assim que ele se tornou poderoso, os sacerdotes da velha ordem

astutamente jogaram um manto de ortodoxia brâmane sobre ele, dizendo que Krishna não era outro senão uma encarnação de seu antigo deus Vishnu. . . .

Isso, no entanto, é mera especulação. Tudo o que sabemos com certeza é que de alguma forma as pessoas começaram a acreditar que o deus Vishnu de tempos em tempos vinha à Terra na forma de avatares. Krishna era apenas um deles. Rama, cujas façanhas são detalhadas no épico chamado Ramayana, foi quase tão grande; e inúmeros chefes, leiteiros, até mesmo elefantes e tigres, estão incluídos na longa lista de avatares menores. E porque as pessoas assim humanizaram Vishnu, elas puderam acreditar nele com grande intensidade. Elas puderam vê-lo como um espírito consagrado em seus próprios corações humanos, um que guiou suas próprias almas e, finalmente, as arrebatou do ciclo da vida para levá-las ao céu. Pelo menos, assim podiam e consideravam Vishnu — antes que os teólogos aparecessem. Uma vez que estes últimos entraram em cena, no entanto, a inocência nua da doutrina popular foi imediatamente escondida sob grossas dobras de palavras. Termos foram definidos e redefinidos, e imediatamente cismas resultaram. Agudas controvérsias foram iniciadas sobre as questões mais ociosas. Até hoje, todos os seguidores de Vishnu estão divididos em duas denominações por causa de uma disputa sobre se o homem é salvo por Vishnu como um gatinho recém-nascido ou um macaco recém-nascido é salvo por sua mãe. O gatinho recém-nascido age desamparado e sua mãe tem que agarrá-lo pela nuca para levá-lo para um lugar seguro; mas o macaco recém-nascido dá uma mão em seu próprio resgate, agarrando-se à mãe com toda a força de seus bracinhos. (Em essência, temos aqui aqueles velhos antagonistas, Predestinação e Livre-Arbítrio.) Mesmo agora, esse conflito teológico continua, dividindo os vishnuitas em dois campos: aqueles que acreditam na teoria do "agarrar gato" e aqueles que são fortes para a crença do "agarrar macaco"! . . .

3

Mas Vishnu, mesmo com a ajuda de todos os seus avatares, nunca conseguiu atrair um número tão vasto de seguidores quanto o terceiro deus da trindade: Shiva. Originalmente, esse Shiva pode ter sido um daqueles demônios horríveis que foram conjurados nas cabeças febris de medo dos aborígenes negros, e que ainda eram adorados mesmo após a chegada dos arianos. Ele foi (e às vezes ainda é) concebido como uma divindade selvagem e taciturna, malévola e destrutiva, causando pestilência, tempestades e todos os tipos de outros horrores; e ele é comumente retratado como um monstro carregando um tridente e um rosário. (Os cristãos não souberam do rosário até observarem seu uso durante as Cruzadas entre os muçulmanos; mas os próprios muçulmanos só um pouco antes o adotaram como um símbolo sagrado em imitação aos seguidores deste deus Shiva.) Na trindade pela qual os teólogos tentaram unir as seitas hindus, Brahma representava o princípio da Criação, Vishnu o da Preservação e Shiva o da Destruição. Dos três, Shiva se tornou e permaneceu o mais popular. As massas o amavam porque ele era muito parecido com eles: apaixonado, violento e licencioso. E com ele, amavam sua esposa vadia: Parvata, a Terrível. Para sua glória, os Thugs, uma seita secreta de assassinos piedosos, costumavam cometer ultrajes indizíveis; e, em seu nome, os tantristas, uma seita secreta de pervertidos piedosos, ainda se entregam a orgias sexuais indescritíveis.

Hoje em dia, dificilmente há uma vila em toda a Índia onde não haja pelo menos um santuário abrigando o emblema de Shiva: um bloco cilíndrico vertical geralmente apoiado em uma laje circular com um furo no centro. Curiosamente, as pessoas parecem não perceber o simbolismo bruto desse emblema e nem remotamente o associam ao sexo.

Muitas delas até o usam como um emblema em volta do pescoço para dar sorte ou como um sinal de sua devoção religiosa. Claro, o sexo desempenha um papel muito real na adoração de Shiva e suas contrapartes femininas. Uma denominação chamada Tantra é construída em torno da teoria sedutora de que somente pela indulgência desenfreada na paixão o homem pode cruzar a região da escuridão que o impede de união total com Shiva. A paixão, admite-se, é veneno; mas o único antídoto para esse veneno é mais veneno. Portanto, é raciocinado que somente a indulgência nos cinco vícios que envenenam a alma do homem — vinho, carne, peixe, gesticulação mística com os dedos, e frouxidão sexual — somente verdadeiras orgias desses cinco vícios podem expulsar seu veneno do sistema e realmente purificar a alma! . . . Agora, não faltam estudiosos que sustentam que toda religião é meramente uma forma de expressão sexual; e eles têm um argumento plausível para sustentar sua teoria. Seria realmente estranho se a religião, que alcança as profundezas da consciência humana, não fosse grandemente influenciada por um impulso tão penetrante como o sexo. De fato, deve-se admitir livremente que mesmo as práticas religiosas mais avançadas e civilizadas são coloridas pelo sexo. (Mas, por falar nisso, também o são as formas de arte e os sistemas sociais mais avançados e civilizados.) As práticas religiosas da Índia, no entanto, estão, em sua maior parte, longe de serem avançadas e civilizadas, e é, portanto, mais natural que o sexo se intrometa nelas. A indulgência em práticas eróticas faz parte da adoração não apenas de Shiva, mas também de Vishnu. Diz-se que muitas das seitas menores que adoram Krishna realmente adoram sua esposa ou amante, ou tiram sua inspiração dos contos selvagens que o Mahabharata conta sobre a juventude dissipada de Krishna. É preciso lembrar que o adorador médio de Vishnu, como seu companheiro na seita Shivaite, ainda é um homem relativamente primitivo. Ele ainda está faminto por aquelas delícias animalescas que, por si só, parecem tornar sua vida miserável vivível. . . .

4

Mas embora o hinduísmo, entre as castas baixas, tenha permanecido revoltantemente primitivo, entre os filósofos de casta alta ele avançou até que alguns de seus ensinamentos quase quase além da compreensão. Os hindus como povo parecem estar equipados com uma tendência profunda e definida de pensar em vez de agir. Talvez por causa do clima enervante em sua terra, eles são muito mais dados ao trabalho duro em contemplação e meditação do que ao trabalho duro em conquistar e criar com ferramentas e máquinas. Como resultado, suas maiores realizações foram no reino das ideias em vez de coisas concretas. E o mundo ocidental, cansado agora das coisas e da luta frenética para obtê-las, nas últimas décadas passou a ter um interesse desmedido nessas realizações mentais dos hindus. Muitas almas ocidentais fracas ou finas demais para suportar a rotina de nossa civilização mecânica se lançaram com grande — e muitas vezes acrítico — entusiasmo na busca de vários sistemas de metafísica indiana. Eles se juntaram a igrejas do Novo Pensamento, Sociedades Teosóficas, Ligas para a Contemplação da Superalma; ou pelo menos se sentaram em salas de estar da moda e ouviram extasiados os elogios de um e outro método de contemplação por iogues de turbante, swamis e outros palestrantes hindus. Mas, apesar de tudo isso, é quase impossível que o pensamento indiano consiga criar raízes profundas no mundo ocidental. Em seu cerne, há uma fome bastante incompreensível para a mente ocidental, a fome pela morte final, pela extinção, pela libertação total do terrível ciclo da vida transmigratória. Para o pensador hindu, a mais amarga desgraça nesta vida-gerada-pela-desgraça sempre foi o medo de que não haja

saída da vida. Praticamente toda a filosofia hindu tem sido uma tentativa prolongada de provar que há de fato uma saída. De acordo com Mahavira, o Jina, a saída é por meio da autonegação física; de acordo com Gautama, o Buda, é por meio da temperança espiritual e da retidão moral. Mas de acordo com os filósofos hindus ortodoxos, a saída é através de vários exercícios físicos e psíquicos. A maioria desses filósofos pertence à escola conhecida como "Yoga". Diz-se que a palavra sânscrita yoga está relacionada ao latim jugum e ao inglês "yoke"; e significa "união". O Yoga visa unir a alma individual com Brahma, a Superalma Universal, pela supressão persistente de toda atividade sensorial perturbadora. Vários exercícios que ele fornece permitem que um homem restrinja até mesmo a menor ação desnecessária de seu corpo, deixando-o imóvel, paralisado, quase sem fôlego. Lá ele deve sentar-se como uma imagem de pedra, sem tremor em sua carne, sem brilho em seus olhos, com sua mente fixada em concentração na Superalma. E então, de repente, o casamento místico é consumado. A pequena alma do indivíduo torna-se subitamente uma com a grande Superalma do Universo. Uma bem-aventurança inefável inunda o devoto, uma paz e descanso como ele conheceu apenas no ventre de sua mãe. Ele se sente de alguma forma requintadamente exaltado, deliciosamente levado para fora de si mesmo, divinamente desencarnado. Ele se torna por um momento inteiramente um espírito, uma parte flutuante etérea do Todo, um iogue. . . . E então o transe se rompe. Com um horror nauseante em seu coração batendo lentamente, o devoto desce para a terra novamente. E lá ele acorda para se encontrar preso à terra mais uma vez — mas com uma memória que ele não pode obliterar. Daí em diante ele é um homem mudado, pois tendo provado uma vez o Nirvana sua única paixão consumidora é provar novamente. Daí em diante ele está completamente perdido para o mundo, não se importando nem com suas virtudes nem com seus vícios. Daí em diante ele vai vagando solitário como uma nuvem, não se preocupando se faz o bem ou o mal, não pensando se constrói ou destrói. Pois ele não é mais um homem comum — ele é um iogue!

Este não é o lugar para uma discussão detalhada sobre misticismo. Ninguém pode dizer com certeza indiscutível o que é, ou de onde vem. Teólogos e a maioria dos psicólogos mais velhos insistem que o êxtase místico experimentado pelo iogue ou pelo santo é um verdadeiro vislumbre da eternidade, e que é um presente de Deus; os psicólogos mais novos estão inclinados a acreditar que não é mais do que uma sublimação do desejo sexual. Mas embora possamos não saber o que é o êxtase místico ou de onde ele vem, ninguém pode negar que é um fenômeno válido e genuíno. O fato de que noventa e nove em cada cem pessoas que leem este parágrafo podem nunca ter experimentado tal êxtase não milita nem um pouco contra sua realidade. Evidentemente existem no mundo, especialmente na Índia, certas pessoas cujas mentes são peculiarmente sensíveis ao que é vagamente denominado de espiritual. E quando tais pessoas aumentam sua sensibilidade por meio de exercícios como o do Yoga, não é motivo real de admiração se elas experimentam os êxtases transcendentes dos quais falam. Nós, mortais comuns, dificilmente temos mais direito de desafiar seu testemunho do que temos direito de desafiar o testemunho dos astrônomos que, com a visão ampliada que seus telescópios lhes proporcionam, nos falam de estrelas que nossos olhos nus nunca viram.

Além disso, mesmo que a experiência mística seja de fato uma ilusão e uma mentira, tudo o que importa é que para o místico ela parece a única verdade indubitável. Todos os fenômenos terrestres da vida parecem-lhe inteiramente ilusórios e irreais; apenas aqueles momentos fugazes de êxtase sobrenatural parecem-lhe válidos e genuínos. E nessa fé ele vive. Firme na convicção de que todos os tormentos e perigos da vida terrena são meras mentiras e fantasias, ele pode atravessar o mundo sem medo. Ele não pode ter medo deste

universo material porque ele diz a si mesmo que ele simplesmente não está lá — e quer dizer isso. A matéria não existe para ele. Apenas Brahma, a Superalma, o "Isso", o Espírito Infinito — somente isso existe. Sua única preocupação é como escapar da prisão deste mundo ilusório, e sua — toda a religião é direcionada para essa libertação. Em essência, a religião do místico é a técnica pela qual ele se esforça para se elevar à união com Brahma. É claro que não é de forma alguma como a técnica religiosa comum. Não dá ênfase à oração ou ao sacrifício, pois a Superalma é puramente impessoal e não pode ser movida por bajulação ou petição. Nem dá ênfase à moralidade, pois, uma vez que a Superalma não está preocupada com este mundo material ilusório, necessariamente não pode estar interessada na bondade ou maldade dos atos ilusórios realizados nele. Não, a religião, a técnica de salvação, praticada pelo místico hindu, dá ênfase apenas a certos exercícios psíquicos. Exige apenas concentração, supressão de toda atividade sensorial, meditação sem fôlego — e então garante o Nirvana. Exige que toda ação seja condenada à morte e, então, promete inação eterna. E milhões de almas na Índia foram “salvas” por essa crença. . . .

5

Mas embora muitos hindus possam ter encontrado conforto no Yoga e em outros sistemas filosóficos, a vasta maioria das pessoas sempre se refugiou em crenças menos abstrusas. Até hoje, a religião dos servos e camponeses hindus, especialmente no sul, ainda é quase o animismo primitivo dos negros aborígenes. Dizem que quatro quintos do povo da Índia ainda adoram espíritos locais, geralmente demônios femininos, com os mais revoltantes sacrifícios de animais. O hinduísmo ortodoxo dos brâmanes se opõe ao abate de animais e reverência especialmente a vaca. Mas as massas nuas nas selvas prestam pouca atenção a esse tabu e, ocasionalmente, até conseguem envolver brâmanes caídos para oficiar seus sacrifícios de animais. Aqueles miseráveis camponeses meio famintos adoram deuses, demônios e fantasmas e continuam nas selvas da mesma forma que seus ancestrais negros faziam há milhares de anos. Hindus. Pois eles ainda têm medo. Eles não estão cansados da vida, como muitos da casta superior. Na verdade, esses servos nunca viveram o suficiente nem para conhecer a vida, muito menos para se cansarem dela. Eles apenas existiram; eles cresceram, desovaram e morreram, como tantos roedores da selva, geração após geração. E, portanto, eles nunca foram capazes de entender o apetite cansado do mundo do filósofo pela aniquilação. Essas massas ainda têm fome de vida — mas vida enriquecida e tornada bramânica luxuriante.

É por isso que os camponeses se aglomeram nos templos com oferendas de carne ou flores, e rezam com medo aos ídolos de madeira e pedra. Eles imaginam que assim podem ganhar para si uma vida mais fácil em uma casta superior quando renascerem. Ou se sonham em escapar do ciclo da vida reencarnante, nunca é em escapar para a passividade e o nada. Nirvana para eles não é um estado mental de total imperturbabilidade neste mundo, mas uma revolta física de alegria em algum outro mundo. E a obtenção desse Nirvana luxurioso é, claro, sua maior esperança.Para vencer, eles irão a quase incríveis excessos de piedade. Milhões deles, quando velhos e decrépitos, rastejarão de barriga para o Rio Ganges simplesmente porque prevalece a crença de que, ao dar o último suspiro às margens do Ganges, a alma de um homem moribundo recebe transporte certo e imediato para o céu de Shiva. Benares, às margens do Ganges, contém mais de dois mil templos e incontáveis santuários menores, todos eles apoiados por peregrinos hindus tão crédulos.

Benares, no entanto, não é a única cidade sagrada na terra, nem o Ganges o único rio

sagrado. Cada canto da Índia tem seus próprios templos e santuários. Ídolos grotescos além da descrição podem ser encontrados em todos os lugares: corpos com cabeça de elefante, gárgulas de três olhos, monstros com muitas cabeças e todo tipo de outras criações assustadoras. E a esses ídolos, que aumentam anualmente em número e monstruosidade, os milhões da Índia prestam adoração. Os sacerdotes, que supostamente acordam, lavam e alimentam os ídolos, ainda são os aristocratas. Muitos servos na Índia hoje se recusam a quebrar seu jejum pela manhã, exceto com água na qual o dedo do pé de um brâmane foi mergulhado. A casta ainda segura as pessoas com punho de ferro. Suas quatro divisões originais se multiplicaram muitas vezes, e a população agora está dividida em centenas de pequenas subcastas. E diz-se que há cinquenta milhões de homens e mulheres na terra que são considerados muito baixos para pertencer até mesmo à subcasta mais baixa. Eles são os rejeitados, os "Intocáveis", cuja mera travessia da sombra de um brâmane supostamente o torna ritualmente impuro!

Alguém se pergunta o que resultará de tudo isso. O medo, organizado e intensificado pelo sacerdócio, levou a pobre Índia a uma areia movediça de onde parece não haver escapatória. Século após século, tentativas corajosas foram feitas para reformar a religião; mas invariavelmente elas fracassaram. Não importa quantos profetas venham às massas para dizer-lhes para destruir seus ídolos e expulsar seus sacerdotes, essas massas não obedecerão. Pois elas simplesmente precisam ter seus juncos para se agarrar, seus espíritos para acreditar. Pois elas ainda estão com medo. . . . com medo. . . .

Livro Quatro ACONTECEU NA CHINA

CONFUCIONISMO

1. A religião primitiva da China — adoração aos ancestrais — o culto estatal — a religião popular — costumes funerários — festivais familiares — por que a China avançou tão cedo?
2. A história de Confúcio.
3. A obra de Confúcio — seu evangelho — seu lugar na história.
4. A deificação de Confúcio.

TAOÍSMO

1. A vida de Lao-Tsé — o rei Tao-Teh — o evangelho — Lao-Tsé foi um professor religioso?
2. A degeneração do taoísmo — alquimia — deuses e sacerdotes — a deificação de Lao-Tze.

BUDISMO

1. Como entrou na China — por que teve sucesso lá — sua ascensão e queda.
2. A Terra das "Três Verdades" — adoração popular.

CONFUCIONISMO

O que pode ter sido a religião mais antiga da China, ninguém parece saber ao certo. Alguns estudiosos afirmam que era quase ou completamente um monoteísmo, pois desde os primeiros tempos os chineses parecem ter adorado um Governante Supremo geralmente identificado com o Céu. Essa teoria de um monoteísmo antigo dificilmente pode ser aceita, no entanto, pois lado a lado com a adoração do Governante Supremo, o Espírito do Céu, continuou, também, a adoração de numerosos espíritos da terra. Até onde podemos ir, os chineses parecem ter buscado ajuda dos espíritos que eles supunham animar todos os fenômenos naturais, e especialmente os fantasmas dos mortos. Portanto, é mais seguro descrever a religião mais antiga da China como um animismo avançado do que um monoteísmo — um animismo peculiar enraizado na adoração dos espíritos da natureza e na adoração dos espíritos dos mortos. Talvez originalmente esses dois elementos, natureza e

adoração aos ancestrais, fossem rivais pela fidelidade do povo; mas depois eles foram fundidos pela crença de que o Céu, o chefe dos espíritos da natureza, foi o primeiro antepassado do imperador e, portanto, o chefe também dos espíritos ancestrais.

A devoção aos mortos foi a característica marcante da religião chinesa desde o início. Era incumbência de todos os homens, altos e baixos, adorar os espíritos de seus antepassados individuais. O imperador adorava o espírito do Céu como seu ancestral, e os sacrifícios regulares que ele oferecia a ele eram a ocasião de tremenda exibição ritual. Em uma ampla extensão deserta de areia ao sul de Pequim, ainda está o magnífico altar de mármore branco puro sobre o qual o imperador, vestido de reboque e em vestes feitas tão azuis quanto o céu, oferecia uma vez por ano. Os kowwas acreditavam que se o imperador cometesse o menor erro nesses ritos anuais, eis que o mundo inteiro iria imediatamente para o caos! E para qualquer outro homem na terra presumir sacrificar ao espírito associado ao Céu era equivalente a uma declaração de rebelião. O imperador era o chefe religioso da nação, e porque os espíritos maiores eram supostamente seus ancestrais exclusivos, sua adoração era considerada seu privilégio exclusivo. Anualmente, ele fazia oferendas ao espírito da Terra, do qual ele também alegava descendência. Ele as fazia em uma segunda planície arenosa e pontilhada de pinheiros fora de Pequim, e com a mesma pompa que era empregada por ele na adoração ao Céu. Ele também adorava os espíritos do solo, das plantações e dos rios, e se eles não respondessem adequadamente, ele os depunha tanto quanto deporia um príncipe desobediente. Sendo "Filho do Céu e da Terra", ele tinha o direito de reduzir ou aumentar o número de espíritos à vontade!

Tudo isso, no entanto, era apenas a religião do estado. As pessoas comuns não podiam se aproximar do deus chamado Céu mais do que podiam se aproximar do imperador, e não podiam compartilhar da adoração do Céu mais do que podiam ter uma mão no governo. Necessariamente, portanto, eles acalentavam uma religião separada. Atormentados pelos perigos e frustrações da vida, eles se voltaram para os espíritos de seus próprios antepassados em busca de ajuda. Os funerais eram a ocasião dos ritos e oferendas mais elaborados. Roupas e alimentos eram colocados nas sepulturas. Até mesmo os servos e parentes eram às vezes massacrados e enterrados com o cadáver de um homem de posição. A mesma coisa, é claro, era feita no Egito quando um rei morria. As pirâmides são estocadas com móveis suntuosos e outras posses. Na Grécia antiga, também, essa prática já foi observada, e lá foi levada a tal excesso que o estadista, Sólon, sentiu-se compelido a legislar contra ela. Mas na China, onde o costume também deve ter ameaçado se tornar uma séria ameaça à estabilidade econômica, ele foi contido de outra forma. Não foi suprimido lá, mas alegorizado. O que era chamado de dispositivo "make-see" foi introduzido, e daí em diante os escravos enterrados com o cadáver eram meramente bonecos de madeira, e as roupas eram de papel! Meras imagens de comida e mobília eram consideradas reais o suficiente para serem sacrificadas e enterradas com os mortos!

Talvez esse subterfúgio fosse possível na China e não em outras terras porque os chineses tinham uma atitude peculiar em relação àqueles que haviam partido desta vida. No Egito, Grécia e onde quer que os bens fossem enterrados com os mortos, era francamente admitido que a prática era observada para que as almas dos que partiram pudessem ser bem cuidadas no outro mundo. Os chineses, no entanto, se recusaram a fazer essa admissão. Eles não sabiam nada sobre nenhum outro mundo além deste, e pareciam não ter se interessado o suficiente nem para especular sobre isso. Havia uma crença distinta na China de que os mortos sobreviviam em algum lugar — mas onde, ninguém se dava ao trabalho de perguntar. Tudo o que os chineses estavam preocupados era que os fantasmas dos mortos deveriam retornar e ajudar os vivos. Para esse fim, eles ofereciam sacrifícios

regulares aos fantasmas, adorando-os por meio de "personificadores" vivos que ficavam sentados imóveis durante a cerimônia e então comiam uma parte das oferendas. Em dias posteriores, simples tábuas memoriais de pedra foram feitas para servir como substitutos para esses "personificadores". As classes mais altas construíram templos para manter suas tábuas ancestrais; as mais baixas as mantinham na sala principal (geralmente a única) em suas cabanas.

Os sacrifícios aos espíritos dos mortos eram realmente festas familiares. Toda a arte e mistério da culinária chinesa eram usados na preparação dos molhos, condimentos, petiscos e bolinhos que eram usados. Diversas bebidas feitas de painço eram servidas com aqueles pratos de comida; e então a cerimônia começava. Com o mais escrupuloso cuidado, cada detalhe minucioso do ritual era encenado, enquanto tambores ressoavam, flautas guinchavam e enormes instrumentos de cordas soltavam seu persistente ping-ping. Homens e mulheres cantavam canções e dançavam danças pantomímicas que eram imaginadas como divertidas para os fantasmas na sala. A cerimônia continuava por horas, às vezes durando mais que o dia. E então, finalmente, o "oficial de oração" declarava que os fantasmas estavam satisfeitos. Gravemente, ele abençoava o celebrante, dizendo: "Perfumado tem sido teu sacrifício filial, e os espíritos se deliciaram com os licores e iguarias. Eles derramam sobre ti cem bênçãos, cada uma como é desejada e tão certa quanto a lei. Tu foste exato e sincero, e certamente serás abençoado com favores nas miríades e dezenas de miríades." Então sinos e tambores levantavam um barulho poderoso, e os espíritos dos mortos educadamente iam embora. Tendo ficado sentados em invisibilidade fantasmagórica durante toda a cerimônia, tendo ouvido o barulho, sentido o cheiro do punk, comido da comida e bebido até que fossem presumidos como cheios, os espíritos iriam "tranquilamente se retirar" para aquele lugar desconhecido onde tinham sua residência permanente. E os celebrantes, exaustos, mas felizes, então se levantavam e cansados começavam a limpar os pratos... .

Em nenhuma outra parte do mundo uma religião de caráter tão brando se desenvolveu. O elemento do medo era inexistente nela, ou mantido efetivamente enterrado sob uma espessa pele de coragem e confiança. Não existia tal coisa como oração em benefício dos mortos, pois nenhum chinês ousava insultar seus ancestrais imaginando que eles estavam em qualquer necessidade de ajuda. Orações eram oferecidas aos mortos, e somente para trazê-los para perto e garantir sua ajuda. Claro, não se deve imaginar que os camponeses chineses há três mil anos não conheciam demônios a temer ou tabus a temer. Mas é seguro dizer que, de todos os povos antigos, os chineses eram os menos intimidados por tais coisas. Talvez seja por isso que, de todos os povos antigos, os chineses foram os primeiros a ousar avançar por esse caminho aventureiro que chamamos! civilização. Talvez fosse porque os chineses viviam em grande parte sem terror e completamente sem padres, e isso em uma época em que Atenas ainda era uma vila e Roma ainda não havia sido construída, quando a Grã-Bretanha ainda estava fora do mundo e a Gália era apenas um deserto percorrido por selvagens. A China já era uma terra civilizada onde as pessoas andavam de carruagens, viviam em casas bem construídas, vestiam-se de seda, usavam sapatos de couro, sentavam-se em cadeiras, usavam mesas, comiam comida em pratos, mediam o tempo por um relógio de sol e carregavam guarda-chuvas! . . .

2

Mas se alguém ousa alegar que a religião destemida e sem sacerdotes da China foi responsável por seu avanço inicial na civilização, deve-se admitir que ela também foi

responsável por sua prisão precoce. Hoje, a China é uma das terras mais atrasadas da Terra, e parece evidente que sua adoração aos ancestrais retrógrada é em grande parte culpada por essa condição. Pois a adoração aos ancestrais permaneceu como a religião ortodoxa da China. Até a revolução ocorrer em 1912, ainda era possível ver o imperador com sua vasta comitiva sair para os grandes aitars ao sul e ao norte de Pequim, e sacrificar lá ao Céu e à Terra quase exatamente como seus predecessores três mil anos antes. E embora a vinda de uma república à China tenha trazido um fim a essa adoração imperial ao Céu, a antiga adoração familiar dos fantasmas dos ancestrais ainda persiste. Pode ser muito menos ingênua e grosseira hoje do que era quando a noite da barbárie mal havia se dissipado na China; mas de todas as religiões do mundo, ela sofreu menos alterações nas mãos do tempo.

É costume no Ocidente falar do culto ortodoxo aos ancestrais da China como confucionismo. Não se deve imaginar, no entanto, que a figura de Confúcio esteja relacionada a essa religião como, por exemplo, Buda está relacionado ao budismo, ou Maomé está relacionado ao islamismo. Confúcio não foi de forma alguma o fundador da religião, ou mesmo seu reformador. Em vez disso, ele foi seu conservador, tomando posse dela há dois mil e quinhentos anos, quando ela estava apenas começando a decair, e revivendo-a para que pudesse permanecer a força dominante na vida dos chineses dali em diante. Ele disse de si mesmo que "não era um criador, mas um transmissor, acreditando e amando os antigos" — e em quase nenhuma palavra ou ato ele desmentiu essa descrição.

Confúcio, cujo nome chinês era Kung-fu-tze, viveu naquele século incrível, o sexto a.C., que produziu Mahavira e Buda na Índia, Zoroastro (talvez) na Pérsia, e Jeremias, Ezequiel e o Segundo Isaías em Israel. Ele nasceu em 551 a.C., e de sua vida inicial não sabemos praticamente nada. Tudo o que nos é dito com alguma credibilidade é que aos vinte e dois anos ele já era um professor, e extraordinariamente popular. Mas seus seguidores parecem ter sido bem diferentes dos seguidores da maioria dos outros jovens professores que deixaram sua marca na civilização. Aqueles que se sentaram aos pés de Confúcio não eram rebeldes zelosos, mas estudantes piedosos. Pois o próprio Confúcio não era de forma alguma um rebelde. Ele era um antiquário, um homem que amava os antigos e se dedicava de toda a alma ao estudo de sua sabedoria e seus caminhos. Desde muito cedo ele adquiriu a posição de especialista nos antigos costumes rituais e contou como uma das grandes experiências de sua vida a oportunidade que certa vez teve de visitar Pequim e inspecionar os lugares onde os grandes sacrifícios ao Céu e à Terra eram oferecidos.

Por muitos anos, Confúcio passou todo o seu tempo coletando e editando os antigos escritos de seu povo, e ele não foi chamado para se dedicar a assuntos práticos até os cinquenta anos de idade. Em 501, ele recebeu a nomeação de magistrado chefe de uma cidade chamada Chungtu: e a tradição declara que em doze meses ele livrou aquela cidade de todo vestígio de crime. Ele realizou esse milagre sujeitando toda a vida a uma etiqueta elaborada. Até mesmo a comida que diferentes classes podiam comer era regulamentada. Todos os seres vivos eram regimentados, e até mesmo os cadáveres eram colocados em caixões de uma espessura prescrita e enterrados em sepulturas de um formato prescrito!

Então, assim diz a história, o duque da província elevou Confúcio a cargos cada vez mais altos, finalmente tornando-o Ministro da Justiça. E como Ministro da Justiça, Confúcio deteve a população tão efetivamente com regras e regulamentos, que em muito pouco tempo toda a província se tornou um estado modelo, e todas as leis contra o crime caíram em desuso. “A desonestidade e a dissolução eram envergonhadas. Lealdade e boa-fé marcavam todo homem, e castidade e submissão enfeitavam toda mulher. Estrangeiros em grandes multidões vieram em bandos de outras cidades, e a fama de Kungfu-tze, o ídolo do

povo, voou em canções de todas as bocas" — pelo menos, assim declaram os biógrafos não totalmente imparciais do sábio. . . .

Mas as coisas foram bem demais para durar muito. Príncipes vizinhos, com inveja da prosperidade e paz na província reformada, seduziram a mente do duque com presentes de cavalos rápidos e dançarinas mais rápidas. O ministro fazedor de milagres, de repente se viu em desgraça, tristemente — e muito lentamente, pois até o fim ele esperava que o duque se arrependesse — sacudiu a poeira dos ingratos de seus pés. Ele começou a fazer as rondas pela China, indo de uma corte para outra e oferecendo livremente seus serviços a cada príncipe e ministro que encontrava. Com ingênua segurança, ele lhes disse: "Em doze meses eu poderia efetuar grandes mudanças, e em três anos eu poderia aperfeiçoar tudo!" Mas não havia ninguém na terra para tirar vantagem de sua oferta. Ele vagou por treze longos anos sem encontrar um único governante disposto a lhe dar emprego. Evidentemente, ele era olhado com suspeita por príncipes e pessoas, e pelo menos uma vez ele foi atacado por uma multidão e quase assassinado. Muitos dias ele foi forçado a ficar sem comida, e muitas noites ele foi deixado sem abrigo. No entanto, durante todos aqueles anos, seu coração não falhou. Teimosamente, ele permaneceu confiante de que o Céu o protegeria em sua missão da verdade, e apesar de todo desânimo, ele continuou a esperar por uma chance de salvar o mundo.

Mas finalmente chegou o dia em que ele não pôde mais vagar. A vida começou a esvair-se de seus velhos ossos, e em tristeza ele retornou à sua província natal para passar seus últimos dias no estudo de seus amados pergaminhos antigos. Seu corpo encolheu em um saco amarelo seco, e sua coragem murchou e desapareceu completamente. Talvez ele tenha se tornado queixoso no final; certamente ele se tornou queixoso e irremediavelmente ressentido. "A grande montanha cambaleia", ele murmurou para si mesmo quando a morte o atingiu: "Sim, a viga robusta quebra, e o homem sábio murcha como uma planta! Não há ninguém no império que me fará seu professor! Em verdade, chegou minha hora de morrer!" . . . E assim terminou a vida de Kung-fu-tze. . . .

3

Agora é óbvio que este homem, um dos maiores de toda a história, dificilmente merece ser descrito como um profeta religioso. Profetas quase invariavelmente são rebeldes, hereges santos que sempre rompem com o passado. Mas este homem, Confúcio, não buscou romper com o passado, mas sim curar a brecha que já havia sido feita. E ele a curou. Por seu trabalho diligente na edição dos antigos escritos sagrados da China e no estabelecimento de sua autoridade suprema, ele colocou um jugo sobre seu povo do qual até hoje eles não conseguiram se livrar. . . . Este não é o lugar para entrar em uma discussão sobre os livros, os cinco reis e os quatro shu, que ele ou seus discípulos imediatos abaixo dele supostamente escreveram. Em sua maior parte, eles são compostos de coleções de antigos hinos rituais, leis cerimoniais, "permutações" mágicas, crônicas históricas e provérbios. Sua importância para nós não repousa em seu próprio mérito, mas somente no fato muito real, embora quase inacreditável, de que quase até hoje eles dominaram a vida e o pensamento de toda a China erudita. Sobre esse fato, também, repousa a importância de Confúcio. Ele não foi em nenhum sentido um inovador. Ele não contribuiu com uma única ideia, prática ou experiência nova para a religião herdada de seu país. Mas ele foi mais efetivamente um conservador. Ele tomou posse de uma religião já antiga e decadente e, à força de organizar suas tradições dispersas, conseguiu infundir vida imperecível nela. É questionável se qualquer outro homem em toda a história teve influência

mais duradoura em um povo do que aquele velho sábio de Shantung que em sua vida não conseguiu nem mesmo um emprego! . . .

Mas embora Confúcio tenha organizado e virtualmente estabelecido uma grande religião, ele próprio no sentido mais restrito não era um homem religioso. Ele sabia muito pouco sobre os deuses, e parece ter se importado menos. Quando um discípulo perguntou sobre o serviço aos espíritos, ele teria respondido: "Enquanto não fores capaz, como poderás servir aos espíritos?" Nem tinha uma palavra a dizer sobre o outro mundo. "Enquanto não conheceres a vida", ele declarou, "como poderás conhecer a morte?" Ele não via razão para oração, e desprezava todo interesse no sobrenatural. "Dar-se sinceramente ao serviço dos homens, e ao mesmo tempo respeitar os espíritos, não fazer grande alarde sobre eles — isso é sabedoria", ele disse. . . . Claramente, portanto, Confúcio tinha pouco daquele medo e nada daquela humildade que leva os homens a implorar a ajuda dos deuses. Ele via pouca necessidade de deuses, pois acreditava em si mesmo, em seu próprio poder como um homem justo. "O que um homem superior busca", ele declarou, "está em si mesmo!" . . . Parecia a Confúcio que se um homem se conduzisse com propriedade, então a frustração e o desespero seriam impossíveis. Ele acreditava no poder moral dos feitos tanto quanto seu ancestral selvagem poderia ter acreditado na eficácia de feitiços mágicos. De fato, é relatado que uma vez ele declarou que as próprias estrelas eram mantidas em seus cursos somente pela propriedade moral do homem. Não injustamente, portanto, Confúcio pode ser descrito como um xamã que confiava em prescrições morais em vez de ritos mágicos como os meios pelos quais controlar o universo. Sua maior contribuição foi no campo da ética, e seus provérbios são citados — e na brecha, pelo menos, observados — ainda hoje. Não há idealismo extravagante a ser encontrado neles, nenhuma cara de pau exagerada. Existem provérbios para a orientação da humanidade muito humana, e o outro mundo não tem lugar neles. “É loucura retirar-se do mundo”, declarou Confúcio, “e fazer camaradagem com pássaros e animais que não são nossos companheiros. Com quem eu deveria fazer camaradagem senão com a humanidade sofredora? . . .”

Mas é importante que resistamos à tentação de exagerar a majestade de Confúcio, mesmo como um professor de ética. A tendência comum de classificá-lo com os grandes sábios que chegaram marcadamente à frente na Grécia um ou dois séculos depois dificilmente é justificada. É verdade que eles também estavam dispostos a dobrar os joelhos a todo e qualquer deus, desde que pudessem dobrar seus pensamentos como quisessem. Mas eles diferiam de Confúcio no fato de que dobravam seus pensamentos para o novo, não para o antigo. Eles ousaram se aventurar em terras virgens do espírito, abrindo trilhas por desertos que nenhuma mente humana havia atravessado ainda. Mas Confúcio? Ele empregou as forças de sua razão apenas nos pântanos decadentes e esburacados do passado. Ele pode ter duvidado da existência dos deuses antigos, mas nunca duvidou da validade dos antigos ritos prestados a eles. Ele considerava incumbência de todos os homens adorar com o mais escrupuloso cuidado, não tanto para o benefício gracioso dos espíritos que eram adorados, mas para o benefício disciplinar dos homens que faziam a adoração. Propriedade, regularidade, observância exata e meticulosa dos "trezentos pontos de cerimônia e três mil pontos de comportamento" — esses eram os fins e objetivos finais da vida. O próprio Confúcio, somos informados, levou esse ritual de regularidade em sua vida a extremos bastante fantásticos. Até mesmo sua postura enquanto dormia na cama estava de acordo com uma regra fixa! . . . Tudo tinha que ser ordenado, pois "A ordem é a única lei do Céu". Toda mudança era prejudicial, e a salvação só poderia ser obtida se ninguém tentasse perturbar a ordem religiosa, social e política que já estava estabelecida.

Claro, era preciso ir até a autoridade máxima para os detalhes dessa ordem no passado dourado. O que quer que fosse dos pais parecia a Confúcio ser para os filhos. A piedade filial, o respeito pelos ancestrais, era aos seus olhos a mais alta de todas as virtudes.

E exaltando essa virtude, ele morreu.

4

Mas então Confúcio começou a viver de novo. Discípulos devotados registraram suas palavras em enormes coleções que são chamadas de "Analectos". A memória do grande sábio começou a crescer em poder, especialmente no século seguinte, quando um novo discípulo, Mêncio, surgiu para espalhar suas doutrinas. No terceiro século, um usurpador bem-sucedido do trono tentou o seu melhor para arrancar todo o crescimento, pois sua condenação intransigente de toda não conformidade e mudança tornou sua vida rebelde indescritivelmente difícil. Este imperador fez um esforço sistemático para destruir todos os livros confucionistas e matar todos aqueles que os conheciam de cor. Mas ele falhou, e quando um membro de uma dinastia antiga recuperou o trono imperial, o confucionismo começou a florescer como nunca antes. O próprio Confúcio foi exaltado até se tornar um verdadeiro deus. No ano 1 d.C., o velho antiquário foi canonizado. "Duque Ni, o Todo Completo e Todo-Ilustre", ele foi oficialmente nomeado. . . . Em 57 d.C., foi ordenado que sacrifícios fossem oferecidos a ele em todas as faculdades. . . . No ano 89, ele foi elevado à mais alta posição imperial de "Conde", e em 267 foi decretado que sacrifícios de animais mais elaborados fossem oferecidos a ele quatro vezes por ano. . . . Em 492, ainda mais honras foram feitas a ele, e ele foi oficialmente canonizado "o Venerável Ni, o Sábio Realizado". . . . Em 555, templos separados para a adoração de Confúcio foram ordenados nas capitais de todas as prefeituras da China, e em 740 sua imagem foi movida da lateral para o centro do Colégio Imperial, para ficar com os reis históricos da China. . . . Em 1068, ele foi elevado à posição plena de Imperador. . . . E finalmente em 1907 a Imperatriz Viúva elevou-o ao primeiro grau de adoração, classificando-o com as divindades Céu e Terra! E assim aconteceu que aquele que em vida foi espancado e perseguido é agora um deus para toda a China. Aquele que não tinha abrigo agora tem mais de mil e quinhentos templos para abrigar suas tábuas; aquele que estava faminto agora tem mais de sessenta e dois mil animais oferecidos ao seu fantasma todo ano. Pior ainda, aquele que não viu nenhuma necessidade indevida de oração foi ele próprio feito objeto de oração, e aquele que tinha pouca utilidade para deuses foi ele próprio feito co-igual ao Céu. . . . Ironia!

TAOISMO

Confúcio, o homem prático, o organizador, o sumo sacerdote dos meticulosos, é frequentemente apontado como a personificação de todo o caráter chinês. Mas isso não é justo. No labirinto que é a mente chinesa — assim como no labirinto que é qualquer outra mente — há muitos caminhos sombreados por sebes selvagens de misticismo. Se a China fez um deus do prático Confúcio, ela não fez menos pelo místico Lao-Tsé. . . .

Infelizmente, quase não temos dados confiáveis sobre a vida de Lao-Tsé. Seu caso não é como o da maioria dos outros grandes homens do passado — como o caso, por

exemplo, de Moisés, Buda, Confúcio, Jesus ou Maomé. Sobre cada um desses homens, temos lendas e tradições que oferecem pelo menos alguns pregos não muito soltos para sustentar as tapeçarias puídas da biografia "crítica". Mas sobre Lao-Tsé, não temos nem um fato meio confiável. Nossa principal fonte de informação é um pequeno esboço de duzentas e quarenta e oito palavras chinesas que foram estabelecidas pelo menos cinco séculos após a morte do filósofo. Lao-Tsé, cujo nome pode ser traduzido como "Velho Erudito" ou talvez "Velho Rapaz", teria nascido no ano 604 a.C. e supostamente teria sido o bibliotecário da corte da província de Chou. Há uma anedota contada sobre como Confúcio, enquanto estava hospedado uma vez nesta corte, tentou aprender com o então muito idoso bibliotecário alguns detalhes obscuros sobre os costumes ultrapassados da província. Mas tudo o que ele recebeu em troca de seus esforços foi uma surra severa, e ele deixou a corte dizendo que Lao-Tsé era tão inexplicável e terrível quanto um dragão. Confúcio ficou completamente perplexo com o velho, pois nele ele foi confrontado com uma mente mais diferente da sua do que parecia possível. Lao-Tsé possuía um desses intelectos tremendamente aventureiros, inquisitivos e especulativos. Ele estava sempre perguntando por quê? Ao contrário de Confúcio, Lao-Tsé não podia tomar o mundo como garantido, mas tinha que saber primeiro quem estava concedendo, e como, e por quê. E ele era velho, e muito cansado, e muito sábio. A luxúria pela conquista terrena havia há muito se esvaído de seus ossos frágeis, e apenas a vaidade de toda a vida e esforço enchia seus pequenos olhos amendoados e turvos. Não é de se admirar, então, que ele tivesse pouca paciência com o jovem salvador do mundo ansioso, esperançoso e agitado que veio consultá-lo sobre os caminhos esquecidos do passado.

A história é contada de como em seus últimos dias, Lao Tsé tentou fugir da província de Chou por causa da anarquia em que o estado havia caído. Como Confúcio, o velho lamentou profundamente a "pobreza do povo" e a "grande desordem" e trapaça na terra; mas, diferentemente de Confúcio, ele não se sentiu chamado a tentar remediar esses males. Ele disse a si mesmo que "retirar-se para a obscuridade é o caminho do Céu", e imediatamente tentou sair. Mas na fronteira o capitão da guarnição parou o velho e pediu que ele escrevesse sua filosofia de vida antes de ir para o exílio. E então lá, em uma pequena guarnição de fronteira na China antiga, Lao-Tsé escreveu o livro que é a Bíblia de toda a religião taoísta. O livro é chamado de "TaoTeh-king", e embora muitos estudiosos afirmem que ele nunca foi escrito pelo próprio Lao-Tze, é razoavelmente certo que ele contém muitas das ideias que o velho sábio pensou. É um livro muito breve, com apenas cinco mil palavras, e poderia ser escrito aqui literalmente em menos de vinte páginas. Sem dúvida, sua própria concisão, sua brevidade severamente mesquinha, foi responsável pela pouca compreensão que recebeu nas gerações posteriores.

O livro consiste em duas seções: a primeira, o Tao, se propõe a contar o porquê do universo, e a segunda, o Teh, se esforça para contar o como da vida. A palavra Tao é quase intraduzível. Uma aproximação remota a ela é a palavra "Natureza" ou talvez "Caminho". Tao é aquilo que está por trás de todas as outras coisas, a realidade fundamental, o "Caminho do Universo". Como o próprio Lao-Tze disse: "Há algo indiferenciado e ainda assim perfeito, que existia antes que o céu e a terra existissem. Não sei seu nome, ou se devo designá-lo, posso chamá-lo apenas de Tao". A característica marcante deste Tao é que ele faz tudo sem dar nenhum sinal de fazer nada. É um grande, incipiente, incorpóreo, intangível Algo que nunca se exerce e nunca fica excitado. Ele simplesmente é. . . .

E nessa mesma passividade, disse Lao-Tsé, o Tao estabelece o padrão para a vida adequada do homem. Existe apenas um Teh, uma "Virtude" para o homem, e é emular o equilíbrio e a inação do Tao. É vão além das palavras para qualquer indivíduo tentar realizar

qualquer coisa em uma febre. Interferência exigente com o mundo, esforço ofegante para reformá-lo ou depravá-lo, são pura loucura. Existem apenas "Três Joias" de caráter, e a mais escolhida delas é wu wet, "inatividade". O verdadeiro discípulo é eternamente silencioso, mesmo sobre o Tao. Ele rejeita todo aprendizado e zomba de toda fome de aprendizado. Ele é um niilista completo, recusando-se a se incomodar o suficiente para acreditar em qualquer coisa ou fazer qualquer coisa. Até mesmo se defender de uma injúria é muito incômodo. Confúcio ensinou que a reciprocidade é uma das principais leis da ética. O bem deve ser retribuído com o bem e o mal com o mal. Mas Lao-Tsé ensinou de forma bem diferente. Ele declarou: “Para aqueles que são bons, eu sou bom, e para aqueles que não são bons, eu também sou bom; assim, todos se tornam bons. Para aqueles que são sinceros, eu sou sincero, sincero; e para aqueles que não são sinceros, eu também sou sincero; assim, todos se tornam sinceros.” A fraqueza parecia-lhe a maior força. “Não há nada no mundo mais suave e fraco do que a água”, ele disse; “mas para atacar coisas que são firmes e fortes, nada a supera.” Um espetáculo extraordinário, este: um velho sábio decrépito de pele amarela sentado ali em um acampamento selvagem na fronteira da China, quinhentos anos antes de Jesus ter caminhado na Terra, e calmamente dizendo ao mundo para retribuir o mal com o bem! . . .

Ao lado da inatividade, a mais preciosa “Jóia” do caráter é a humildade. “Quando o mérito for alcançado, não o tome para si mesmo”, disse Lao-Tsé. "Se não o tomares para ti, eis que nunca te poderá ser tirado!" Ou ainda: "Fica para trás, e inevitavelmente serás mantido na frente." "O homem sábio é aquele que descansa satisfeito com o que tem." "Não há maior culpa do que sancionar a ambição; nem há maior calamidade do que estar descontente com a própria sorte..." E depois da humildade, a "joia" mais preciosa é a frugalidade. Assim como da fraqueza vem a força e da humildade vem a proeminência, da frugalidade vem a liberalidade. Como Lao-Tsé disse: "O homem sábio não acumula. Quanto mais ele gasta pelos outros, mais ele possui do seu próprio; quanto mais ele dá aos outros, mais ele tem para si mesmo.”

Sobre religião no sentido estrito da palavra, Lao Tsé nada disse. Ele não acreditava nos deuses e era inalteravelmente oposto a todas as formas de adoração. Ele achava que o sacrifício e a oração eram vãos e impertinentes, pois eles se esforçavam para trazer a natureza em harmonia com o homem, quando propriamente era dever do homem deixar-se afundar passivamente em harmonia com a natureza. Apenas uma vez no "Tao-Teh-king" o deus Supremo, Shang-ti, é mencionado, e então apenas para deixar claro que ele é inferior ao inefável Tao. No sentido mais restrito da palavra, portanto, Lao-Tsé não era claramente um homem religioso.

Mas no sentido mais amplo da palavra, Lao-Tsé era superlativamente um homem de fé. Apesar de toda a morbidez assustadora de sua doutrina niilista, Lao-Tsé era profundamente um ser espiritual. Ele viu com clareza ofuscante o que Confúcio nunca suspeitou nem remotamente — que toda a vida é apenas uma arca de juncos se afogando em um pântano de vaidade. Ele estava desesperadamente consciente da necessidade de segurança, da necessidade de algo infinito no tempo e no espaço ao qual o pequeno homem finito pudesse se agarrar. E era por isso que ele era tão apegado à ideia do Tao, e ensinava que o único caminho para a salvação de todo homem era a união total com esse Tao. toda a literatura mística do mundo, seria difícil encontrar um brilho mais quente ou mais rico do que aquele no "Tao-Teh-king".

É claro que um ensinamento tão distante e impraticável não poderia permanecer imaculado e ter qualquer chance de entrar nos corações dos homens comuns. A tradição declara que quando Lao-Tsé encerrou sua escrita e estava livre para retomar sua jornada mais uma vez, ele partiu para o mundo além e nunca mais foi visto pelo homem. Ele morreu e talvez tenha sido enterrado — embora ninguém saiba como ou onde. Mas seu livro sobreviveu, e logo muitos filósofos foram encontrados nas colinas ou nas florestas distantes da China, esforçando-se para viver de acordo com os ensinamentos daquele livro. Em cavernas e troncos ocos de árvores, eles se sentavam e trabalhavam para praticar kenosis — ver, fazer e pensar em nada.

E as pessoas comuns ficaram, é claro, tremendamente impressionadas quando rumores das estranhas doutrinas do "Tao-Teh-king" chegaram até elas. E ficaram ainda mais impressionadas com os homens extraordinários que realmente tentaram viver de acordo com essas doutrinas. Eles imaginaram que tais homens não deveriam ser apenas santos, mas também mágicos. Com isso, muitos desses homens, por desonestidade ou autoilusão, se estabeleceram como mágicos. O "Tao-Teh-king" degenerou em suas mãos de uma fonte de sabedoria espiritual para um livro-texto de fórmulas mágicas. Eles o atormentaram e o destruíram em uma caçada louca pelos segredos que ele poderia conter. Imperadores foram enganados a gastar fortunas nas pesquisas malucas dos chamados "professores do taoísmo". No terceiro século d.C., um imperador realmente enviou duas grandes expedições para descobrir certas ilhas mágicas onde, de acordo com os "professores", o elixir da vida poderia ser encontrado, o que tornaria todos os homens imortais, e a pedra filosofal que poderia transformar todos os metais em ouro. Na Idade Média, outro imperador realmente morreu por beber muito de um elixir da vida! . . . Homens de todas as classes gastaram sua substância em uma caça frenética por essas coisas vãs, vida e riqueza, que o pequeno e velho místico, Lao-Tsé, havia desprezado mais amargamente.

Uma religião inteira de taoísmo surgiu. Sob a influência do budismo, os eremitas taoístas começaram a se organizar em ordens. Durante toda a vida, eles fizeram tudo o que era imaginável apenas para adquirir grandes mosteiros nos quais não fazer nada! . . . Templos surgiram, e neles sacerdotes — Wu, eles eram chamados — ofereciam sacrifícios a ídolos! Até mesmo um sumo sacerdócio surgiu, e até hoje vive no topo de uma montanha na província de Kiang-si um papa da Igreja Taoísta que se autodenomina Tien-shi, o "Mestre do Céu!"

E assim o tempo brincou obscenamente com a obra de Lao-Tsé. Aquele que declarou que o sábio nunca acumula foi feito profeta de um culto que não busca nada além da acumulação. Aquele que declarou que a vida é a mais lamentável das vaidades foi aclamado o descobridor de poções mágicas para tornar a vida eterna. Acima de tudo, aquele que riu dos deuses e zombou de sua adoração foi feito um deus. . . . Que ironia! Por dois mil e oitenta e um anos agora, desde 156 a.C., aquele pequeno e velho niilista, Lao-Tsé, tem sido adorado com sacrifícios por toda a terra da China! . . .

BUDISMO

Mas a religião da China hoje não é apenas o confucionismo, nem o taoísmo — nem

mesmo uma combinação dos dois. Um terceiro elemento há muito tempo entrou no amálgama: o budismo. Em algum momento do século II a.C., depois de ter feito seu caminho pelo Afeganistão e Turquestão, o budismo finalmente entrou na China. No entanto, ele não se espalhou de uma vez. O budismo então ainda não estava suficientemente enfeitado com doutrinas fáceis e ídolos amáveis para ter qualquer grande poder de proselitismo. Mas, no século II d.C., ele havia se tornado uma religião inteiramente nova, muito generosamente salvacionista e francamente comprometedora; e então se espalhou com grande rapidez.

O novo budismo parece ter tido uma atração irresistível para o povo da China. Ele tinha confortos a oferecer que suas próprias religiões antigas não conheciam. Por um lado, oferecia-lhes um deus muito pessoal e agradável, um Buda idolatrado cujo rosto serenamente plácido e corpo graciosamente rotundo podiam ser vistos, beijados e ajoelhados em todos os templos. O confucionismo não permitia ídolos nem templos. Sacrifícios eram oferecidos apenas a tábuas e em altares a céu aberto. Mas essa nova religião da Índia trouxe consigo uma galáxia inteira de ídolos atraentes e toda uma arte de arquitetura de templos.

Então, também, o budismo tinha muitas informações a transmitir sobre a vida após a morte. O confucionismo, apesar de toda a sua ânsia em obter ajuda dos mortos, não tinha nada a dizer sobre sua morada. Mas o budismo tinha um céu muito maravilhoso e um inferno muito terrível para contar, e fez da oração pelos mortos um assunto desesperadamente importante. Após a chegada do budismo, os chineses, em sua adoração aos ancestrais, começaram a orar pelas almas dos mortos, bem como a elas. Atualmente, mesmo em lares chineses onde o budismo não é aceito, é comum que missas sejam recitadas pela paz dos mortos.

Mas a maior atração do novo budismo estava no fato de que ele era tão completamente uma religião de salvação. Para pobres cegos tateando na escuridão da vida, ele oferecia luz. Ele lhes disse que eles tinham apenas que acreditar no Buda, naquele que era chamado de "Iluminado", e imediatamente tudo se tornaria dia para eles. Nem o confucionismo nem o taoísmo tinham um dízimo tanto a oferecer. O confucionismo, de fato, não tinha nada a dizer sobre a salvação. Estava tão ocupado dizendo aos homens como viver que se esqueceu até mesmo de perguntar — e muito menos de responder — a questão de por que eles deveriam viver. E o taoísmo, caído até ser uma mera vagabunda nos laboratórios dos alquimistas, não era melhor. Embora perguntasse por que os homens deveriam viver, ofereceu uma resposta que as massas não poderiam compreender. Assegurou ao coolie no pântano de arroz que ele viveu para tornar possível para o imperador e seus mágicos irem caçar este elixir da vida — e isso estava longe de ser uma explicação adequada para ele.

Então o budismo — ou mais exatamente, a religião que foi chamada de budismo setecentos anos após a morte de Buda — não teve muita dificuldade em ganhar adeptos na China. A partir do terceiro século, floresceu abertamente. Templos e mosteiros surgiram por toda a terra, e chineses, aos montes, foram convertidos. fé. A classe governante, é verdade, nem sempre favoreceu a nova fé. Era algo novo e, do ponto de vista confucionista, era, portanto, ruim. . . . No quinto século, perseguições terríveis aos budistas ocorreram. Mosteiros e pagodes foram saqueados e queimados, e inúmeros monges e freiras foram deportados ou condenados à morte. Mas em pouco tempo veio uma reação, e no início do sexto século o próprio imperador abdicou de seu trono para se tornar um monge budista! Nos séculos seguintes, a fé continuou a flutuar em favor público. Repetidamente, os mandarins protestaram contra ela, alegando que era totalmente incompatível com o

autêntico espírito chinês antigo. Eles a acusaram também de promover a lascívia, especialmente em seus conventos. Em 884 d.C. perseguições violentas irromperam novamente, e o budismo então sofreu um golpe do qual nunca se recuperou totalmente. Todos os quarenta mil mosteiros, templos e pagodes budistas na terra receberam ordens de serem arrasados. Suas imagens de bronze, sinos e placas de metal foram derretidos e transformados em dinheiro, e suas estátuas de ferro foram remodeladas em arados e pás. Quanto aos monges e freiras — que somavam bem mais de um quarto de milhão — todos foram sumariamente ordenados a retornar à vida secular ou deixar o país. E embora nos últimos anos o budismo tenha conseguido reconstruir alguns desses mosteiros e enchê-los com novas multidões de monges, ele nunca recuperou sua importância original.

2

Portanto, a China hoje é a terra das "Três Verdades": Confucionismo, Taoísmo e Budismo. O confucionismo é em grande parte a religião das classes cultas, e todos os candidatos a cargos públicos devem passar por um exame em seus nove livros sagrados. O taoísmo e o budismo são as crenças às quais somente as massas prestam fidelidade; mas ambos são pouco mais do que uma cloaca escura, repleta de espíritos, demônios, fantasmas, vampiros, lobisomens e dragões de olhos verdes. A mente do camponês chinês hoje está simplesmente abarrotada de multidões de demônios se acotovelando. Por toda a terra, encontram-se os Wu, os sacerdotes caçadores de demônios, ganhando a vida proferindo feitiços sobre os doentes e os mutilados. Um grande pavor prevalece em todos os lugares de dias azarados e azarados lugares. Meses, até mesmo anos, são gastos em uma caçada aterrorizada para encontrar um lote de sorte para o enterro dos mortos da família. (Nos dias de agitação antibudista, muitos monastérios budistas foram poupados pelos governantes da localidade somente porque sua presença supostamente tornaria o solo ao redor sortudo para uso como cemitério.) Há uma convicção enraizada em toda a terra de que cada lugar na Terra tem seu próprio feng-shui, seu próprio "clima espiritual". Nenhuma casa, nenhum túmulo, nenhuma loja pode ser construída sem primeiro consultar o mágico do Feng-Shui sobre se seu local proposto é sortudo. . . . E uma fé tão triste foi a herança recebida pela grande e antiga raça chinesa. O medo é o culpado por isso, é claro. Foi o medo que escolheu os olhos da China e a deixou cega. E é o medo que agora bate suas asas horríveis Sobre ela e a faz agarrar-se a todos os espíritos. Medo. . . . Medo. . . .

Livro Cinco ACONTECEU NA PÉRSIA

ZOROASTRIANISMO

1. O animismo do Irã antigo — Zoroastro viveu? — as lendas sobre sua vida.
2. O evangelho de Zoroastro — Bem e Mal — os altares de fogo — a vida futura. Zoroastro — seus primeiros convertidos — morte.
3. As Provações

4. A corrupção do evangelho — ritual — costumes funerários — “contaminação” — o sacerdócio — mitraísmo.
5. A influência do zoroastrismo no judaísmo — no cristianismo — no islamismo — os parses.

ZOROASTRIANISMO

A cena da nossa história muda para o oeste, deixando as cidades muradas e os pântanos de arroz da China e subindo para o planalto selvagem do Irã, na Ásia Ocidental. Os primeiros homens brancos no Irã, a região agora chamada Pérsia, eram de origem ariana; e sua religião era muito parecida com a dos arianos que invadiram a Índia e a Grécia. Era um animismo centrado na adoração de Ashura, Anahita, Mitra, Haoma e muitos outros espíritos supostamente habitando objetos naturais. Como ou onde esse animismo teve sua origem, ninguém sabe; pois ninguém sabe de onde os arianos vieram. Nem sabemos exatamente quando esse animismo chegou ao fim, pois não existem registros autênticos sobre a história do Irã antes do século VII a.C. Tudo o que se sabe é que um animismo primitivo surgiu, floresceu e então desapareceu — e que por seu desaparecimento um certo homem chamado Zaratustra — ou mais popularmente, Zoroastro — foi o responsável.

Mas mesmo isso não é conhecido com certeza indiscutível. Alguns estudiosos hoje estão convencidos de que nunca houve um Zoroastro na Terra. Eles sustentam que ele é apenas mais um daqueles personagens míticos evocados por uma geração posterior para explicar alguma vasta mudança religiosa ou política em seu passado. Moisés, Mahavira, Buda, Lao-Tsé, Krishna e Jesus são classificados por eles de forma semelhante como figuras desprovidas de historicidade genuína, como meros heróis fictícios criados para dramatizar e personificar movimentos lentamente amadurecidos e impessoais. E deve-se admitir que não há nenhuma evidência incontestável para provar a existência de qualquer uma dessas figuras colossais, nenhuma escultura em pedra duradoura ou registros contemporâneos registrados em pergaminhos ainda existentes. Tudo o que resta a respeito deles são teias de lendas e evangelhos fiados por geração após geração de discípulos zelosos, mas imaginativos. A maioria dessas lendas estava na língua solta dos homens por eras antes de serem registradas pela primeira vez por escrito. E mesmo depois disso, elas sem dúvida ainda passaram por grandes mudanças nas mãos de escribas cúmplices ou excessivamente confiantes. Está longe de ser fácil basear uma fé crítica em seu testemunho florido e puramente tradicional.

No entanto, os estudiosos mais respeitáveis, mesmo da escola mais crítica, tendem a concordar que essas teias de tradição contêm pelo menos alguns fios de verdade. Eles o fazem sob a alegação de que a aceitação da historicidade de Moisés, Buda ou Jesus coloca menos pressão em nossa razão do que a alternativa de rejeição. Afinal, onde quer que uma religião nova e herética tenha sido fundada, deve ter havido algum indivíduo notável para assumir a liderança em sua fundação. É naturalmente menos difícil acreditar que os efeitos têm causas adequadas do que acreditar que não têm.

Mas é somente com base nisso que se pode aceitar a historicidade de Zoroastro. Parece menos incrível que ele tenha existido do que que não tenha existido, pois alguma personalidade marcante deve ter sido pelo menos em parte responsável pela tremenda transformação religiosa que ocorreu no antigo povo do Irã. Prova menos negativa não está disponível. As escrituras persas, o Avesta, contêm um grupo de hinos chamados Gathas, que podem ter sido obra de Zoroastro; mas quantos anos eles têm, ninguém sabe, a tradição dá 660 a.C. como a data do nascimento do profeta; mas na verdade pode ter sido até 1000 a.C. E a tradição dá o noroeste do Irã como seu local de nascimento, um lugar em algum lugar na vizinhança da atual fronteira armênia; mas na verdade pode ter sido no outro extremo da terra. A tradição declara ainda que seu nascimento foi o resultado de uma concepção imaculada. (É assustador o quão pouco orgulho os homens têm de sua própria espécie. Raramente eles conseguem acreditar que a grandeza suprema pode brotar de seus próprios lombos. Não, eles devem sempre atribuir sua paternidade aos deuses.) Uma trindade incompreensível composta pela "Glória", o "Espírito Guardião" e o "Corpo Material" é considerada responsável pelo aparecimento de Zoroastro na Terra. Inúmeros milagres ocorreram enquanto ele ainda estava no ventre de sua mãe para salvá-lo da destruição. Demônios tentaram impedir o nascimento, chegando ao extremo de tentar sufocar a criança no momento do parto. Mas em vão. O prodígio nasceu e, com seu primeiro suspiro, soltou uma poderosa risada de triunfo que foi ouvida por toda a Terra.

Zoroastro foi de fato uma criança maravilhosa — de acordo com as lendas. Em tenra idade, ele envolveu os sacerdotes da antiga religião em um amargo debate e os derrotou. E quando chegou à idade da juventude, ele pegou o cajado e partiu para o mundo em busca da retidão. Dolorido e perturbado pela visão do mal no mundo, o jovem Zoroastro não conseguia encontrar paz em meio ao conforto de seu lar. Então ele fugiu. Por três anos ele percorreu as trilhas do deserto em busca de salvação, de uma razão para a vida. E não conseguindo encontrá-la, uma grande tristeza tomou conta dele. Por sete anos ele permaneceu em silêncio, taciturno e silencioso, enquanto ele meditava sobre a escuridão impenetrável que a vida havia se tornado para ele. . . . E então, de repente, a luz veio. De repente o dia amanheceu em sua alma há muito esquecida, e mais uma vez, ele pegou seu cajado e começou a vagar. Mas agora ele não era mais um andarilho buscando luz. Não, agora ele era, em vez disso, um portador de luz para todos os outros que ainda a buscavam. Ele andou por aí pregando a salvação que havia chegado a ele, e contando como outros também poderiam alcançá-la. Por todo o comprimento e largura do Irã ele abriu caminho, apregoando em todos os lugares o evangelho que lhe trouxera paz.

2

O evangelho de Zoroastro era tão completamente nativo do Irã quanto suas montanhas carrancudas e ventos do deserto. Era severo, rigoroso, exigente. Não havia nele nem a confiança florida revelada nos Vedas, nem o desespero lívido mostrado nos Upanishads. Em vez disso, havia nele um valor cinza-aço que poderia conhecer a vida pelo que ela realmente era, e ainda assim poderia continuar a ter esperança. As religiões são tão variadas em grande parte porque a Terra contém terras e climas tão variados. A religião, como já vimos, é a técnica com a qual o homem busca conquistar seu ambiente; e, portanto, deve necessariamente variar de acordo com o local em que é empregada. A religião do vale superabundante do Indo não poderia ser nada além de facilidade. Na fornalha intolerável do Vale do Ganges, a religião dificilmente poderia ser outra coisa senão de desesperança. E no planalto severo do Irã, não poderia deixar de ser de coragem e luta

ferozes. Pois o Irã era uma terra de luta perpétua, de guerra perpétua contra o vento, o gelo e a natureza selvagem. Contrastes avassaladores enfrentavam seus habitantes: um grande deserto de sal prostrado com calor na base de montanhas nevadas ao redor. E a religião ali concebida e proclamada por Zoroastro era igualmente uma de contrastes. De acordo com ela, todo o universo era um grande campo de vime no qual o Bem e o Mal lutavam pelo domínio. De um lado estava Ahura Mazda, o Espírito Sábio, apoiado por seus seis vassalos: Bom Pensamento, Lei Correta, Governo Nobre, Caráter Sagrado, Saúde e Imortalidade. Contra ele estava Angra Mainyu, o Demônio da Mentira, apoiado pela maioria dos antigos deuses da fé popular. E no meio do caminho entre os dois exércitos em conflito estava o homem. Era absolutamente incumbência do homem escolher de que lado ele lutaria: do lado do Bem, Pureza e Luz, ou do Mal, Sujeira e Escuridão. Não poderia haver o menor compromisso ou evasão. Era preciso alistar-se de um lado ou de outro, assim como as feras, os ventos, as próprias plantas eram alistadas.

E uma vez que cada homem havia escolhido seu lado, então cada palavra e ação sua tinha seu efeito sobre as fortunas da guerra. Não era oração, mas trabalho que era exigido dos adoradores de Ahura Mazda. Seu ato mais nobre de devoção era a execução de uma tarefa como a irrigação de um pedaço de deserto ou a construção de uma ponte sobre um riacho torrencial. Ahura Mazda era em essência o espírito da civilização, e a única adoração aceitável para ele era a disseminação da ordem e estabilidade. Aquele que se declarasse do lado de Ahura Mazda tinha o dever de devotar todos os seus dias a lutar na batalha pela Luz. Nenhuma misericórdia deveria ser mostrada por ele ao inimigo, fosse esse inimigo alguma erva daninha, besta, ou selvagem das selvas turanianas. Ahura Mazda era o deus da justiça, não da misericórdia, e em sua guerra ele não dava nem recebia quartel. Em seu serviço não havia espaço para sentimentalismo; era preciso ser duro e inflexível. A única grande lei da ética era dar ajuda àqueles — e somente àqueles — que também estavam do lado do Bem, e nunca lhes causar o menor dano. Até mesmo animais benéficos, como aqueles que destruíam roedores, cobras e outras criaturas malignas, eram considerados sagrados e merecedores de ajuda. A penalidade por matar um ouriço era nove vidas passadas no inferno; por matar uma lontra, era — bem, para começar — dez mil chicotadas com um chicote. Uma santidade inviolável estava ligada à vida de todos os animais domésticos, especialmente vacas, cães e ovelhas. Cuidar deles e ajudar a multiplicar seu número era o ato mais devoto de fé…

Era uma religião extraordinária, a do antigo profeta do Irã. Com ela pregava uma técnica de lidar com os males do universo que estava totalmente em desacordo com qualquer coisa já concebida pelo homem. Zoroastro não tinha paciência com os deuses antigos, Mitra, Anahita, Haoma e o resto, e denunciou todos eles como demônios. A própria palavra deva, que sempre significou "deuses", ele fez para conotar "demônios". (Ambas as conotações de alguma forma encontraram seu caminho para o fluxo de línguas europeias, e é por isso que ainda hoje há uma semelhança tão próxima no som entre "diabologia" e "divindade".) . . . Zoroastro assumiu apenas um rito pagão, e esse ritmo foi a veneração do fogo. (Alguns dizem que ele veio de uma família de antigos sacerdotes do fogo.) Mas de acordo com o profeta, o fogo não era um deus a ser adorado como pode ter sido adorado pelos primeiros iranianos. Não, era um mero símbolo de Ahura Mazda. Altares de fogo deveriam ser erguidos somente como um testemunho da veneração em que o “Espírito Sábio” era mantido. O próprio Zoroastro pode ter ido pela terra erguendo tais altares e recitando os hinos chamados Gathas quando ele atendia as chamas sagradas. Mas ele deixou claro que erguer ou servir um altar de fogo não era a única ou mesmo a principal abordagem ao “Espírito Sábio”. A principal abordagem a ele era, através do trabalho diário. “Aquele que

semeia milho, semeia religião". A preguiça era uma coisa do Diabo. O demônio da preguiça sussurra no ouvido do homem todas as manhãs: "Durma, pobre homem. Ainda não é hora". Mas somente aquele que se levantasse primeiro, declarou Zoroastro, seria o primeiro a entrar no Paraíso.

Ninguém ficou em dúvida de que realmente havia um Paraíso. E também havia um Inferno. Os verdadeiros servos de Ahura Mazda entrariam tão certamente em um (Paraíso), acreditava-se, quanto os escravos de Angra Mainyu seriam lançados no outro (Inferno). E, finalmente, os dois reinos se encontrariam para se envolver em uma terrível luta climática. A longa e prolongada guerra entre o Bem e o Mal chegaria ao fim em "The Affair". Então, por uma temporada, uma escuridão espessa cobriria a face da Terra, e todo o universo tremeria com o choque do encontro. Fogo e morte rodopiariam sobre tudo, e haveria ranger de dentes e lamentos terríveis. O terror no mundo seria "como o terror do cordeiro quando é devorado pelo lobo". . . . Mas, finalmente, a fúria diminuiria e, lentamente, cansadamente, quase pronto para perecer por causa da severidade da provação, Ahura Mazda emergiria — o vencedor. Então, todas as colinas e montanhas derreteriam e cairiam sobre a Terra, e todos os homens teriam que passar pela lava fervente. Para os justos e retos, no entanto, essa lava seria como leite morno; somente para os perversos seria escaldante e fatal. Os justos e retos a atravessariam com risos nos lábios, regozijando-se por uma vitória tão bem conquistada. E a terra, a partir de então, seria um Paraíso eterno, onde não haveria mais montanhas, desertos, feras ou selvagens. O Reino de Ahura Mazda teria alcançado sua consumação, e tudo estaria bem dali em diante para todo o sempre. . . .

3

Tal era, até onde os estudiosos conseguem entender, a religião que Zoroastro buscava levar aos seus companheiros iranianos. Talvez não fosse tão livre de paganismos, não apenas tão exaltada e soberbamente espiritual, como os estudiosos a retrataram. Exceto com base no milagroso, acha-se quase impossível explicar o surgimento de uma religião tão completamente justa antes que a noite da barbárie tivesse se dissipado completamente no Irã. Mas, por menos nobre que tenha sido do que é agora retratada, ainda assim, era nobre demais para seu tempo. A Tradição declara que por dez anos angustiantes da Tradição o apelo de Zoroastro foi como uma voz no deserto. Ninguém daria ouvidos ao homem ou, dando ouvidos, poderia entendê-lo. Solitário e incompreendido, ele andava por aí, atormentado pelos sacerdotes pagãos, aprisionado por príncipes pagãos. Mais de uma vez ele clamou desesperadamente ao seu Deus:

Para que terra devo me voltar?
Ou, para onde devo ir?
Longe estou dos parentes,
Distante dos amigos;
Sou tratado com desprezo pelos camponeses e reis.
A Ti clamo, ó Espírito Sábio,
A Ti clamo, Dá-me Ajuda!

Ele precisava de ajuda, o pobre Zoroastro, pois sua tarefa não era fácil. Era um dia em que a conversão de um povo só poderia vir como resultado da conversão de seu príncipe — e os príncipes não estavam dispostos a serem convertidos. Após dez longos anos de luta, o resultado parecia totalmente sem esperança. Quando numa noite de inverno lhe foi negado abrigo até mesmo para seus "dois corcéis tremendo de frio", uma grande tentação de se

render quase o arrancou de sua fé. “O Demônio da Mentira” — assim diz a lenda — “agarrou Zoroastro e tentou sacudi-lo de sua devoção”. “Espere!” gritou o Demônio da Mentira. “Não ouse destruir minha obra! Lembre-se, você é filho de sua mãe, e sua mãe me adorou. Renuncie à religião correta de Mazda, e obtenha finalmente o favor do rei.” Feroz então, aumentou a luta na alma do profeta cansado; mas, no final, a verdade foi vitoriosa. “Não!” o profeta gritou de volta para o Demônio da Mentira. “Eu não renunciarei à religião correta de Mazda — nem que a vida, os membros e a alma sejam despedaçados!” . . .

E logo depois Zoroastro fez seu primeiro convertido. Ele não era um príncipe, no entanto — apenas um de seus próprios primos. Ainda assim, foi um começo — começo suficiente para manter o profeta em sua tarefa por mais dois anos. E então, finalmente, um príncipe de verdade foi convertido, um governante poderoso chamado Vishtasp que se tornou o Constantino da nova fé. Uma igreja militante foi formada, e verrugas sagradas foram travadas contra os selvagens turanianos no norte. Aqueles turanianos eram invasores beduínos selvagens que tornavam a vida dos fazendeiros iranianos um pesadelo, e pareciam a Zoroastro a personificação de tudo o que Ahura Mazda odiava. O profeta travou guerra sem misericórdia contra eles. “Eu sou aquele que tortura os pecadores”, ele declarou, “e aquele que vinga os justos. Embora eu traga amarga tristeza, ainda devo fazer o que Ahura Mazda declara certo”. No entanto, apesar de todo seu zelo implacável, Zoroastro parece não ter sido mesquinho. “Se mesmo entre os turanianos surgirem aqueles que ajudam os assentamentos da Piedade”, ele declarou, “eis que mesmo com eles o Senhor terá sua habitação”. De acordo com a tradição, um dos seguidores mais leais e confiáveis de Zoroastro era um turaniano chamado Fryana. . . .

Tal era o evangelho pelo qual Zoroastro viveu — e pelo qual ele morreu. Pois pode ser que ele tenha morrido em seu ministério. Diz a lenda que Zoroastro foi abatido enquanto estava ministrando em um altar de fogo, levado ao tribunal por um daqueles sacerdotes pagãos cuja adoração ele havia derrotado. . . .

4

Podemos não ter certeza sobre qual era o ensinamento do próprio Zoroastro; mas não pode haver dúvidas sobre o que ele se tornou nas mãos de seus sucessores. Ele degenerou. A fé expressa naqueles hinos proféticos chamados Gathas era muito nobremente exigente, muito exaltada e extenuante para durar em sua pureza original. Era brilhante demais para os olhos fracos dos homens comuns contemplarem firmemente, vasta demais para suas pequenas mãos agarrarem. Então, muito em breve, seu brilho foi embotado pelo sopro de teólogos sedentários, enquanto sua vastidão foi corroída pelo desgaste de padres gananciosos. No começo, Ahura Mazda pode ter sido apenas um espírito, um sonho, um ideal. Ele pode ter sido pouco mais do que o nome que representava tudo o que era bom no mundo, uma convicção em torno da qual construir a vida. Mas uma geração posterior fez de Ahura Mazda o nome de uma pessoa, um ser sobre-humano com não poucos atributos humanos grosseiros. Ormuzd, ele era chamado. . . . E Angra Mainyu, o Demônio da Mentira, o nome que representava tudo o que era mau no mundo, também se tornou o nome de uma pessoa. Ahriman, essa pessoa foi chamada mais tarde, e ele foi então considerado não apenas o Agente do Mal, mas seu criador original. . . . Os seis espíritos, Bom Pensamento, Lei Correta e os outros, que Zoroastro havia pensado como qualidades que serviam Ahura Mazda, tornaram-se anjos muito pessoais, aumentaram em número de seis para sessenta, setenta, mil, dez mil! E opostos a eles foram criados muitos milhares de demônios. . . . Toda a simplicidade vencedora das ideias vagas de Zoroastro foi

pouco a pouco destruída por teólogos enfeitadores.

Mas essa elaboração da doutrina severa de Zoroastro não foi tão trágica quanto a perversão que se seguiu. A poesia e a verdade de Zoroastro se tornaram prosa e erro nas mãos daqueles que vieram depois dele. Se ele disse "seja puro", significando, limpo com retidão, imediatamente eles imaginaram com suas mentes literais que ele queria dizer seja ritualmente puro. Um valor extremo foi dado às noções mais extravagantes de tabu e "contaminação", e às regras absurdas para sua remoção. Certas coisas foram declaradas "sagradas" e certas outras coisas "profanas"; e nunca as duas ousaram ser reunidas. Isso levou, é claro, a todos os tipos de complicações. Por exemplo, entre as coisas consideradas "sagradas" estavam fogo, água e terra; enquanto um cadáver era considerado terrivelmente "profano". O descarte dos mortos, portanto, tornou-se um problema sério. Como o cadáver não podia ser enterrado, queimado ou afogado, não restava nada além de expô-lo em uma alta "Torre do Silêncio", onde poderia ser devorado pelos abutres. Precauções elaboradas tinham que ser tomadas para que uma gota de chuva não tocasse o corpo morto, e funerais eram permitidos apenas em dias secos. Carregadores profissionais, que tomavam o mais escrupuloso cuidado para se protegerem contra "contaminação", carregavam o cadáver até o topo desta torre. Lá ele era deixado até que os pássaros carniceiros terminassem seu banquete macabro, e somente após três dias de exposição os ossos branqueados eram lançados em uma cova. Até hoje os parses, os descendentes dos antigos zoroastrianos, ainda descartam seus mortos dessa forma. . . .

Não apenas cadáveres, mas todos os tipos de outras coisas eram considerados tabu e "impuros". Eram tantos, de fato, e tão difíceis de pensar, que o sucesso na tarefa de evitar toda “contaminação” tornou-se praticamente impossível. Portanto, para estar do lado seguro, era proibido que qualquer tarefa religiosa fosse tentada a menos que o celebrante primeiro se “purificasse” como se de uma “contaminação” real e definitivamente lembrada. A urina de vaca era considerada o “purificador” mais potente e aqueles que desejavam se limpar ritualmente tinham que se esfregar com a substância seis vezes ao dia a cada três dias, durante nove dias. Eles tinham que esfregar um membro após o outro com ela, até que finalmente o demônio da “contaminação” fosse expulso da cabeça aos pés. O ponto de saída do demônio era sempre o dedão do pé esquerdo e, quando ejetado dali, ele partia com um grito para o norte, onde todos os demônios — e antes todos os turanianos — moravam. Toda vez que um homem tocava um cadáver, ou uma mulher menstrual, ou qualquer outra coisa tabu, ele tinha que passar por aquele processo revoltante de purificação ritual novamente. Essa ainda é a lei entre os parses ortodoxos. . . .

Agora, o crescimento de tal lei ritual era quase tão natural e inevitável quanto o crescimento de líquens na rocha. Somente as grandes almas, os sábios e profetas, foram capazes de encontrar salvação em uma religião despida de adornos cerimoniais. Homens comuns, mesmo hoje, são incapazes de compreender ideias abstratas. Antes que um pensamento possa se tornar real para eles, ele deve ser concretizado e tornado óbvio por meio de símbolos ou ações simbólicas. É por isso que a carreira de toda religião fundada profeticamente na Terra tem sido uma carreira de frustração mais ou menos progressiva. O que aconteceu no jainismo, budismo e taoísmo, aconteceu também no zoroastrismo. O profeta foi sucedido por sacerdotes, por homens comuns de talento mais do que comum que tentaram "organizar" a verdade que seu mestre havia proferido. E a tragédia era então inevitável. Em primeiro lugar, esses sacerdotes eram incapazes de realmente compreender a verdade de seu mestre. Eles eram homens de talento, não de gênio; e talento não é suficiente para a compreensão completa de um grande evangelho. Em segundo lugar, mesmo que tivessem sido capazes de compreender a verdade do profeta, eles não

poderiam tê-la organizado. Pois a verdade, por sua própria natureza, é incapaz de ser organizada. Ela pertence genericamente ao reino do ideal, e não pode ser regimentada mais do que o arco-íris pode ser pendurado com roupas. Consequentemente, não havia como evitar a frustração. Os sacerdotes estenderam a mão para agarrar a verdade de Zoroastro, mas seus dedos rombudos só conseguiam se fechar na falsidade. Ansiosamente, eles se esforçaram para acender suas marcas na pequena chama corajosa que ele segurava contra as imensidões escuras e rodopiantes do medo; mas eles só conseguiram fazer suas marcas fumegarem e crepitarem em impotência envergonhada.

Mas embora os sacerdotes tenham falhado em preservar o evangelho de Zoroastro, eles tiveram muito sucesso em preservar a si mesmos. De fato, quanto mais falhavam com um, mais tinham sucesso com o outro. Pois quanto mais eles faziam da salvação um prêmio que só poderia ser conquistado pela estrita observância do ritual, mais eles se tornavam os doadores da salvação. Sem dúvida, foi por isso que a ritualização da religião foi levada a tais extremos pelos sacerdotes. Ela os recompensou. Deu a esses sacerdotes um poder enorme sobre a população e permitiu que se estabelecessem como uma casta permanente no Irã. Eles se organizaram em uma ordem hereditária e, em um momento, até instituíram um papado na terra. Eles eram chamados de Magos, e sua fama como necromantes mais tarde se espalhou pelo mundo. Sua principal função era oficiar no templo regular e nos serviços domésticos. Mascarados com véus grossos para evitar que seu hálito poluísse as chamas sagradas, eles serviam nos altares de fogo cinco vezes por dia. Com a mesma meticulosidade, eles também serviam nos altares haoma que Zoroastro, em sua época, havia tentado mais arduamente destruir. Haoma (chamado Soma na Índia), um extrato vegetal inebriante, era considerado altamente sagrado entre os arianos primitivos e era usado nos primeiros ritos religiosos. Evidentemente, seu domínio sobre as massas era tão firme que, apesar da reforma de Zoroastro, ele foi capaz de continuar como propriedade sacramental. Nos livros de leis sacerdotais, encontramos relatos detalhados de como os ritos haoma eram realizados após a morte do profeta. Galhos da planta sagrada eram triturados em um pilão; o suco inebriante era misturado com leite e água benta; era coado; e então era engolido pelos sacerdotes. (Deve ter feito um coquetel potente!) Em uma época, eram necessários oito sacerdotes para realizar o rito: um para recitar os Gathas, um para socar o haoma, um para misturar o suco com o leite, outros quatro para ficar de prontidão e ajudar, e um para vigiar tudo!

Mas os ritos haoma não foram as únicas relíquias do antigo paganismo que retornaram após a morte de Zoroastro. Muitos dos antigos deuses caídos também foram arrastados de volta à moda — Mitra e Anahita e outros. Os próprios Gathas de Zoroastro foram corrompidos por interpolação, ou pelo menos má interpretação, para que pudessem dar a impressão de que o próprio profeta havia ordenado a adoração desses deuses. . . . Mitra especialmente se tornou popular; e como já vimos, seu culto mais tarde se espalhou além das fronteiras da Pérsia para a Babilônia, Grécia e, finalmente, para a própria Roma. Por pelo menos dois séculos, esse culto lutou com o cristianismo pelo domínio do Império Romano. E quando no final foi vencido, seu lugar foi tomado quase imediatamente pelo maniqueísmo, uma religião fundada no terceiro século pelo profeta persa, Mani, que foi crucificado pelos sacerdotes magos como um herege. . . .

5

Mas a importância do Zoroastrismo sempre foi qualitativa e não quantitativa. Sua maior significância está na influência que exerceu no desenvolvimento de pelo menos três outras

grandes religiões. Primeiro, ele fez contribuições ao Judaísmo, pois entre 538 a.C. (quando os persas sob Ciro capturaram a Babilônia e libertaram os judeus exilados naquela terra) e 330 a.C. (quando o Império Persa foi destruído por Alexandre) os judeus estavam diretamente sob a suserania dos zoroastrianos. E foi desses suseranos que os judeus aprenderam pela primeira vez a acreditar em um Ahriman, um demônio pessoal, a quem chamavam em hebraico de Satanás. Possivelmente deles, também, os judeus aprenderam pela primeira vez a acreditar em um céu e um inferno, e em um Dia do Julgamento para cada indivíduo.

O zoroastrismo havia desenvolvido ideias bastante fantásticas sobre o Dia do Julgamento que o profeta havia declarado ser a consumação de todas as coisas. Em primeiro lugar, seus professos seguidores haviam se cansado um pouco de esperar por esse profetizado “Caso” universal que Zoroastro tinha. Eles haviam começado a dar mais importância a um “caso” para cada indivíduo, um terrível dia de julgamento que era devido imediatamente após a morte. A alma de cada pessoa morta, acreditava-se, era conduzida até uma ponte fatídica e então ordenada a marchar adiante. Se fosse a alma de um homem justo, então a ponte se abria em uma ampla via pública sobre a qual a alma marchava direto para o Céu de Ormuzd. Mas se fosse a alma de um homem perverso, eis que a ponte se contraía até ficar tão estreita quanto a ponta de uma cimitarra afiada, e a alma culpada era lançada rapidamente para o Inferno imundo de Ahriman. . . . E essa ideia ingênua foi levada para o judaísmo, que até então não conhecia nada além de um vago "poço" chamado sheol, no qual todas as almas na morte eram lançadas indiscriminadamente.

E a imagem zoroastriana do "Affair" final para todo o universo também deixou sua marca no pensamento judaico. Os estudiosos hoje concordam que a maioria dos relatos bíblicos e apócrifos do que aconteceria no "fim dos dias", todos os apocalipses selvagens de Daniel até o Apocalipse e além, foram inspirados pelo menos em parte pela escatologia persa.

Por meio do judaísmo, a religião da Pérsia deixou sua marca também no cristianismo; e não apenas por meio do judaísmo, mas também por meio do mitraísmo. Quando chegarmos a contar a história da ascensão do cristianismo, teremos que nos referir longamente aos muitos compromissos com o mitraísmo que parecem ter sido feitos pela fé vitoriosa.

Muito diretamente, também, o zoroastrismo influenciou a religião pregada por Maomé. Muitas ideias estabelecidas no Alcorão revelam essa influência; e ainda mais ideias estabelecidas em escritos muçulmanos posteriores. . . .

E em nossos dias encontramos uma forma modernizada da fé de Zoroastro Wells! sendo pregada pelo Sr. H. G. Wells. . . .

Somente em virtude dessa influência penetrante de suas ideias o zoroastrismo pode ser chamado de religião mundial hoje. Seus confessores nominais são poucos, muito poucos, em número. Eles foram impiedosamente perseguidos e quase exterminados quando os maometanos invadiram a Pérsia no século VIII; e eles têm sido persistentemente oprimidos daquele dia em diante. Apenas cerca de nove mil de sua posteridade são deixados agora em toda a terra!

Mas há uma colônia significativa deles na Índia, ao todo cerca de noventa mil zoroastrianos que moram em Bombaim e arredores. Lá eles parecem ser um verdadeiro fermento em toda a população, e sua importância está muito fora de proporção com seus números. são conhecidos lá como os parses (na verdade, os persas), e sua cultura, honestidade e benevolência são palavras de ordem em toda a Índia. Mesmo com suas atuais regras multitudinárias de “pureza” ritual, falharam em sufocar os fogos da fé que

Zoroastro acendeu inumeráveis séculos atrás. Os parses ainda são, à sua maneira, servos de Ahura Mazda, guerreiros pelo Direito, na batalha que é a vida. Uma pequena minoria, para sempre assediada e desprezada. No entanto, eles estão hoje entre os mais nobres da humanidade. . . .

Pelos padrões mundanos, o zoroastrismo falhou. Foi tão dominado pelo cristianismo e pelo islamismo, que hoje é do tamanho de uma denominação esquecida. Mas pelos padrões mais verdadeiros, o zoroastrismo triunfou. Ele triunfou como poucas outras religiões na Terra, pois seu fogo, embora, muitas vezes, nos altares de deuses estranhos, ainda ilumina grande parte do mundo. . . .

Livro Seis ACONTECEU EM ISRAEL

JUDAÍSMO

1. O berço do povo hebreu — a atração do Crescente Fértil — Egito e o Êxodo.
2. Moisés — a aliança com Yahveh.
3. Como a natureza de Yahveh mudou em Canaã.
4. A história política dos hebreus.
5. A obra dos profetas.
6. Amós — Oséias — Isaías — Miquéias — Jeremias — Yahveh — se torna Deus.
7. A exaltação espiritual de Israel — a Promessa Messiânica — seu Exílio — Deutero-Isaías.
8. A ascensão dos sacerdotes — sua influência — os novos profetas — a Destruição de Jerusalém — o Sonho Messiânico novamente.
9. A ascensão dos rabinos — o Muro da Lei — o Judaísmo hoje — o Sionismo — o povo temeroso dos goys — Messianismo, o Coração do Judaísmo.

JUDAÍSMO

No Egito, há 3.500 anos, já havia uma grande civilização, e templos magníficos estavam sendo construídos lá para a glória dos deuses com cabeça de animal. Na Babilônia já havia conhecimento da escrita, e na Índia o Rig-Veda já era antigo. Os chineses naquela época já estavam há tanto tempo estabelecidos em sua terra que imaginavam que sempre viveram nela; e os minoicos já haviam lucrado com mil anos completos de paz. Mas os hebreus, aquele pequeno povo destinado a desempenhar um papel tão grande no drama da civilização mundial — eles ainda eram meio selvagens, sem-teto no deserto.

Como os babilônios e os fenícios, os hebreus eram semitas, pois sua terra natal era aquele vasto deserto que chamamos de Deserto da Arábia. Há 3.500 anos, os hebreus eram apenas tribos meio selvagens que viviam dos rebanhos e manadas desgrenhados que eles conduziam de um oásis para outro. E sua religião, como a religião de todos os outros povos primitivos, era um animismo bárbaro. Eles imaginavam que todos os objetos ao redor deles estavam possuídos por espíritos terríveis, e sua adoração não passava de uma magia negra. O medo era muito poderoso nos ossos daqueles primeiros hebreus, pois a vida para eles era breve e brutalmente difícil. De dia, seu mundo tremia com o calor do sol, e à noite tremia por causa do frio do vento. Perpetuamente seu mundo, o deserto, era ressecado, tempestuoso e aterrorizante além das palavras. . . .

Parecia haver apenas uma maneira de escapar do mal que era sua vida, e essa era por meio da migração do deserto. Bem ao norte, havia um grande semicírculo de solo verdejante composto pelos vales do Tigre e do Eufrates, e a costa do Mar Mediterrâneo. Historiadores modernos o chamam de "Crescente Fértil", e era o Éden dos nômades do deserto, o Paraíso, a Terra Prometida. Geração após geração, esses nômades lutaram para chegar até suas fronteiras, e então, pela força bruta, abriram caminho. O Crescente Fértil parece nunca ter ficado sem habitantes prontos para lutar contra todos os recém-chegados. Antes do alvorecer da história, era povoado em grande parte por povos não semitas

chamados sumérios e hititas. Mas depois se tornou uma região pertencente quase exclusivamente aos semitas. Certas tribos vindas do deserto inundaram a ponta oriental do Crescente e se tornaram os babilônios. Outros abriram caminho até o meio do Crescente e se tornaram os arameus. Outros ainda conquistaram a planície costeira e se tornaram os fenícios e cananeus.

Há razões para acreditar que os hebreus, quando chegou a sua vez de invadir o Crescente, tentaram primeiro usar a ponta oriental como portão de entrada. Só mais tarde tentaram a sorte em Canaã, no oeste. (A tradição de que Abraão — evidentemente um xeque tribal que liderou uma das primeiras incursões em Canaã — veio de "Ur dos Caldeus" pode ter muita base em fatos.) Talvez por muitos séculos os hebreus tenham vagado pelas fronteiras da região verdejante, aguardando sua chance de invadir. Vez após vez eles podem ter feito investidas desesperadas, assassinando e saqueando até que estivessem bem dentro do então Crescente, recuando sob os golpes dos nativos quando se recuoeravam. Eles parecem ter passado por tais experiências primeiro na Babilônia, depois em Harã, mais tarde em Canaã e finalmente no Egito. Mas do Egito eles nunca foram expulsos; eles fugiram! Pois quando eles invadiram o Egito, eles conseguiram mais do que esperavam. Eles entraram na terra em busca de comida — mas em vez disso, eles foram escravizados. De beduínos desleixados, eles foram violentamente transformados em trabalhadores suados que, em gangues de correntes, foram forçados a construir pirâmides para os corpos mumificados de imperadores mortos. Foi apenas aproveitando um momento em que o Egito estava desesperadamente tentando lutar contra hordas de invasores selvagens da Líbia e piratas das Ilhas Egeias, que os hebreus conseguiram escapar. Eles fugiram para o deserto, vagaram por lá como antigamente, e finalmente, fizeram mais uma investida no Crescente Fértil. E naquela época eles conseguiram não apenas se espremer na região cobiçada, mas também permanecer nela.

2

Foi da crise da fuga do Egito que surgiu o início de uma religião hebraica distinta. Antes daquela época, a fé dos hebreus deve ter sido bem parecida com a da maioria dos outros beduínos semitas que rondavam o deserto. Deve ter sido um animismo vago e inconstante no qual os espíritos de várias montanhas, corpos celestes e oásis eram aplacados com sacrifícios e feitiços. Só no Êxodo é que se tornou um culto definido e diferenciado.

O líder naquele Êxodo era um homem chamado Moisés, um dos mais fascinantes e desconcertantes dos grandes homens da antiguidade. A tradição teceu tantas lendas surradas em torno de seu nome que muitos estudiosos hoje são levados a duvidar de sua própria existência. Mas, como no caso de Zoroastro, Jesus e os outros profetas antigos, parece mais sensato aceitar a historicidade de Moisés do que rejeitá-la. Não a historicidade do Moisés da tradição, que racha pedras, escreve o Pentateuco e ama os padres. Isso é obviamente uma peça de ficção propagandista inventada pelo sacerdócio de um dia muito posterior. Não, a historicidade apenas de algum hebreu primitivo ousado que conseguiu incitar seus irmãos à rebelião contra os egípcios, nomear a si mesmo seu chefe, soldá-los em uma unidade dando-lhes um deus e, finalmente, fazê-los entrar no Crescente Fértil por um esforço desesperado. Se ele foi encontrado em meio a juncos por uma princesa egípcia, ou viu arbustos queimarem sem serem consumidos, ou realmente transformou varas em serpentes, rios em sangue, poeira em piolhos e mares em terras secas — tudo isso é irrelevante. O que é relevante por si só é a tarefa elementar que Moisés realizou: dar aos hebreus um deus. Pois assim ele fundou o que estava destinado a se tornar uma das

religiões mais exaltadas e influentes de toda a humanidade. Mais de oitocentos milhões de pessoas — metade da população deste mundo crente — afirmam estimar uma religião que, em aspectos definidos, surgiu da religião proclamada por Moisés!

Estava longe de ser uma fé perfeita — este culto instituído por Moisés. É preciso lembrar que foi fundado há mais de três mil e duzentos anos, pelo chefe de uma horda de saqueadores desesperados recém-saídos da escravidão. Era tão grosseiro e selvagem quanto os próprios hebreus. Em sua raiz estava a ideia de que havia apenas um deus — para os hebreus. Para outras tribos, poderia haver outros deuses, mas para os hebreus havia apenas Yahveh. Este Yahveh (ou Jeová, como seu nome é geralmente pronunciado incorretamente) era provavelmente o espírito que habitava um certo vulcão do deserto chamado Sinai ou Horeb; e desde tempos imemoriais ele tinha sido adorado por uma tribo beduína chamada os queneus. Agora, Moisés, de acordo com a tradição, havia morado entre os queneus e se casado com a filha de seu principal sacerdote. Quando se tornou necessário que seu bando de hebreus fugitivos recebesse um deus, era natural que Moisés escolhesse Yahveh. Ele levou seus seguidores desamparados até o sopé da Montanha Sagrada de Yahveh, localizada em algum lugar no deserto, e solenemente os comprometeu ali a esse deus. Uma aliança foi firmada; um contrato sagrado que vinculava os hebreus a adorar Yahveh, e, Yahveh a favorecer os hebreus. Dez mandamentos foram dados como base para a adoração da divindade; e entendia-se que, desde que fossem observados, os hebreus poderiam ter certeza de sua proteção divina. Uma “arca” foi construída como um refúgio para o espírito errante de Yahveh — provavelmente era uma espécie de fetiche tribal — e os hebreus a carregavam na cabeça de suas colunas em cada surtida. Ela quebrou o medo que bloqueava sua trajetória e abriu um caminho amplo para o triunfo. Com esta “arca” carregando o espírito de Yahveh em sua vanguarda, os hebreus voltaram para o Crescente. Quando finalmente conseguiram cruzar o Jordão e arrancar dos cananeus a pequena terra que “manava leite e mel”, Yahveh, o espírito de um vulcão do deserto, ainda era sua divindade principal.

3

Mas em Canaã a natureza de Yahveh foi submetida a uma grande mudança — pois uma grande mudança ocorreu em seus seguidores. Os hebreus nômades se tornaram fazendeiros; de pastores de ovelhas, eles se voltaram para arar campos. E como um deus é adorado apenas porque ele ajuda a tornar a vida menos problemática e insegura, porque com sua ajuda os homens acreditam que podem lutar com mais sucesso contra o medo e a morte, portanto, ele deve mudar a cada mudança em suas vidas e necessidades. Yahveh, que havia sido escolhido originalmente porque parecia capaz de ajudar os homens a lutar contra os terrores do deserto, foi forçado a revelar novas habilidades quando seus seguidores se estabeleceram em uma terra fértil. Ele tinha que fazer isso, ou morrer.

Quase morreu. Ao longo dos livros de Juízes, Samuel e Reis, vemos sinais da guerra feroz dos deuses que se seguiu. Os hebreus conquistaram os cananeus muito mais facilmente do que Yahveh conquistou Baal. De fato, embora Yahveh tenha triunfado no final, ele nunca esmagou seu antigo inimigo. A Bíblia declara: “E serviram aos ídolos dos quais Yahveh lhes havia dito: ‘Não fareis tal coisa.’” Muitos séculos após o primeiro assentamento na Palestina, ainda encontramos camponeses hebreus adorando os Baalim nos “lugares altos” e reis hebreus adorando, “através do fogo”, a Moloque. Os festivais licenciosos dos cultos cananeus tornaram-se parte integrante do culto a Yahveh, e esses ritos agrícolas tornaram-se dominantes no que antes era uma religião totalmente beduína.

Está agora bem estabelecido que os chamados “Cinco Livros de Moisés” são uma compilação de diferentes documentos pertencentes a muitos séculos diferentes. Quando esses vários documentos são separados e reorganizados cronologicamente, podemos ver neles claramente quão gradual e tortuoso foi o desenvolvimento da religião de Israel. A ideia final de Yahveh aceita pelos hebreus não foi o produto de uma revelação repentina, mas de uma evolução gradual. Moisés não fez mais (mas foi o suficiente!) do que pregar uma grande doutrina básica: que Israel pertencia a Yahveh. Seu Yahveh estava, é claro, longe de ser uma divindade gentil, amorosa e misericordiosa. Se ele fosse desse tipo, teria sido totalmente inútil para o bando de fugitivos e desesperados que Moisés estava liderando pelo deserto. Yahveh tinha que ser sanguinário, duro, vingativo em caráter — assim como era a vida de seus adoradores. Ele tinha que ser um Senhor dos Exércitos, um deus da batalha, ou então ele não teria valor para as hostes em guerra de Israel. Só mais tarde Yahveh foi pensado como um deus de misericórdia e amor. Somente através da pregação de uma longa linha de profetas poderosos é que este Trovejante do deserto, este Yahveh implacável de uma nação de saqueadores implacáveis, se tornou Deus. . . .

4

Não é fácil contar em termos medidos e desapaixonados a transformação operada por aqueles profetas. Acima da multidão de sacerdotes exigentes e adoradores servis, aqueles pioneiros do pensamento ético se destacam tão majestosos, tão tremendos, que é difícil falar deles exceto em hipérbole. Se não fosse por aqueles poucos profetas, hoje o nome Israel não seria mais do que Idumeia ou Filístia. Se não fosse por sua percepção e trabalho corajoso, Yahveh não teria sido mais para a civilização do que Baal-Melkart ou Dagon. Filhos em sangue de Moisés, irmãos em espírito de Ikhnaton, Zoroastro, Buda e Lao-Tsé, eles surgem na história da religião como verdadeiros super-homens.

A história de Israel como uma unidade política era como a história da maioria dos outros pequenos povos da antiguidade. Em resumo, foi isso: sob a liderança de sacerdotes tribais e xeques — "juízes" como são chamados na Bíblia — os hebreus primeiro abriram caminho para Canaã e então se estabeleceram lá. As exigências de defesa contra seus inimigos obrigaram as tribos a se unirem sob um rei. Por um tempo, eles foram muito bem-sucedidos juntos na guerra e, sob Davi, eles realmente construíram o que era quase um império. Mas o desperdício e a extravagância de Salomão, que parecia empenhado em imitar os déspotas ostentosos do Egito e da Babilônia, trouxeram ruína rápida. Uma revolução se seguiu, e seu fim viu a terra dividida em dois reinos: Israel e Judá. Israel estava situado no norte e Judá no sul — e nos anos que se seguiram, esses dois pequenos reinos simplesmente sangraram até a morte em guerras incessantes. Canaã, sua terra, ficava na estrada principal entre os impérios do Oriente e do Ocidente, e as invasões de conquistadores do mundo e reis comerciantes eram uma fonte interminável de infortúnio. Os hebreus, assim assediados tanto de fora quanto de dentro, não conseguiram resistir por muito tempo. Primeiro, o reino do norte, Israel, foi derrotado, e sua população foi levada cativa e deportada para a Assíria e a Média. (Isso foi em 722 a.C., o ano em que datamos a "perda" das Dez Tribos.) Então, em 586 a.C., foi a vez do Reino de Judá; sua população também foi levada cativa e espalhada para os confins do Oriente. E com esse desastre, toda a história dos hebreus chegou ao fim — quase!

5

Mas então algo aconteceu, algo extraordinário, quase milagroso. A rendição e

aniquilação de pequenos reinos era um incidente comum no mundo antigo. Os filisteus, os fenícios e o resto dos pequenos vizinhos de Judá foram todos eles, mais cedo ou mais tarde, afogados naquele vórtice que era — e é — o Oriente. Mas milagrosamente, Judá enganou esse destino. Foi atormentado e massacrado, conquistado e deportado — mas de todos os povos antigos, ele sozinho nunca foi destruído. Mesmo que se possa explicar esse fenômeno, ele ainda continua sendo um milagre, pois a explicação em si dificilmente pode ser explicada. Mesmo que se possa dizer levianamente que a sobrevivência de Judá foi devida inteiramente ao poder de sua fé, e que o poder de sua fé foi devido inteiramente a seus profetas, ainda assim como se pode explicar seus profetas? . . . .

A religião de Israel, como já dissemos, foi resultado, não de uma revelação repentina, mas de uma evolução gradual. No começo era crua e simples, uma mera bajulação de um espírito do deserto com sacrifícios de sangue e carne. Ainda não havia um santuário estabelecido e nenhum sacerdócio profissional. Somente depois que Israel ficou sob a influência dos cananeus e babilônios há muito "civilizados", surgiu um ritual elaborado, e surgiu, junto com ele, uma hierarquia poderosa. E essa influência estrangeira não atingiu sua ascendência até depois do Exílio Babilônico. De modo que o poder salvador da religião — aquele poder que tornou possível para os judeus sobreviverem ao Exílio — não poderia ter procedido de seu lado sacerdotal. Não, o culto sacrificial em Israel não foi a causa, mas sim um acompanhamento inevitável da sobrevivência de Israel. A causa real foi o espírito profético que havia sido soprado no povo.

Dos primeiros profetas palestinos, Samuel, Natã, Adonias, Elias e os demais, temos poucos registros restantes, exceto lendas. Eles parecem ter sido evangelistas selvagens que subiam e desciam a terra exortando o povo a permanecer fiel a Yahveh. (A palavra hebraica nevi-im, “profetas”, pode ter significado originalmente “gritadores”.) Eles eram os “perturbadores em Israel” que estavam sempre denunciando os reis por sua maldade, os sacerdotes por sua venalidade, e o povo por sua transgressão da antiga aliança com Yahveh. Repetidamente eles eram presos e mortos; mas, mesmo assim, eles continuavam. Nos dias difíceis em que os hebreus estavam sendo transformados de pastores em fazendeiros, de moradores de tendas em moradores da cidade, foram somente esses profetas que impediram que o povo fosse completamente desmoralizado no processo. Já nos referimos ao efeito devastador da “civilização” agrícola quando ela é assumida pela primeira vez por antigos nômades. Se esse efeito causou um estrago extraordinariamente pequeno entre os hebreus, foi somente por causa do zelo vigilante de seus primeiros nevi-im. Esses profetas eram a velha consciência do deserto encarnada. Eles se posicionaram inabalavelmente contra as deusas cananeias com suas obscenidades e ritos lascivos; eles não mostraram tolerância análoga aos cultos semelhantes da Fenícia, Assíria e Babilônia. Eles foram os campeões invencíveis de Yahveh em sua dura luta para impedir os hebreus de adorar Baal, Moloque, Astarote e todos os outros deuses e deusas da Ásia Menor.

6

Mas embora os profetas tenham trabalhado tão intensamente para manter o velho Yahveh em seu trono, eles fizeram até mesmo mais para destruí-lo do que os sacerdotes das divindades rivais, pois, quando terminaram de mantê-lo no trono, ele não era mais o mesmo Yahveh. Embora os profetas tenham se proposto apenas a reviver a antiga fé, na verdade eles não a reviveram tanto quanto a reformaram totalmente. Eles reformaram o Yahvismo de ponta a ponta, de modo que quando terminaram não era mais Yahvismo —

era Judaísmo! Eles transformaram um demônio ciumento que rugia e expelia fogo da cratera de um vulcão, em um espírito transcendente de Amor. Eles pegaram um protetor sangrento e implacável de um povo do deserto e, sem perceber, o transformaram no Pai misericordioso de toda a humanidade. Em suma, eles destruíram Yahveh e criaram Deus!

Lida de forma inteligente — isto é, crítica — a Bíblia deixa esse curso de evolução surpreendentemente claro. Os hebreus se estabeleceram em Canaã por volta do século XII a.C. No século VIII, a religião nômade simples que trouxeram consigo foi quase totalmente substituída por um culto agrícola. Isso era especialmente verdadeiro no reino do norte, Israel, onde a "civilização" estava mais avançada. Lá, a moralidade havia sido completamente ritualizada pelos sacerdotes, e passou a ser firmemente acreditado que os sacrifícios de animais à divindade poderiam expiar os crimes mais hediondos contra o homem. O que aconteceu no Egito, na Babilônia, na Índia e em quase todos os outros lugares, aconteceu em Israel; a tendência também profundamente arraigada da natureza humana de confiar em ritos religiosos como fonte de segurança e proteção levou mais uma vez ao triunfo do sacerdote. A corrupção reinava, e a tirania parecia estar além de qualquer desafio.

E em uma terra onde tal religião não era questionada, de repente apareceu um homem estranho chamado Amós. Ele era um pastor de ovelhas desconhecido das colinas do sul, e em um festival de outono ele se levantou em um templo onde os nobres e sacerdotes de Israel estavam se deleitando em licença sagrada, e gritou:

Ouçam isto, vocês que pisoteiam os necessitados e oprimem os pobres da terra.
O Senhor Yahveh jurou por sua santidade:
Eis que dias virão sobre vocês em que vocês serão arrastados com ganchos,
até mesmo o último de vocês com anzóis!

Ele gritou muito mais naquele mesmo tom. Ele açoitou os adoradores bêbados com seu desprezo, e os aterrorizou para fora de sua presunção sórdida com suas profecias de uma condenação inevitável. O que eles fizeram com ele por sua ousadia, ninguém sabe. Talvez o tenham matado; ou talvez o tenham deixado pregar, pensando que ele era apenas um dervixe barulhento. Pois assim que a paixão que entrou em sua fala se esgotou, essas palavras devem ter parecido aos israelitas nada mais do que delírios de pura loucura. Ninguém até então ousara declarar que o próprio Yahveh poderia punir seu próprio povo. A crença estava enraizada de que, enquanto Yahveh fosse alimentado com sacrifícios suficientes, não havia chance possível de ele falhar em proteger seu povo. Ele lutaria suas batalhas por eles, regaria suas terras, fecundaria seu gado e prosperaria seus negócios. A nova ideia de que o deus se revoltava com coisas como crimes sociais, pela perversão da justiça ou pela exploração dos pobres, ou pela bebedeira ou pela perseguição de prostitutas deve ter sido totalmente incompreensível para o gentil povo de Israel há dois mil e oitocentos anos! No entanto, essa foi exatamente a ideia que Amós, um simples camponês das colinas de Judá, ousou gritar no templo de Betel. Ele declarou que era totalmente errado acreditar que Javé era uma mera possessão tribal, um monopólio de Israel. Se Javé havia tirado os hebreus do Egito, eis que ele também havia tirado os filisteus de Caftor e os arameus de Quir. De fato, os hebreus, declarou Amós, não tinham mais chance de obter favor indevido de Javé do que os etíopes de pele negra! . . . Então, toda esperança de indulgência especial era vã. Javé era um deus implacável de Justiça, e se Israel continuasse a confiar em rituais em vez de retidão, então ele destruiria a nação por completo por seus pecados! . . .

E assim foi alcançado o primeiro degrau na escada que levou Yahveh até o Trono de Deus. Yahveh não era mais um mero glutão por sacrifícios; ele era o inflexível Comandante da Justiça.

A ascensão do segundo degrau deve ser creditada a outro profeta, Oséias. Ele apareceu logo depois de Amós, e naquele mesmo reino do norte. Ele também estava bem familiarizado com a maldade que prevalecia em Israel, e ele também estava convencido da destruição iminente. Mas ele, ao contrário de Amós, viu uma chance, uma chance tardia, mas ainda assim certa, para Israel ser salvo. Pois Yahveh, que para Amós tinha sido totalmente um inexorável Comandante da Justiça, era para Oséias, também um Pai de Amor. Yahveh era misericordioso, bem como justo, e sabia como perdoar. Portanto, disse Oséias, se tão somente Israel se arrependesse, certamente Yahveh pouparia a terra. . . .

Mas Israel não se arrependeu, e dentro de uma geração o reino encontrou seu fim. A condenação veio, e as dez tribos do Norte foram expulsas da terra de seus pais para o esquecimento do exílio sem fim. Depois de 722 a.C., apenas Judá foi deixado, e o resto da ascensão de Yahveh à altitude de Deus sobre toda a terra foi alcançada, dentro e ao redor da cidade de Jerusalém. Rápida e dramática se tornou essa ascensão, à medida que profeta rapidamente seguia profeta. Primeiro Isaías apareceu, e através de sua pregação a majestade e onipotência de Yahveh se estabeleceram. A tendência natural dos sacerdotes de tornar seus ritos superiores aos deuses foi por ele efetivamente frustrada em Judá. Na Índia, Babilônia, Egito e onde quer que o poder dos sacerdotes pudesse crescer sem controle, os deuses eram quase infalivelmente rebaixados e feitos escravos. Mas em Judá esse mal foi evitado pelo trabalho de profetas como Isaías. Eles deixaram bem claro para o povo que nem todos os sacrifícios na terra, nem todos os feitiços mágicos, poderiam exercer o menor poder coercitivo sobre Yahveh. Como Miquéias, outro profeta, colocou de forma concisa:

O que Yahveh requer de ti? A não ser que pratiques a justiça, ames a misericórdia, e andes humildemente com teu Deus?

[Esse versículo frequentemente citado de Miquéias é profundamente significativo. Ele sintetiza as contribuições de Amós, o profeta da justiça, e Oséias, o profeta da misericórdia, e Isaías, o profeta da majestade celestial. Em poucas palavras simples, ele conta toda a história da exaltação de Yahveh e da moralização do Yahvismo.]

Mas o processo não terminou nem aí. Ainda viria um profeta maior do que todos os que o precederam. Nos anos mais difíceis da história de Judá, quando a pequena terra estava fazendo sua última resistência louca e fútil contra a Babilônia, veio aquele poderoso profeta chamado Jeremias. E ele ousou exortar seu povo a depor as armas e se submeter. Foi em vão que eles resistiram, ele declarou, pois Javé não estava do lado deles. Pelo contrário, Ele estava do lado do inimigo, e Nabucodonosor da Babilônia era apenas Seu instrumento. Pois Javé não era o mero deus dos hebreus; Ele era Deus de toda a terra! Como Ele podia fazer, Ele quis não apenas com uma nação, mas com todas. De fato, Ele foi o Fundador de todas as nações, o Criador de toda a terra! . . . Amós não conseguiu chegar nem perto disso; nem Oséias, nem mesmo Isaías. Somente com Jeremias foi feita a afirmação clara de que não havia outros deuses além de Deus. Não havia Assur para os assírios, Dagon para os filisteus, Bel Babilônios, ou Osíris para os egípcios; não poderia haver nenhuma divindade local com fortunas inextricavelmente ligadas às fortunas de suas próprias nações. Havia apenas — Deus!

E assim, finalmente, perto do fim do sétimo século a.C., a religião de Israel se tornou

verdadeiramente um monoteísmo. Assim, finalmente, Yahveh realmente se tornou Deus! . . . .

7

Mas lado a lado com essa exaltação de Yahveh veio também a autoexaltação de Israel. Era inevitável. Tendo declarado que seu Yahveh era o Governante Supremo no céu, era logicamente necessário que os israelitas se declarassem a nação principal na terra. Eles fizeram exatamente isso. E apesar da derrota recorrente, humilhação e exílio, os judeus persistiram em pensar que eram os Escolhidos de Deus. Claro, os profetas, cada um deles, encorajaram esse pensamento. Embora eles denunciassem seus companheiros hebreus e os desprezassem por imaginarem favorecimentos de Yahveh, esses próprios profetas nunca deixaram de declarar que os hebreus ainda eram os Escolhidos de Yahveh. Apenas, eles insistiram que os hebreus foram escolhidos não para indulgência especial, mas somente para a tarefa de levar o conhecimento deste Yahveh a todo o mundo. Eles prometeram que se o povo apenas cumprisse essa tarefa, então, eis que eles seriam de fato a primeira nação na terra! Sua verdade conquistaria toda a humanidade, e toda a terra seria um Paraíso no qual seu próprio Messias, seu "Ungido", reinaria como "Príncipe da Paz". . . .

Essa promessa provou ser uma força espantosamente potente. Tornou-se o próprio coração da religião de Israel, dando-lhe cor, calor e vida. Ela cumpriu o único propósito fundamental na raiz de toda grande religião, pois ofereceu a seus seguidores uma razão para permanecerem vivos. Os judeus acreditaram naquela promessa messiânica implícita, e sem hesitação; e acreditando nela, eles foram salvos por ela. Nos terríveis dias do exílio, quando se sentaram às águas da Babilônia e choraram, essa promessa foi a única coisa que os manteve vivos. Por causa dela, eles se prepararam e se preservaram como um povo, acalentando as memórias de seu passado e planejando incessantemente seu futuro. Durante todos aqueles dias lentos e amargos na Babilônia, seus líderes parecem ter se ocupado com os preparativos para o grande triunfo que viria. Eles fizeram coleções de lendas contando as façanhas de seus antigos patriarcas, profetas e reis, escrevendo em pergaminhos os incontáveis contos brilhantes que foram transmitidos oralmente por vinte gerações ou mais. Eles também reuniram todas as suas leis antigas e as elaboraram para que pudessem se adequar a novas necessidades. Estudiosos modernos estão convencidos de que muito do material nos “Cinco Livros de Moisés” foi escrito, e tudo foi editado pela primeira vez, não antes, mas durante, e imediatamente depois, do Exílio Babilônico. Sem dúvida, é por isso que encontramos no Pentateuco tantos mitos, tabus e leis sacerdotais que se assemelham notavelmente aos dos babilônios. Deve ter sido impossível para os judeus resistir à influência de seu ambiente. Vendo o sacerdócio desenfreado em todos os lados na próspera Babilônia, os exilados naturalmente sopraram uma medida dele nos livros que estavam preparando para sua própria Sião que logo seria próspera. Mas esse código de leis, apesar de seu caráter predominantemente sacerdotal, dependia para sua concepção e nascimento do impulso profético. (Foi por isso que, apesar de toda a sua semelhança, ele ainda conseguiu diferir tão fundamentalmente do código babilônico do qual havia sido derivado.) Este código de leis judaico foi preparado apenas em antecipação ao dia em que a antiga promessa messiânica seria cumprida. Ninguém parecia saber exatamente quando esse dia chegaria; mas todos o esperavam em um futuro próximo, muito próximo. E o maior profeta do exílio, aquele gênio sem nome a quem chamamos de Deutero (o Segundo) Isaías, retratou a glória daquele dia em palavras que os judeus nunca

esqueceram. Ele levou a autoexaltação de Israel ao seu clímax, investindo o futuro do povo com uma dignidade e um significado como nenhum profeta anterior havia sonhado. De acordo com esse profeta sem nome, todo o povo de Israel era o Messias, o "Ungido". Todo Israel era o "Servo Sofredor do Senhor", a "luz para os gentios, para que a salvação da terra seja até o fim do mundo".

Nesse caráter, Israel estava destinado a ser totalmente triunfante, prometeu o profeta. O que outras nações sem número tentaram e falharam em realizar com a espada, Israel teria sucesso em fazer apenas com a Palavra de Deus. E assim os judeus seriam finalmente vitoriosos sobre toda a terra: seu espírito, seus ideais, seu Deus, reinariam supremos. Jerusalém, naquele dia perfeito, seria o centro do mundo, e seu Templo se tornaria uma casa de oração para todas as nações. Eles, os judeus desprezados, agora dispersos, quebrados e vistos com desprezo — eles no final seriam os conquistadores mais poderosos de todos! . . .

Tal era o evangelho daquele judeu sem nome cujas palavras estão registradas nos capítulos 40 a 55 do Livro de Isaías. Em contraste, esse evangelho parece quase incrivelmente alto e esperançoso. Naquele mesmo século, a seis mil milhas de distância na China, Confúcio estava caminhando de aldeia em aldeia em busca inútil de um príncipe que trouxesse de volta o passado. Tudo o que era glorioso parecia-lhe já ter sido, e tudo o que era certo parecia pertencer apenas ao ontem. . . . Na Índia, a quase três mil milhas de distância, Mahavira, o Jina, e Gautama, o Buda, estavam tateando em fortalezas na selva, buscando não um príncipe para trazer de volta o passado, mas um princípio de evasão que pudesse ajudá-los a iludir o futuro. Todo o passado parecia-lhes ter sido tão ruim quanto o presente, e o futuro não parecia ser nada melhor do que o passado. Todo o ciclo da vida parecia um cansaço prolongado para a carne, uma abominação a ser destruída a qualquer preço. . . . Mas lá na Babilônia estava esse judeu sem-teto, ele que tinha todo o direito de lamentar o passado e tremer pelo futuro, ele que deveria ter sido a mais abatida e desanimada das almas — lá estava ele, feliz, exultante! Não havia traço de desespero em sua alma. Pelo contrário, ele estava cheio de esperança, de esperança louca e extática pela Grande Libertação que viria. Não libertação da vida, mas, pela vida; libertação para uma vida mais nobre, mais rica, mais abundante do que nunca antes. "Consolai, consolai, meu povo!", ele gritou. "Eis que farei de ti um trilho cortante e novo, armado de lâminas duplas; os montes trilharás, e moerás, e os outeiros reduzirás a palha.". . .

Assim clamou este Profeta Desconhecido do Exílio. . . .

8

E então, quase imediatamente, veio a libertação — ou pelo menos seu começo. Em 538 a.C., Ciro da Pérsia conquistou a Babilônia e libertou os exilados. Os judeus estavam livres então para conquistar o mundo — com a palavra do Senhor.

Mas a gloriosa conquista começou de forma mais inglória. Quando os judeus retornaram para sua própria pequena terra, eles levaram de volta com eles o código de leis que seus escribas haviam preparado para eles no exílio. E, como já dissemos, era na verdade um código sacerdotal. Daí em diante, portanto, a voz dos profetas tornou-se cada vez mais fraca, e o canto dos sacerdotes tornou-se cada vez mais estridente. O que aconteceu na Índia, China, Pérsia e todas as outras terras "civilizadas", aconteceu também na Judeia. Em vez de buscar ganhar o favor de Deus e salvar a si mesmos fazendo justiça e amando a misericórdia, os judeus tentaram atingir esses fins oferecendo sacrifícios e murmurando orações. (Era uma técnica muito menos difícil de tentar.) E assim os

sacerdotes foram levados ao poder. Os sacerdotes eram os principais patrocinadores da técnica mais fácil e, portanto, foram amplamente enriquecidos por sua popularidade. Quanto mais o povo buscava subornar seu caminho para Deus por meio de rituais sacerdotais, mais os sacerdotes se tornavam poderosos. Não havia como escapar desse triste desenvolvimento, pois as massas ainda não estavam prontas para seguir os altos comandos dos profetas. Eles estavam prontos apenas para as pequenas leis dos sacerdotes, para as regras mesquinhas feitas por aqueles homens de espírito mesquinho que imaginavam que poderiam organizar a moralidade.

É bem possível que no início esses sacerdotes fossem os mais sinceros em seus trabalhos. Talvez eles acreditassem que estavam sendo totalmente fiéis aos profetas quando buscavam organizar a verdade profética. Mas em pouco tempo eles se envolveram tanto no processo de organização que começaram a perder de vista a verdade. Os meios se tornaram mais importantes que o fim; o como sobrepujou o porquê. O trabalho dos profetas, aquela fúria da pregação que de alguma forma arrastou o culto de um povo saqueador do deserto morro acima até que se tornou a fé ética superlativa do mundo antigo, estava agora pouco a pouco desfeita. Por quase seiscentos anos após o retorno da Babilônia, os sacerdotes deixaram a religião de Israel degenerar em uma moralidade cada vez mais ritualizada. De fato, se durante esses seiscentos anos a religião não degenerou completamente, pode ter sido apenas porque o protesto profético, embora intermitentemente sufocado, ainda nunca foi totalmente estrangulado. De vez em quando, profetas isolados se levantavam para denunciar o sacerdotalismo e a corrupção dos sacerdotes e do povo. Alguns deles foram decapitados, como João Batista; e alguns foram crucificados, como Jesus de Nazaré. Mas eles vieram, no entanto — uma sucessão ininterrupta de protestantes heróicos e piedosos. Foi a velha promessa do Messias que os estimulou. Apesar de todas as agonias e humilhações que suportaram naqueles anos, apesar de todos os ultrajes sofridos pelos senhores persas, gregos, sírios e romanos, alguns judeus ainda acreditavam que deveriam triunfar no final. Sempre um remanescente do pequeno povo ansiava pela vinda imediata do “Ungido”, pela rápida vinda do Reino de Deus. De fato, quanto mais terrível e esmagadora sua situação, mais freneticamente esse remanescente salvador ansiava por esse advento. Por toda a terra, homens estranhos iam como seus porta-vozes, clamando ao povo: “Arrependei-vos, pois o Reino dos Céus está próximo!”

Mas embora parecesse sempre próximo, nunca veio. Mais e mais escuro se tornou o mundo dos judeus enquanto as vastas asas negras de Roma se fechavam sobre ele. Israel se contorceu nas garras sangrentas do Império por mais de um século. E então, instigado quase à insanidade, Israel se rebelou. Cansados de esperar pelo Messias, os judeus tentaram forçar o dia de Sua vinda. O país inteiro se inflamou em rebelião, e Israel fez seu esforço climático para se preservar como uma nação. Dois dos maiores generais de Roma foram enviados para reprimir a revolta, e por quatro anos cada wady na terra ficou vermelha com o sangue dos mortos. Por muitos meses a cidade sagrada de Jerusalém foi sitiada; e quando finalmente no verão de 70 d.C. foi capturada e destruída, a nação judaica também foi destruída. A temida Diáspora, a "Dispersão", começou para valer então. Os judeus fugiram ou foram perseguidos até os confins da terra, e a glória que era Sião estava terminada, parecia, para sempre.

Mas não estava terminada. De forma alguma, apenas começou de novo. Pelo contrário, embora o Templo tenha sido destruído, e todo o culto sacrificial tenha se tornado uma coisa do passado, Israel ainda continuou a viver. Pois a única grande promessa dos profetas ainda era efetiva, embora as pequenas leis dos sacerdotes fossem agora nulas e

sem efeito. Mesmo depois da Dispersão, os judeus continuaram a acalentar seu sonho do Messias. Pode ter sido um sonho irracional, ridículo, completamente louco — mas persistiu. E enquanto persistiu, os judeus persistiram. Até hoje persiste. Foi denunciado e traído, atacado e violado — mas nunca foi completamente esquecido.

9

Este não é o lugar para um relato detalhado da história dos judeus durante os últimos dezenove séculos. Alguém gostaria que fosse, pois essa história não se parece com nenhuma outra em toda a saga da religião. A história dos parses, aqueles descendentes exilados dos antigos zoroastrianos, talvez chegue mais perto dela; pois esse povo também persistiu porque nutria uma esperança. Mas, exceto pelo pequeno grupo de persas que ainda aguardava o triunfo de Ormuzd, nenhum outro pode ser comparado aos judeus. Os judeus se destacam entre as raças do mundo, um povo estranho, inexplicável, com uma história muito mais estranha que a ficção.

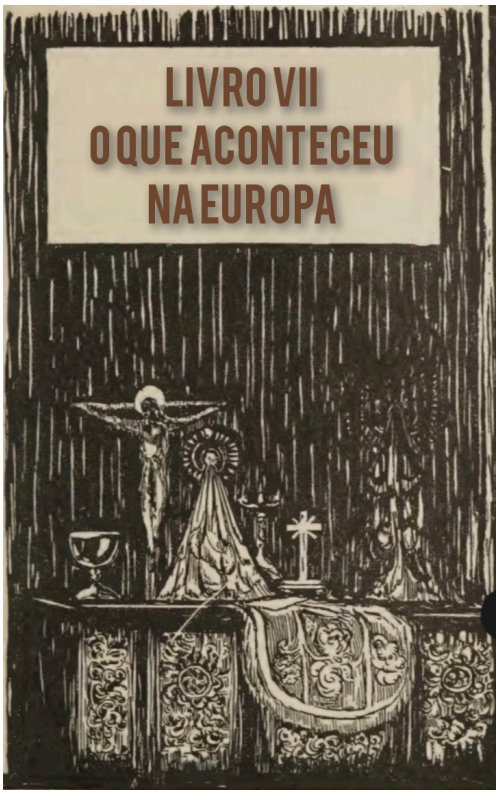
Mas pelo menos uma dica sobre essa história deve ser dada aqui. Quando o Templo foi destruído e o antigo culto sacerdotal foi encerrado, toda a técnica da religião teve que ser radicalmente alterada. A organização sacerdotal não existia mais, e uma nova organização teve que ser criada. Então o culto rabínico teve o seu encaminhamento. Uma gigantesca literatura legal chamada Talmude foi desenvolvida nos primeiros cinco séculos após a Destruição, e mais tarde, uma literatura ainda mais gigantesca de comentários e supercomentários talmúdicos. Não é difícil explicar por que o desenvolvimento tomou tal forma. Os profetas sempre responderam ao porquê da vida para o judeu. Eles disseram que por um tempo ele deveria viver e sofrer para que finalmente pudesse triunfar, para que finalmente pudesse trazer o Reino de Deus. Mas esses profetas estavam longe de ser explícitos quanto à questão mais imediata do como. Admitia-se que havia um propósito na vida, mas como o judeu poderia se manter vivo o suficiente para realizá-lo? Ele se viu completamente desamparado naquele redemoinho de raças e credos que é o mundo. Ele não tinha casa, nem poder, nem prestígio — nada além de uma crença inelutável em sua própria importância para a humanidade. E isso, por si só, estava longe de ser o suficiente para mantê-lo à tona no redemoinho. Então ele começou a tremer por sua própria existência. O medo tomou conta dele quase tão intensamente quanto uma vez tomou conta de seu ancestral selvagem no deserto. Mas enquanto o medo levou o selvagem a recorrer a fetiches, ele impeliu este descendente remoto a adotar leis. O selvagem tentou se salvar de se afogar no medo conjurando juncos de magia aos quais ele poderia se agarrar. Exatamente pela mesma razão que o judeu construiu um dique de lei atrás do qual ele poderia se esconder.

Foi aquele Muro da Lei que salvou o judeu da destruição depois que sua própria casa foi destruída. Manteve-o separado dos gentios, regulando sua oração, sua comida, sua própria vestimenta, para que ele nunca pudesse esquecer sua identidade por um momento. O sonho dos profetas tornou a vida razoável para o judeu, mas somente o código de leis dos rabinos tornou isso possível. E enquanto o mundo gentio manteve o medo palpitando no coração do judeu, esse muro permaneceu firme e inquebrável. Se ele está desmoronando visivelmente em nossos dias, é em grande parte porque o mundo está se tornando menos intolerante, e o medo no coração do judeu está sendo dissipado. Se o antigo judaísmo ortodoxo está se desintegrando em nossos dias, e o judaísmo “reformista” ou “liberal” está crescendo, é porque o vento da emancipação está varrendo a alma de Israel, livre do medo.

Mas não há certeza de que esse processo esteja acontecendo com alguma rapidez. Dos dezesseis ou dezessete milhões de judeus no mundo hoje, é duvidoso que até dois milhões deles não sejam impedidos por tabus e escrúpulos ortodoxos. O medo intenso do goy, o gentio, ainda permanece na alma do judeu, seja ele um morador de Washington ou Varsóvia. Um terror martelado nele incessantemente por vinte ou trinta séculos dificilmente pode ser dissipado em uma geração. Não, o medo ainda atormenta o judeu, e tão rápido quanto a Lei está desmoronando, ele está construindo um novo muro — ou reconstruindo um antigo — de nacionalismo. Em espírito, se não frequentemente em corpo, ele agora está retornando à velha Palestina. Pelo menos, seus jovens e donzelas estão retornando para lá, para pisar mais uma vez o solo de Amós e Jeremias. E assim, por meio de um nacionalismo recriado, o judeu contemporâneo busca salvar-se da extinção.

Então é no agora familiar motivo do medo que devemos fechar este livro também. O judeu se apega à sua lei ritual em grande parte porque sente subconscientemente que, de outra forma, perderá sua identidade entre os não judeus. Em outras palavras, ele teme a Deus em grande parte porque teme a Goy. Mas deve-se notar que esse medo no cerne do judaísmo é genericamente diferente do tipo que nutre a maioria das outras religiões. É medo não pelos destinos do indivíduo, mas do grupo. Até os judeus serem colocados em contato com os zoroastrianos, eles parecem não ter tido noção de imortalidade individual. Até então, a fome dos judeus parece ter sido apenas pela imortalidade nacional. E embora a ideia de uma vida após a morte pessoal tenha se enraizado profundamente no judaísmo, a ideia anterior ainda permanece a mais importante. Os judeus ainda parecem muito mais preocupados com seu futuro como um grupo do que como indivíduos. Sem dúvida é por isso que eles têm estado tão dispostos todos esses séculos a sofrer perseguição e morte em vez de renegar sua fé. Sua religião os ensinou que como indivíduos eles não contam; que somente como membros do grupo judeu eles possuem alguma dignidade ou significância. E aceitando esse ensinamento implicitamente, os judeus conseguiram sobreviver a vinte séculos da mais amarga opressão já visitada em qualquer povo na terra. Eles não apenas sobreviveram; em certa medida, eles até floresceram. Eles cresceram tanto em número e avançaram em poder que podem ser encontrados em posições conspícuas em quase todos os lugares do mundo. E onde quer que morem, eles são como um fermento na sociedade, estimulando uma fermentação incessante de protesto profético e rebelião. A opressão, longe de enfraquecê-los, apenas temperou seu espírito. Como uma espada, o judeu foi estendido na bigorna da história e a cada golpe tornou-se apenas mais resiliente e durável. E é a religião do judeu, sua certeza de uma libertação final dos gentios, sua fé em um futuro messiânico para seu povo, que tornou possível o milagre de sua sobrevivência. O judeu parece quase organicamente incapaz de esquecer aquela promessa de alta linhagem feita a ele por seus profetas há vinte e cinco séculos. Ele ainda acredita, embora inconscientemente, que é seu dever se manter vivo porque ele tem uma missão a cumprir. Sua Bíblia, suas orações diárias, até mesmo suas canções folclóricas e contos de fadas, todos batem em sua alma uma crença obsessiva: que ele é preeminentemente a espada do espírito que ainda abrirá o caminho para a vinda do Reino de Deus! Isso pode muito bem ser uma crença tola, irracional, presunçosa — mas assim é qualquer outra em todo este nosso mundo crente. Todas as religiões são construídas sobre um dogma totalmente indemonstrável e aparentemente irracional: que de alguma forma e em algum lugar alguns seres humanos ainda podem ser capazes de lidar com o universo. Portanto, não se pode dizer que o judaísmo seja mais presunçoso do que qualquer outra religião em sua convicção básica. Só se pode dizer que os judeus parecem mais intimamente ligados e mais firmemente sustentados por sua convicção do que os adeptos da maioria das outras

religiões. Mas isso, longe de revelar um defeito na religião do judeu, proclama o que é provavelmente sua principal virtude: o judaísmo funciona. . . .



Livro Sete ACONTECEU NA EUROPA

JESUS

1. A Palestina no primeiro século — os zelotes e santos.
2. A infância de Jesus — juventude.
3. João Batista — Jesus começa a pregar.
4. Suas heresias — seu tom de autoridade — Jesus se considerava o Messias?

5. Jesus vai a Jerusalém — cai em desgraça — é preso, julgado e crucificado.
6. A “Ressurreição” — os discípulos começam a pregar.
7. A religião dos nazarenos — a crescente saga sobre Jesus.

CRISTO

1. Os mistérios no Império Romano — as filosofias.
2. A história de Saulo de Tarso.
3. A obra de Paulo.
4. Jesus se torna o Cristo — os compromissos com o paganismo — a superioridade do cristianismo — a escrita dos Evangelhos — a perseguição de Roma.
5. Constantino e o triunfo do cristianismo.
6. O custo do sucesso — os cismas.
7. A disseminação do cristianismo — o elemento ético no cristianismo — como ele tornou a Europa sóbria.
8. O desenvolvimento da Igreja — o protestantismo — por que o cristianismo teve sucesso.

JESUS

Dolorosa era a batalha em Israel por causa da opressão dos romanos. Exércitos trovejavam arando para cima e para baixo no campo, um sulco sangrento por onde passavam; e espiões fediam nos becos das cidades, levando calúnias e distribuindo mortes enquanto se moviam. Roma, a grande potência que poderia conquistar continentes inteiros, não poderia manter a pequena Palestina sob controle. Roma não conseguia entender os judeus, não conseguia entender sua obstinação e rebeldia enlouquecedoras. Ela não conseguia entender por que os judeus enlouqueciam com a ideia de adorar as imagens de imperadores, ou por que eles ensurdeciam o mundo com lamentações quando seu dinheiro do Templo era usado para construir aquedutos. E, naturalmente, portanto, Roma perdeu toda a paciência. À menor repreensão, ela golpeava os judeus impiedosamente, sem calcular que redemoinho poderia surgir da ordem forçada que ela semeou. . . . E os judeus, atormentados por uma dor insuportável, fracos pela perda de sangue, ficaram quase loucos. Eles chegaram a um impasse no qual não sabiam o que fazer. Eles não ousaram se render, pois ainda acalentavam sua antiga esperança messiânica. Apesar de todo o terror que havia sido seu destino quase desde o dia de sua criação, os judeus ainda acreditavam que seu Ungido, seu Messias, viria, e que com Ele seria inaugurado o Reino de Deus na Terra. Nesse aspecto, parece não ter havido divisão entre os judeus. Somente quanto aos meios de trazer o Grande Dia, houve alguma divisão. Quanto a isso, alguns judeus aconselharam a guerra, e outros aconselharam a oração. Aqueles que eram fortes de corpo e temperamento ardente não podiam esperar nenhuma salvação, exceto uma arrancada pela espada. Eles eram chamados de zelotes e percorriam o país atacando guarnições romanas

solitárias, assassinando simpatizantes romanos, conspirando, protestando, lutando, morrendo, tudo para trazer pela força bruta o Reino da Paz. . . E o que eles trouxeram no final foi apenas um desastre sangrento, um conflito final que simplesmente exterminou a nação judaica e espalhou seus infelizes sobreviventes pelos quatro cantos da terra.

Mas aqueles que eram fortes de alma em vez de corpo buscavam ganhar a salvação por outros meios. Para eles, parecia que o Reino da Paz seria trazido apenas por meios de paz, e eles, portanto, clamavam ao povo para se rebelar contra seus próprios atos em vez dos atos de Roma. Eles imploravam ao povo para purgar suas próprias almas do pecado, para esmagar sua própria luxúria por poder e vingança, para ser humilde e manso de espírito, para ser amoroso e perdoador, para retribuir o mal com o bem e, assim, silenciosamente, em oração, para aguardar o maravilhoso dia da recompensa que viria. . . . E no final, aqueles pregadores da paz de alguma forma ajudaram a dar origem a uma nova religião, uma grande fé que, embora nunca tenha trazido libertação a Israel, trouxe salvação para metade do resto do mundo. . . .

2

O prólogo da história dessa nova religião começa na Galileia. Quase dois mil anos atrás, nasceu na aldeia galileia de Nazaré, uma criança judia a quem foi dado o nome de Josué, ou Jesus. Não sabemos ao certo como os primeiros anos dessa criança foram passados. Os Evangelhos contam muitas lendas sobre sua concepção, nascimento e juventude, mas não são mais confiáveis do que as lendas suspeitamente semelhantes contadas muitos séculos antes sobre Zoroastro. Em sua juventude, Jesus parece ter seguido o chamado de seu pai e era carpinteiro. Sua escolaridade provavelmente foi pequena, pois seu povo era composto por aldeões humildes, e em toda a Galileia havia notoriamente pouco aprendizado naqueles dias. Ele acalentava muitas das noções primitivas do povo simples ao qual pertencia, acreditando que doenças e às vezes até a morte eram causadas pela presença de demônios imundos e podiam ser removidas pela oração. Ele sabia pouco ou nada de grego, e nunca poderia ter ouvido falar da ciência ou filosofia grega. Tudo o que ele conhecia era a Bíblia, e provavelmente o texto dela lhe fora ensinado apenas de cor. Como qualquer outro rapaz judeu, ele fora obrigado a memorizar as antigas profecias da Bíblia e a guardar as leis bíblicas e rabínicas de seu tempo. Acima de tudo, ele deve ter sido ensinado a valorizar como mais cara que a vida a velha obsessão de seu povo de que algum dia eles seriam milagrosamente libertados pelo Messias. De fato, tão bem isso foi incutido nele que, conforme ele amadureceu, a fome pela realização da esperança se tornou sua paixão avassaladora. Parece não ter lhe dado descanso naquela pequena vila protegida onde ele exercia seu ofício. Ele não podia ficar sentado e esperar pacientemente. Ele tinha que pegar o cajado e sair e fazer o que pudesse para apressar a chegada do Grande Dia!

Não havia nada de extraordinário em tal conduta. Como já vimos, a Palestina de então fervilhava de jovens judeus empenhados em uma missão semelhante. A maioria deles, é claro, se juntou aos zelotes e saiu por aí fomentando a guerra contra Roma. Havia outros, no entanto, que aconselhavam apenas a paz com Deus, e foi a eles que o simples carpinteiro galileu se juntou. Deve ter sido uma companhia estranha em que ele caiu. A maioria desses pregadores da paz eram evangelistas ardentes que, imitando os antigos profetas, se vestiam com pelos de camelo e cintos de couro. Alguns eram obviamente loucos: epilépticos de olhos arregalados, cabelos desgrenhados e lábios espumosos que corriam gritando conversas sem sentido nos ouvidos de todos que quisessem ouvir. Outros,

no entanto, eram tão obviamente daquele tipo que ao longo da história nos deu nossos profetas e gênios: aquele tipo loucamente são, cujos membros são tão frequentemente apedrejados enquanto vivos e entronizados quando mortos. . . . Mas tanto loucos quanto sãos, todos estavam em um estilo acalorado para preparar o povo para a rápida vinda do Messias. Eles foram para cima e para baixo da terra, clamando: "Arrependam-se, pois o Reino dos Céus está próximo." E eles ficaram nas margens do Jordão e imergiram os arrependidos em suas águas sagradas. Era terrivelmente importante, de acordo com esses evangelistas, que alguém fosse batizado assim no Jordão, pois somente assim alguém poderia ser provado digno de herdar o Reino de Deus na Terra. Eles declararam que todos os que foram pegos sem batismo — isto é, impuros, de espíritos malignos — quando o Messias viesse, nunca, nunca poderiam conhecer as alegrias do Milênio. . . .

3

Agora, nessa época, havia na terra um evangelista tão bem-sucedido em atrair o povo para o Jordão que ele veio a ser chamado de João Batista. Ele era uma pessoa rude e asceta que vivia de gafanhotos e mel silvestre, e que se vestia com peles de animais: uma verdadeira recriação do antigo profeta Elias. Para ele, parecia que mais um dia, mais uma hora, e eis que o Reino dos Céus estaria aqui! . . .

Foi a esse João Batista que Jesus veio quando deixou sua casa em Nazaré. Por um tempo ele foi um seguidor de João, um de uma multidão de jovens judeus e judias que acreditavam na missão do profeta selvagem e tentavam ajudá-lo em sua obra de salvar almas. Mas quando um pouco depois João foi preso por sua denúncia do tetrarca reinante, Herodes Antipas, Jesus voltou para a Galileia e começou a pregar sozinho. Seu evangelho era muito parecido com o de seu mestre. “O tempo está cumprido”, ele clamou, “e o Reino de Deus está próximo. Arrependei-vos!” Assim ele clamava onde quer que pudesse encontrar ouvidos para ouvir. Ele foi para a praia do Mar da Galileia, onde os pescadores podiam ser encontrados em seu trabalho; ele entrou nas sinagogas, nas aldeias, onde os piedosos e as pessoas corretas podiam ser encontrados em sua adoração; ele até mesmo entrou nas casas da vergonha, onde ele poderia alcançar os publicanos e pecadores. E onde quer que ele fosse, poucos conseguiam resistir à sua eloquência. Deve ter havido alguma qualidade em seu comportamento, algo na intensidade de seu espírito e na seriedade de sua pregação, que simplesmente compeliu os galileus atormentados a dar ouvidos. E dando ouvidos, bebendo nas palavras de conforto que ele proferiu, eles não puderam deixar de acreditar. E acreditando, aceitando de todo o coração a promessa que ele fez, eles não puderam deixar de se sentir salvos.

Quando as histórias das andanças daquele jovem pregador foram reunidas nos últimos anos e registradas por escrito, foi dito que ele realizou todos os tipos de milagres enquanto andava pela terra. Talvez haja um fragmento de verdade nessa tradição, pois se as pessoas apenas acreditarem com fé suficiente, os milagres não se tornarão impossíveis. Os cegos — se seus olhos não foram arrancados — poderão ver, e os coxos — se seus membros não foram arrancados — poderão andar. A realização de tais maravilhas foi atribuída a quase todos os grandes profetas e santos da história, e mesmo permitindo o exagero inevitável trazido pelo entusiasmo e pelo tempo, ainda resta um núcleo de verdade que não pode ser descartado. A fé implícita, que em dez mil e uma ocasiões tornou até mesmo a dança de um curandeiro eficaz como meio de cura, não poderia deixar de tornar eficaz a mão de um profeta. . . . E Jesus podia comandar a fé implícita. Ele próprio acreditava; com todo o seu coração e alma, ele acreditava que logo viria a Grande Libertação. Então, os pobres judeus

e judias da Galileia, as simples esposas de pescadores e fazendeiros, os publicanos de olhos turvos e as mulheres baixas da vergonha, foram compelidos a acreditar com ele. Eles não poderiam resistir. Pois este jovem trouxe-lhes em sua angústia seu único raio de esperança. Sem aquela promessa que ele estendeu, a vida deles foi deixada em uma escuridão infernal. Lá estavam eles, famintos, suados, doentes e cheios de medo. Camponeses miseráveis e moradores de favelas que eram, eles não tinham nada pelo que viver, nada — exceto aquela promessa que Jesus proclamou.

Então eles ouviram e creram e foram salvos. Às dezenas, às centenas, eles se aglomeraram para ouvi-lo, caminhando penosamente por muitas milhas cansativas pela poeira das estradas montanhosas para finalmente ficarem diante dele e ouvir suas palavras. Ele falava sem o menor floreio, usando palavras simples e parábolas caseiras. Ele não se entregava a nenhuma filosofia ou teologia, pois, afinal, ele era um trabalhador sem instrução que nada sabia sobre tais vaidades. Nem, aparentemente, ele pregou nenhuma heresia desmedida. Ao contrário de Buda, a quem ele é frequentemente comparado, ele não pregou um evangelho radicalmente novo. "Não vim para destruir, mas para cumprir." "Não penseis que vim destruir a lei ou os profetas", ele declarou. Suas orações eram compostas de versos que os rabinos fariseus costumavam recitar nas sinagogas e que podem ser encontrados até hoje no livro de orações judaico ortodoxo. Seu traje, até mesmo o uso da bainha franjada, era o traje de um judeu observante. Ele realmente saiu de seu caminho para pagar o imposto do Templo aos sacerdotes, e não viu nenhum erro absoluto em oferecer sacrifícios. Não, ele não era um herege no sentido em que Ikhnaton ou Zoroastro ou Buda eram hereges. Exteriormente, ele era distintamente um judeu conformista.

4

No entanto, apesar de toda a sua conformidade nesses e em outros aspectos, Jesus era definitivamente um rebelde. Como a maioria dos grandes profetas que o precederam em Israel, ele desprezava os ricos e os orgulhosos, os sacerdotes no Templo e os rabinos nas sinagogas. Seu coração se voltava apenas para os oprimidos, para aqueles miseráveis que não conseguiam chegar a Deus nem com sacrifícios custosos nem com aprendizado erudito. Todo o seu evangelho tinha a intenção apenas de confortar os deserdados, pois declarava que não importava quão iletrados eles fossem, eles poderiam, no entanto, ser levados ao Reino de Deus quando ele viesse. Pois era somente o arrependimento, de acordo com Jesus, que poderia tornar alguém elegível para entrar naquele Reino. De fato, riqueza e aprendizado pedante, ele declarou, eram obstáculos; somente a pureza de coração tinha algum valor.

Agora, tal evangelho estava literalmente saturado de heresia. Porque denunciava os ricos e ordenava que se desfizessem de todas as suas posses, atacava todo o culto sacrificial. Pois esse culto, com seus sacerdotes e levitas, seu elaborado Templo e seu dispendioso desfile, dependia inteiramente da riqueza para sua existência. Um povo sem posses jamais poderia pagar bois gordos para queimar ou peles de óleo para despejar. Além disso, se a pureza de coração fosse a única credencial de qualquer utilidade, que sentido havia em oferecer quaisquer sacrifícios?... Além disso, porque esse evangelho minimizava a importância do aprendizado e ordenava aos homens que mantivessem apenas o espírito da lei, ele atacava todo o culto rabínico. Pois esse culto, criado pelos escribas e fariseus, dependia do conhecimento acadêmico da letra da lei para sua importância. O “Muro da Lei” dos rabinos havia sido construído a partir das interpretações e reinterpretações de cada palavra do Pentateuco; na verdade, de cada letra e de cada

iluminação em torno de cada letra nele. E parecia a muitos rabinos que somente alguém que conhecesse o Pentateuco palavra por palavra, e todas as inúmeras interpretações dele, poderia ser uma alma justa. Muitos desses rabinos desprezavam o “homem da terra”, o camponês, dizendo que sua ignorância das minúcias da lei era uma pedra de moinho que o arrastava para o nível dos pagãos. Obviamente, portanto, este evangelho de Jesus declarando que o “homem da terra” poderia ser o próprio sal da terra, foi acusado de heresia bastante devastadora.

Mas as heresias de Jesus não eram de todo sem precedentes em Israel. Inúmeros profetas surgiram antes de seu tempo para atacar os sacerdotes gananciosos; e os próprios rabinos insultavam em seu Talmude os hipócritas e intolerantes em seu meio, chamando-os de "a praga farisaica". O que realmente marcou Jesus como alguém diferente de qualquer pregador que veio antes dele não foi tanto o que ele disse, mas a autoridade com a qual ele disse. Seu tom era totalmente novo na experiência judaica. Todos os outros profetas haviam proferido suas heresias em nome de Deus. "Assim diz o Senhor", havia precedido cada declaração deles. Mas este carpinteiro de Nazaré, apesar de toda sua mansidão e humildade, falava apenas em seu próprio nome. "Tomai sobre vós o meu jugo", disse ele. . . . "Todo aquele que perder a sua vida por minha causa", . . . "vocês ouviram isso. foi dito antigamente... mas eu vos digo.”. . Assim ele falou, não como o porta-voz de Deus, mas como alguém investido de uma autêntica autoridade quase divina. Foi esse tom que no final custou a vida de Jesus. Os padres e estudiosos devem ter ficado indignados com isso além do suportável. Tal tom teria soado blasfemo para eles, mesmo em um príncipe ou um homem culto. Em um trabalhador sem instrução, em um camponês ignorante da Galileia, deve ter parecido a mais ultrajante insolência. . . .

Mas foi esse tom, afinal, que dotou Jesus de seu magnetismo impressionante. Criou e sustentou a impressão de que ele era uma pessoa transcendente e concedeu a ele o poder de pegar servos encolhidos e transformá-los em homens imponentes. Somente porque ele acreditava em si mesmo tão firmemente, somente porque ele era tão soberbamente confiante, ele poderia fazer os outros aceitarem suas palavras. Seu tom não era o de um mero profeta, mas quase o do próprio Deus. E foi por isso que os homens começaram a dizer que ele era mais do que um homem, que ele era o Messias! Não era apenas que ele podia realizar o que se pensava serem milagres, expulsando demônios e ressuscitando os mortos — embora tais poderes reputados devam ter fornecido a prova mais convincente para a maioria de seus seguidores camponeses. Era mais que ele podia se portar com a segurança divina de um "Ungido", expulsando o medo e inspirando os vivos.

Se o próprio Jesus estava convencido de que era o Messias, isso é um problema ainda não resolvido. Sua recusa em fazer a afirmação em público, a maneira quase astuta demais com que ele evitava uma resposta direta sempre que a pergunta era feita a ele, apresenta até hoje um dilema para os fiéis. Mas é certo que muitos dos que seguiram Jesus acreditavam que ele era o Messias. A visão daquele jovem judeu esfarrapado correndo sob o sol quente da Galileia, pobre, iletrado, mas capaz de soprar um perfeito frenesi de esperança e alegria em vastas multidões de abandonados abandonados, deve ter parecido prova indiscutível de que ele era de fato o "Ungido". Havia um amor maravilhoso em sua pregação e, junto com ele, um ar de certeza, de autoridade. Por quinhentos anos, algum Messias foi esperado, e mais de uma vez foram homens da mais baixa qualidade que foram confundidos com Ele. Charlatões e loucos, canalhas arrogantes e tolos babacas, foram repetidamente aclamados pela multidão histérica como o Aguardado. É de se admirar, portanto, que uma pessoa exaltada como este jovem carpinteiro, Jesus, tenha sido aclamada da mesma forma? . . . .

5

Que Jesus foi de fato uma pessoa exaltada dificilmente se pode duvidar. Mesmo quando se desconta todas as lendas, todas as extravagâncias estúpidas, tolas e grosseiras, todos os enfeites piedosos e falsidades patentes que obstruem e confundem os relatos do Evangelho, ainda resta uma personalidade extraordinária para explicar. Deve-se lembrar que Jesus não foi o único pregador de bondade ou operador de milagres que já foi conhecido entre os judeus. Muitos homens assim o precederam; muitos houve em sua própria época; e muitos mais vieram depois dele. Mas nenhum outro conseguiu impressionar tanto seu caráter em seus seguidores. Demorou apenas um pouco para que sua fama se espalhasse por toda a Galileia, e logo grandes multidões saíram para vê-lo e ouvi-lo onde quer que ele fosse. Ele era frequentemente vaiado pelos anciãos nas sinagogas, e mais de uma vez foi caluniado e perseguido. Mas isso só aumentou seus seguidores. Somos informados de que uma vez, quando ele começou a pregar no Mar da Galileia, a multidão na praia se tornou tão pesada que ele teve que entrar em um barco e falar da água. . . .

Mas foi somente na Galileia que ele era famoso, e a Galileia era simplesmente uma seção remota e sem importância do país. É provável que em Jerusalém, a capital, nem mesmo um rumor de sua aparição fosse conhecido. Então chegou finalmente o dia em que Jesus decidiu sair da Galileia e levar seu evangelho ao resto de seu povo. Ele decidiu ir até Jerusalém e tentar proferir sua palavra na própria fortaleza dos sacerdotes e rabinos. O momento escolhido foi pouco antes da Páscoa, pois

Jesus sabia que a capital estaria lotada de judeus vindos de todos os cantos da terra para celebrar a festa no Templo. Então, com seus doze principais seguidores, seus discípulos e um pequeno grupo de mulheres devotas, ele corajosamente partiu para o sul. . . .

Mas então veio uma tragédia rápida. Quando Jesus chegou à capital, sua fama já o havia precedido. Uma grande multidão correu para encontrá-lo, jogando descontroladamente suas capas no chão sob os pés do jumentinho em que ele cavalgava. Eles o saudaram como seu Messias, como o tão esperado Filho de Davi que os livraria de suas dores de parto. "Hosana", eles gritaram em êxtase. "Bendito seja aquele que vem em nome do Senhor. Hosana!". . . Alguém se pergunta se aqueles pobres coitados dos becos e monturos da velha Jerusalém entenderam quem o homem Jesus realmente era. (Alguém se pergunta se até mesmo seus próprios discípulos entenderam — ou se até mesmo seus devotos mais piedosos hoje entendem.) Para aquela multidão frenética, pelo menos, ele era simplesmente um arqui-zelote, um herói marcial que tinha vindo para liderá-los em uma rebelião sangrenta contra Roma. E quando, depois de três dias de ensino nos pátios do Templo, eles descobriram que ele não era nada disso, quando começaram a ver que ele queria que eles fizessem as pazes com Deus, não a guerra contra Roma, eles o abandonaram tão rapidamente quanto se aglomeraram em seu apoio. Pobres miseráveis desesperados, eles não estavam com disposição para buscar a paz ou retribuir o mal com o bem, ou dar a outra face. Eles não queriam dar a César o que era de César. Eles queriam matar. Eles queriam fazer um holocausto de todo o exército romano e se tornar mais uma vez uma nação livre e orgulhosa!

E no momento em que a população se voltou contra ele, Jesus não teve chance. Os sacerdotes imediatamente começaram a tramar medidas decisivas contra ele, pois o odiavam não menos do que homens de temperamentos semelhantes odiavam todos os outros profetas em Israel. Ele os havia desprezado, e atacado toda a base de seu culto.

Além disso, ele os havia ostentado publicamente, invadindo os pátios do Templo um dia e jogando seus cambistas na rua. Eles não ousaram deixá-lo continuar. . . . E embora os rabinos desprezassem os sacerdotes não menos do que Jesus, eles não puderam se unir em sua defesa. Ele os havia desprezado também, esfolando-os por seu amor à letra e negligência do espírito da Lei Sagrada. Ele ousara chamá-los de hipócritas e sepulcros caiados. E, acima de tudo, ele os havia ultrajado com seu tom incomum de autoridade. Então eles também estavam contra ele.

No último momento, Jesus parece ter percebido o quão imprudente ele havia sido ao ousar vir a Jerusalém. Seus discípulos o haviam alertado contra isso quando ainda estavam seguros na Galileia; mas o jovem Jesus, em seu ardor, não havia prestado atenção. E agora ele sabia que estava perdido. Tardiamente, ele tentou escapar com eles, mas foi perseguido, traído e feito prisioneiro em um lugar arborizado fora dos muros da cidade. Daí Ele foi julgado às pressas por um tribunal judeu que parece ter sido composto em grande parte por padres. Então, sumariamente, ele foi considerado culpado. Pela pressa com que todo o julgamento foi conduzido, pode-se julgar o quão aterrorizados estavam os padres. Eles parecem não ter se importado nem um pouco com o que o condenavam. Eles tinham medo de Jesus, medo não apenas porque suas heresias colocavam em risco sua própria posição, mas ainda mais porque a excitação que ele havia despertado entre as massas poderia colocar em risco a paz de toda a terra. Roma, a soberana, costumava reprimir todo tipo de tumulto público com pouca misericórdia ou paciência. Então, em pânico, os anciãos dos judeus pegaram esse jovem pregador e o entregaram ao governador romano. E por esse governador ele foi sentenciado a morrer.

Não havia justiça em tudo isso. Como alguém poderia esperar justiça em tempos tão tensos e uma terra tão louca? O governador, Pôncio Pilatos, não poderia ter tido nenhuma compreensão do que aquele jovem carpinteiro havia feito ou sonhado em fazer. Este Pilatos provavelmente o considerou apenas mais um jovem zelote louco, um rebelde contra Roma, um pretendente ao trono da Judéia.

E no dia seguinte a vida daquele jovem galileu foi extinta. Os soldados romanos o levaram ao topo de uma colina próxima, o açoitaram com varas, o coroaram em escárnio com uma coroa de espinhos e o pregaram numa cruz. Eles o pregaram numa cruz entre dois ladrões, e sobre sua cabeça eles esculpiram as palavras zombeteiras: "Rei dos Judeus". E lá, em angústia mortal, ele ficou pendurado por horas. Se ele fosse mais forte de corpo, talvez a vida tivesse permanecido nele por dias. Mas se ele fosse mais forte de corpo, sem dúvida ele nunca teria se juntado à escola de João Batista e se tornado um salvador de almas. Em vez disso, ele teria se juntado aos zelotes, lutando com a espada contra Roma, e chegando ao seu fim não em uma cruz, mas atrás de alguma muralha encharcada de sangue. Não, desde o início sua força não deve ter sido a força do corpo, mas da alma; e perto do fim até mesmo essa força deve ter diminuído nele. Pois enquanto ele estava pendurado ali na cruz da vergonha, ele estava sozinho, abandonado. Foram-se as multidões uivantes; foram-se até mesmo seus próprios discípulos de confiança. Apenas um grupo de mulheres desoladas estava por perto para vê-lo dar seu último suspiro. Na cidade, ele já estava esquecido. Os membros daquela multidão que o recebera tão extasiadamente alguns dias antes, estavam agora ocupados se preparando para a festa da Páscoa. E seus discípulos estavam escondidos nos campos, aterrorizados demais para confessar que tinham conhecido o mártir. Tão abandonado ele estava pendurado ali naquela colina solitária.

O sol começou a se pôr, e o brilho violeta selvagem no oeste subiu até se perder no azul do céu noturno. O profeta Jesus, seu pobre corpo flácido dos espinhos sangrentos que

rasgaram suas mãos e pés, não conseguiu mais suportar as dores. Ele começou a gemer. Entrecortadamente ele gemeu enquanto as dores da morte o dominavam. “Meu Deus, meu Deus, por que me abandonaste?” ele implorou. E então ele morreu.

6

Mas ele morreu apenas para voltar à vida, para voltar a uma vida mais duradoura, mais maravilhosamente potente do que jamais lhe fora concedida nos dias anteriores à sua morte vergonhosa. De fato, ele literalmente voltou à vida — de acordo com aqueles que o seguiram mais sinceramente. Pois antes que uma semana se passasse, uma repulsa tomou conta daqueles discípulos aterrorizados. Na hora terrível do julgamento, eles fugiram de seu Mestre; e agora sua mortificação não conhecia limites. Eles tremiam ao pensar em retornar para casa na Galileia para enfrentar o amargo desprezo, ou pior ainda, o desânimo mortal de seus companheiros de lá. Ainda mais, eles tremiam ao pensar em viver o resto de suas vidas sem seu Jesus para acreditar. Aquele jovem pregador, com seu magnetismo celestial, passou a significar muito para eles. Sem sua fé nele e em sua messianidade, suas próprias vidas se tornaram vazias, sem sentido. Escondidos ali em meio às colinas rochosas fora de Jerusalém, eles perceberam, como nunca antes, que ainda tinham que acreditar nele — ou morrer. . . . E, porque acreditar em um cadáver era muito difícil, eles começaram a acreditar que Jesus ainda estava vivo. Eles começaram a dizer que três dias após seu sepultamento ele havia milagrosamente ressuscitado dos mortos. Eles até declararam que realmente o tinham visto no ato de se levantar do sepulcro, o tinham visto quando ele foi levado para o céu, até o trono da glória. Eles começaram a contar como seu espírito realmente andou e falou com eles, até mesmo partiu o pão com eles! . . . Não foi um desejo de enganar que impeliu aqueles discípulos a contar tais histórias. Eles sinceramente acreditavam nas próprias histórias. Eles estavam esmagadoramente convencidos de que Jesus realmente havia voltado à vida novamente, e agora estava no céu esperando para retornar mais uma vez.

E com essa nova convicção fortalecida em seus corações, os onze discípulos emergiram de seus esconderijos e começaram a pregar novamente. Não era de forma alguma uma religião nova que eles começaram a pregar, no entanto. Eles ainda eram judeus, e continuaram a ser fiéis à sinagoga estabelecida e ao culto no Templo. Eles diferiam de seus companheiros judeus apenas por acreditarem que o Messias já havia chegado, e que Ele havia chegado na pessoa de Jesus de Nazaré. Eles eram por essa razão chamados nazarenos, e provavelmente formavam apenas mais uma das muitas seitas messiânicas já existentes. Havia os joanitas, que acreditavam que João Batista havia sido o Messias, e que persistiram na crença por muitas gerações. Havia também os teudasianos, que acreditavam que um certo pregador louco chamado Teudas era o Esperado, e que se apegaram à crença até que os romanos cortaram a cabeça de Teudas. A terra inteira fervilhava com essas pequenas seitas, pois a fome de salvação em Israel era então tão agonizante e tão insatisfeita pela religião estabelecida, como tinha sido, por exemplo, na Índia nos dias de Buda e Mahavira.

Sobre a vida dos primeiros nazarenos sabemos muito pouco. Parece que eles viviam juntos em pequenas colônias comunistas, amando-se e compartilhando as alegrias e tristezas uns dos outros. Eles comiam em uma mesa comum e não tinham propriedade privada. Com o mais nobre ardor, eles partiram para viver como seu Mestre havia ordenado. . . . E continuamente, incansavelmente, eles buscavam novos membros. Eles foram por toda a terra, até mesmo até Damasco, tentando ganhar convertidos para seu pequeno

movimento.

Mas deve ter sido um trabalho lento e desanimador, pois a messianidade de Jesus estava longe de ser fácil de provar. Mesmo quando a vergonha de sua morte poderia ser explicada por uma ressurreição milagrosa, ainda havia a obscuridade de sua vida a ser justificada. Os judeus foram ensinados a esperar que o Ungido não seria nada menos que um descendente da dinastia real de Davi, um príncipe heróico e magnífico que destruiria todos os inimigos de Israel com um mero aceno de mão, e ascenderia a um trono de ouro, marfim e pedras preciosas, para governar todo o mundo como o Príncipe da Paz. Era exatamente o tipo de sonho grandioso e vistoso que se poderia esperar de um povo com uma tremenda vontade de viver, espremido em um corpo frágil e torturado. Um carpinteiro de aldeia da Galileia meio pagã, um evangelista obscuro que havia caminhado pela poeira até Jerusalém com um pequeno séquito de camponeses esfarrapados e pecadores reformados, apenas para ser sumariamente extinto por Roma — uma figura tão lamentável dificilmente se comparava aos requisitos estabelecidos para o herói naquele sonho. O contraste entre o Jesus real e o Messias imaginado não era tão patente quando o pregador ainda estava vivo. A magnitude de seu espírito e o fervor de sua pregação tinham sido tão absorventes que fizeram os homens esquecerem completamente de onde ele tinha vindo e quão maltrapilho ele estava vestido. Eles tinham sido arrebatados por sua eloquência simples e comovente, e os homens estavam então prontos para aclamá-lo como o Filho de Davi. . . . Mas agora que Jesus não estava mais fisicamente presente na Terra, tudo isso mudou. Para aqueles judeus que não o conheciam, que nunca o ouviram pregar ou o viram expulsar demônios de loucos e paralíticos, era enormemente difícil provar que ele realmente tinha sido “O Prometido”. Sem dúvida foi por isso que os discípulos começaram a juntar as genealogias que encontramos nos Evangelhos.

Sem dúvida foi por isso também que aquelas lendas extravagantes sobre a concepção, nascimento, infância e ministério de Jesus começaram a ser inventadas. Críticos pouco caridosos podem dizer que os discípulos recorreram à fraude nessas questões — mas tudo era uma fraude intensamente piedosa e bem-intencionada. Antes que o judeu comum pudesse ser levado a aceitar Jesus como o Messias, Jesus simplesmente teve que ser provado descendente de Davi, cuja vida inteira tinha sido um cumprimento literal das antigas profecias. Os discípulos podem não ter tido nem remotamente consciência de que estavam se afastando da verdade quando solenemente repetiram essas genealogias e histórias. Discípulos excessivamente zelosos nunca têm. . . .

Mas mesmo com todas essas novas provas e lendas atraentes para convencê-los, o povo judeu como um todo ainda se recusou a aceitar a messianidade de Jesus. Eles obstinadamente continuaram esperando a primeira vinda do Ungido, orando por seu advento dia e noite. Os nazarenos permaneceram obscuros e poucos em número.

CRISTO

E então algo aconteceu. De repente — pelo menos, assim pareceu para aqueles que não tinham notado a ascensão de sua onda de terra firme — aquela pequena seita nazarena, por tanto tempo apenas um redemoinho não sentido nem mesmo na pequena Judeia, tornou-se um mar alto que quebrou e rolou por todo o Império Romano. Tornou-se

uma verdadeira onda gigante, varrendo uma terra após a outra até que finalmente inundou toda a face do Ocidente e metade da face do Oriente. Para explicar como isso pôde ter acontecido, é preciso lembrar o que estava acontecendo naquele momento no Império Romano. Uma grande fome estava roendo suas entranhas, uma fome desesperada por salvação. Todo o mundo romano parecia estar se contorcendo nas garras da morte, e o medo dessa morte o levou a uma busca frenética e em pânico por toda e qualquer chance de vida. Como resultado, os mistérios, aqueles cultos secretos que levavam os homens a orgias loucas de esperança, floresceram em todos os lugares.

Já lidamos longamente neste volume com aqueles mistérios da Grécia e Roma. Na origem, eles eram em grande parte orientais e, em essência, surgiram da crença de que, por certos ritos mágicos, um homem poderia assumir a natureza de um deus imortal. Na maioria dos casos, esse deus era retratado como um jovem herói que havia sido assassinado traiçoeiramente e então milagrosamente trazido novamente à vida. Essa mesma lenda foi contada — com variações, é claro — sobre Dionísio, Osíris, Orfeu, Átis, Adônis e… Deus sabe quantos outros deuses semelhantes. Surgindo do desejo comum por uma explicação da morte e renascimento anual da vegetação, essa lenda era comum a muitas partes do mundo e foi acreditada por incontáveis séculos. Tornou-se a base de uma dúzia de religiões diferentes, fornecendo a todas elas o dogma raiz de que, por meio de sacrifícios, feitiços, orações, transes ou outros dispositivos semelhantes, o homem mortal poderia se tornar imortal. No primeiro século desta era, a lenda se espalhou para todas as províncias civilizadas do Império Romano — exceto, é claro, aquela pequena província teimosamente resistente da Judeia — e em todos os lugares deixou o povo bêbado com o licor inebriante de sua misteriosa salvação.

E lado a lado com esses cultos religiosos florescendo entre os elementos inferiores da população do Império, diferentes escolas de pensamento filosófico floresceram entre as pessoas mais instruídas. Uma delas foi a filosofia desenvolvida na cidade de Alexandria por um judeu egípcio chamado Filo. De acordo com essa filosofia, Deus, o Pai de Todos, era vasto demais para ter contato direto com a Terra e, portanto, se manifestava apenas por meio de um intermediário chamado Logos, o “Verbo”. Esse Logos, que às vezes era chamado de “Filho de Deus” ou “Espírito Santo”, havia criado a Terra e era o único mediador entre ela e o céu. A única abordagem do homem ao Pai, portanto, era por meio desse Logos, esse “Filho”; a única chance do homem de entrar no céu era deixar o “Espírito” inundar sua alma. O homem poderia encontrar uma saída para si mesmo, apenas se perdendo no “Espírito Santo”. . . .

2

Os cultos e as filosofias que acabamos de descrever não eram os únicos elementos na vida religiosa e no pensamento do Império. Nem remotamente. Mas eles estavam entre os elementos dominantes, e não podiam deixar de influenciar todos os cidadãos educados do Império. Isso excluía, é claro, os humildes nazarenos na longínqua Palestina. do Império. Eles não eram educados, nem cidadãos do Império. Eles eram meramente judeus palestinos, pobres artesãos e camponeses, a maioria dos quais não conhecia nenhuma língua, exceto o dialeto aramaico usado em suas casas e sinagogas. E se nos últimos anos a fé nazarena começou a assumir a cor e a forma daqueles cultos pagãos e filosofias estranhas, esses nazarenos palestinos não foram nem um pouco responsáveis. Foi alguém de fora da irmandade original, um judeu de além das fronteiras da Palestina, que foi o responsável. Foi Saulo de Tarso que trouxe essa mudança.

Saul era judeu e cidadão do Império. Ele nasceu em Tarso, na Ásia Menor, uma cidade de alguma importância como centro comercial e sede de aprendizado; e enquanto ainda era um menino, ele parece ter se destacado como estudante. Fariseu e descendente de fariseus, seu principal treinamento foi na lei rabínica; mas ele também sabia grego e deve ter tido mais do que um conhecimento passageiro da filosofia grega e alexandrina. Mais importante de tudo, ele deve ter aprendido muito cedo com escravos na casa, ou com companheiros gentios, sobre os cultos misteriosos que prevaleciam em sua cidade natal e sobre os deuses salvadores em quem as massas depositavam sua confiança apaixonada. . . . Apesar dessas primeiras influências pagãs, no entanto, Saul permaneceu judeu. Quando cresceu até a juventude, ele até desceu de Tarso para Jerusalém para que pudesse completar seus estudos religiosos com o grande rabino Gamaliel de lá. (Parece não ter sido incomum que os filhos de judeus ricos que viviam fora da terra natal viessem a Jerusalém para terminar sua educação.) E lá em Jerusalém Saulo pela primeira vez entrou em contato com os nazarenos. . . . Agora Saulo era uma pessoa de gostos e desgostos violentos, e quando ele ouviu o que aqueles nazarenos estavam pregando, ele foi convulsionado de raiva. Dizem que ele era um epilético, e certamente ele era um homem de temperamento estranho. O que quer que ele fizesse, ele fazia com uma intensidade e uma extravagância que eram distintamente anormais. De modo que quando ele levou sua antipatia inicial aos nazarenos, ele não podia simplesmente encolher os ombros em desaprovação e deixá-los em paz. Ele teve que persegui-los. Nem ele estava contente em persegui-los apenas em Jerusalém. Ao ouvir que o movimento deles estava crescendo virulentamente em Damasco, ele realmente abandonou seus estudos e decidiu levá-los para lá também.

Mas no caminho para Damasco uma coisa estranha aconteceu com ele. Ele foi subitamente dominado por uma convulsão de algum tipo, e em um transe uma visão veio a ele do Jesus ressuscitado. Uma "luz do céu" brilhou ao redor dele, e uma voz gritou: "Saulo, Saulo, por que me persegues?" E, tremendo e atônito, ele caiu em si, e eis que era um homem mudado!

Quando ele chegou a Damasco, ele se levantou na sinagoga, e em vez de perseguir os nazarenos, ele começou a realmente louvá-los. Ele se tornou um convertido completo à causa deles, acreditando na messianidade de Jesus e em sua ressurreição com uma convicção inabalável.

Saul nunca tinha visto Jesus em carne e osso ou se deixado levar pelo seu amoroso evangelho. Mas isso não fez diferença para ele. Na verdade, ele estava pouco interessado no evangelho do homem Jesus; ele estava interessado apenas na morte e renascimento do deus salvador, Cristo. Christos é a palavra grega para “Ungido”, e Saui, cuja língua materna era o grego, construiu toda a sua fé pessoal em torno dessa palavra. Ele se tornou o grande pregador de “Cristo crucificado”, viajando por todo o Império, para a Cilícia, Galácia, Macedônia, as ilhas do Mediterrâneo e até mesmo Roma, em uma grande paixão para que o mundo compartilhasse com ele sua crença. . . .

3

E assim, finalmente, o cristianismo como religião mundial foi realmente fundado. Jesus não fundou o que o mundo chama de cristianismo, pois Jesus viveu e morreu como judeu dentro do rebanho do judaísmo. Jesus viveu e trabalhou apenas para guiar seus companheiros judeus aos elementos de sua própria religião judaica que poderiam tornar suas vidas tristes gloriosas. Ele tentou apenas levá-los à salvação por meio de canais distintamente judeus, e ocasionalmente até afastou pagãos que vinham a ele em busca de

ajuda. Ele não foi o fundador do cristianismo, mas seu fundamento. . . .

Nem seus discípulos imediatos criaram a nova fé. Eles permaneceram judeus conformados, e o Messias apresentado por eles sempre foi o Messias judeu. O Reino dos Céus que eles sonhavam em herdar era um reino reservado principalmente para os judeus.

Nem foi Saulo, o jovem fariseu estudioso, que fundou a nova fé, mas seu outro eu, Paulo, o cidadão de Roma. (Ele mudou seu nome algum tempo depois da conversão.) Existem dois "eus" hostis, o Saulo e o Paulo, em quase todo judeu sensível que já viveu no mundo gentio. Um tenta mantê-lo firme dentro do pequeno e limitador círculo de seu próprio povo; o outro tenta atraí-lo para o amplo e livre círculo do mundo. E porque neste caso o homem era de uma natureza tão intensa, o conflito era ainda mais marcante. Quando o Saulo nele estava triunfante, este homem estava pronto para assassinar todo judeu em quem o Paulo se apresentasse. E quando o Paulo nele levou a melhor, ele estava totalmente a favor de acabar com os Saulos. Ele proclamou abertamente que todas as leis que mantinham os judeus separados dos gentios não tinham mais valor. Com a vinda de Cristo, havia chegado uma nova dispensação, ele acreditava. Circuncidados e incircuncisos eram agora semelhantes, e aquele que comia "impureza" não era menos aos olhos de Cristo do que aquele que guardava escrupulosamente todas as leis mosaicas. Pois o Cristo não era o Messias meramente dos judeus: ele era o Salvador de toda a humanidade. O derramamento de seu sangue havia lavado o pecado de todos os homens, e agora era preciso apenas crer nele para ser salvo. Não mais do que isso era exigido: Creia em Cristo! — e a pessoa era redimida.

E foi devido a essa quebra do "Muro da Lei" que a fé nazarena, por tanto tempo obscura e despercebida na pequena Judeia, transbordou e inundou o mundo.

É injusto comparar Paulo a Jesus, pois os dois pertenciam espiritual e intelectualmente a ordens de homens inteiramente diferentes. Um era um profeta e um sonhador de sonhos; o outro era um organizador e um construtor de igrejas. Em sua própria classe, Paulo era um dos homens estupendamente grandes da terra. Se em alguns momentos ele podia ser violento e desajeitado, ele era, no entanto, um estadista soberbo. E ele possuía uma energia, uma coragem, e uma vontade indomável como raramente se conheceu em toda a história dos grandes homens. Repetidamente ele foi açoitado e aprisionado pelos anciãos indignados das sinagogas nas quais ele tentava pregar. (Paulo geralmente tentava obter uma audiência na sinagoga local sempre que chegava a uma cidade estranha.) Multidões se lançaram sobre ele; mais de uma vez ele teve que fugir para salvar sua vida. Os judeus ortodoxos o viam como apóstata, e alguns até mesmo de seus próprios companheiros nazarenos lutaram para depô-lo da liderança. Todos os anos de seu ministério ele foi atormentado por judeus que o odiavam, nazarenos que desconfiavam dele e gentios que mal conseguiam entender do que ele estava falando. E ainda assim ele persistiu, nunca descansando de seu trabalho extenuante de levar seu Cristo aos gentios, correndo incessantemente de um lado para o outro, pregando incessantemente, escrevendo, argumentando e confortando, até que finalmente, um homem cansado e quebrado, ele morreu como um mártir na cidade de Roma. . . .

4

Houve, por exemplo, as cartas de Paulo dando conselhos sobre questões de administração e explicando questões de doutrina para várias das pequenas igrejas que ele havia fundado. E mais tarde houve os Evangelhos. Os Evangelhos, como os temos agora, não poderiam ter sido escritos pelos discípulos cujos nomes eles carregam, pois eles são

escritos em grego, e a língua nativa da maioria desses discípulos era o aramaico. Nem parecem ter sido traduções diretas de relatos aramaicos. Os estudiosos hoje concordam que o mais antigo deles é o intitulado "O Evangelho segundo Marcos", e eles o datam por volta do ano 65 — isto é, trinta e cinco anos após a crucificação. O mais recente dos Evangelhos, o de João, com seu esforço inconsciente para fazer Jesus se encaixar no Logos, não poderia ter sido escrito (de acordo com muitos dos estudiosos) até bem depois do ano 100. Tais escritos devem ter circulado livremente pelos missionários onde quer que eles se aventurassem, e é evidente que eles eram distintamente eficazes. Nenhum testamento desse tipo poderia ser oferecido pelos sacerdotes de Mitra, Cibele ou Átis, pois suas divindades eram, afinal, míticas. Somente os cristãos tinham um homem real para adorar: um homem único e divino, é verdade, mas, no entanto, uma pessoa que conheceu a miséria e a dor humanas, que sofreu e que estava morta há pelo menos três dias. Esse elemento de naturalismo, de proximidade com a realidade humana, deve ter feito do cristianismo uma fé de extraordinária atratividade.

E sendo tão atraente, rapidamente começou a corroer as fileiras dos outros mistérios. Conquistou seus seguidores a tal ponto que começou finalmente a apresentar uma ameaça distinta aos governadores romanos. Espalhados por toda parte, do Tâmisa ao Eufrates, suas irmandades meio secretas formaram o que equivalia a um império dentro do Império. Seus iniciados se recusavam fanaticamente a se comportar como cavalheiros romanos. Eles se opunham às instituições básicas do sistema social romano e odiavam o teatro e os espetáculos de gladiadores, as principais diversões da época. Pior ainda, eles se recusavam absolutamente a adorar o Imperador como deus, convidando assim abertamente a suspeita de deslealdade a Roma. Portanto, tentativas de supressão eram da natureza das coisas quase inevitáveis.

No início, os cristãos eram perseguidos apenas para satisfazer os desejos da multidão romana; mas depois, esforços mais sistemáticos tiveram que ser feitos. Após o ano 303 o governo imperial percebeu que sua própria existência estava em perigo enquanto o cristianismo pudesse florescer e, portanto, fez uma tentativa suprema de aniquilar completamente o culto revolucionário. As igrejas foram queimadas, todas as cópias dos Evangelhos e Epístolas foram destruídas e os próprios cristãos foram martirizados pela pontuação. O governo parecia determinado a acabar com o cristianismo, assim como os governos modernos buscam acabar com o comunismo, o pacifismo ou o anarquismo. (O cristianismo primitivo, de acordo com o Prof. Gilbert Murray, pode de fato ter parecido aos romanos uma mistura de pacifismo socialista internacional com alguma seita indiana mística, atraindo seus apoiadores principalmente de um proletariado estrangeiro oprimido e mal-querido, como a população "bonita" de algumas grandes cidades americanas, cheia das mais nobres profissões morais, mas ao mesmo tempo estrangeiras, pareceria aos homens de negócios modernos.) Houve torturas e execuções inumeráveis, e as prisões estavam cheias de devotos cristãos.

No entanto, o movimento cresceu. Havia um conforto maravilhoso naquela religião, um zelo poderoso que tornava possível que os mártires fossem para a morte realmente com um sorriso nos lábios. Ela tirava escravos vis das favelas onde apodreciam e, de alguma forma, soprava heroísmo sobrenatural neles. Dizia-lhes que o sacrifício estava no cerne da retidão, que a morte pela verdade só poderia significar vida eterna. O próprio Salvador não havia morrido pela verdade? Com certeza, portanto, ele não abandonaria aqueles que morressem da mesma forma. Ele tomaria suas almas torturadas em seus braços reconfortantes e as curaria no Céu, onde reinava. A morte não poderia ter aguilhão para eles, nem a sepultura qualquer vitória, pois o Cristo Crucificado estaria com eles e os levaria

à bem-aventurança eterna! .. .

Então, não importa o quão loucamente Roma perseguisse os cristãos, o cristianismo não poderia ser esmagado.

5

E então veio Constantino e, no ano 313, o fim das perseguições. Constantino nasceu na Sérvia e é relatado que era filho ilegítimo de um general romano e de uma garçonete da aldeia. Ele era excessivamente ambicioso e, à força de muita energia, intriga e não pouco uso de assassinato, conseguiu realmente se elevar ao trono imperial. Mas sua posição foi desafiada por um imperador rival e, em sua extrema necessidade de ajuda de todos os quadrantes, Constantino, de repente, se voltou para os cristãos. Com astúcia característica, ele percebeu que aqueles adoradores fanáticos de Cristo eram um poder a ser considerado. Aqui estavam eles, estabelecidos em todos os lugares e possuidores de uma vontade de viver insuperável. Constantino provavelmente não tinha uma ideia clara sobre o que eles realmente acreditavam. Ele pode ter pensado que eles eram mitraístas que, por alguma razão estranha, mais conhecida por eles mesmos, adoravam uma cruz. Mas ele sabia que eles estavam se tornando politicamente de importância superlativa. Então ele começou a favorecê-los oficialmente, enchendo suas igrejas de riqueza. Ele tinha a inteligência de ver que eles eram a única força unificadora restante no império desfeito. Eles formavam uma vasta e poderosa irmandade que se ramificava em todos os lugares. E Constantino, cuja principal preocupação era encontrar alguma maneira de reforçar o império cambaleante, sentiu-se forçado a recorrer a eles para obter ajuda. E assim aconteceu que uma esperança fervorosa no coração de uma obscura pequena raça levantina, e uma doce doutrina de amor e paz pregada por um simples jovem camponês levantino, tornaram-se, trezentos anos depois, a religião oficial do maior império que o mundo já conheceu! . . . .

6

Mas foi um triunfo custoso para o cristianismo, como todos os outros triunfos semelhantes foram em toda a história. O que aconteceu com o budismo quando ele partiu para conquistar o Extremo Oriente, agora aconteceu também com o cristianismo no Ocidente. Tornou-se uma instituição oficial e bem-sucedida — e assim degenerou. Uma fé não pode ser institucionalizada, pois é uma coisa do espírito. Mesmo dogmas ou ritos, que são coisas quase da carne, não podem ser organizados além de certos limites. De modo que, mesmo depois que o cristianismo se tornou principalmente uma coisa de dogmas e ritos, ele começou a rachar e desmoronar. Todos os tipos de cismas ocorreram. No processo de organização da ideia do Cristo, uma miríade de diferenças surgiu. Paulo usou seus termos teológicos de forma bastante vaga e falou de Deus, do Filho de Deus e do Espírito de Deus. Agora, esses três eram os nomes de uma Pessoa ou três? O Filho de Deus era realmente o próprio Deus ou meramente semelhante a Deus? O Espírito de Deus era parte ou separado de Deus? . . . Paulo havia falado de um Cristo Divino e um Jesus humano. Bem, então, esses dois seres eram um, ou realmente dois? Coalescentes? E se eles eram um, quando eles se fundiram? Jesus nunca foi um ser humano, mas o Cristo desde o início da criação? Ou ele se uniu ao Cristo no momento de sua concepção ou nascimento? Ou o Cristo desceu sobre ele quando aos trinta anos foi batizado por João? . . . Paulo havia falado de Jesus como um Salvador. Ele havia dito que Deus, o Pai amoroso, havia sacrificado Seu Filho unigênito para redimir o mundo. Mas por que Deus teria achado necessário fazer tal sacrifício? A quem Ele, o Todo-poderoso, poderia ser devedor? Aliás, se

Ele era de fato o Deus do perdão, por que Ele não havia perdoado sem nunca trazer a agonia da crucificação ao Seu Filho amado? Poderia ser que realmente houvesse dois Deuses: o Deus implacável do Antigo Testamento e o Deus perdoador do Novo? . . . .

Dezenas de tais questões surgiram para confundir e dividir os organizadores da religião. Jesus não tinha consciência nem mesmo da mais pesada dessas questões. Aquele querido e fervoroso jovem pregador, que viveu e morreu na sublimidade de uma fé simples, nunca poderia ter consciência delas. Se as tivesse ouvido colocadas, provavelmente teria balançado a cabeça em perplexidade muda. . . . Mas na Europa, três séculos depois, tais enigmas metafísicos abstrusos eram considerados o próprio osso e tendão da religião. Os primeiros pais da igreja disputavam sobre eles com um calor e rancor que às vezes não paravam nem mesmo no assassinato. Quando se coloca ao lado dos relatos do Evangelho das pregações de Jesus, os registros oficiais das disputas e brigas daqueles pais da igreja, sente-se que aqui se encontra o mais trágico e sórdido épico de frustração que toda a história da humanidade pode contar. . . .

7

Mas o resto dos capítulos daquele épico não pode ser contado aqui. Com toda a justiça, nada mais pode ser feito aqui pelo cristianismo do que foi feito pelas outras grandes religiões do mundo, e tendo contado sobre a fundação da igreja e sua fé original, não resta espaço para mais do que uma ampla dica sobre seu desenvolvimento posterior.

Mais de mil e seiscentos anos se passaram desde que o cristianismo se tornou a religião do estado no decadente Império Romano. Ao longo de todos esses anos, ele vem estendendo suas fronteiras, ganhando novos convertidos em todas as terras pagãs da Terra. Estima-se que atualmente cerca de um terço de toda a população do mundo seja cristã — aproximadamente quinhentos e sessenta e cinco milhões de almas. Dificilmente há uma região na Terra onde não haja uma igreja com seu nome ou, na falta disso, algum missionário zeloso tentando o máximo para erguer uma igreja. E, claro, é ao espírito de Paulo reinante na cristandade que se deve creditar essa enorme expansão. É porque inúmeros monges, curandeiros, guerreiros e santos sentiram o chamado de Paulo para sair e ganhar os pagãos para Cristo, que hoje mais almas se voltam para Cristo do que para qualquer outra divindade na Terra.

Mas, como já apontamos, esses aumentos em massa em números não foram feitos a não ser a um alto preço. Graves compromissos tiveram que ser feitos em todos os lugares com os cultos derrotados. Assim como Buda teve que ser idolatrado antes que pudesse conquistar o Oriente, Jesus teve que ser idolatrado para obter sua vitória sobre o Ocidente. Sua mãe teve que ser idolatrada também, pois a Europa pagã amava suas deusas intensamente demais para consentir em rejeitá-las completamente. De fato, durante os séculos medievais, Maria parece ter sido reverenciada, na prática, se não em dogma, ainda mais do que seu filho. Grande parte do antigo amor por Ísis, e especialmente por Cibele, a grande Mãe dos Deuses, foi levado para a igreja e traduzido para a adoração de Maria, a Mãe de Cristo. . . . Da mesma forma, a adoração das antigas divindades locais tornou-se parte do cristianismo. Os deuses e deusas pagãos foram discretamente transformados em santos cristãos, como é exemplificado pelo caso de Santa Brígida. Suas "relíquias" foram vendidas por toda a cristandade como fetiches garantidos para afastar o mal; e seus antigos dias festivos tornaram-se parte do calendário cristão. A Parília romana em abril tornou-se o Festival de São Jorge, e a orgia pagã de verão em junho foi convertida no Festival de São João; o dia sagrado de Diana em agosto tornou-se o Festival da Assunção da Virgem; e a

festa celta dos mortos em novembro foi alterada para o Festival de Todas as Almas. O vigésimo quinto de dezembro — o solstício de inverno de acordo com a contagem antiga — celebrado como o aniversário do deus-sol do mitraísmo, foi aceito como o aniversário de Cristo, e os ritos da primavera em conexão com a morte e renascimento dos deuses misteriosos foram convertidos nos ritos da Páscoa da crucificação e ressurreição. . . .

No entanto, apesar de todos esses compromissos, a nova religião permaneceu sempre céus acima da antiga. Ao assimilar ritos e mitos pagãos e até mesmo nomes de deuses, o cristianismo tornou-se finalmente quase completamente pagão em aparência; mas nunca se tornou completamente pagão em caráter. O puritanismo do Antigo Testamento que tanto marcou a vida de Jesus nunca foi derrotado. Permaneceu como um emético moral na fé, forçando-a a vomitar a luxúria e a licença nos ritos pagãos que assimilou. Se o espírito de Paulo insistiu que Cibele fosse assumida como a Mãe de Cristo, o espírito de Jesus insistiu que seus selvagens Coribantes com seus ritos lascivos, e seus santos eunucos com suas perversões revoltantes, fossem severamente deixados para trás. Se o espírito de Paulo exigiu que a deusa celta selvagem chamada Brígida fosse aceita no cristianismo, o espírito de Jesus exigiu que primeiro ela fosse tornada branca como lírio e uma santa. Pois o espírito de Jesus era inatamente judeu e puritano. Ele se opôs duramente à prostituição sagrada e a todas as outras frouxidões e obscenidades que surgiam da atitude livre do pagão em relação ao sexo. Ele odiava a licenciosidade e a paixão bestial em qualquer forma, quer se mostrasse em festa, torneio ou batalha. Inexoravelmente, ele insistia na decência moral e na contenção.

Por essa razão, o cristianismo nunca se tornou completamente pagão em espírito. Permaneceu profundamente preocupado com ética. Os antigos mistérios eram em grande parte desprovidos de qualquer ênfase ética distinta. A maioria deles havia prometido imortalidade a seus iniciados como recompensa pela mera execução mecânica de certos ritos prescritos. Poucos deles haviam se intrometido na vida privada de um iniciado para descobrir se ele era bom ou mau em sua conduta diária. Poucos deles tinham o mínimo interesse na conduta diária. A moralidade havia se tornado completamente religiosa para a maioria deles. Eles sustentavam que para ser salvo, era preciso ser meramente ritualmente adequado, não eticamente limpo.

Era exatamente aí que o cristianismo diferia mais radicalmente até mesmo dos mais altos cultos de mistérios antigos. O espírito de Jesus cintilando no cristianismo o tornava, pelo menos nominalmente, uma religião de ética. Pois Jesus, é preciso lembrar, não tinha se preocupado nem um pouco com o ritual. Como todos os outros grandes profetas judeus, ele havia pregado apenas ética. E apesar de todos os compromissos dos Paulos conquistadores do mundo, essa ênfase ética no ensino de Jesus persistiu como um poderoso fermento na igreja. Deu aos primeiros cristãos aquela nobreza gentil que a história nos diz que enfeitou suas vidas, e aquela teimosia heróica que certamente marcou sua fé. Tomou conta de raças selvagens berserker e de alguma forma as fez franzir a testa para a ordem. Tomou conta de uma Europa selvagem e de alguma forma a subjugou, civilizou-a. Não completamente, é claro. A história da Europa, com todas as suas guerras e brutalidades recorrentes, dificilmente pode ser chamada de história de um continente civilizado. Nem mesmo a própria igreja, com seu histórico sujo de cruzadas, inquisições e pogroms, pode ser considerada realmente civilizada. Mas essa admissão não desacredita de forma alguma a potência do espírito de Jesus. Apenas revela quão tremendas eram as probabilidades contra ela, quão brutal era o mundo que ela buscava tornar divino. É verdade, houve de fato Idades das Trevas na Europa quando o poder da Igreja estava no auge. Mas quem sabe o quão mais sombrias elas poderiam ter sido, e quanto tempo mais

elas poderiam ter durado, se a Igreja não existisse? É verdade que houve guerras religiosas no início e no fim da cristandade, mas quem sabe o quanto mais amargas e devastadoras elas poderiam ter sido se fossem guerras tribais ou raciais. Pois guerras eram inevitáveis. Um mundo com pouca comida e muito baço simplesmente tinha que lutar. Se as diferenças religiosas não estivessem à mão, outras desculpas teriam sido encontradas para guerrear. E porque essas outras desculpas teriam sido mais profundamente enraizadas e mais primitivas, elas sem dúvida teriam trazido desolações infinitamente mais terríveis. Guerras por Cristo, afinal, nunca poderiam ser travadas com uma sede de sangue totalmente livre e desimpedida. Sua virulência sempre foi parcialmente minada pela ironia inata de suas pretensões. O pacifismo insistente daquele em cujo nome essas guerras foram travadas não poderia deixar de ter alguma influência moderadora. Ninguém pode duvidar que a adoração de um Príncipe da Paz, a adoração de um Bom Pastor, mesmo que drogada quase morta com o ritual, deve ter tido um efeito profundo no povo. Ninguém pode duvidar que a veneração de um jovem gentil, amoroso e indefeso como a própria encarnação da perfeição deve ter sido como gelo para o sangue quente da raça. . . .

É preciso lembrar que o cristianismo chegou a um mundo que estava afundando — afundando momentaneamente em um abismo de selvageria. E foi quase a única força que tentou impedir esse desastre. Ela sozinha tentou manter a civilização funcionando. Ela falhou. Ela não conseguiu evitar o fracasso. Mas seja dito para sua glória que pelo menos ela tentou.

8

No entanto, a glória de tentar salvar o mundo da bestialidade pertence principalmente a apenas um elemento no cristianismo: o elemento nazareno original. E esse elemento, é preciso lembrar, nunca foi dominante na fé, exceto durante aqueles anos antes de ser realmente cristão. Uma vez que Paulo entrou em cena, a luz da religião de Jesus começou a desaparecer, e o brilho da religião sobre Cristo brilhou sobre todos. No entanto, embora a luz da Galileia tenha desaparecido, embora por um tempo tenha morrido em nada mais do que uma mera centelha persistente, ela nunca foi completamente apagada. Por longos séculos ela ardia ali, mal sobrevivendo, mal se mantendo acesa. A religião comprometedora, teológica, e organizadora da igreja, sobre Cristo brilhou sem ser desafiada. No Ocidente, deu origem ao Sacro Império Romano, aquela farsa patética que nunca foi sagrada, romana ou imperial. No Oriente, criou uma miscelânea de seitas surgindo de diferenças fatídicas quanto à natureza metafísica de Cristo. . . . E então lentamente a centelha esquecida começou a brilhar mais uma vez. Uma incursão devastadora de hunos e sarracenos transformou a centelha em uma chama. Como nunca antes em seiscentos anos completos, os cristãos começaram a pensar novamente em seu Salvador sofredor. E como um fogo louco, a esperança se espalhou pela Europa de que o ano 1000 veria o retorno do Redentor.

O ano 1000 passou e nenhum Redentor veio — mas a Europa estava um pouco redimida, no entanto. Seu espírito estava sóbrio e sua vida se aprofundou. A fome por salvação tornou-se muito forte e aguda para ser aplacada com mero ritual por mais tempo. Os homens se afastaram do que a Igreja de Cristo insistia em oferecer a eles e, em vez disso, começaram a tatear o evangelho de Jesus por si mesmos. Eles começaram a ler as Escrituras em suas línguas originais e, lendo-as, começaram a ver finalmente o quão longe a Igreja havia se desviado da verdade imaculada. Eles descobriram finalmente quão descaradamente os padres substituíram o rito pelo direito, quão flagrantemente eles

ritualizaram toda a moralidade. Seitas heréticas surgiram em todos os lugares, e as autoridades clericais ficaram alarmadas. Despoticamente, eles emitiram proclamações proibindo os leigos de sequer olharem para a Bíblia, e o sacerdócio, de interpretá-la, exceto de acordo com a tradição da Igreja. Então eles instituíram a Inquisição para ver se a proibição era observada.

Mas a Bíblia foi lida mesmo assim. Inquisições, cruzadas e massacres não adiantaram. A chama da heresia queimava, e nem mesmo um mar de sangue foi suficiente para apagá-la. No século XIV, Wycliffe fez maldades piedosas na Inglaterra; no século XV, John Huss continuou na Boêmia; no século XVI, Lutero, Zwingli e Calvino lideraram a revolta protestante por todo o norte da Europa. E daí em diante a Igreja Católica deixou de ser católica, mesmo no Ocidente. Terra após terra passou para os hereges, e o cristianismo europeu foi dividido em dois.

Mas não se deve imaginar que o protestantismo tenha sido puramente nazareno em espírito — assim como o catolicismo não foi inabalavelmente paulino. (O bispo Laud no século XVII era protestante, enquanto São Francisco de Assis no século XIII era católico...) O protestantismo inclui todo tipo de pensamento e organização religiosa, do anglicanismo da "alta igreja" ao quakerismo de princípios elevados, do metodismo extático ao unitarismo intelectual implacável. Apenas lentamente, e com muitas dores, o próprio protestantismo está se livrando da religião sobre Cristo. Apenas lentamente, muito lentamente, ele está voltando à religião de Jesus. . . .

E com essa palavra devemos deixar a história do que aconteceu na Europa. A história do cristianismo é longa e desconcertante, pois se estende por vinte séculos e é escrita em cem línguas. Em parte, é uma história de rapacidade e amargura quase inacreditáveis, de guerra e intriga incessantes e egoísmo baixo e ganancioso. Mas em parte muito maior, é uma história de bondade maravilhosa e graça salvadora. Embora a Igreja de Cristo possa ser culpada de um mal incontado e indizível, a religião de Jesus, que é a pequena luz brilhando por trás daquele alqueire eclesiástico, realizou o bem suficiente para superar esse mal dez vezes mais. Pois tornou a vida habitável para incontáveis milhões de almas atormentadas. Ela pegou ricos e pobres, cultos e ignorantes, brancos, vermelhos, amarelos e negros — pegou todos eles e tentou mostrar-lhes um caminho para a salvação. A todos em dor, estendeu um bálsamo; a todos em aflição, ofereceu paz. A cada homem sem distinção, disse: Jesus morreu por você! A cada criatura humana na terra, disse: Você também pode ser salvo! E aí reside a maior virtude do cristianismo. Ajudou a tornar os fracos fortes e os abatidos felizes. Acalmou o medo que uiva no peito do homem e esmagou a inquietação que corrói sua alma. Em uma palavra, funcionou — em certa medida. . . .

Livro Oito ACONTECEU NA ARÁBIA

MAOMETISMO

1. A religião idólatra da Arábia primitiva — Meca e a Caaba.
2. A história de Maomé — seu evangelho.
3. A pregação do evangelho aos mecanos.
4. A pregação aos peregrinos.
5. A fuga para Medina. ser convertido — conflito com Meca. do Islã — a Guerra Santa.
6. Os judeus se recusam a ser convertidos — conflito com Meca.
7. O caráter militar do Islã — a Guerra Santa.
8. O caráter de Maomé — seus compromissos — os elementos pagãos no Islã.
9. As qualidades na religião.

MAOMETISMO

E agora chegamos à fundação da mais recente — talvez a última — das grandes religiões do mundo — o islamismo. Pela terceira vez, o deserto da Arábia desempenha um papel importante na história do nosso mundo crente. No útero gigante daquela região já

havia sido concebida a adoração babilônica de Ishtar e a adoração hebraica de Yahveh. Agora, mais de dois mil anos após o nascimento daquele segundo filho, o deserto concebeu e deu à luz ainda uma terceira: a adoração maometana de Alá.

A religião do deserto da Arábia no século VI d.C. era muito parecida com o que tinha sido mil ou mesmo dois mil anos antes. Mudanças raramente acontecem no deserto, pois raramente seus habitantes conseguem permanecer em um lugar por tempo suficiente para progredir ou mesmo decair. Portanto, muitos séculos depois que o Oriente se tornou budista e o Ocidente se tornou cristão, a Arábia, aquela vasta terra devastada espremida entre o Oriente e o Ocidente, ainda permanecia grosseiramente animista. Cada tribo beduína adorava seus próprios fetiches tribais, pedras, árvores e estrelas; e a única aproximação de um culto nacional entre eles era uma admiração geral por um fetiche particular que repousava na cidade de Meca. Acreditava-se que esse fetiche, uma rocha negra consagrada em um pequeno templo quadrado chamado Caaba, possuía uma potência terrível. Um sacerdócio energético surgiu em Meca, e talvez tenha sido amplamente responsável pela reputação nacional desfrutada por esse fetiche. Talvez, também, esse sacerdócio tenha sido amplamente responsável pelo costume nacional de fazer peregrinações a Meca. De todos os cantos do deserto, os homens da tribo costumavam se arrastar até Meca durante uma estação do ano, para se prostrarem diante da Caaba. E assim como os comerciantes de uma cidade moderna organizam o mínimo de exigências dos ferroviários para todos aqueles que vêm a uma convenção em seu meio, os sacerdotes da antiga Meca organizam o mínimo de riscos dos assaltantes de estrada para todos aqueles em peregrinação à Caaba. De alguma forma, eles forçaram toda a terra a reconhecer e respeitar um tabu solene contra peregrinos emboscados. Durante quatro meses no ano, o deserto aberto, onde cada clã de pastores também era um bando de ladrões, tornou-se tão seguro quanto uma cidade murada para todos que estavam a caminho de Meca. E como resultado, Meca se tornou não apenas o centro religioso, mas também o grande mercado da Arábia. Em uma terra onde a riqueza era quase inexistente, e a autoridade parecia dispersa além da esperança de concentração, Meca de alguma forma conseguiu se tornar rica e incontestavelmente poderosa.

2

Agora, por volta do ano 570 d.C., nasceu nesta cidade uma criança a quem foi dado o nome de Ubu'IKassim. Nos últimos anos, ele passou a ser chamado de Maomé, o "Louvado", assim como Gautama passou a ser chamado de Buda, o "Iluminado", e Jesus passou a ser chamado de Cristo, o "Ungido". Mas Ubu'Kassim, em seus primeiros anos, recebeu muito pouco elogio. Embora fosse da casta sacerdotal, ele pertencia — como Jeremias em Israel e talvez Zoroastro no Irã — a um ramo da casta que havia sido superlotado e afastado do poder. (Historiadores cínicos encontram nessa circunstância a principal razão pela qual Jeremias, Zoroastro e Maomé atacaram os sacerdócios dominantes em suas terras.) O rapaz ficou órfão ainda jovem e, como seus parentes imediatos eram em sua maioria pobres, ele logo teve que se virar sozinho. Tornou-se um condutor de camelos e partiu com caravanas comerciais até a Síria e talvez até o Egito. Ele era grosseiramente inculto, é claro, e provavelmente não sabia ler nem escrever. Mas ele era perspicaz e tinha uma mente insaciavelmente inquisitiva. Ao contrário dos cameleiros árabes, seus olhos estavam bem abertos para as maravilhas das terras estranhas que visitava, e seus ouvidos estavam atentos para captar tudo o que estava sendo dito nos mercados estrangeiros. Ele era especialmente inquisitivo sobre o assunto das religiões

naqueles lugares distantes, pois ele parece ter sido inatamente de um temperamento religioso. Somos informados de que ele era dado a períodos de melancolia e a ataques ocasionais do que pode ter sido epilepsia. (Dizem que muitos dos maiores líderes religiosos da história eram epilépticos ou neuróticos, que os psicólogos tendem a acreditar que o gênio religioso é de alguma forma resultado de uma doença da mente. Mas isso não é um reflexo da religião, pois todas as outras formas de gênio também parecem ser um produto de uma doença da mente — assim como a pérola é um produto de uma doença na ostra.). . .

Não temos dados indiscutíveis sobre a vida inicial de Maomé. Tudo o que sabemos com certeza é que, após anos de viagem com as caravanas, ele conseguiu melhorar sua sorte encontrando favor aos olhos de seu empregador. Ela era uma viúva rica chamada Khadija, e o jovem bonito com a cabeça grande e a bela barba preta a atraiu tanto que ela finalmente decidiu se casar com ele. Ela já tinha quarenta anos, e ele apenas vinte e cinco; mas ele parece ter concordado com entusiasmo. Khadija era uma mulher de alto caráter e compreensão, e muito provavelmente Maomé a amava. (Ele permaneceu fiel a ela até o dia de sua morte.) E certamente ele deve ter sido grato a ela, pois em um dia ela o elevou da baixa posição de um cameleiro para um alto lugar como um rico e respeitado comerciante de Meca.

Aliviado da necessidade de ganhar a vida, Maomé agora começou a satisfazer sua natureza contemplativa. Somos informados de que ele foi para o deserto repetidamente para comungar lá com sua alma. A vida monótona de um rico comerciante de frutas e produtos não o satisfazia. Era confortável e ainda assim não reconfortante; poderia mantê-lo ocupado, mas não satisfeito. Como qualquer outra grande alma, ele não estava contente com o conhecimento apenas de como se manter vivo: ele queria saber o porquê. E buscando esse conhecimento superior, tateando em grande fúria e dor por aquela bem-aventurança suprema que é chamada salvação, ele finalmente lutou para chegar à ideia do Islã. Ela veio a ele com uma convicção avassaladora de que só poderia haver uma maneira de sair da confusão que era a vida: através da submissão a Deus. Não a nenhum pequeno deus venenoso encurralado em uma rocha ou árvore; não a nenhum daqueles gênios ou espíritos baixos que seus irmãos atormentados pelo medo tentaram subornar com sangue e louvores frenéticos. Não, ao Único Grande Deus que deve estar em e sobre toda a terra!

A divindade padroeira de sua própria tribo particular era conhecida como Alá, e, por falta de um nome melhor, Maomé instintivamente deu esse nome ao seu novo Deus do Universo. Mas ele não estava cego ao fato de que outros povos O conheciam por outros nomes. Ele percebeu que esse Alá que ele acabara de conhecer era conhecido pelo resto do mundo há séculos. Grandes profetas tão antigos quanto Abraão e tão recentes quanto Jesus proclamaram esse Deus aos povos além do deserto. De fato, toda grande cidade teve seu profeta desse Deus Único — toda grande cidade, exceto Meca. Somente Meca ainda estava contaminada com a adoração de ídolos; somente Meca não conhecia o Único Alá. E enquanto Maomé vagava ali na solidão do deserto, meditando sobre esse mal, parecia-lhe que finalmente deveria chegar a vez de Meca ser salva. Ainda mais: a convicção tomou conta dele de que ele deveria ser seu salvador. Ele, Ubu'l-Kassim da tribo de Koreish, ele que havia se levantado da miséria para ser o esposo da mulher mais rica de Meca, ele deve ser o Apóstolo de Alá em Meca. Muitos profetas vieram antes dele, e nobremente buscaram trazer uma medida do conhecimento de Alá para o mundo. Mas somente com ele poderia chegar à humanidade o conhecimento final do Deus Único. Pois ele, Ubu'l-Kassim, não era outro senão o "selo dos profetas!"

Tal era a convicção que de alguma forma começou a tomar conta daquele estranho e temperamental comerciante de frutas e produtos de Meca. Quando ele veio a contar sobre isso nos anos posteriores, ele declarou que a convicção tinha chegado a ele em uma revelação repentina. Ele insistiu que tinha chegado a ele milagrosamente em uma visão. Talvez isso fosse verdade. Sendo um, daquele estranho grupo de grandes religiosos, (o grupo que inclui Buda, Zoroastro, Jesus e quase todos os outros grandes profetas da história) ele estava sujeito àquelas tempestades psíquicas que produzem “visões”. Mas não se pode duvidar que a revelação repentina veio a ele, como aconteceu a todos os outros, somente após uma longa evolução de perturbação e incerteza interna. Pode-se ver claramente na convicção de Maomé o resultado de muita reflexão sobre as noções religiosas dos judeus, cristãos e zoroastrianos que ele conheceu nos mercados da Síria. Nos recessos ocultos do ser de Maomé, a ideia de Alá, o Deus Único, deve ter brotado por anos antes de finalmente inundar o limiar e se revelar tão imperiosamente à sua mente consciente.

3

Mas daquele dia em diante, Ubu'l-Kassim, o marido indolente e sonhador da rica Khadija, mostrou-se a todo o mundo um homem mudado. Ele não parecia mais melancólico e perdido. Ele havia se encontrado. Ele tinha um propósito agora: ganhar a idólatra Meca para a adoração do Onipotente Alá.

Mas ele não era um tolo imprudente. Ele percebeu que anunciar-se imediatamente para toda a cidade como seu salvador lhe traria apenas zombarias ou pior. Então ele confiou seu segredo primeiro para sua esposa, e ela, talvez para seu espanto, não riu nem repreendeu. Pelo contrário, ela acreditou firmemente nele quando ele disse que tinha sido visitado por Alá em uma visão esplêndida e que tinha sido nomeado o Profeta de Meca. E fortalecido por sua confiança, ele então sussurrou sua história para os outros. Ele ainda agiu discretamente, no entanto, e se aproximou apenas de seus amigos e parentes mais próximos. E de alguma forma eles também ficaram impressionados. Eles aceitaram sua história surpreendente como verdadeira, e secretamente convenceram outros dela, que por sua vez convenceram outros ainda. E assim o movimento começou a se espalhar por toda a cidade. Tudo foi feito com o maior segredo, pois percebeu-se que se os governantes da cidade descobrissem o que estava acontecendo, pouca misericórdia seria demonstrada a Maomé. Ele seria considerado o líder de uma conspiração política, como alguém que buscava derrubar os sacerdotes da Caaba e governar em seu lugar; e ele seria tratado de acordo. Então, o processo de ganhar convertidos teve que ser conduzido, a princípio, com a mais aguda cautela.

Mas chegou um dia em que os seguidores de Maomé pareciam fortes o suficiente para ele ousar arriscar a própria vida e se anunciar. Imediatamente, houve um tumulto na cidade e uma grande fúria de debates e conflitos. A oligarquia dominante foi lançada quase em pânico, pois quando Maomé finalmente se anunciou como profeta, seus seguidores já eram grandes demais para serem esmagados sumariamente. Aberturas diplomáticas foram feitas ao pretendente (pois assim ele era considerado pelos governantes); mas ele se recusou a negociar. E então meios menos conciliatórios foram recorridos.

Infelizmente para os governantes, eles não puderam recorrer ao assassinato de Maomé como um meio de pôr fim rápido à insurreição. Meca era uma cidade sagrada e havia um tabu terrível contra o derramamento de qualquer sangue dentro de seus recintos. A pessoa de Maomé não podia, portanto, ser tocada, e a única maneira possível de acabar

com seu movimento rebelde parecia ser por um boicote sistemático de seus seguidores. Isso foi logo iniciado, e trouxe sofrimento amargo aos mais pobres dos apoiadores de Maomé. Mas falhou completamente em conter o movimento. Apenas despertou entusiasmo e fervor nos devotos de Maomé que pareciam capazes de suportar quaisquer privações. Finalmente, portanto, os governantes frustrados foram levados a uma declaração de guerra aberta. Eles levaram Maomé e seus cúmplices para um quarto da cidade e os bloquearam lá. (O tabu contra derramamento de sangue não proibia o massacre de pessoas pela fome.) Por meses, os maometanos foram mantidos prisioneiros em suas casas, até que finalmente, famintos ao desespero, eles se renderam. Maomé, que durante todo o cerco vinha tendo novas revelações de Alá, agora anunciou de repente que o Deus Único havia garantido a ele que não era pecado adorar os gênios e espíritos de Meca. E com essa capitulação à idolatria fomentada pela oligarquia sacerdotal, o bloqueio foi levantado e os antigos rebeldes foram autorizados a irem livres.

Mas quase imediatamente Maomé se arrependeu. O remorso o dominou por sua deserção covarde, e ele gritou que havia pecado. Ele declarou que uma nova revelação havia chegado a ele e deixou claro que a anterior havia sido um sussurro do diabo. (Maomé havia assumido como parte de sua religião a crença persa em um Ahriman perverso.) Afinal, não haveria adoração às deusas e espíritos de Meca, pois Alá proibiu. No acampamento de Seus verdadeiros seguidores, havia espaço para a adoração somente de Alá! . . .

E então a perseguição começou novamente.

4

Mas desta vez Maomé não permaneceu na cidade e tentou resistir aos seus inimigos. Ele sabia que não estava à altura. Sua primeira e mais querida crente, sua esposa Khadija, tinha acabado de morrer; e ele ficou um homem abatido e quebrado. Ele não poderia continuar enfrentando a perseguição implacável de seus inimigos — então ele fugiu. Ele se esgueirou para o oásis vizinho de Taif e tentou reunir novos convertidos lá. Mas ele falhou miseravelmente e, finalmente, se sentiu obrigado a entrar com um pedido de permissão para voltar a Meca. Os governantes estavam dispostos a concedê-lo, mas com a condição de que Maomé se abstivesse completamente de nunca mais incitar dissensão entre os mecanos. E somente após sua aceitação dessa condição humilhante o infeliz profeta foi autorizado a se arrastar de volta a Meca.

Mas embora caído tão baixo, o profeta logo começou a tentar se levantar novamente. Quase desde o momento em que retornou, Maomé começou mais uma vez a pregar sua doutrina iconoclasta. Ele teve o cuidado, no entanto, de manter a letra do acordo que o obrigava escrupulosamente a evitar pregar aos próprios mequenses. Somente dos estrangeiros na cidade, dos comerciantes, peregrinos e beduínos acampados para a noite, Maomé se aproximava com seu evangelho. E não raramente esses estrangeiros o ouviam ansiosamente, pois muitos eram os árabes que estavam prontos para suas ideias. Durante séculos, houve muitas tribos de judeus vivendo no deserto. Durante séculos, também, houve fileiras de comerciantes cristãos vagando por todas as rotas de caravanas. E desses judeus e cristãos toda a terra da Arábia ouviu falar do Deus Único. Então, quando Maomé se sentou de pernas cruzadas nos bazares de Meca, e falou aos estrangeiros reunidos em um círculo silencioso ao seu redor, ele proferiu sentimentos religiosos para os quais eles já estavam bem preparados.

Alguém o imagina ali, aquele profeta árabe de boa aparência, em meio a todo o

tráfego, barulho e fedor daquele mercado oriental, sentado na penumbra de um pátio sombreado e falando, falando, falando de seu Alá. Ele falava bem; sua fala era rica com aquela imagem brilhante tão cara ao coração do oriental. Ele contou muitas histórias que ele disse terem sido reveladas a ele por Alá, mas que na verdade eram apenas versões distorcidas das histórias bíblicas que ele ouvira dos lábios de judeus e cristãos em sua juventude. Ele falou de Ibrahim, o primeiro dos profetas, e de Ismael, seu filho, o fundador de Meca. Ele discursou também sobre Suleiman, o grande rei, e sobre Jesus, que havia nascido em uma manjedoura. E os olhos de seus ouvintes brilhavam de alegria na penumbra do pátio. . . . Ou ele falava do paraíso que todos os verdadeiros crentes herdariam, e os olhos dos ouvintes brilhavam de ansiedade; ou do inferno do diabo, e seus olhos quase saltavam de medo.

Na morte do crente, disse este profeta, sua alma do seria gentilmente retirada do corpo e transportada para o alto por "um motorista e uma testemunha". A ela seria mostrado um livro-razão de acerto de contas no qual dois anjos haviam registrado todos os seus feitos na terra. Embora o destino de cada homem estivesse pendurado em seu pescoço desde o início, ainda assim a alma de cada homem seria mantida em um acerto de contas após a morte. Aquele que havia sido piedoso na terra seria transladado para um jardim de bem-aventurança após a morte; e ali, vestido com vestes de seda verde cintilante, ele se recostaria para sempre em divãs almofadados de verde, (Quão parecido com um árabe do deserto, pintar o paraíso como um lugar que é verde!) Frutas e perdão o homem piedoso desfrutaria no Paraíso, empanturrando-se de bananas maduras que nunca causaraim dor de barriga, e sorvendo jarras inteiras de vinho que nunca causariam dor de cabeça. Donzelas de beleza incomparável, de olhos grandes e quadris bem arredondados — mas modestas, além disso, e "restringindo seus olhares" — o serviriam lá e lhe trariam conforto. E assim o homem piedoso se deleitaria em sua recompensa, vivendo no Paraíso sem trabalho ou cuidado, sem carência ou medo de carência, por todas as eras sem fim! . . .

Mas aquele que era um pecador, aquele que "não acreditava em Alá nem alimentava os pobres" — ele se sairia muito diferente. Em sua morte, sua alma seria violentamente arrancada de seu corpo. No Inferno aquela alma seria lançada, para usar um manto de fogo e beber água escaldante e pus. Com maçãs, o pecador seria espancado no Inferno, até que ele implorasse piedosamente por libertação. Mas não haveria libertação para ele. Nenhuma misericórdia poderia ser mostrada a ele, nem sua tortura poderia cessar, até que finalmente o Dia do Julgamento final chegasse. Mas quando esse dia chegasse, eis que ele seria aniquilado completamente! Nem mesmo sua alma permaneceria existente. E os piedosos no Paraíso seriam então trazidos de volta à terra, e em uma terra paradisíaca eles se deleitariam em bem-aventurança para sempre! . .

Assim o profeta falaria com semblante solene para aqueles sentados ao seu redor. E quando um deles, sacudindo o encanto das palavras do orador, perguntasse em tom de escárnio: Huh! Devo eu, embora reduzido a ossos secos, tornar-me vivo "de novo?" — então o profeta daria a resposta com um sorriso sombrio: “Se duvidas, espera até que o Dia do Julgamento chegue, e então descobrirás!"

Assim Maomé trabalharia com os estrangeiros de lugares distantes. E quando esses estrangeiros voltassem para suas casas, relatos brilhantes do estranho profeta voltariam com eles. A fama de Ubu'l-Kassim se espalhou. Por todo o comprimento e largura do deserto, as pessoas começaram a falar maravilhadas do Profeta de Alá que morava em Meca.

5

Agora, na principal rota de caravanas ao norte de Meca, havia um assentamento chamado Yathrib que desde os tempos antigos era um rival da capital. E os anciãos de Yathrib, ouvindo sobre Maomé e sua perseguição nas mãos dos anciãos de Meca, enviaram emissários secretos a ele, implorando para que ele se refugiasse em seu meio. Eles até se ofereceram para torná-lo o xeque governante de sua cidade se ele viesse. E Maomé não rejeitou suas propostas. Talvez ele tivesse começado a perder a esperança de atingir seu objetivo ao "perfurar de dentro" a cidade de Meca. Ele pode ter começado a se perguntar se não poderia realizar mais "chutando de fora". Então ele enviou seus próprios emissários de volta a Yathrib com a palavra de que ele viria — com a condição, no entanto, de que os homens de Yathrib estivessem dispostos a se juntar a ele em uma guerra santa para fazer de Alá o deus de toda a Arábia.

Mas antes que as negociações pudessem ser finalmente concluídas, um rumor do que estava acontecendo chegou aos ouvidos dos governantes de Meca. Eles viram imediatamente que não adiantaria mais temporizar. Maomé era um homem perigoso demais para ser permitido por perto e, tabu ou não, ele tinha que ser destruído. Mas, para distribuir a culpa, os clãs governantes concordaram em compartilhar igualmente o crime. Cada um nomeou um de seus membros para servir em um comitê de assassinato e, na noite de dezesseis de julho, no ano de 622, o comitê invadiu o quarto de Maomé para matá-lo. Mas quando eles correram para o sofá, eis que Maomé não estava lá! Seu primo Ali estava deitado em seu lugar, e o profeta não estava à vista. Informado da trama, ele já havia escapado da cidade longas horas antes que os assassinos partissem para sua casa. E embora os mecanos tenham enviado seus cameleiros mais velozes para persegui-lo na estrada para Yathrib, eles não conseguiram alcançá-lo. Maomé imaginou que eles o perseguiriam na estrada para o norte e, em vez disso, foi para o sul. Com apenas Abu Bekr, seu discípulo mais confiável, ele se esgueirou e se escondeu em uma caverna bem ao sul no deserto. E lá ele se escondeu em trepidação por muitos dias. Abu Bekr estava francamente aterrorizado. "Vejam, somos apenas dois contra uma multidão inteira", ele reclamou. Mas imediatamente Maomé respondeu: "Não, não dois, mas três — pois Alá está conosco!"

Mas, apesar de ter tanta certeza de que Alá estava com ele, Maomé não se arriscou. Somente depois de semanas se escondendo, ele e seu amigo se aventuraram a céu aberto e começaram a seguir para o norte. Por semanas, eles rastejaram furtivamente pelo deserto, até que finalmente na sexta-feira, 20 de setembro, alcançaram seu objetivo. Finalmente, eles estavam seguros em Yathrib.

6

Com essa fuga, a Hégira, como é chamada em árabe, começa a era muçulmana. (Até hoje, os muçulmanos datam todos os registros da época daquela Hégira, assim como todos os cristãos os datam da suposta época do nascimento de Jesus — e todos os cronistas da vila de Hamlin os datam da suposta época da vinda do Flautista de Hamelin.) Uma vez em Yathrib, o profeta imediatamente partiu para converter todos os que estavam à vista; e até certo ponto ele foi bem-sucedido. Mas havia um elemento na população que teimosamente se recusava a ser conquistado. Havia em Yathrib várias tribos de judeus que viviam naquela região quase desde a época em que os romanos os expulsaram de sua própria casa na Judeia. Eles eram agora difíceis de distinguir das tribos árabes, diferindo delas, de fato, apenas na religião. Apesar de mais de cinco séculos de vida na Arábia pagã, esses judeus

ainda adoravam seu Deus Único e oravam para que seu Messias viesse. Quando o rumor chegou a eles pela primeira vez sobre um profeta que estava sendo expulso de Meca por pregar a ideia de um Deus Único, eles, é claro, ficaram interessados. Em um momento de esperança selvagem, eles até se perguntaram se aquele profeta não poderia realmente ser o seu tão esperado Messias. E quando Maomé chegou em Yathrib, ele fez todos os esforços para encorajar essa impressão. Revelações de natureza pró-judaica agora vinham a ele densas e rápidas. Ele ordenou que seus seguidores se voltassem como os judeus em direção a Jerusalém quando oravam. Ele os proibiu de comer carne de porco ou a carne de qualquer animal que não tivesse sido ritualmente abatido; e ele designou o Dia da Expiação judaico como o grande dia sagrado do ano. Ele até mudou o nome de seu Deus Único de Alá para Rachman — o "Misericordioso". De todos os seus seguidores, ele escolheu um judeu para ser seu escriba para registrar suas revelações no livro que mais tarde veio a ser chamado de Alcorão. . . . Mas, apesar de todas essas concessões, os judeus como um corpo se recusaram a entrar em seu acampamento. No momento em que descobriram sua ignorância da Lei Sagrada e dos Profetas, e sua notória fraqueza por mulheres, eles começaram a zombar de suas pretensões. Seus poetas escreveram baladas satíricas contra ele, e seus anciãos se recusaram a levá-lo a sério.

E então Maomé fez uma reviravolta completa. Percebendo com desgosto que não havia nada a esperar dos judeus, ele trouxe todas as suas energias de proselitismo mais uma vez para seu próprio povo. Novas revelações agora vinham a ele revertendo as anteriores, e declarando que a verdadeira direção do adorador em oração era em direção a Meca, não Jerusalém, e que a grande temporada sagrada anual era o antigo Festival Árabe do Ramadã, não o Dia da Expiação Judaico. E com tais concessões ao antigo paganismo, a conquista de convertidos entre os árabes dentro e ao redor de Yathrib aumentou rapidamente.

Mas problemas materiais começaram a incomodar o profeta. Sua propriedade em Meca foi confiscada após sua fuga, e a riqueza que ele trouxera consigo havia minguado em Yathrib por causa de maus investimentos. Para aumentar suas dificuldades, dezenas de crentes que fugiram de Meca atrás dele estavam agora vagando por Yathrib sem emprego. Estava claro, portanto, que alguns meios de prover para si mesmo e seus seguidores tinham que ser encontrados, e encontrados imediatamente. Então Maomé reuniu seus seguidores e os enviou para emboscar caravanas de Meca. Por quase um ano, ele os enviou em tais expedições, até que finalmente viu que mesmo o roubo na estrada, quando praticado de acordo com as regras, não era lucrativo. Ele foi então forçado, portanto, a praticar a profissão sem nenhum respeito pelas regras. As caravanas de Meca estavam muito bem armadas durante a maior parte do ano para serem detidas com sucesso. Somente durante a temporada de peregrinação, quando eram protegidas por aquele antigo tabu inviolável, as caravanas ousavam sair desarmadas. Então, agora, em desespero, Maomé realmente decidiu encenar ataques contra elas durante aquela temporada.

Tais táticas representavam um ultraje quase sem precedentes, e somente por um estratagema o profeta conseguiu persuadir seus seguidores a cometer o primeiro assalto traiçoeiro. Mas uma vez que a tática foi posta em prática, e a recompensa parecia não ser a morte, mas um enorme saque, seus seguidores — e a maioria dos outros Yathribites também — ficaram bastante dispostos a repetir o ultraje. No entanto, os mequenses saltaram para as armas imediatamente, pois perceberam que isso colocava em risco todo o seu futuro como mestres do comércio da Arábia. Eles enviaram um exército inteiro, e uma batalha feroz foi travada com os Yathribites. Maomé não lutou pessoalmente na batalha. Ele parece ter sido fisicamente um homem bastante fraco; até mesmo a visão de sangue o

deixava doente. A tradição declara que ele se escondeu longe e manteve seus camelos mais rápidos em prontidão para que seus homens não fossem derrotados e a fuga se tornasse necessária. Mesmo assim, ele desmaiou logo após o início da batalha. . . . Mas quando a batalha terminou, e os Yathribites emergiram como vencedores, Maomé voltou cavalgando para a cidade como um herói conquistador. Substancialmente, ele era de fato o herói, pois foi por causa de sua astúcia, como tático no planejamento da batalha, que seu exército venceu.

Maomé era agora o mestre incontestável da cidade, e seu nome foi mudado apropriadamente de Yathrib para Medina, "A Cidade (do Profeta)". Ele não se preocupou mais em tentar ganhar os não convertidos pela persuasão. Em vez disso, ele os colocou implacavelmente na espada. Foi-se a gentileza que havia marcado sua pregação nos dias anteriores. Foi-se sua antiga confiança no poder da verdade abstrata. Em Meca, ele havia declarado: "Nós lançamos a verdade contra a falsidade, e a verdade colide com ela para que a falsidade desapareça". Mas agora ele lançava exércitos em vez disso. “Quando encontrardes aqueles que não acreditam”, ele agora declarou, “cortem suas cabeças ou os mantenham como resgate!” . . .

7

A guerra com Meca continuou a se enfurecer, mas no final os mequenses foram obrigados a gritar para sair. Maomé obteve consentimento para retornar como o ditador virtual da cidade onde, apenas alguns anos antes, ele havia sido um criminoso caçado. E então ele entrou em uma grande guerra santa para ganhar toda a Arábia para a sua causa. Exércitos foram enviados para o norte e outros para o sul para converter ou matar em nome de Alá. E como os bizantinos e os persas possuíam vastas extensões do deserto no norte, Maomé finalmente se sentiu compelido a se opor a eles também. Nem seus empreendimentos acabaram sendo malsucedidos, mesmo contra tais hostes. De alguma forma, ele conseguiu levar seus seguidores a um frenesi de coragem e imprudência. Os árabes sempre amaram a violência, e ele tornou a violência sagrada para eles. Maomé assegurou-lhes que morrer lutando por Alá significava uma tradução certa e imediata para o Paraíso de Alá. Havia apenas uma maneira de provar fidelidade completa, ele declarou, e essa era pela resignação completa à vontade de Alá. O islamismo, que pode ser traduzido como "submissão", ele fez do lema e do nome de sua fé.

Todo o movimento de Maomé assumiu, portanto, o caráter de um militarismo religioso. O islamismo era o exército de Alá, e a oração se tornou uma disciplina bem parecida com o dever de treinamento em um exército moderno. Até hoje, um espectador pensa em uma sentinela soando o alarme quando ouve o muezim proferindo o chamado para a oração de seu alto minarete. Um observador pensa em soldados "formando quatro" e "apresentando armas", quando vê os muçulmanos dispostos em fileiras em suas mesquitas, rezando e prostrando-se com precisão quase mecânica. Na verdade, os muçulmanos formam um exército religioso até hoje. Maomé os soldou em tal corpo há quase mil e duzentos anos. “Se vocês ajudarem Alá, vejam, Alá certamente os ajudará!”, ele gritou para seus seguidores. E porque a ajuda que Alá parecia exigir era exatamente o tipo que os árabes guerreiros sempre amaram dar, eles ajudaram com entusiasmo irreprimível. Em nome de Alá e de Seu Profeta, o exército do Islã começou a travar uma Guerra Santa que quase conquistou o mundo! . . .

Maomé só viveu para ver a guerra começar. No ano 632, apenas dez anos após a Hégira, o profeta morreu. Mas ele viveu o suficiente para dar início a um movimento que

não parou até hoje. Vinte e cinco anos após sua morte, seus seguidores já haviam se tornado mestres não apenas da Arábia, mas também do Egito, Palestina, Síria, Babilônia e Pérsia. Em setenta e cinco anos, eles conquistaram toda a costa norte da África e quase toda a Espanha. Mais uma década, e eles estavam marchando para o interior da França. E hoje, mil e duzentos anos depois, o islamismo, a religião fundada por aquele incrível comerciante de frutas e produtos que teve visões em Meca, está ao lado do cristianismo como a religião mais florescente do mundo. Em vinte anos, e sem patrocínio real, foi criada no coração da mais escura Arábia uma religião que hoje conta com mais de duzentos milhões de adeptos! . . .

8

Seguir os árabes em suas grandes invasões e traçar a tremenda influência exercida por eles na Europa, Ásia e África nos levaria para longe do propósito principal deste livro. A Europa deveu a essas invasões seu despertar daquele estupor que era a Idade das Trevas; e até mesmo a Pérsia e a Índia, junto com a África, foram vitalizadas e avançadas por elas também. Foi o último (ou foi apenas o mais recente?) mergulho do povo do deserto no Crescente Fértil; e embora tenha afogado o Crescente e metade do resto do mundo em sangue, também trouxe um florescimento de civilização quase sem precedentes na história.

O islamismo, é preciso lembrar, é uma religião grande e maravilhosa. Mesmo nos dias de Maomé, era, pelo menos relativamente, uma fé elevada e nobre. Poucos não muçulmanos parecem perceber isso. Eles se lembram apenas dos pequenos vícios e crimes do profeta de Meca, e esquecem completamente seu indubitável gênio religioso. Eles se lembram apenas dos compromissos flagrantes, do oportunismo flagrante, da charlatanice quase descarada que marcaram sua carreira após a Hégira. E, especialmente se forem cristãos, eles adoram refletir sobre os relatos do interesse desmedido que Maomé demonstrou pelas mulheres em seus últimos anos. O cristianismo sempre considerou o sexo como algo indecente e pecaminoso; e por essa razão a maioria dos cristãos não consegue associar uma natureza verdadeiramente religiosa a uma libido não suprimida. Mas isso não passa de um preconceito. Maomé, apesar de sua predileção por seu harém, poderia ter permanecido até o dia de sua morte um homem do mais nobre caráter profético.

Ele não permaneceu assim, é claro. Não se pode negar que, após a Hégira e seu primeiro gosto de triunfo, o profeta exaltado em Maomé deu lugar ao padre ganancioso, ambicioso e inescrupuloso. O “organizador” nele triunfou. Daí em diante ele não era mais o iconoclasta ousado, o receptor de “revelações” que, mesmo que não milagrosamente inspiradas, pareciam pelo menos espontâneas e sinceras. Depois da Hégira, as “revelações” são falsificações descaradamente premeditadas. São longos editoriais circulados em nome de Alá para salvar a face sórdida do profeta. Nos dias em que Maomé era autorizado a falar apenas com estranhos enquanto vagava pelos bazares de Meca, sua doutrina tinha um caráter soberbamente ético. “Abençoados são aqueles”, ele então declarou, “que são irrepreensíveis com relação às mulheres, que são caridosos, que não falam em vão, que são humildes, que observam suas promessas e convênios e que guardam suas orações; pois eles herdarão o Paraíso”. O licor do triunfo ainda não havia subido à sua cabeça; ainda não havia sequer tocado seus lábios. E ele ainda era um gentil e sincero professor de amor. “O paraíso”, ele então declarou, “está preparado para aqueles que gastam em esmolas, que reprimem sua raiva e perdoam os homens. Pois Alá ama os bondosos.” “Suportar e perdoar é a sabedoria da vida.” Ou ainda: “Que nenhum homem trate seu próximo como ele próprio não gostaria de ser tratado.” Ou ainda: “Sejamos como

árvores que dão seus frutos para aqueles que atiram pedras nelas."

Nem havia nada de ritualista em Maomé então. Quando um homem veio e disse ao profeta: "Eis que minha mãe morreu; o que devo fazer pelo bem de sua alma?" — Maomé respondeu: "Cave um poço, para que os sedentos tenham água para beber! . . ." As exigências da construção de um império ainda não haviam surgido para exigir um vasto exército vinculado a uma disciplina rígida de oração e esmola. "Uma hora de justiça", ele disse então, "vale mais do que setenta anos de oração." — E: "Todo bom ato é caridade: levar água aos sedentos, remover pedras e espinhos da estrada, até mesmo sorrir na cara do teu irmão."

Nem, finalmente, havia nada de doutrinário nele então. Quando confrontado por aqueles que lhe disseram na cara que não acreditavam em suas palavras, sua única resposta foi o desafio: "Trazei, então, uma revelação melhor, e eu a seguirei."

Mas uma vez que o sucesso começou a chegar até ele, o pior em sua natureza se revelou. Sua vida pessoal se tornou sórdida, e sua integridade espiritual foi minada. Seu desejo por aumento de domínio o levou a reduzir seus padrões até que a mera recitação de uma fórmula — La illah il'allah, Muhammad rasoul allahi, "Não há Deus senão Alá, e Maomé é o Profeta de Alá" — isso e o pagamento de um imposto, foram suficientes para fazer de alguém um convertido. Mais tarde, até mesmo a fórmula foi esquecida, e apenas o imposto foi insistido. Às vezes, Maomé até recorreu à compra de convertidos!

Como resultado, o próprio paganismo que o Islã se propôs a destruir começou a destruir o Islã. A prática idólatra do hayjj, a peregrinação à Caaba, tornou-se um dos elementos dominantes na religião. Até hoje é considerada de grande importância. Mesmo agora, os peregrinos muçulmanos de todos os cantos da terra podem ser vistos arrastando-se a pé ou de camelo para Meca. Duzentos mil deles enfrentam os perigos do deserto a cada ano para chegar à cidade sagrada. A cinco milhas de distância, eles param, lavam-se, rezam, vestem roupas limpas e sem costura e, em seguida, seguem de cabeça descoberta e descalços para o santuário sagrado. Eles beijam reverentemente a pedra negra, dão a volta solene na Caaba três vezes correndo e quatro vezes caminhando, correm para uma colina sagrada vizinha sete vezes, correm para uma segunda colina sagrada e, em seguida, param para recuperar o fôlego enquanto ouvem um sermão. Finalmente, eles passam a noite no sagrado Monte Muzdalifa nas proximidades e, depois de atirar mísseis em três rochas profanas no vale abaixo, eles voltam para suas casas na distante Tunísia ou Bombaim ou talvez Samarcanda, e estão em paz. Eles realizaram o hayj, a peregrinação, o ato sagrado que lhes dá o direito de usar faixas verdejantes em volta de seus fezes, em símbolo do Paraíso verdejante que certamente herdarão quando morrerem. . . .

Mas a antiga idolatria contra a qual Maomé investiu em seu ministério inicial retornou em mais do que o hajj. Assim como o próprio Maomé aceitou a Caaba, seus seguidores aceitaram os santuários idólatras menores espalhados pelo deserto. Claro que a rendição não foi feita abertamente. Exatamente como na cristandade católica, os djinns e deusas locais foram transformados em santos muçulmanos. Até hoje, em todas as terras muçulmanas, esses pequenos santuários podem ser vistos aninhados em meio às colinas ou nos oásis. Nominalmente, eles são memoriais para velhos homens santos; mas, na verdade, eles são frequentemente memoriais para djinns muito mais antigos.

A inundação do islamismo por essas marés de retorno do paganismo começou muito antes da morte de Maomé, e quanto mais as margens do islamismo se estendiam, mais abrangente se tornava essa inundação. Na Índia, a fé muçulmana assumiu muitas das características do hinduísmo. Tornou-se mística e ascética, induzindo milhares de almas a

se aposentarem e buscarem a comunhão com Alá nas profundezas das selvas indianas. Também assumiu muitas das superstições hindus. O rosário, por exemplo, que era um emblema do deus indiano, Shiva, foi transformado em um objeto cerimonial no islamismo. Noventa e nove contas eram amarradas em um cordão, e cada conta era feita para representar um dos noventa e nove nomes de Alá. (Não demorou muito para que os teólogos muçulmanos tivessem sucesso em inventar noventa e nove nomes para o Inominável.) Até hoje, o muçulmano piedoso reza suas contas todos os dias, "mantendo sua língua úmida" — e seus dedos ágeis — na lembrança de Alá.

O islamismo, como qualquer outra religião saudável, tem estado em um estado de fluxo incessante. Há muitos séculos, ele cresceu para ser tão diferente do credo simples e homogêneo de Maomé quanto o cristianismo se tornou diferente do credo de Paulo. Em muitas terras, ele conseguiu avançar, tornou-se mais rico em emoção, mais profundo em inteligência e mais nobre em espírito. Em certas outras terras, ele decaiu e degenerou, tornando-se bruto e animista. Como o cristianismo, o islamismo foi desde o início uma fé elástica, acomodando-se generosamente à cultura de cada terra que buscava conquistar. Necessariamente, portanto, foi muitas vezes dilacerado por cismas, e hoje existem cerca de setenta e duas seitas nele. O maior dos grupos não ortodoxos, a seita xiita na Pérsia, se separou em defesa da questão de que o genro de Maomé, Ali, era um verdadeiro Imã, ou encarnação divina quase como o próprio Profeta. Dos xiitas surgiu, por sua vez, a seita sufi, que sustentava que Ali era apenas o primeiro de uma longa linhagem de tais Imãs, e que até mesmo homens comuns poderiam se tornar quase divinos por um processo de ascetismo e misticismo. Mas a maioria das outras seitas são pequenas e obscuras, e surgiram de insignificantes diferenças metafísicas ou políticas. E entre muitas dessas seitas houve uma rivalidade e uma animosidade quase — mas nunca exatamente — tão amarga quanto aquela entre as seitas do cristianismo.

9

No entanto, apesar de todo o paganismo e intolerância que ainda pairam na religião do islamismo, ela continua sendo uma grande e maravilhosa fé. Foi uma das forças civilizadoras mais eficazes na história da África e da Ásia, e em certa medida também na da Europa. Na própria Arábia, realizou uma revolução social. Condenou a prática comum de infanticídio no caso de meninas, restringiu o comércio de escravos, opôs-se ao jogo e à embriaguez e quase pôs fim às devastadoras rixas tribais. E, por incrível que pareça, também trouxe uma melhoria marcante na condição das mulheres do deserto. A poligamia ilimitada era a lei inquestionável na Arábia desde o tempo em que o matriarcado pré-histórico e talvez mítico chegou ao fim. Somente quando Maomé chegou essa prática foi restringida para que um homem não pudesse ter mais do que quatro esposas por vez. . . .

Mas essas melhorias sociais eram, afinal, os presentes menores do Islã. Elas eram preciosas para aqueles que lucravam com elas, mas dificilmente tinham qualquer significado mundial considerável. O dom supremo do Islã foi o ideal de unidade que de alguma forma ele incutiu nas cabeças de uma centena de raças — não apenas a unidade de Deus, mas ainda mais a unidade da humanidade. E pregando esse ideal, comandando a submissão à Unidade do Universo como a mais alta de todas as virtudes, ele revolucionou a vida de milhões de almas medrosas. Ele roubou delas o terror que a solidão havia trazido a elas anteriormente. Ele lhes deu força e um sentimento de segurança, dizendo a elas que cada uma delas era parte de um vasto e invencível Todo. Todo verdadeiro crente era um

soldado em um exército, internacional — e algum dia, reze Alá, universal — exército que não poderia deixar de ser vitorioso no final. Então, o que havia para temer? A vida? Ela era fixa e estabelecida para o verdadeiro crente. Tudo o que ele tinha que fazer era viver de acordo com aquele manual de armas que é o Alcorão. Ele tinha apenas que orar pontualmente, comer ritualmente, fornecer esmolas regularmente e se dedicar à propagação do nome de Alá — e sua recompensa era certa. O modo de vida para ele estava fixo, e sua razão e justificativa também. Ele tinha apenas que se submeter e aceitar seu destino, seu destino, amarrando seu corpo e alma àquela Rocha das Eras que é Alá — e o Paraíso era certo. . . .

Todas as outras grandes religiões ensinavam mais ou menos a mesma doutrina, mas nenhuma com tanta ferocidade e desenfreio. O islamismo não excluía nenhum homem do exército de Alá, ampliando as exigências até que pudessem atrair até mesmo os mais avançados homens civilizados, e minimizando-as para que pudessem apelar até mesmo aos mais degradados selvagens. E é por isso que até hoje o islamismo ainda consegue ganhar convertidos com o dobro da facilidade de qualquer outra religião. É por isso que até hoje o islamismo é uma das instituições mais poderosas da Terra para a ordenação e embelezamento da vida, pelo menos nas terras "atrasadas". . . .

BIBLIOGRAFIA

RELIGIÕES COMPARADAS

Enciclopédias e Livros-Fonte:

Canney, M. A., *An Encyclopedia of Religions*, 1v. (N.Y.,1921).
Hastings, J., editor, *Encyclopedia of Religion and Ethics. 12v . (N*.Y. 1913-1922).
Miller, Max, editor, *Sacred Books of the East*. 50 v. (Oxford, 1879-1910).

Livros Textos:

Barton, G. A., *The Religions of the World*. (Chicago, 1919).
Hopkins, E. W., *The History of Religions.* (N. Y., 1918).
Hume, R. E., *The World's Living Religions*. (N. Y., 1925).
Jastrow, Morris, Jr., *The Study of Religion*. (N. Y., 1901).
Jevons, F. B., *Comparative Religion.* (Cambridge, 1913).
Martin, A. W., *Great Religious Teachers of the East*. (N. Y.., 1911); *The World's Great Semitic Religions*. (N. Y., 1921).
Montgomery, J. A., editor, *Religions Past and Present*. (Phila., 1918).
Moore, G. F., *History of Religions*, 2v. (N.Y. 1919, 1920).

RELIGIÕES PRIMITIVAS

Fraser, J. G., *The Golden Bough*. (N. Y., 1922); *Adonis, Attis, and Osiris* (N. Y., 1914); *Totemism and Exogamy*. (London, 1910).
Jevons, F, B., *Introduction of History of Religion*, (London, 1896).
Lang, Andrew*, The Making of Religion*. (N. Y., 1900).

Marett, R. R., *The Threshold of Religion*. (London, 1914).
Moore, G. F., *Birth and Growth of Religion*. (N. Y., 1923).

OS CELTAS

Anwyl, Edward, *Celtic Religion in Prehistoric Times.* (London, 1906).
MacCulloch, J. A., *Religion of the Ancient Celts. (*London, 1906).
Rhys, J., *Celtic Heathendom*. (London, 1888).

OS BABILONIOS

Jastrow, Morris, Jr., *Religion of Babylonia and Assyria.* (N. Y., 1898); Hebrew and Babylonian Traditions. (N.Y.,1908).
King, L. W., *Babylonian Religion and Mythology*. (London, 1899).
Rogers, R. W*., The Religion of the Babylonians and Assyrians.* (N. Y., 1908).

OS EGIPCIOS

Breasted, J. H., *Development of Religion and Thought in Ancient Egyp*t. (N. Y., 1905).
Erman, A., *Handbook of Egyptian Religion*. (London, 1907).
Mackenzie, D. A., *The Myths of Egypt.* (London, 1914).
Petrie, W. M. Flinders, *Religion and Conscience in Ancient Egypt*. (N. Y., 1898).

OS GREGOS

Fairbanks, A., *Handbook of Greek Religion*. (N. Y., 1910).
Farnell, L. R., *The Cults of the Greek States*. 5v. (Oxford, 1896-19l09).
Harrison, Jane E., *Themis, a Study of the Social Origins of Greek Religion*. (Cambridge, 1912).
Murray, Gilbert, *Four Stages of Greek Religion.* (N. Y., 1912).

OS ROMANOS

Carter, Jesse. B*., The Religious Life of Ancient Rome*. (Boston, 1911).
Cumont, F., *The Oriental Religions in Roman Paganism*. (Chicago, 1911); *The Mysteries of Mithra*. (Chicago, 1903).
Fowler, W. W., *Roman Ideas of Deity in Last Century before Christian Era*. (London, 1914).
Glover, T. R., *The Conflict of Religions in the Early Roman Empire.* (London, 1909).

AS RELIGIÕES DA INDIA

Brahmanism and Hinduism:

Barnet, L. D., *Antiquities of India.* (London, 1914).
Bloomfield, M., *The Religion of the Veda*. (N. Y., 1908).
Farquhar, J. N., *A Primer of Hinduism*. (Oxford, 1912).
Hopkins, E. W., *The Religions of India.* (N. Y., 1898).

Pratt, J. B., *India and Its Faiths*. (Boston, 1915).

Jainism

Jaini, J., *Outlines of Jainism*. (Cambridge, 1916).
Stevenson, Mrs. S., *The Heart of Jainism.* (Oxford, 1915); *Notes on Modern Jainis*m. (Oxford, 1910).

Buddhism

Carpenter, J. E., *Buddhism and Christianity*. (N. Y., 1923).
Davids, T. W. Rhys, Buddhism. (London, 1914).
Davids, Mrs. T. W. Rhys, *Buddhism*. (Home University Library).
Saunders, K. J., *Story of Buddhism*. (Oxford 1916); *Buddhism and Buddhists of Southern Asia.* (N. Y., 1923).

AS RELIGIÕES DA CHINA

Douglass, R. K., *Confucianism and Taoism*. (London, 1900).
Giles, H. A., *Confucianism and its Rivals.* (N. Y., 1915): *China and the Chinese.* (N. Y., 1902).
Legge, James, *The Religions of China.* (N. Y., 1881); *The Chinese Classics*. 8v. (Oxford, 1861-85). Soothill, W. E., *Three Religions of China*. (London, 1913).

ZOROASTRISMO

Jackson, A. V. W., *Zoroaster, the Prophet of Ancient Iran.* (N.Y., 1901).
Moulton, J. H., *Early Zoroastrianism*. (London, 1913); *The Treasure of the Magi, a study of Modern Zoroastrianism*. (Oxford, 1918).

JUDAISMO

Abrahams, I., *Jewish Life in the Middle Ages.* (Phila., 1906).
Bailey and Kent, *History of the Hebrew Commonwealth*. (N. Y. 1920).
Barton, G. A., *Religion of Israel*. (N. Y., 1918).
Browne, Lewis, *Stranger Than Fiction: a Short History of the Jews*. (N. Y., 1925).
Graetz, H., *History of the Jews*. 6v. (Phila., 1891). *Jewish Encyclopedia*, 12 v. (N. Y., 1905).

CRISTIANISMO

Outline of Christianity. 5 v. (N. Y., 1926).
Case, S. J., *The Evolution of Christianity*. (Chicago, 1914).
Clemen, Carl, *Primitive Christianity and its Non-Jewish Sources*. (Edin., 1912).
Hartt, R. L., *The Man Himself*. (N. Y., 1923).
Jackson, F. J. F., *Introduction to Church History: Life of St*. Paul, (N. Y., 1926).
Klausner, J., *Jesus of Nazareth*. (N. Y., 1926).
Montefiore, C. J., *Judaism and Saint Paul*. (London, 1900).
Renan, Ernest, Life of Jesus.
Smith, G. B., editor, *A Guide to the Study of Christian Religion.* (Chicago, 1916).

ISLAMISMO

Ameer, Ali, *The Spirit of Islam*. (London, 1922).
Goldziher, I., *Mohammed and Islam*. (New Haven, 1917).
Houtsma, N. T., editor, *Encyclopedia of Islam*. 25 parts. (London, 1923).
Hughes, T. P., *Dictionary of Islam*. (London, 1885).
Margoliouth, D. S., *Mohammedanism*. (Home University Library).
Muir, Sir William, *Mahomet and Islam*. (London, 1895).